L'Hermitage

200 anos de vida e missão marista (1825-2025)

André Lanfrey, FMS / Angelo Alberto Diniz Ricordi / Eder D'Artagnan Ferreira Guimarães / Francisco J. Flores Sánchez / João Luis Fedel Gonçalves / Patricio Pino Medina, FMS

Provincia Marista
Santa María de los Andes
MARISTAS DE CHAMPAGNAT

MEMORIAL MARISTA

PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-NORTE

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-SUL (PMBCS)

Superior Provincial
Ir. Vanderlei Siqueira

Conselho Provincial
Ir. Adilson Janovski
Ir. Anacleto Peruzzo
Ir. Délcio Afonso Balestrin
Ir. Miguel Fernandes Ribeiro
Ir. Rogério Renato Mateucci
Ir. Valdir Gurgel

Diretor Executivo
José Leão da Cunha Filho

Diretor de Identidade, Missão, Vocação e Vida Consagrada
Ir. Anacleto Peruzzo

Gerente do Memorial Marista
Adriano Cecatto

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE (PMBCN)

Superior Provincial
Ir. José de Assis Elias de Brito

Conselho Provincial
Ir. Lúcio Gomes Dantas
Ir. Luiz André da Silva Pereira
Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa
Ir. Renato Augusto da Silva

Diretor Executivo
Ir. Lúcio Gomes Dantas

Especialista em PEM
Eder D'Artagnan Ferreira Guimarães

COLABORADORES

Revisão técnica
Ir. Patricio Pino Medina
Francisco Javier Flores Sánchez
Angelo Alberto Diniz Ricordi
Eder D'Artagnan Ferreira Guimarães
João Luis Fedel Gonçalves

Preparação de texto
João Luis Fedel Gonçalves

Revisão
Angelo Alberto Diniz Ricordi
Eder D'Artagnan Ferreira Guimarães
João Luis Fedel Gonçalves
Ir. Lauro Darós

Capa, e projeto gráfico e diagramação
Maria Carolina Pie

Memorial Marista
Av. Senador Salgado Filho, 1703
Guabirotuba – Curitiba – PR
Tel.: +55 (41) 99788-2019
memorial@marista.org.br

Província Marista Brasil Centro-Norte
QS 01, Rua 210, Lote 40, Torre A, 7º Andar, Sala 714
Pistão Sul, Águas Claras – Brasília – DF
Tel.: +55 (61) 2102-2152
comunicacao@pmbcn.org.br

©2026, Memorial Marista, Archivo Histórico Patrimonial Marista de Chile, Centro de Estudos Maristas
Este livro, no todo ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização expressa e por escrito da Editora.

Sumário

Apresentação 6

1ª PARTE
Monografia de Notre-Dame de l'Hermitage por ocasião do seu centenário – 1825-1925 10

1. Introdução crítica à *Monografia de Notre-Dame de l'Hermitage por ocasião do seu centenário – 1825-1925* 12
1.1 Os autores da *Monografia* 14
1.2 Reestruturando o sumário 22
1.3 Breve comentário sobre as diversas partes da *Monografia* 25
1.4 As fotos na *Monografia* 29
1.5 Plantas geométricas na *Monografia* 42

2. Monografia de Notre-Dame de l'Hermitage na celebração do centenário de sua fundação – 1825-1925 47
2.1 Capítulo primeiro – Fundação e sucessivos aperfeiçoamentos 47
2.2 Segunda seção: peregrinação a Notre-Dame de l'Hermitage 144
2.3 Apêndices 163

3. Plantas sumárias da casa do pai e utilização, em todos os andares, dos diversos aposentos 165
3.1 Introdução 165
3.2 Documento 167
3.3 Anexo 1 – Cronologia de l'Hermitage 192

4. De les Gauds a Notre-Dame de l'Hermitage: plantas, imagens e fotos de um lugar inspirado 199
4.1 Plantas de Les Gauds anteriores a l'Hermitage 200
4.2 A imagem mais antiga de l'Hermitage 204
4.3 Uma gravura tardia que representa l'Hermitage por volta de 1840 205
4.4 Uma segunda imagem mais confiável? 207
4.5 Uma gravura a partir de uma foto? 208
4.6 Da gravura à foto 209
4.7 A padaria: uma das primeiras fotos de l'Hermitage 210
4.8 As fotos do final do século 211
4.9 L'Hermitage no inverno por volta de 1900 212
4.10 Conclusão 212
4.11 Epílogo 213

2ª PARTE
Estudos sobre l'Hermitage 216

5. Notre-Dame de l'Hermitage: experiência de desenvolvimento inicial do carisma marista a partir da gestão do instituto e dessa casa 218
5.1 Introdução 218
5.2 Gestão e administração inicial (1823-1827) 220
5.3 Estabilização após a crise (1828-1830) 223
5.4 Conclusão 227
5.5 Bibliografia 229

6. O cotidiano em l'Hermitage (1825-1840): aspectos temporais, laborais e formativos na Casa-mãe do Instituto 230
6.1 Introdução 230
6.2 O conceito de vida cotidiana 232
6.3 A organização do tempo na Casa-mãe 233
6.4 Hermitage como casa de formação "autossustentável" 252
6.5 Conclusão 253
6.6 Bibliografía 255

7. Irmão Francisco, guardião do relicário de Champagnat 258
7.1 Cronologia 259
7.2 L'Hermitage nos escritos do irmão Francisco 264
7.3 L'Hermitage, paraíso abençoado 281
7.4 Anexo: A descrição de l'Hermitage nos *Annales de l'Institut*, do Irmão Avit 282
7.5 Bibliografia 285

8. A Casa Marista de Mendes, a Hermitage brasileira 286
8.1 Introdução 286
8.2 Uma Casa-mãe no Brasil 288
8.3 "Se o Senhor não edificar a casa..." 291
8.4 Amor ao trabalho, uma característica bastante marista 295
8.5 Casa de formação, fraternidade e missão 299
8.6 Formação para o apostolado educativo 305
8.7 Os pobres na missão marista 311
8.8 A topografia do sagrado em Mendes 314
8.9 L'Hermitage e Mendes: duas geografias, um mesmo espírito ... 324
8.10 Bibliografia 327

9. L'Hermitage: a materialização de uma visão de futuro de São Marcelino Champagnat para a vida e a missão maristas 328
9.1 A celebração dos 200 anos da casa de l'Hermitage 328
9.2 A visão de futuro de Champagnat 330
9.3 A construção de l'Hermitage: um trabalho de colaboração 331
9.4 L'Hermitage, a construção de Deus – o primado da missão 334
9.5 Vislumbrar o presente e o futuro da vida e missão marista 336
9.6 Bibliografia 337

Apresentação

Há 200 anos, acompanhado de um grupo de jovens irmãos, Marcelino Champagnat inaugurava Notre-Dame de l'Hermitage, erguendo-a no vale do Gier como emblema de fé, trabalho e fraternidade. Mais do que uma construção histórica, l'Hermitage se tornou o coração pulsante da espiritualidade marista, inspirando gerações e se afirmando como símbolo duradouro da identidade e missão da Congregação. Em comemoração ao bicentenário da transferência da comunidade fundadora, em maio de 1825, pesquisadores do Patrimônio Histórico e Espiritual Marista da Região América Sul, em colaboração com o irmão André Lanfrey, prepararam a edição comemorativa do livro *L'Hermitage: 200 anos de vida e missão marista (1825-2025)*, convidando o leitor e a leitora a redescobrir o valor histórico, espiritual e pedagógico dessa Casa-mãe, que permanece viva na memória e na prática educativa da missão marista.

A **Primeira parte** é dedicada à *Monographie de N. D. de l'Hermitage à l'occasion du Centenaire de sa Fundation – 1825-1925* [Monografia de Notre-Dame de l'Hermitage por ocasião do Centenário de sua Fundação – 1825-1925], publicada no centenário da casa, combinando sua reedição com a análise crítica do irmão André Lanfrey e com o estudo das plantas arquitetônicas históricas. No Capítulo 1, Lanfrey contextualiza a *Monographie*, apresentando a gênese desse texto, junto com as chaves de seu processo de elaboração, suas motivações e suas intenções comunicativas. O autor destaca o caráter edificante da obra e sua função como "manifesto de fidelidade" à Casa-mãe, ao mesmo tempo que corrige deficiências estruturais, reorganiza a narrativa em nove capítulos e comenta a iconografia de cerca de oitenta imagens.

O Capítulo 2 apresenta a tradução da *Monographie,* com uma seleção das imagens da publicação original. Esse registro é fundamental para se captar o "espírito da época", um momento importante do desenvolvimento do Instituto, ao mesmo que permite avaliar o significado histórico de l'Hermitage em seu bicentenário. O Capítulo 3 traz o documento de arquivo "Plantas sumárias da casa do pai", compilado pelo irmão Jean-Alphonse, que descreve os desafios construtivos e administrativos enfrentados pelos primeiros irmãos e que fornece uma visão prática e realista da história material da fundação, contrapondo-se à tendência hagiográfica da celebração do centenário.

Por fim, no Capítulo 4, "De Les Gauds a Notre-Dame de l'Hermitage: plantas, imagens e fotos de um lugar inspirado", irmão Lanfrey analisa criticamente e com erudição a iconografia histórica, desde as plantas de Les Gauds até a fotografia do final do século XIX. O autor evidencia que muitas representações foram idealizadas ou produzidas sem rigor histórico, e que a fotografia trouxe precisão documental. A escolha do rochedo como base da construção e o aproveitamento de materiais locais ilustram o planejamento racional e o esforço material necessários para concretizar a visão de Champagnat, desmistificando assim a narrativa romântica da fundação e nos oferecendo uma visão prática e realista de nossa história carismática.

A **Segunda parte** reúne estudos inéditos que interpretam l'Hermitage como a materialização da visão de futuro de Champagnat, articulando oração, trabalho, formação e missão. No Capítulo 5, "Notre-Dame de l'Hermitage: experiência de desenvolvimento inicial do carisma marista a partir da gestão do Instituto e dessa casa", irmão Patricio Pino Medina analisa a gestão e a administração do Instituto desde l'Hermitage, entre 1823 e 1830, revelando, a partir das dezenove primeiras cartas de Champagnat, como evoluiu a liderança prática e espiritual do Fundador, ao integrar cada vez mais nesse processo fundacional a ação do Espírito, o que lhe permitiu consolidar o carisma frente às crises iniciais.

O Capítulo 6, "A vida cotidiana em l'Hermitage (1825–1840): aspectos temporais, laborais e formativos na Casa-mãe do Instituto", de Francisco Javier Flores Sánchez, apresenta a descrição da rotina semanal dos primeiros irmãos maristas, baseada na *Regra da Casa-mãe* de 1837, nas cartas de Marcelino Champagnat e nos Testemunhos Maiores (dos irmãos João

Batista, Avit e Sylvestre). O texto evidencia a integração entre oração e trabalho – *ora et labora* –, a formação integral e a autossuficiência, mostrando l'Hermitage como escola de vida e missão, que gerou um espaço de santificação coletiva para os primeiros irmãos maristas.

No Capítulo 7, "Irmão Francisco, guardião do relicário de Champagnat", João Luis Fedel Gonçalves examina a dedicação de Gabriel Rivat à preservação da memória do Fundador. Tendo como base os cadernos, cartas e circulares do irmão Francisco, boa parte ainda não publicada, o autor percorre o minucioso trabalho de registro do primeiro sucessor e põe em evidência seu papel na configuração de l'Hermitage como espaço sagrado e na transformação da Casa-mãe em testemunha simbólica e material da espiritualidade de Champagnat.

Eder D'Artagnan Ferreira Guimarães, autor do Capítulo 8, "A casa marista de Mendes, a Hermitage brasileira", propõe a Fazenda São José das Paineiras como a "l'Hermitage brasileira". Inspirando-se na visão do irmão Adorátor, o estudo estabelece paralelos entre os desafios iniciais enfrentados pelos Irmãos Maristas na França e no Brasil, destacando escassez de recursos, adversidades climáticas e autossustento, sempre com confiança no *Nisi Dominus*. Mendes surge como centro de formação integral e inovação social, simbolizado pela fundação da Escola Primária Gratuita São Benedito e pela criação de marcos sagrados, em analogia ao relicário de l'Hermitage. Além disso, o autor acrescenta uma rica seleção de fotos históricas.

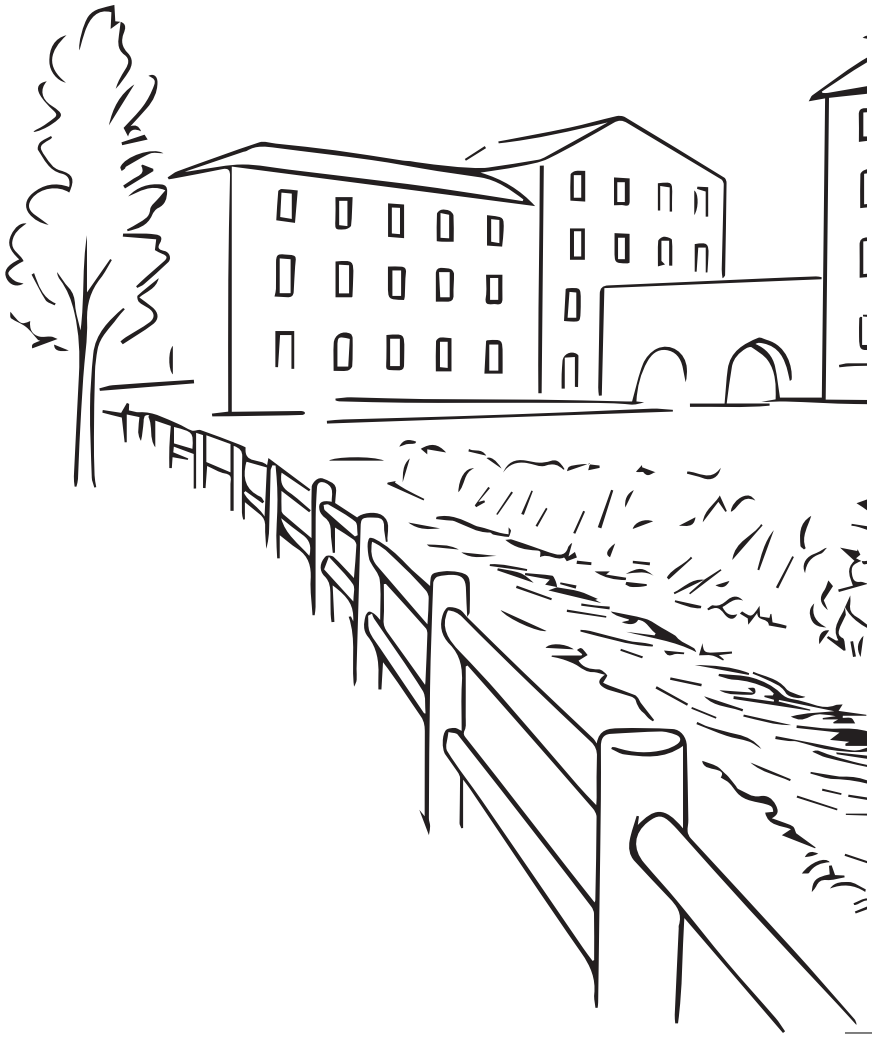
O Capítulo final, "Hermitage: a materialização de uma visão de futuro de São Marcelino Champagnat para a vida e a missão maristas", de Angelo Alberto Diniz Ricordi, sintetiza o legado de l'Hermitage como expressão concreta da visão fundacional. O autor desenvolve algumas temáticas: a construção da casa como "escola modelo", a liderança autêntica de Champagnat, a superação da crise de 1826 à luz do *Nisi Dominus* e o papel do irmão Francisco na preservação do legado, reforçando o primado de Deus como fundamento da missão marista.

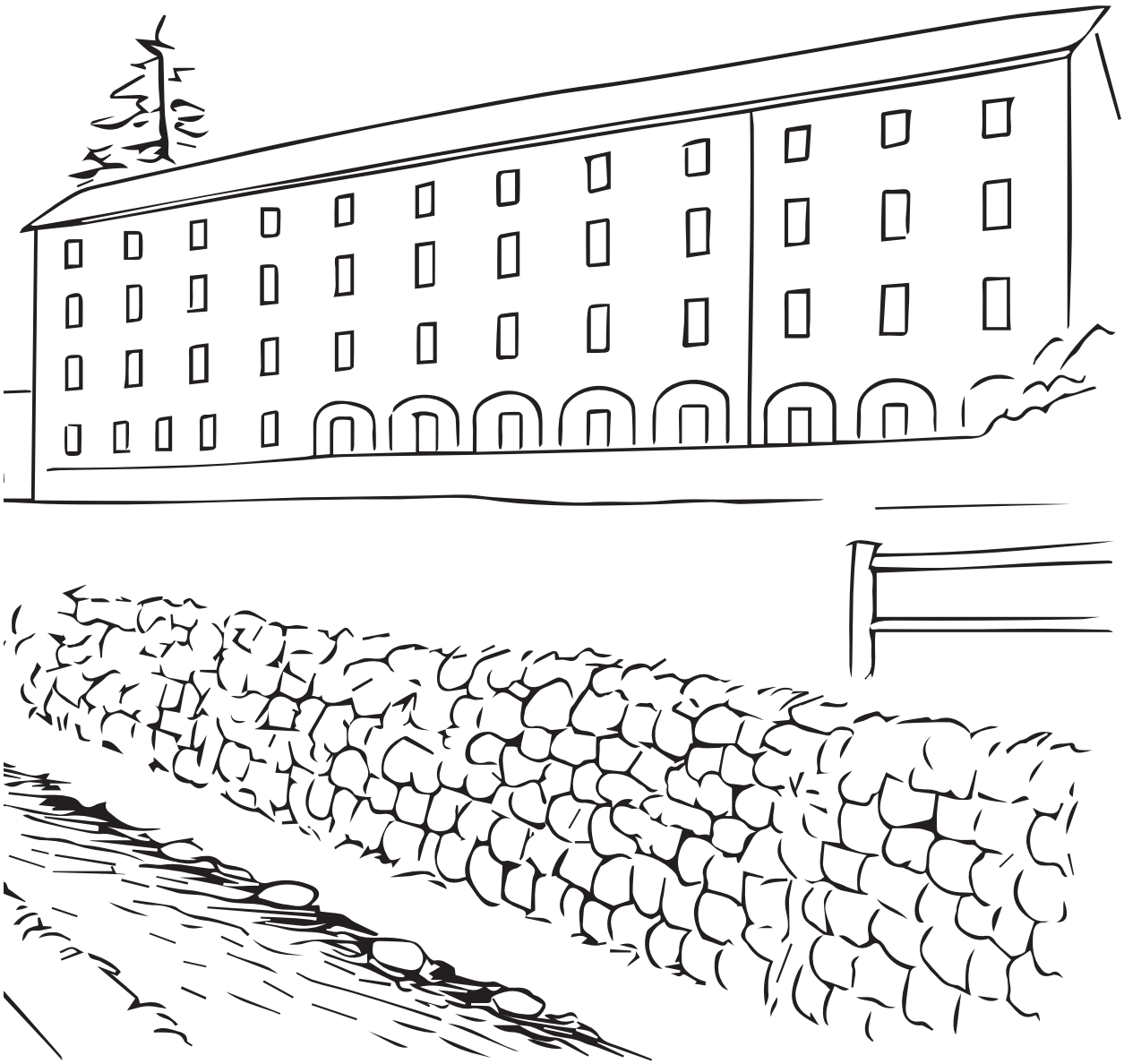
L'Hermitage 200 anos de vida e missão marista oferece uma leitura singular, que articula memória histórica, pesquisa arquivística e reflexão espiritual, consolidando Notre-Dame de l'Hermitage como símbolo vivo da identidade e missão maristas. Ao revisitar documentos centenários, plantas

arquitetônicas, cartas, testemunhos e iconografia, a obra ao mesmo tempo preserva o legado material e espiritual do Fundador e de seus primeiros seguidores, e ilumina a continuidade do carisma em contextos diversos, incluindo a experiência brasileira. Mais do que um registro histórico, o livro revela l'Hermitage como espaço de formação, oração e trabalho, que continua inspirando e se tornando referência concreta para a vivência da espiritualidade e da missão maristas ao longo de dois séculos.

1ª PARTE

Monografia de Notre-Dame de l'Hermitage por ocasião do seu centenário – 1825-1925





1

Introdução crítica à *Monografia de Notre-Dame de l'Hermitage por ocasião do seu centenário – 1825-1925*

Irmão André Lanfrey[1]

Monografia de Notre-Dame de l'Hermitage por ocasião do seu centenário – 1825-1925, livrinho de 122 páginas no original francês (118 numeradas), não tem um autor oficial. Mas a página 118 [162][2] menciona a lista dos membros da equipe de redação: primeiro o irmão Joseph-Philippe, provincial do qual se diz que "a presente *Monografia* é em grande parte obra sua". Ele recebeu o apoio dos irmãos Jean-Alphonse, Modestin, Almaque e Maxime.[3] Este último, diretor de l'Hermitage à época, foi o organizador da festa do centenário, apoiado pelo irmão André-François, vice-diretor. Como é frequente nesse tipo de obra a várias mãos, sua unidade não é evidente. Faremos comentários curtos sobre a personalidade de cada um deles.

---

[1] Doutor em História e professor emérito da Universidade de Lyon. Coordenou a Comissão do Patrimônio Histórico do Instituto Marista. Foi editor da trilogia *História do Instituto Marista*, e autor de dois volumes. Atua como pesquisador, sendo autor de vários livros, estudos e artigos, com diversas destas obras traduzidas e publicadas no Brasil, destacando-se *Introdução à vida de M. J. B. Champagnat* (Brasília: Umbrasil, 2011) e *Marcelino Champagnat e os Irmãos Maristas: professores congregacionistas no século XIX* (Brasília: Umbrasil, 2013).

[2] As páginas citadas pelo irmão André Lanfrey se referem à edição original em francês. Entre colchetes colocamos as páginas correspondentes a esta edição em português. No texto, será abreviado por *Biografia*. [n.e.]

[3] Forneceremos mais tarde dados precisos sobre cada um deles.

Quanto às fontes das quais os autores se serviram, trata-se da *Vie de Joseph-Benoit-Marcelin Champagnat* (1856),[4] dos *Annales de l'Institut*, do irmão Avit,[5] e, sobretudo, dos *Annales de l'Hermitage*.[6] Como convém às crônicas, nelas são mencionados os grandes eventos da história da casa: visitas de prelados e de superiores, inaugurações, festas, falecimentos, tomadas de hábito, profissões. Confrontando o texto desses *Annales de l'Institut* com o da *Monografia*, concluo que esta é um condensado das crônicas da casa, escritas pelo irmão Jean-Alphonse, que privilegiou os eventos principais, sem sequer se referir aos que julgava serem secundários ou por demais corriqueiros. A *Monografia* celebra, portanto, os momentos excepcionais da história de l'Hermitage,[7] o que é adequado quando se trata de um centenário.

A organização da obra é um tanto surpreendente, uma vez que o sumário abrange apenas duas partes. A primeira, chamada de "1º Capítulo", bastante longa, ocupa as páginas 5 a 94 [47-143]. É uma lembrança histórica de l'Hermitage de 1825 a 1903, composta de temas mais ou menos bem coordenados entre si. A 2ª Parte, "Segunda seção", das páginas 95 a 118 [144-164], fala de l'Hermitage em 1925, como lugar de peregrinação e casa provincial ao mesmo tempo, festejando seu centenário depois dos sucessos e desafios do passado. Não é necessário dizer que, no conjunto da obra, ecoa um sentimento contínuo de gratidão para com Maria, protetora de sua cidade. É também a memória fervorosa de seus grandes antepassados:

---

[4] FURET, Jean-Baptiste. *Vie de Joseph-Benoit-Marcelin Champagnat, prêtre fondateur de la Société des Petits-Frères-de-Marie*. 2 vol. Lyon/Paris: Perisse Frères, 1836. Edição brasileira: *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Simar/Loyola, 1999. No texto, será abreviado por *Vida de Champagnat*. [n.e.]

[5] AVIT, Frère. *Annales de l'Institut, divisées en neuf étapes*. 3 vol. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi, 1993. A edição brasileira, *Crônicas do Instituto Marista*, em 3 volumes, está no prelo. No texto, será abreviado por *Annales de l'Institut*. [n.e.]

[6] Os arquivos da Província de l'Hermitage em Saint-Genis-Laval são compostos dos seguintes volumes: fotocópia dos *Annales* de 1877-1891, pelo irmão Amphien, com 149 páginas, e três cadernos com cópias datilografadas pelo irmão Jean-Alphonse. O primeiro caderno traz uma coleção de documentos amplamente retomados na *Monografia*, com 144 páginas. Os outros dois são numerados: o primeiro, com 117 páginas (1839-1926); o segundo, com 121 páginas (1885-1904).

[7] Confrontando rapidamente os *Annales de l'Institut e a Monografia*, dei-me conta de que nos faltava uma história consolidada da casa de l'Hermitage, de que os *Annales de l'Institut* constituiriam uma das bases. Recentemente, o irmão australiano Barry Lamb escreveu uma interessante *Illustrated History of Notre-Dame de l'Hermitage*, de 1816 a 2016, disponível em https://doc.champagnat.org/wp-content/uploads/2025/02/Hermitage_IllustratedHistory_2024.pdf. Acesso em: 25 fev. 2026.

o Fundador e seu sucessor, o irmão Francisco. Vem daí o tom edificante típico desse gênero de produção, que hoje parece um tanto arcaico e que poderia interferir no interesse que o documento apresenta.

Essa *Monografia* não é, portanto, uma obra definitiva. Como é natural, envelheceu. Apesar de seus limites, ela nos fornece informações preciosas. Não só por seus textos, mas pela abundante iconografia: cerca de oitenta imagens em formato fotográfico na maioria das vezes, mas também plantas da casa que possibilitam um conhecimento íntimo no âmbito material e do espaço geográfico. Evidentemente, as fotos têm o inconveniente de serem em preto e branco, em uma época em que fotos coloridas sequer existiam. Outro inconveniente: a correspondência entre texto e imagem está longe de ser clara, e tem-se a impressão de uma distribuição da iconografia de modo apenas casual.

Retomaremos em detalhe ao que acabamos de frisar rapidamente sobre os autores e sobre a organização da obra e de sua iconografia.

1.1 Os autores da *Monografia*

Irmão Joseph-Philippe (Jean-Louis Martin, 1870-1938) nasceu em La Grand-Croix, perto de Rive-de-Gier. Filho de minerador, foi por algum tempo aprendiz na mina, antes de entrar no juvenato em 1883, em seguida no Instituto em 1885. Faleceu em Notre-Dame de l'Hermitage, em 9 de abril de 1938.[8] Sua biografia nos lembra que foi um professor competente e cheio de zelo. Como professor em Saint-Alban-d'Ay "ele inicia a redação de seu *Pequeno Catecismo sobre os Sagrados Corações de Jesus e Maria*,[9] primeira de todas as piedosas publicações inspiradas na sequência por seu zelo pelas almas". Os superiores o convidam para participar de uma das primeiras sessões do segundo noviciado de seis meses, bem no final do século XIX, destinado a formar os quadros superiores no Instituto. Em Saint-Jean-Soleymieux, no Loire, onde se torna diretor da escola, é impactado pelos

[8] Cf. *La Revue Champagnat*. Saint-Genis-Laval, maio 1938, p. 2, e a informação biográfica na n. 92.

[9] Essa obra é citada entre as "obras religiosas" do Instituto. *Circulaires des Supérieurs Généraux de l'Institut des Frères de Marie*. Roma, vol. XIII, p. 425.

decretos de Combes, que dissolvem sua escola, ao mesmo tempo que a Congregação, em 1903. Ele opta, então, pela secularização. Mas, como a administração acompanhava nos detalhes os secularizados, ele se torna diretor em Saint-Just-en-Chevalet, onde se notabiliza pelo zelo habitual para com os jovens.

Em julho de 1915, em plena guerra, o irmão Stratonique, superior geral, faz dele o provincial de Notre-Dame de l'Hermitage,[10] província na qual muitas escolas foram abandonadas por falta de pessoal. A 1ª Guerra Mundial, de 1914-1918, agravou a situação. Como todos os homens saudáveis se encontram no serviço militar, os irmãos idosos se encarregam de manter as responsabilidades, e assim acumulam as tarefas. Entretanto, a partir de 1917, o irmão Joseph-Philippe tenta reabrir o juvenato, fechado em 1903, e consegue formar um pequeno grupo de candidatos em um juvenato em Notre-Dame de l'Hermitage, que se instalará depois em La Valla, na antiga casa readquirida, restaurada e mobiliada.

Em 1921, o irmão Joseph-Philippe é substituído como provincial pelo irmão Maxime, outro coautor da *Monografia,* mas retoma rapidamente suas funções de 1925 até 1934. Nomeado em seguida vice-postulador da causa do padre Champagnat, funda a *Revue Champagnat*[11] para apoiá-la. Essa revista, herdeira do *Petit Bulletin du Serviteur de Marie*, dará origem a uma instituição que ainda existe: o *Calendrier Champagnat*.

A nota biográfica do irmão Joseph-Philippe não cita nenhuma vez seu papel de organizador da *Monografia,* mas recorda suas palestras sobre as origens do Instituto e destaca um detalhe um tanto surpreendente: "Quando os postulantes se dirigiam ao noviciado,[12] ele os fazia visitar as salas das lembranças[13] e, em um gesto de piedade, colocava o manto do venerável sobre cada um deles como que para provocar neles uma transmissão do espírito marista". Outro testemunho destaca ainda nele "o culto das tradições de Notre-Dame de l'Hermitage". Finalmente, se sentimos que nada

[10] Um provincial clandestino, uma vez que a Congregação continua proibida na França.

[11] Na verdade, é a continuação do *Petit Bulletin du Serviteur de Marie,* criado em 1923 para promover o recrutamento e a causa de beatificação de Marcelino Champagnat.

[12] Que era feito na Itália.

[13] Do padre Champagnat e do irmão Francisco.

seja dito sobre o trabalho dele na redação e na difusão da *Monografia*, ela nos diz muito sobre seu organizador.

Temos menos informações sobre o **irmão Maxime** (François Dubois, 1854-1936), que não teve um relato biográfico amplo. Sua ficha de matrícula nos informa que nasceu em Chazelles-sur-Lyon, no Loire, em 3 de abril de 1854. Entra no noviciado em 1868 e, em 1870, torna-se cozinheiro na escolinha de Régny. É feito diretor de escola em Charlieu em 1881. No momento da secularização, sai de Charlieu e se torna professor livre (secularizado) em Perreux (Loire). Mas, depois de 1906, é chamado para ir a Lyon pelo senhor Balichard, outro irmão marista secularizado, antigo diretor do internato de Valbenoîte, diretor da recém-criada escola normal Gerson, que formava os futuros professores do ensino católico da diocese de Lyon. Irmão Maxime o substituirá como diretor em 1906, antes de dirigir o importante internato de Lagny-sur-Marne, perto de Paris, onde os Irmãos Maristas ajudavam os Irmãos da Doutrina Cristã de Nancy, que sofreram muito com a secularização.[14] Permanece lá até 1921. Sendo um dos irmãos de maior visibilidade em sua província, o senhor Dubois (irmão Maxime) substitui como provincial o senhor Martin (irmão Joseph-Philippe), que se torna diretor da casa de l'Hermitage. Mas essa permuta não dura mais do que três anos e, em 7 de fevereiro, o irmão Maxime não é renomeado provincial depois dos três anos de seu primeiro mandato, em 7 de janeiro de 1925, e se torna superior de l'Hermitage em 2 de fevereiro.[15] Essa é a situação que encontramos na festa do centenário de l'Hermitage, em 13 de setembro de 1925.[16]

Como provincial, o irmão Maxime levou adiante o projeto da *Monografia*, mas provavelmente sem dispor de tempo para dele participar de modo integral. Aliás, o texto (p. 118 [162]) insiste em seu papel de organizador da festa do centenário, da qual participaram o superior geral, o rev.mo irmão Diogène, o rev.mo irmão Stratonique, seu predecessor, o irmão Augustalis, 1º assistente, e o senhor Jacques de Boissieu, presidente da Sociedade Imo-

[14] Atualmente, esse estabelecimento é o mais importante sob a supervisão marista na França: ele conta com mais de dois mil alunos.

[15] Ele foi nomeado pelo Conselho Geral em 2 de dezembro de 1921.

[16] Era então frequente que o governo das províncias ficasse entregue a duplas de irmãos, permitindo, em princípio a cada seis anos, uma alternância aos postos-chave.

biliária do Gier, insigne benfeitor do Instituto, que readquiriu l'Hermitage em 1906. Uma das funções da *Monografia*, que só pôde ser impressa após esse evento, no final de 1925 ou no início de 1926, era fixar nas memórias a importância excepcional das festas do centenário.

Convém, na verdade, não esquecer que a Província de l'Hermitage era composta em grande parte de irmãos secularizados idosos, entre os quais os 32 jubilares homenageados no mesmo dia da festa, que haviam sofrido não apenas com a perseguição republicana, mas com certo grau de ostracismo da parte de irmãos exilados, que os viam como religiosos "enfraquecidos". Seguramente, o clima mudou após a guerra, contudo o centenário foi a oportunidade para os irmãos secularizados manifestarem sua lealdade para com a Congregação e se tornarem reconhecidos como autênticos irmãos pelas mais altas autoridades do Instituto. Desse modo, com absoluta clareza l'Hermitage é reconhecido como Casa-mãe, e os irmãos secularizados de cuja província é a sede, como autênticos discípulos de Champagnat.

Mas há um aspecto da figura do irmão Maxime sobre o qual o Instituto não faz comentários: nos anos 1900, ele escreveu uma monografia sobre cada um dos três distritos do departamento do Loire: Roanne, Saint-Etienne e Montbrison. Essas três obras constituem uma notável compilação de tudo o que podemos pesquisar sobre esse território no início do século XX em matéria de geologia, geografia, indústria, população, agricultura, arte etc. O mais interessante para nós é a *Monographie des communes de l'arrondissement de Saint-Etienne par F.M.D* [Monografia das cidades do distrito de Saint-Etienne].[17] Encontramos nela uma extensa "nota sobre o venerável Marcelino Champagnat", que resume sua vida e sua obra (p. 105-116) com uma foto da casa de Champagnat em Rosey. Incontestavelmente, essa obra do irmão Maxime influenciou o projeto da *Monografia*, que reproduziu, além disso, bom número de fotos. Irmão Maxime vai terminar suas atividades em l'Hermitage em 1930 e residir, em seguida, em Charlieu (Loire), onde falece em 27 de julho de 1936.

Irmão Jean-Alphonse (Jean Victor Grapelout, 1867-1933) nascido em Cuinzier, perto de Roanne, em 23 de julho de 1867, é também um irmão

[17] DUBOIS, Maxime. *Monographie des communes de l'arrondissement de Saint-Etienne*. Saint-Etienne, Librairie Chevalier, 1902.

de exceção. Fez o noviciado em 1882-1883 e faleceu em Notre-Dame de l'Hermitage, em 24 de fevereiro de 1933. Sua ficha esclarece se tratar de um homem capacitado: professor ou diretor de internato. Em 1918-1924, é superior de l'Hermitage e, portanto, bem situado para colaborar com o irmão Joseph Philippe. Foi ele quem estudou em detalhes as plantas de l'Hermitage e, como já sugeri, provavelmente quem redigiu um condensado dos *Annales de l'Institut*. Possuímos aliás seu estudo sobre as plantas de l'Hermitage nesse período, acompanhadas de um precioso histórico, que é, ele também, um condensado dos *Annales de l'Institut*, mas dando prioridade a seu aspecto material. Graças a ele, podemos acompanhar a evolução material da casa. Voltaremos a esse tema.[18]

Os demais colaboradores do irmão Joseph-Philippe são personalidades menos marcantes. **Irmão Modestin** (Jean-Antoine Bourchany, 1866-1958) nasceu em 5 de fevereiro de 1866, em Saint-Genest-Malifaux, perto de Marlhes. Fez o noviciado em 1881-1882 e faleceu muito idoso em Notre-Dame de l'Hermitage, em 14 de maio de 1958. Passou em numerosos estabelecimentos, mas foi em Lagny (1912-1926) que ficou durante mais tempo. Não sabemos a importância de sua contribuição.

Irmão Almaque (Pierre Neyret, 1846-1937) nasceu em Jonzieux, cidade da Haute-Loire, encostada em Marlhes, em 5 de outubro de 1846. É o mais idoso dos autores. Fez o noviciado em 1862-1863 e faleceu em Notre-Dame de l'Hermitage, em 26 de maio de 1937. Foi essencialmente professor e só se tornou diretor tardiamente. De 1918 a 1934, lecionou no estabelecimento modesto de Saint-Georges-en-Couzan, perto de Montbrison. Como ocorreu com quem o precedeu, não sabemos qual possa ter sido sua participação. Mas, no discurso para celebrar os jubilares, o irmão Marie-Vincent cita como exemplo o irmão Almaque, "com 63 anos dedicados ao ensino, sem tréguas, detém o recorde. Aos 80 anos, continua, com notável sucesso, a instrução profana e religiosa à quase totalidade das crianças de Saint--George-en-Couzan, [...] depois de ter preparado inúmeros alunos para o bacharelado e para a Escola das Minas de Saint-Etienne".[19] Esse irmão foi,

[18] Ver, abaixo, cap. 3: "Plantas sumárias da casa do Pai e utilização, em todos os andares, dos diversos aposentos".

[19] *Monografia*, p. 113 [xx].

portanto, um professor de alto nível, voltando a ser um simples instrutor por pura dedicação.

Finalmente, os cinco protagonistas desse memorial são todos provenientes de cidades do Loire, nas quais os Irmãos Maristas tiveram estabelecimentos, muitas vezes desde as origens do Instituto. Em seguida, nascidos entre 1846 e 1870, todos eles escolheram a secularização em 1903.[20] Em 1925, são homens de idade avançada, mas l'Hermitage está no coração de seu universo cultural e espiritual desde seu nascimento. Souberam pagar o preço de sua fidelidade a essa herança. Esta *Monografia* é, portanto, uma espécie de testamento espiritual da geração de irmãos maristas da Província de l'Hermitage nascidos a partir da metade do século XIX e que, em 1925, tinham vivido por mais de 20 anos sob o regime da secularização.

O *Bulletin de l'Institut*, de dezembro de 1925,[21] reportou longamente o centenário da casa de l'Hermitage, que se soma a um artigo sobre um desenho representando l'Hermitage com precisão quase fotográfica. Nenhuma alusão é feita à *Monografia,* que talvez ainda não tenha sido publicada.

Provavelmente, ela será pouco conhecida fora da Província e nem precisamos estranhar isso. Nesse momento, o Instituto era uma sociedade descentralizada. Um pouco em toda parte nas províncias, especialmente no momento do centenário do Instituto, foram escritas monografias das casas e das obras. Em seguida, como a casa de l'Hermitage se situava de algum modo em um território infiel, sua função de lugar de peregrinação havia decaído e seu prestígio fora atingido. Afinal, a 1ª Guerra Mundial, que havia paralisado o intercâmbio em todas as ordens, ainda era recente. A celebração do centenário e a publicação desse documento tinham como objetivo, aliás, relançar a peregrinação aproveitando tempos mais favoráveis.

Encontramos uma confirmação dessa avaliação na circular de 24 de maio de 1926, em um texto do rev.mo irmão Diogène, que se pronuncia longamente em "Simples considerações" sobre o "Espírito do venerável padre Champagnat" tão presente em l'Hermitage.

> Folheando as crônicas da célebre abadia de Clairvaux durante a vida do glorioso São Bernardo, diz um autor piedoso, a gente se sente transportado a

[20] Eles tinham entre 57 e 33 anos em 1903.

[21] Echos et nouvelles, *Bulletin de l'Institut*, vol. 10, n. 69, dez. 1925, p. 143-148.

um paraíso de luz e de caridade. Sentimos Deus a cada passo. [...] A profunda impressão, o piedoso entusiasmo dessa bela passagem da história monástica, é exatamente o que experimentamos em uma primeira visita a Notre-Dame de l'Hermitage, nós que não tivemos a vantagem de passar lá nossos anos de formação religiosa.[22] É também a impressão que ressentem, com uma espécie de espanto, aqueles que tiveram a felicidade de ser educados lá e que lá retornam depois de uma ausência um pouco prolongada. Respira-se lá como que uma atmosfera de santidade: o barulho e o movimento das cidades não chegam até esse vale solitário; as preocupações mundanas não invadem o limiar dessa moradia austera e, no entanto, tão feliz. Ah! Eu não me surpreendo quando ouço jovens e irmãos vindos das províncias longínquas me dizerem que beijaram as muralhas daquela casa e que percorreram os diversos cômodos como componentes de um santuário! Eles procuraram na propriedade a localização da estátua milagrosa, eles se informaram se ainda existia a árvore em cujos galhos ficara pendurado o sino que chamava os primeiros irmãos para a oração e para o trabalho. Eles viram tudo, como se os personagens ainda estivessem vivos: o venerável Fundador rodeado de seus primeiros discípulos, fazendo arrebentar o rochedo e construindo as paredes às custas de tanto suor. Sua memória reviveu os ensinamentos dele ao visitar os lugares e as salas em que eles eram transmitidos. Mais de quinze anos da vida do venerável pai, e alguns anos de um santo trabalho! Tudo se resume em uma visita de algumas horas, até a cerimônia em que ele recebeu os últimos sacramentos na presença de toda a comunidade, e sua bem-aventurada morte.

Como nos ajoelhamos espontaneamente e como rezamos com fervor na capela e sobre os túmulos que guardam os restos preciosos do venerável padre Champagnat e de seu primeiro sucessor! Com que recolhimento fazemos a peregrinação ao cemitério da comunidade, onde os ossos de tantos religiosos mortos com odor de santidade aguardam o dia da ressurreição gloriosa. De lá a vista domina grande parte da propriedade e das construções. Lá embaixo, imagem da vida, corre o Gier, geralmente calmo com suas águas límpidas, mas às vezes também com enchentes tumultuosas e rápidas. Para citar apenas um caso, o da inundação que ameaçou as construções e que parou devido ao escapulário que o venerado irmão Francisco tinha suspendido na janela de seu quarto.[23]

Cada vez que me é concedido pisar nesse solo abençoado e passar por essa solidão, testemunha de nossas origens, meu pensamento se estende até as mais longínquas regiões em que nossos irmãos se dedicam, trabalham e sofrem, e

[22] O rev.mo irmão Diogène era originário da Província de Beaucamps.

[23] Vide esse episódio na *Monografia*, p. 52 [102].

> meu coração se expande em uma oração fervorosa para obter de Deus, pela intercessão de Maria, a Rainha de l'Hermitage, que o espírito de nosso venerável pai penetre cada vez mais todos os nossos religiosos e que sua proteção nos apoie nesse período tão arriscado e difícil que atravessamos.

A citação é um tanto extensa, mas encontramos poucos hinos desse nível dedicados à Casa-mãe na literatura marista. Há forte vínculo entre a *Monografia*, a celebração do centenário e essa circular que encerra em si um dos textos fundadores da consolidação da universalidade da casa de l'Hermitage, considerada como *alma mater* de todos os maristas.

A mesma circular apresenta um segundo componente mais trágico entre as dificuldades do tempo atual e a necessidade para as ordens religiosas de permanecerem fiéis a suas origens.

> Nossa congregação, desde quando se tornou universal, corre constantemente o risco aqui e ali de ter seus religiosos expostos a violentas perseguições. Temos o privilégio e a honra de contar com mártires em nossas fileiras. E temos toda a possibilidade de não sermos esquecidos no futuro: dentro da caminhada da civilização em algumas nações governadas por sectários, a China e a Turquia não conservarão o monopólio dessa preocupação.
>
> [...] Qual é nosso dever diante dessas circunstâncias? [...] O soberano Pontífice no-lo indica, em poucas palavras, na bela e instrutiva carta *Unigenitus Dei Filius*, dirigida aos superiores das ordens religiosas e de outras congregações masculinas: "O religioso deve guardar intacto o espírito de sua vocação. [...] Antes de tudo, exortamos os religiosos a nunca perderem de vista os exemplos de seu fundador e legislador se quiserem ter a certeza de participar das graças abundantes de sua vocação; [...] seus discípulos, como os melhores filhos, se esforçarão para dar glória a seu pai observando sua regra e seus conselhos; e, compenetrando-se de seu espírito, eles serão fiéis a seus deveres de estado enquanto caminharem nas pegadas de seu fundador".

Irmão Diogène não o diz explicitamente, mas é um elogio discreto aos irmãos secularizados, que souberam salvaguardar a casa das origens e preservar seu espírito apesar da perseguição e das incompreensões. E os autores da *Monografia de Notre-Dame de l'Hermitage* certamente souberam valorizar essa atitude e ser recompensados por seus esforços.

Este documento não é, portanto, mera comemoração, mas um dos sinais de que o Instituto entra conscientemente em uma nova época: tendo se tornado internacional, ele se reapropria de seu centro e de suas origens

dentro de três domínios legítimos e complementares: o histórico, o mítico e o espiritual.

Mas precisamos agora passar a considerações mais técnicas.

1.2 Reestruturando o sumário

No fundo, o título *Monografia* não corresponde corretamente à importância do documento, que antes precisaríamos considerar como manifesto de fidelidade dos irmãos a seu lugar santo original. E o sumário, composto por um catálogo de parágrafos em duas partes bem desiguais, dá precariamente conta da estrutura da obra.

O novo sumário que proponho apresentar, no entanto, não destrói minimamente o anterior, mas o estrutura em capítulos numerados. Mantenho a paginação do volume impresso e os títulos dos parágrafos; e me contento em pôr em evidência grandes capítulos numerados, com caracteres em **negrito** e em *itálico*. Assim, a antiga primeira parte da *Monografia* fica dividida em sete capítulos; a segunda, em apenas dois.

Tema	**Pág.**
Capítulo primeiro – Histórico de l'Hermitage de 1825 a 1903	
1. La Valla e Les Gauds antes de l'Hermitage	
O padre Champagnat deixa La Valla	5 [47]
Um fato extraordinário (a estátua viajante)	7 [52]
Les Gauds	9 [53]
Compras diversas	12 [57]
Construção da primeira casa	13 [58]
2. Da "capela do bosque" em 1824 à capela definitiva de 1877	
Capelas provisórias	15 [60]

Capela de 1825	16 [63]
Capela de 1836	20 [66]
Altar-mor	22 [68]
Credência da sacristia	23 [70]
Capela de 1875	23 [71]
Bênção da pedra fundamental	25 [73]
Bênção da capela	25 [73]
Descrição da capela	27 [75]
Inauguração da via-sacra – novembro de 1877	31 [79]
Bancos e decoração da capela	31 [79]
Os órgãos	33 [80]
Principais benfeitores da capela nova	34 [82]
3. Organização das construções e do espaço exterior (continuação do primeiro capítulo)	
Construções diversas e melhorias	34 [83]
Assentamento do cruzeiro no caminho do cemitério	36 [85]
Estátuas da Santíssima Virgem e de São José	37 [86]
Pátio dos plátanos	39 [88]
Inauguração da via-sacra no bosque Patouillard – 17 de agosto de 1879	40 [89]
Placa comemorativa	41 [90]
Ala do noviciado	41 [90]
Escolasticado	41 [91]
Cemitérios de Notre-Dame de l'Hermitage	42 [92]

4. Relato dos riscos políticos (1830, 1848, 1871) e meteorológicos (1847, 1872, 1900) que a casa teve de enfrentar	
Proteção visível	46 [97]
1847	49 [99]
1848	50 [100]
1871	51 [101]
1872	52 [102]
1900	53 [103]
5. Os corpos santos de l'Hermitage: São Prisciliano, padre Champagnat, irmão Francisco	
Nossos tesouros	53 [104]
São Prisciliano	54 [104]
O venerável Marcelino Champagnat	61 [111]
Os restos preciosos do venerável padre depositados na capela	66 [116]
Novo traslado dos restos venerados do padre Champagnat	69 [118]
O venerado irmão Francisco	70 [120]
6. Visitas honrosas e uma eleição da maior importância	
Alguns fatos interessantes	76 [124]
Visitas episcopais	76 [125]
Eleição do rev.mo irmão Francisco	79 [128]
7. Algumas peripécias da história de l'Hermitage de 1852 a 1903: o Capítulo de 1852-54, a ida dos superiores e do noviciado para Saint-Genis-Laval, a nova casa provincial	
Segundo Capítulo Geral	89 [137]
A partida de 1858	90 [138]

Adeus a l'Hermitage (1858)	90 [138]
Fundação do juvenato de l'Hermitage	92 [140]
Nova prosperidade e perseguições	92 [141]
Capítulo segundo – A casa como lugar de peregrinação e de comemorações	
1. Pequeno guia do peregrino em l'Hermitage	
A casa de Notre-Dame de l'Hermitage	95 [144]
A sala denominada "das Relíquias"	101 [149]
Quarto do venerável padre Champagnat	101 [149]
Quarto do venerável irmão Francisco	105 [152]
Grandes benfeitores de Notre-Dame de l'Hermitage no tempo do venerável Fundador e do venerável irmão Francisco	107 [153]
Conclusão	107 [154]
2. Relato comemorativo da grande festa de setembro de 1925	
Festa do Centenário de l'Hermitage e jubileu de doze irmãos da Província	109-118 [156-163]

1.3 Breve comentário sobre as diversas partes da *Monografia*

Após colocar em evidência a estrutura da *Monografia*, julgo útil aprofundá-la mediante uma descrição rápida de seus vários capítulos.[24]

1. La Valla e Les Gauds antes de l'Hermitage, p. 5-16 [47-62]

O autor diz muito pouco sobre a primeira fase da história da Congregação, em La Valla. É verdade que os documentos iconográficos que acompanham o texto compensam em parte esse viés, em particular uma

[24] Coloco como título de cada capítulo o do primeiro parágrafo.

planta de La Valla em 1817, um tanto sumária, mas significativa. O autor prioriza os fatos que inspiraram a Champagnat a criação de Notre-Dame de l'Hermitage [§ 1], de onde vem o episódio tardio sobre a descoberta de uma estátua em Les Gauds, seguida do relato clássico da construção da casa. O texto deixa assim de lado os primeiros anos em l'Hermitage, marcados pelo conflito entre os irmãos e o padre Courveille. As plantas do local e da casa constituem em si mesmas um segundo relato, desde que alguém as comente, mas são particularmente de difícil interpretação.

2. Da capela do bosque em 1824 até a capela definitiva de 1877, p. 16-34 [63-82]

Depois da famosa capela do bosque, haverá, em 1825, uma capela bem provisória no interior, depois a que domina a casa, inaugurada em 1825 pelo padre Dervieux, amigo do padre Champagnat. Nada é dito sobre o período de sua severa oposição ao Fundador antes dessa época. As descrições das capelas de 1837 e 1877 são muito minuciosas. No conjunto, somos bem-informados sobre os locais e seu mobiliário, mas sobram alguns questionamentos. Por exemplo: a bênção da pedra fundamental de l'Hermitage, que não deixou nenhuma pista oficial, teria acontecido antes da bênção da capela de 1824, considerada como antecipação da casa terminada?[25] O que foi feito da capela do bosque depois de 1825? Por que o padre Champagnat construiu uma capela para a comunidade bem no alto da casa, em um local aparentemente tão pouco funcional? A natureza do terreno deve ter imposto muitas improvisações.

3. Construções diversas e melhorias, p. 34-46 [83-97]

Esse trecho, na verdade, é a continuação da primeira parte. Trata das transformações importantes da casa, como a ampliação do noviciado e a construção do escolasticado. Lembra também a organização do espaço exterior pela introdução das estátuas e do cruzeiro, e sobretudo pelos ajustes no cemitério. Encontramos aí numerosas "plantas geométricas" da casa em épocas variadas, cuja interpretação é delicada, porque nem sempre possuem legendas. É, sem dúvida, a parte mais complicada, mas

[25] Tinha sido essa capela construída pelo padre Champagnat ou se tratava pelo contrário de uma construção pré-existente destinada a guardar o feno ou as ferramentas agrícolas, adaptada para se transformar em capela?

a mais estimulante desse estudo, porque nos damos conta de que l'Hermitage é quase um permanente canteiro de obras e de que muitos aspectos da evolução material da casa são mal conhecidos. No fundo, nessa parte da *Monografia* seria útil confrontar cuidadosamente as plantas, as fotos e os textos.

4. Proteção visível de Maria sobre a casa, p. 47-53 [97-103]

É o relato de dois dos maiores desafios que ameaçaram a casa. O primeiro é político: as revoluções de 1830 e 1848 e o "ano terrível" da guerra de 1870, seguida da Comuna em 1871, que obrigou o noviciado de Saint-Genis-Laval a se refugiar em Notre-Dame de l'Hermitage. O segundo é o perigo meteorológico com as cheias do Gier em 1847 e 1872,[26] que ameaçaram arrasar uma parte da casa, e a tempestade de 1900, que provocou assustadores deslizamentos de terra nas encostas do terreno. Foi nessas circunstâncias que o irmão João Batista (1848), em seguida o irmão Francisco (1872), reforçaram seu prestígio ao se mostrarem capazes de frear a calamidade graças à sua confiança em Maria.

5. Nossos tesouros, p. 53-76 [104-124]

Esta parte está ligada à história das capelas, porque se trata dos corpos de três santos que fazem da casa um local de peregrinação. Ficamos um tanto surpresos ao saber que o primeiro é São Prisciliano, cujos restos foram descobertos em uma catacumba de Roma. Trazido por dom Epalle, nomeado vigário apostólico na Oceania, o corpo desse santo, devidamente encerrado em um ataúde, foi entronizado com grande pompa em l'Hermitage, em 1844, com uma série de procissões e grande afluxo de fiéis, que nos oferecem um surpreendente exemplo do que poderia ser a religião popular em meados do século XIX. Ainda em 1925, os autores da *Monografia* se estendem longamente sobre esse evento. O reconhecimento dos restos do padre Champagnat e sua colocação em um túmulo na capela por ocasião de seu processo de canonização em 1889 é mais compreensível. Recorda-se também a transferência secreta de seus despojos para Maisonnettes

[26] Em 1847, não havia ainda uma barragem acima do rio Ban, afluente do Gier. Existia uma em 1872, mas não suportou a cheia.

em 1903, assim como o retorno destes a l'Hermitage em 1920. Há ainda a exumação bem recente dos restos do irmão Francisco em 1924, exigida por seu processo de canonização.

6. Alguns fatos interessantes, p. 76-88 [124-136]

O título sugere que as coisas mais interessantes sobre l'Hermitage foram ditas e que, agora, vão ser mencionados alguns acontecimentos secundários. Temos, então, uma lista bastante sucinta das visitas episcopais e, sobretudo, das atas integrais da eleição do irmão Francisco como diretor geral em 1839. Essa insistência grande sobre ele sem dúvida é explicada pelo fato de a exumação de seu corpo ter sido há pouco realizada. Diante do conjunto, essa parte dá a impressão de acréscimo um tanto supérfluo.

7. Segundo Capítulo Geral, p. 89-93 [137-142]

Em parte, temos a mesma impressão de que esse título é pouco pertinente para definir o capítulo, que traz um histórico bastante impreciso dos anos 1852-1903. O texto contenta-se com uma breve lembrança do Capítulo Geral mais importante, de 1852-1854, em que o Instituto forjou suas regras e constituições. Ele recorda mais longamente a partida da comunidade para Saint-Genis-Laval em 1858, que deixa l'Hermitage quase vazia. A vida só será retomada, e aos poucos, com a criação da Província de l'Hermitage por volta de 1870, antes que o governo de Combes, em 1903, obrigue o Instituto a se exilar. A construção do escolasticado, terminada em 1898, apesar de muito importante, não é lembrada, enquanto a instalação de um "juvenato", em 1868, na verdade, é a criação de um "noviciado menor" para os postulantes mais jovens, visto que a ideia de "juvenato" era ainda mal distinta da de noviciado.

Nesse ponto, chegamos à 2ª Parte da *Monografia* (p. 95 [144]) que se propõe apresentar a l'Hermitage de 1925.

1. O opúsculo Peregrinação a Notre-Dame de l'Hermitage*, p. 95-109 [144-155]*

Trata-se de um pequeno manual do peregrino, sem data, em dois capítulos: 1) "A casa de Notre-Dame de l'Hermitage", que revela ao peregrino o itinerário, a paisagem circundante e o próprio local; 2) Os lugares come-

morativos, verdadeiros minimuseus, que são a sala chamada "das relíquias" do padre Champagnat e o "quarto do venerável irmão Francisco".

Capítulo 3 evoca em meia página os "grandes benfeitores" da casa. É acompanhado de uma "conclusão", que menciona as provações por que passou e afirma uma confiança inabalável em Maria. Chegamos à página 109 [156], mas é nas últimas páginas que encontramos o grande final da *Monografia*.

2. Festa do centenário de l'Hermitage e dos trinta e dois jubilares da Província, p. 109-118 [156-162]

No início, encontra-se uma relação dessas festas em 13 de setembro de 1925. Há também uma homenagem solene ao senhor de Boissieu, grande benfeitor do Instituto. A conclusão, intitulada "Os efeitos do século que se passou desde 1825", é recheada de otimismo. Segue-se uma página com uma planta precisa de Notre-Dame de l'Hermitage em 1925, sem vínculo direto com o que precede. Mas é, ao mesmo tempo, uma riqueza e uma falha dessa *Monografia* apresentar cerca de oitenta imagens na maioria das vezes sem vínculos claros com o texto.

Como já sugeri, indiscutivelmente a homogeneidade da *Monografia* é relativa. Muitos pontos de seu conteúdo demonstram que foi elaborada às pressas. Mas é preciso elogiar o fato de que irmãos sobrecarregados de trabalho e, além disso, muito jovens, tenham conseguido compor um opúsculo que oferece grande riqueza documental por meio de seus textos, suas plantas e suas fotos. E é exatamente desses dois tipos de fontes que passamos a nos ocupar.

1.4 As fotos na *Monografia*

A obra contém cerca de setenta fotos, incluindo as que aparecem duas vezes (como a da igreja de Marlhes). Algumas delas ajudam a esclarecer os textos, enquanto outras são usadas unicamente para arejar um texto que, sem elas, pareceria muito árido. No conjunto, o trabalho de diagramação só conseguiu coordenar texto e imagem com relativa raridade. Entretanto,

a presença de numerosas imagens marca uma etapa não desprezível na história da fotografia no Instituto. Algumas são em si mesmas verdadeiros documentos históricos.

Lembremos que a foto aparece em 1839, pouco antes da morte do padre Champagnat, no formato de daguerreótipo,[27] com uma base de cobre e prata. Seu uso é difícil e caro, mas os progressos são muito rápidos. Por volta de 1860, a foto sobre papel já é de uso frequente. Entretanto, as autoridades do Instituto se mostram ainda reticentes em relação a esse novo suporte: em 1860, o Capítulo Geral impõe ao irmão Francisco, que acaba de se demitir, que em seis meses permita que seja feito seu retrato por um pintor. Mais tarde,[28] em data que desconheço, o irmão Luís Maria terá simplesmente recorrido ao estúdio de fotografia Victoire, em Lyon, para sua foto oficial.

É a necessidade de reeditar a *Vida de Champagnat* na década de 1880 que obriga a recorrer à fotografia ou, na maioria das vezes, a uma técnica aproximada, muito usada pela imprensa, a fotogravura. Encontrei, em todo caso, no registro do Conselho Geral de 8 de junho de 1881, um texto que me parece decisivo sobre esse tema:

> O caro irmão Aristée, tendo preparado e fotografado várias vistas de Notre-Dame de l'Hermitage e de La Valla, propõe vendê-las aos irmãos. O lucro obtido seria aplicado na obra que os superiores determinem. O Conselho anuncia que todas essas fotografias ficarão disponíveis na Procuradoria Geral, que as fornecerá às Procuradorias Provinciais. O uso do lucro será determinado ulteriormente.

Esse irmão Aristée (Pierre Duret, 1830-1905) foi professor em vários internatos, mas nunca em postos de responsabilidades importantes. Quando ele fez essa proposta, era professor no internato de La Côte Saint-André. Não sabemos se seu projeto foi posto em prática, mas é provável que a primeira edição inglesa da *Vida de Champagnat* (1887) contenha fotos autênticas, algumas das quais poderiam provir dessa fonte. E as fotogravuras (menos caras do que as fotos) da *Vida de Champagnat* em volume único, em 1896 e 1897, são muito provavelmente tiradas desses clichês. Por volta de 1900, a obra do irmão Maxime sobre o distrito de Saint-Etienne será ilustrada com

[27] Processo de reprodução de imagem cujo nome provém do sobrenome de seu inventor, Daguerre.

[28] Ignoro a data exata, mas os arquivos de Roma guardam vários exemplares desse clichê.

fotos pertencentes ao fundo marista: por exemplo, a casa Champagnat em Marlhes e l'Hermitage.

Assim, a *Monografia* foi beneficiada com um antigo fundo que seus criadores não viram problema em completar, servindo-se dos clichês que quisessem, uma vez que, em 1925, o uso de fotos passou a ser generalizado. Importa realçar, em todo caso, o interesse do *corpus* iconográfico da *Monografia,* mesmo se a foto em preto e branco tenha seus limites, principalmente quando se trata de paisagens. E muitos dos temas tratados são bastante circunstanciais.[29]

Um *corpus* de fotos a ser reclassificado

Como a disposição das fotos não está em uma ordem clara e, aliás, a *Monografia* não dispõe de uma listagem das ilustrações, organizei um reagrupamento temático das imagens, no qual indico a página de cada foto. Constatei que, na verdade, havia duas séries de imagens, a segunda mais curta, bem como mais coerente.

Não adianta, portanto, procurar na *Monografia* uma reflexão dos autores sobre a combinação entre imagem e texto escrito, mas é possível detalhar esse arranjo de acordo com temas precisos, sem esquecer que um grande número desses clichês, verdadeiros documentos históricos, merecem ser valorizados e minuciosamente comentados.

Catalogação das fotos por temas

Consegui inventariar 71 fotos, a maior parte representando paisagens ou monumentos. Tento, abaixo, agrupá-las por temas. Mesmo se esse tipo de classificação tenha sempre um lado um tanto arbitrário, ele permite ver com bastante clareza uma documentação.

a) As origens

Entendemos que este tópico é dedicado aos locais e personagens antes da fundação de l'Hermitage: assim Marlhes, La Valla, e até o padre Colin, fundador da Sociedade de Maria.

[29] É verdade que algumas fotos foram depois coloridas, muitas vezes com grande habilidade.

Pág.[30]	Título	Comentário	N°
5 [48]	Vila de La Valla (altitude 750 m)	Foto do final do século XIX: a construção do juvenato está concluída. Os livros do Instituto utilizam fotogravuras tiradas dessa foto.	1
6 [51]	Refeitório e mesa de refeição	É, na verdade, o primeiro oratório dos irmãos transformado depois no quarto do padre Champagnat.	2
25 [74]	Capela Nossa Senhora da Piedade	Encontra-se fora do vilarejo de La Valla, perto do cemitério.	12
50	Povoado de Luzernaud (La Valla)	Localiza-se logo acima do vilarejo, mais ou menos 20 minutos a pé. É uma paisagem de planalto, pouco arborizada. No primeiro plano, um campo de zimbros e dois pedestres, provavelmente irmãos. A foto é recente.	28
56	Panorama de Marlhes	Foto do Rosey no final do século XIX. Dá para perceber bem a torre da igreja nova e o relevo do planalto.	32
60 [110]	Povoado do Rosey (Marlhes)	Trata-se, na verdade, da casa Champagnat. Não é, como habitualmente, uma fotogravura, mas uma fotografia verdadeira.	36
63	Igreja de Marlhes (lado Norte)	A antiga igreja foi destruída e substituída por uma igreja neogótica em meados do século XIX.	37

[30] Corresponde à página da edição original de 1925. Somente parte das imagens serão reproduzidas na presente edição. [n.e.]

64 [113]	Casa natal do venerável padre Champagnat	Não é algo extraído da foto do conjunto, mas a fachada da casa Champagnat sem suas dependências. Em 1925, o Instituto não possuía nenhuma dessas construções.	38
68 [119]	Povoado de Maisonnettes (La Valla). Uma cruz indica a casa natal do rev.mo irmão Francisco	Esse povoado começa a existir como lugar marista: a causa de canonização do irmão Francisco já está seriamente admitida.	41
77	Igreja de Marlhes (lado Leste)	Ver foto na p. 63, n. 37.	46
82 [129]	Juvenato de La Valla	Excelente foto, não só do juvenato, mas também do terreno de La Valla, cujas plantações iam, então, até muito alto nas encostas. Vê-se um grupo trabalhando no canto esquerdo. Talvez juvenistas em 1925.	49
108 [155]	O venerável Jean-Claude Colin, fundador da Sociedade de Maria (1790-1875)	Um dos retratos mais interessantes do padre Colin. Mas, por que colocá-lo aqui, quando o texto não diz quase nada sobre os Padres Maristas?	63

b) O ambiente humano

Como dizem alguns títulos, são "vizinhos" em um cenário material, religioso, mas também civil e industrial. É importante perceber que o vale do Gier é um autêntico eixo industrial graças à presença da água.

Pág.	Título	Comentário	N°
18 [65]	Igreja São Pedro, em Saint-Chamond	Era a principal igreja, cujo pároco era o padre Dervieux.	9

57 [107]	La Grange-Payre em 1845	A foto sem dúvida não é de 1845. É a fachada típica de uma propriedade agrícola doada ao padre Champagnat pela senhorita Fournas em 1833.	33
58	La Grange-Payre, estado atual	Por "atual" precisamos compreender "por volta de 1925". É mais uma fachada da mesma construção vendida há muito tempo pelo Instituto para pagar a compra da propriedade do Montet em Saint-Genis-Laval.	34
59 [109]	Igreja de Izieux	Uma igreja neogótica típica da arquitetura do século XIX na França. Como a margem direita do Gier pertencia a Izieux, l'Hermitage dependia parcialmente dessa cidade e dessa paróquia.	35
66	Nossos vizinhos. Tinturaria Gillet	Uma indústria no Gier um pouco abaixo de l'Hermitage.	39
97 [145]	Vista de Saint-Chamond	Foto sem dúvida recente. São bem visíveis os dois campanários da igreja Notre-Dame, então recente.	57
98	Nossos vizinhos. Fábrica de fitas (Touilleux)	Uma fábrica provavelmente abaixo de l'Hermitage.	58
104	Nossos vizinhos. La Rive, fábrica de fitas	La Rive fica na confluência do Gier e de seu afluente Ban. A fábrica atualmente se encontra, sem dúvida, em ruínas.	61

c) Rio Gier

Devemos olhar para o Gier como elemento fundamental do espaço pelas oportunidades que oferece, mas também pelos riscos que apresenta.

Pág.	Título	Comentário	N°
11	Cascata do Gier perto da fábrica Bruyère (nossos vizinhos)	É, na verdade, uma barragem no Gier permitindo a captação da água por um canal. Essa barragem ficava certamente a montante de l'Hermitage.	4
12	O Gier ao redor da horta de l'Hermitage	Atualmente essa barragem ainda é visível, mas foi parcialmente destruída.	5
49	Grande cascata do Gier (40 m)	É "o salto do Gier", bem no alto do vale. A imagem mostra bem que o Gier é uma torrente que pode tornar-se feroz.	27
96	O Gier ao sair do Mont-Pilat	Comparar com a foto da p. 11, n. 4.	56
114	Segunda cascata do Gier (Fábrica Touilleux)	Não é uma cascata, mas uma coleta de água com barragem. Vide Imagem n. 58, p. 98.	68

d) O rochedo

É um componente ainda mais fundamental e sobretudo mais difícil do espaço marista. L'Hermitage é, em grande parte, uma conquista sobre o rochedo, não apenas em 1824-1825, mas ao longo da história da casa no século XIX. Mesmo quando as imagens em preto e branco não dão uma ideia completa desse elemento, elas mostram que o rochedo é onipresente. É verdade que as fotos panorâmicas da propriedade de l'Hermitage falam por si mesmas a esse respeito.

Pág.	Título	Comentário	N°
10	Topografia de Les Gauds	É o rochedo do lado leste perto de l'Hermitage. Podemos ver irmãos dispostos em degraus no paredão.	3

13	Rochedo que fecha o jardim da capelania	No início, a capelania era uma construção isolada a nordeste da casa. Ela, sem dúvida, não existe mais.	6
32	Dique xistoso (pátio do noviciado)	Em geologia, um dique é um tipo de rocha vulcânica. Alguns irmãos podem ser vistos.	16
105	Dique granítico perto da fonte do Gier	O uso da palavra "dique" é, sem dúvida, inadequado. Aparentemente não há ninguém na foto.	62
112	Terrenos isolados e rochas no noviciado	Dá para supor que se trata da encosta a leste da casa, com três irmãos trabalhando.	66
113	Rochedos que contornam o caminho de Saint-Chamond	Na verdade, trata-se de uma pequena estrada de Saint-Chamond, entre o Gier e o rochedo. Vemos três pessoas que parecem ser as mesmas que estão na Imagem n. 112.	67

e) L'Hermitage: vistas panorâmicas

Há poucas fotos de pessoas na *Monografia*, mas as vistas panorâmicas de l'Hermitage em ângulos variados e em diferentes estações constituem verdadeiros retratos de uma casa que é, ao mesmo tempo, moradia e lugar habitado por uma inspiração.

Pág.	Título	Comentário	N°
14 [58]	L'Hermitage em 1840	Essa litografia, cujo autor é conhecido, foi muitas vezes reproduzida, mas datada com variações. É, na verdade, uma reconstituição tardia de l'Hermitage por um gravador.	7
42 [91]	L'Hermitage vista da horta e do escolasticado	É uma das melhores vistas do conjunto no final do século XIX: o escolasticado foi construído em 1893.	22

48	L'Hermitage no inverno	A neve dá muito realce a esta imagem que data de depois de 1893. Vê-se boa parte das dependências na margem esquerda do Gier.	26
54	L'Hermitage e o Bachat	Uma perspectiva que revela a paisagem acima de l'Hermitage, na direção de Saint-Chamond. Le Bachat é o nome do vilarejo que avistamos ao longe.	30
111	L'Hermitage vista do calvário	L'Hermitage é vista sob um ângulo incomum: do alto do bosque Patouillard a oeste.	65
117	L'Hermitage na primavera	A casa vista do alto da margem esquerda. Podemos perceber a valorização da encosta em frente. Foi feita depois de 1893, como se pode ver o escolasticado.	69

f) L'Hermitage: vistas parciais e adaptações

L'Hermitage é uma propriedade que deve ser ajustada para responder a todos os aspectos de uma comunidade numerosa. As hortas ocupam lugar de destaque, mas o lazer não foi esquecido.

Pág.	Título	Comentário	N°
15 [61]	Casa do jardineiro construída no local da capela do bosque	Boa representação da propriedade na primavera. Quanto à localização da capela de 1824...	8
28 [76]	Entrada principal da casa e lateral do noviciado	Essa é a fachada norte da casa, antes que a capela do padre Champagnat a tivesse modificado depois de 1955.	14
36 [85]	Pátio do noviciado	É um pátio adaptado na encosta nordeste da casa.	17

39 [89]	Alameda dos plátanos	Como o pátio do noviciado (n. 17, p. 36), ela foi adaptada na encosta à custa de grandes trabalhos.	20
75	Os escolásticos na alameda das cerejeiras	Uma alameda difícil de situar.	45
101	Jardinzinho do venerável irmão Francisco	Sabemos que o irmão Francisco tinha feito estudos de medicina. Ele cultivava plantas medicinais em um jardinzinho acima da casa.	59
110	A horta de l'Hermitage na primavera	Uma perspectiva original que mostra tanto a margem esquerda do Gier como a direita, e deixa de lado quase toda a parte construída.	64

g) L'Hermitage: monumentos

Não somente a casa é considerada santa, mas toda a propriedade está equipada em um espaço povoado com estátuas e cruzes, sendo o cemitério uma peça essencial.

Pág.	Título	Comentário	N°
22 [69]	Virgem do jardim	Trata-se da estátua de Nossa Senhora das Vitórias, comprada pelo irmão Francisco em sinal de gratidão pela autorização do Instituto em 1851. Ela foi recentemente deslocada.	10
37 [87]	Estátua de Nossa Senhora das Vitórias (pátio Santa Maria)	Ela já está representada à p. 22, n. 10. Foi deslocada para perto do rochedo na reforma do início do século XXI.	18

38 [88]	Estátua de São José (pátio interno)	Atualmente o pátio transformou-se em um salão enorme. A estátua se mantém no mesmo lugar.	19
40	Via-sacra no bosque Patouillard	É na região da encosta da propriedade comprada em 1839, em que foi instalada a via-sacra hoje abandonada.	21
43	Cemitério visto da estrada de La Valla	Foto tirada no inverno. Mostra o cemitério em sua maior extensão. Foi recentemente reformado.	23
85	Calvário (bosque Patouillard)	Ele devia ficar no alto da encosta, que hoje está coberta pela vegetação.	51

h) Capelas

Mesmo comentando longamente a respeito das capelas sucessivas da casa, a *Monografia* é parcimoniosa em imagens.

Pág.	Título	Comentário	N°
24 [71]	Coro da capela atual (em 1925)	Trata-se da capela construída em 1877.	11
84 [133]	Quadro que reproduz a fórmula dos votos emitidos pelos primeiros irmãos. Observar a assinatura do venerável padre Champagnat	É o bilhete guardado no coração de prata suspenso no colo da estátua da Virgem com a criança, na capela. Documento bem excepcional.	50
94 [143]	Virgem Rainha de l'Hermitage	Estátua instalada na capela de 1877 no lugar da Virgem com a criança do século XVIII. Encontra-se hoje na entrada da capela.	55

120	Imagem de Maria Rainha em um estilo convencional vagamente medieval	Comparar com a imagem n. 55, p. 94.	70

i) Os corpos santos: seus túmulos, suas relíquias, sua recordação

Na verdade, a capela interessa menos do que os corpos santos que, retirados do cemitério, foram depositados nela. L'Hermitage transformou-se em um lugar de peregrinação. Uma das razões da publicação da *Monografia* é a recuperação desse status.

Pág.	Título	Comentário	N°
29 [78]	Túmulo do venerável padre Champagnat	Construído após sua exumação, durante o processo de canonização, nos últimos anos do século XIX.	15
45 [95]	Túmulos do venerável padre Champagnat e do venerado irmão Francisco	Foto tirada antes da exumação dos restos do padre Champagnat.	24
55 [106]	Mausoléu de São Prisciliano (na capela)	Um relicário, hoje desaparecido. Um bom testemunho da sensibilidade religiosa no século XIX, que incentivava a veneração dos corpos dos santos (em cera).	31
71 [121]	Exumação dos restos do rev.mo irmão Francisco	Foto de 20 de março de 1924, de importância histórica. Desse dia em diante, o irmão Francisco terá seu túmulo na capela.	42

72	O esquife, agora exposto; tudo pronto para ser transportado até a capela		43
74	Traslado para a capela do corpo do rev.mo irmão Francisco	As fotos n. 42, 43 e 44, p. 71, 72 e 74, acompanham o relato textual, fato bastante raro.	44
86	O venerável padre Champagnat preparando as Constituições	É um dos retratos do padre Champagnat do final do século XIX. Ele não está preparando as Constituições, mas é representado em uma atitude convencional, com as Constituições na mão. Esse quadro não parece ter sido muito apreciado no Instituto. É um pouco surpreendente encontrá-lo na Monografia.	52
103 [151]	Poltrona do venerável padre Champagnat	Esse móvel faz parte da sala das relíquias instalada em l'Hermitage.	60

j) L'Hermitage. As outras casas-mãe. Os superiores

O status de lugar de peregrinação passou a ser tão mais importante quando l'Hermitage perdeu seu título de Casa-mãe. Mesmo a transferência sendo antiga (1858), a *Monografia* consagra pouco espaço e poucas imagens a sua rival (Saint-Genis-Laval) que, em 1925, ainda não havia sido readquirida pelo Instituto.

Pág.	Título	Comentário	N°
78 [127]	Casa-mãe dos Irmãozinhos de Maria em Saint-Genis-Laval	Litografia frequentemente utilizada nas obras maristas. Data sem dúvida da década de 1870. A destilaria ainda não está construída, nem a sacristia da capela.	47

80	Grugliasco (Itália). Terceira Casa-mãe do Instituto	Foto de má qualidade. Uma antiga fábrica adaptada para ser Casa-mãe em 1903.	48
89 [137]	Castelo de Montet (Residência do Regime em Saint-Genis-Laval)	Esta foto serviu sem dúvida de modelo para a litografia ou a fotogravura n. 47, p. 78. O título é um tanto estranho: não é um "castelo", e o Regime (governo) do Instituto não reside mais lá. Mas é verdade que o texto faz alusão à transferência de 1858.	53
123 [164]	Superiores gerais que sucederam ao venerável padre Champagnat no governo do Instituto	Detalhe interessante: Champagnat não está representado pelo retrato Ravery, mas por um busto recente em mármore.	71

k) Diversos

Algumas imagens me pareceram episódicas.

Pág.	Título	Comentário	N°
26	Juvenistas em passeio	Provavelmente não são juvenistas, mas alunos internos. Esse local, próximo de Luzernod, domina La Valla. A foto é sem dúvida recente.	13
47	Postulante em oração	Na verdade, trata-se de um irmão diante de uma Virgem de Lourdes, bem perto do pátio do noviciado. A imagem é bem convencional.	25

53	Oferta à Virgem	Uma imagem extraída de alguma revista edificante, provavelmente do Petit Bulletin du Serviteur de Marie [Pequeno boletim do servidor de Maria]. O uniforme corresponde ao de um estudante dos anos 1920.	29
67 [117]	Escolásticos em passeio	É, sem dúvida, o mesmo grupo que na fotografia da p. 26, n.13. Mas não são escolásticos.	40
93	A caminho do exílio após a dispersão em 1903	De meu conhecimento, a única imagem simbólica da série das fotos.	54

1.5 Plantas geométricas na *Monografia*

Destaquei oito plantas, de alcance e valor variável, porque algumas estão sem legenda. Mas é fácil montar rapidamente uma lista.

Quanto à sua origem, os *Annales de l'Institut* (v. 2, 1850, § 24-25) nos oferecem algumas informações. A circular que convoca os irmãos para o retiro pede, com efeito, aos diretores que forneçam "[...] a planta geométrica do estabelecimento, mostrando o térreo, os diversos andares e suas dependências, com as explicações que julgarem necessárias, fazendo tudo na escala 5:1.000. Além disso, devem trazer as observações deixadas pelo irmão visitador". Irmão Avit detalha que era ele quem havia feito esse pedido para "[...] uniformizar as contas e reunir outros dados que seriam úteis para a redação das crônicas de cada estabelecimento. Eu pretendia colocar a planta da casa no cabeçalho do caderno referente às crônicas de cada estabelecimento". Ele acrescenta que "[...] esses elementos estavam completos em 1855 para todas as casas que existiam na ocasião", mas "[...] quem me sucedeu como visitador não teve melhor ideia do que jogar tudo no fogo".

Encontramos, igualmente, inseridos na cópia dos *Annales de l'Hermitage* pelo irmão Jean-Alphonse (1839-1919) a cópia de algumas plantas extraídas de "Anotações do irmão Arpin sobre Rosey, La Valla e l'Hermitage". Esse irmão, cujo nome civil é Louis Boutin (1839-1919), deixou um caderno contendo diversas plantas, que reencontramos na *Monografia*. Ele ingressou em l'Hermitage em 1855 e passou por vários estabelecimentos, entre os quais La Valla em 1876 e 1883. Sobretudo, ele parece ter residido em l'Hermitage de 1896 até sua morte em 1919. Encontramos cópias ou adaptações de suas plantas nas p. 8 [49], 9 [54] e 33 [81].[31] Bom número das plantas listadas abaixo tem, sem dúvida, origens diversas.

Pág.	Título	Breve comentário
8 [49]	Vilarejo de La Valla em 1817	Planta um tanto sumária, mas que mostra bem as vias de comunicação. Caderno do irmão Arpin.
9 [54]	Les Gauds em 1824	Planta excelente. A legenda está no final da obra, à p. 121. Caderno do irmão Arpin.
17 [60]	Planta geométrica dos edifícios por volta de 1840 e depois de 1850 (térreo e 1o, 2o e 3o andares)	Legenda à p. 121. (Um erro na paginação corrigido *in extremis*?)
21 [67]	Planta de l'Hermitage em 1824 (térreo e 1º, 2º e 3º andares)	Não há legenda.
30 [62]	Planta geométrica dos edifícios por volta de 1840. Com legenda integrada à planta (térreo e 1º e 2º andares)	A melhor planta de l'Hermitage graças à sua legenda.

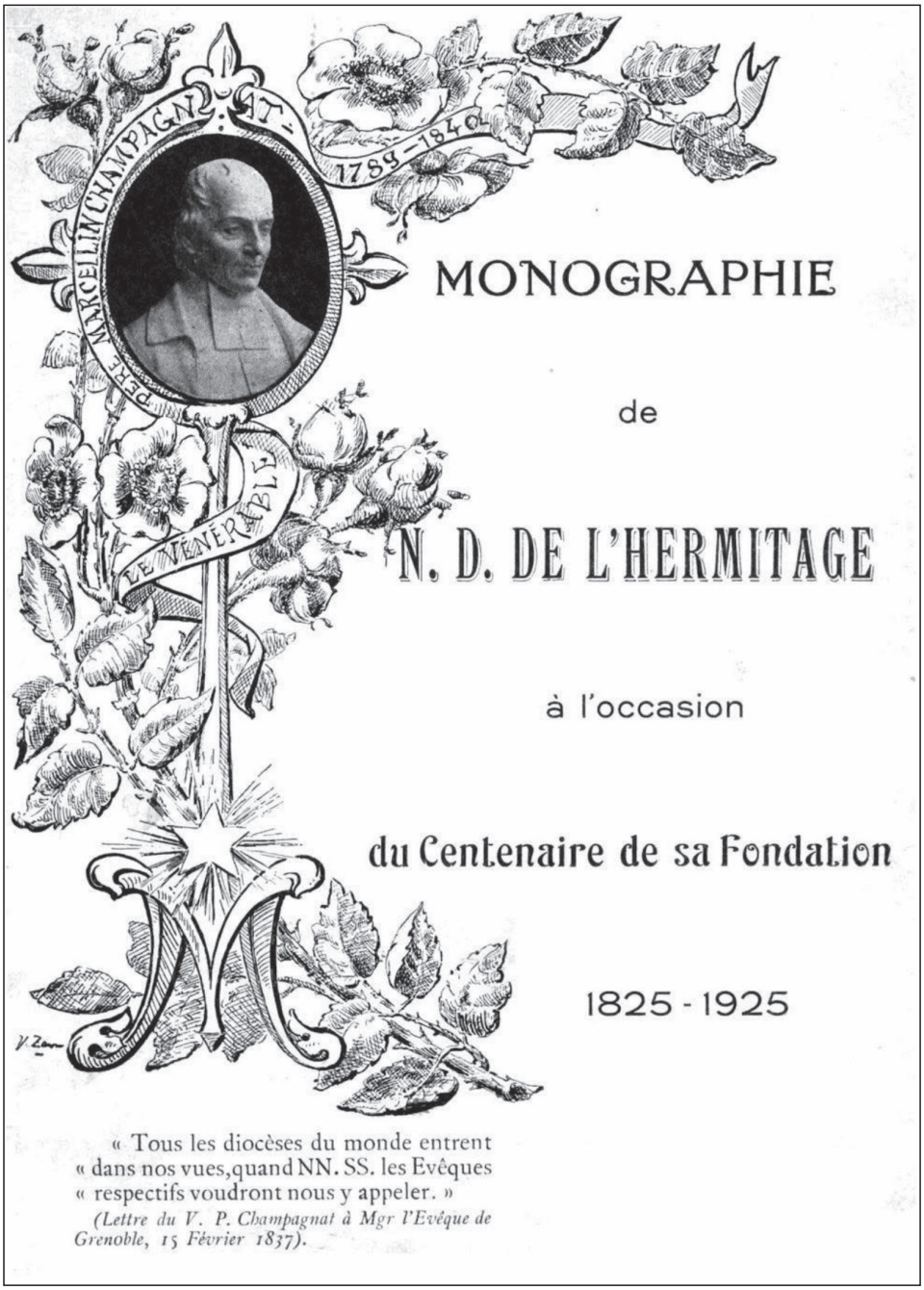
[31] Infelizmente, esse caderno do irmão Arpin foi recentemente extraviado na grande reforma de l'Hermitage no período de sua renovação no início do século XXI, assim como os registros originais das crônicas da casa. Esses documentos talvez não tenham sido definitivamente perdidos, mas nossas recentes pesquisas não nos permitiram recuperá-los.

33 [81]	La Valla. Planta do imóvel comprado pelo venerável padre Champagnat em 1817-1818	Uma excelente vista de conjunto da propriedade e de sua circunvizinhança
35 [84]	Planta das primeiras construções de l'Hermitage	Não muito precisa: legenda incompleta. Comparar com a da p. 21 [67].
119 [162]	Planta de l'Hermitage em 1925	Uma planta precisa e completa: os cinco andares foram levados em conta.
119 [162]	Legenda de uma "prancha 2": seis itens que se referiam à propriedade Patouillard	A planta correspondente não consta da *Monografia*.

Essas plantas foram integradas à *Monografia* com alguma pressa. Daí as legendas sobre a casa de l'Hermitage terem sido colocadas no final da obra ou mesmo simplesmente sacrificadas. Além disso, quase todas essas plantas levam em conta apenas os três primeiros níveis da casa. Dito isso, a despeito desses limites, elas possuem uma utilidade real.

Nosso arquivista Julien Béchard encontrou nos arquivos de Saint-Genis-Laval um documento de 19 páginas intitulado: "Plantas sumárias da casa do pai sobre todos os andares dos diversos prédios. Informações de acordo com os *Annales de l'Institut* do estimado irmão Avit, A. G., secretário geral e analista. E as que foram reunidas pelo estimado irmão Jean-Alphonse (Grapeloup), diretor provincial. 1918-1924".

De fato, esse caderno contém uma dúzia de plantas de l'Hermitage acompanhadas de um histórico da casa: esse documento merece uma publicação rigorosa como complemento da *Monografia*.


PERE MARCELLIN CHAMPAGNAT
1789-1840
LE VENERABLE
MONOGRAPHIE
de
N. D. DE L'HERMITAGE
à l'occasion
du Centenaire de sa Fondation
1825 - 1925
« Tous les diocèses du monde entrent
« dans nos vues, quand NN. SS. les Evêques
« respectifs voudront nous y appeler. »
(Lettre du V. P. Champagnat à Mgr l'Evêque de Grenoble, 15 Février 1837).

2

Monografia de Notre-Dame de l'Hermitage na celebração do centenário de sua fundação – 1825-1925

Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos quando os senhores bispos que as governam quiserem nos convocar.
(Carta do padre Champagnat ao Bispo de Grenoble, 15/02/1827)

2.1 Capítulo primeiro – Fundação e sucessivos aperfeiçoamentos

§ 1. Padre Champagnat deixa La Valla

O Instituto nascente, fundado à custa de mil dificuldades pelo padre Champagnat, o humilde coadjutor de La Valla, saía triunfante de uma tempestade terrível que quase o destruíra.

Maria, a quem essa obra fora consagrada, manteve-a desde seu berço sob sua proteção maternal. Não satisfeita por tê-la salvado do naufrágio, a Boa Mãe abençoou-a visivelmente, multiplicou-a e conferiu-lhe uma prosperidade semelhante à do grão de mostarda que, plantado em uma pequena vila no monte Pilat, à qual ninguém prestava atenção, fecundado pela oração e pelo sacrifício, se tornaria essa grande árvore que, em menos de um século, cobriria com seus ramos generosos todas as regiões do mundo.[1]

[1] Esta introdução é influenciada por numerosos textos maristas, em particular pelo prólogo da obra *Avis, leçons, sentences du Vénéré Père Champagnat* [Conselhos, lições e sentenças do padre Champagnat], do irmão João Batista (1868), que desenvolve a ideia de uma obra que Maria acolheu sob sua proteção. Curiosamente, o autor insiste em uma "terrível tempestade" que ameaçava devorá-la, referência ao



Imagem 1: Vila de La Valla (altitude de 750 m). Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Foto do final do século XIX; a construção do juvenato está concluída. Os livros do Instituto utilizam fotogravuras tiradas desta foto. [AL][2]

A casa de La Valla, berço da nova Congregação, havia acolhido, em 2 de janeiro de 1817, seus dois primeiros candidatos, aos quais se juntaram logo alguns outros. Como a pequena família não parava de crescer, foi necessário ampliar a casa em que moravam.[3]

Logo em seguida, esse modesto local tornou-se insuficiente, e o piedoso Fundador, colocando na divina Providência toda a sua confiança, pensou em fornecer para sua comunidade em constante crescimento uma moradia espaçosa, em condições de maior comodidade. Há tempo havia percebido que, na orla do rio Gier, em um vale atraente, ficava na época, na margem direita, um povoado muito pequeno chamado Les Gauds.

---

primeiro ano de l'Hermitage (1825-1826), marcado pelo conflito entre o padre Courveille e os irmãos, pela doença do padre Champagnat e, finalmente, pela saída dos padres Courveille e Terraillon, os dois sacerdotes inicialmente associados a Champagnat na direção dos irmãos. Por isso, o autor só começará sua narrativa por volta do Dia de Todos os Santos de 1826, quando o padre Champagnat se torna o único superior do Hermitage. [AL]

[2] Os comentários às imagens e às notas são do irmão André Lanfrey [AL]. [n.e.]

[3] Este é um resumo muito breve dos primeiros anos do Instituto, de 1817 a 1825, marcados, entre outras coisas, pela construção de uma ampliação da casa Bonner em 1822. O termo "berço", utilizado para designar La Valla, foi cunhado pelos irmãos, e não pelo padre Champagnat, durante o século XIX. [AL]

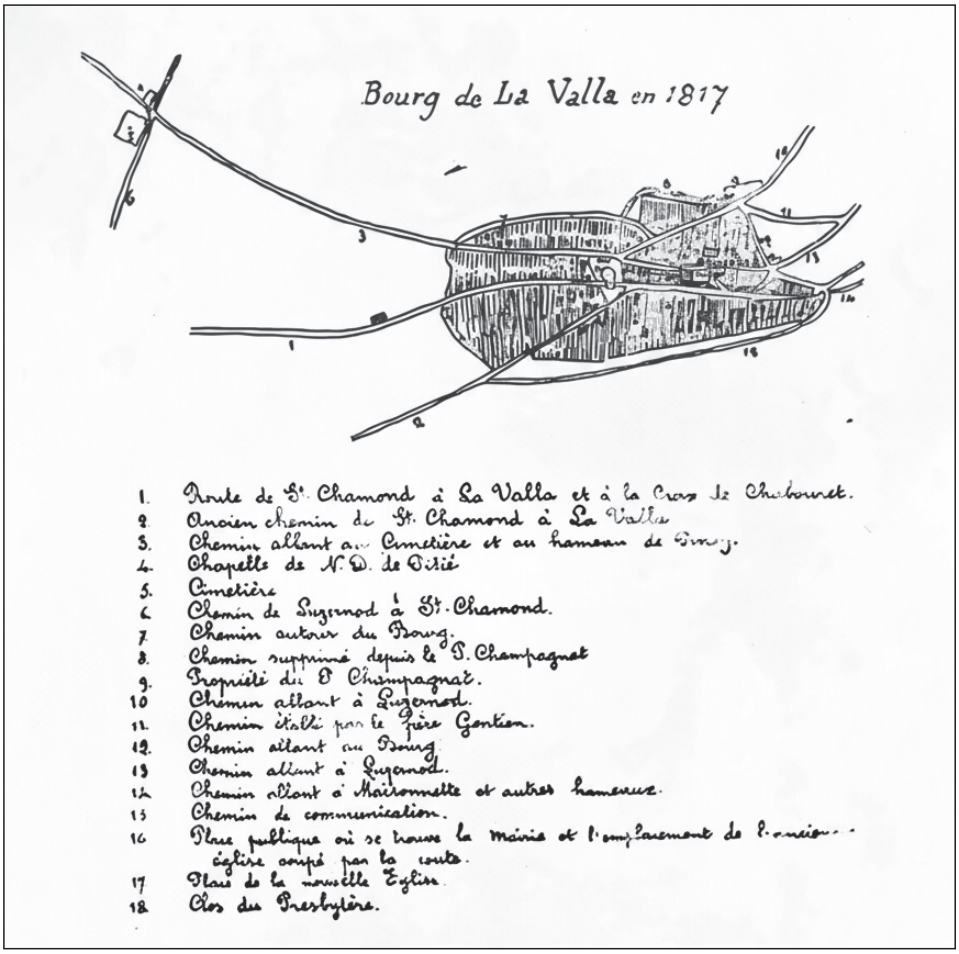


Imagem 2: Vilarejo de La Valla em 1817. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.)[4] Planta um tanto sumária, mas que mostra bem as vias de comunicação. Caderno do irmão Arpin. [AL]. 1. Estrada de Saint-Chamond para La Valla e para Chabouret / 2. Antiga estrada de Saint-Chamond para La Valla / 3. Estrada para o cemitério e para o povoado de Piney / 4. Capela de Nossa Senhora da Piedade/ 5. Cemitério / 6. Estrada de Luzernod para Saint-Chamond / 7. Estrada que circunda o município / 8. Estrada desativada desde o tempo do padre Champagnat / 9. Propriedade do padre Champagnat / 10. Estrada que leva até Luzernod / 11. Estrada criada pelo irmão Gentien / 12. Estrada que leva para o município / 13. Estrada que vai até Luzernod / 14. Estrada que vai para Maisonnette e outros povoados / 15. Caminho de comunicação / 16. Praça pública onde ficam a prefeitura e o local da igreja antiga, cortada pela estrada / 17. Praça da igreja nova / 18. Muros do presbitério

[4] Imagens com essa indicação foram submetidas à inteligência artificial (IA) para melhorar o contraste e a legibilidade. [n.e.]

Com frequência, ao longo de suas viagens a Saint-Chamond, seu olhar se dirigia com grande interesse para esse espaço agreste e cheio de paz: "Como ficaria bem uma casa de noviciado nesta solidão! Lugar tranquilo e muito abençoado para os estudos; se Deus nos abençoar, um dia viremos nos estabelecer aqui".[5]

Em 1824, dom Gaston de Pins foi nomeado administrador da diocese de Lyon. Apresentado a ele pelo bom padre Gardette, seu apoiador e conselheiro, o padre Champagnat encontrou no augusto prelado um protetor que nunca falhou.[6] Desde esse primeiro encontro, o arcebispo colocou a obra sob sua proteção, dirigiu ao Fundador palavras particularmente encorajadoras e acrescentou: "Uma vez que sua casa de La Valla é pequena demais, é preciso construir outra. Prometo-lhe, para isso, algum auxílio".

Esse incentivo chegou na hora certa: nesse período, a obra do bom padre se encontrava em sérias dificuldades e seus críticos eram numerosos.[7] Como não possuíam seu espírito sobrenatural no mesmo teor, chamavam sua bela confiança em Deus de imprudência e de louca temeridade, mas as palavras estimuladoras do arcebispo evidenciavam o dedo de Deus e a proteção de Maria. A obra haveria de sobreviver.

Tomado de novo ânimo, o padre Champagnat, depois de agradecer a Santíssima Virgem em Fourvière, preocupou-se em executar logo seu projeto.[8]

O vale Les Gauds logo voltou, de modo muito natural, à sua lembrança. Todavia, tratando-se de um empreendimento de grande envergadura, de uma construção destinada a se tornar a Casa-mãe da Congregação, o Fundador, em companhia dos principais irmãos, percorreu minuciosamente o local e toda a sua redondeza, a fim de escolher o ponto mais adequado para a realização de seu projeto.[9]

---

[5] O autor se inspira no início do cap. 12 da 1ª parte da *Vida de Champagnat*, p. 116. [AL]

[6] Narrativa inspirada no relato do cap. 11 da *Vida de Champagnat*, p. 108-109, em que o padre Gardette, superior do Grande Seminário de Lyon, serve de intermediário entre Champagnat e o prelado. Assim como na *Vida de Champagnat*, evoca-se um dom De Pins muito favorável. Na realidade, sua atitude foi mais prudente e seu apoio, mais moderado. [AL]

[7] Alusão ao relato que se encontra no início do cap. 11 da *Vida de Champagnat*, p. 106-107. [AL]

[8] Citação quase literal de *Vida de Champagnat*, cap. 11, p. 113. [AL]

[9] O autor interpretou mal o que é dito no início do cap. 12 de *Vida de Champagnat*: foi mais cedo, certamente em 1823, que Champagnat e dois irmãos prospectaram os arredores. Além do mais, é imediatamente após a entrevista com dom De Pins que Champagnat e Courveille compram terrenos em Les Gauds. [AL]

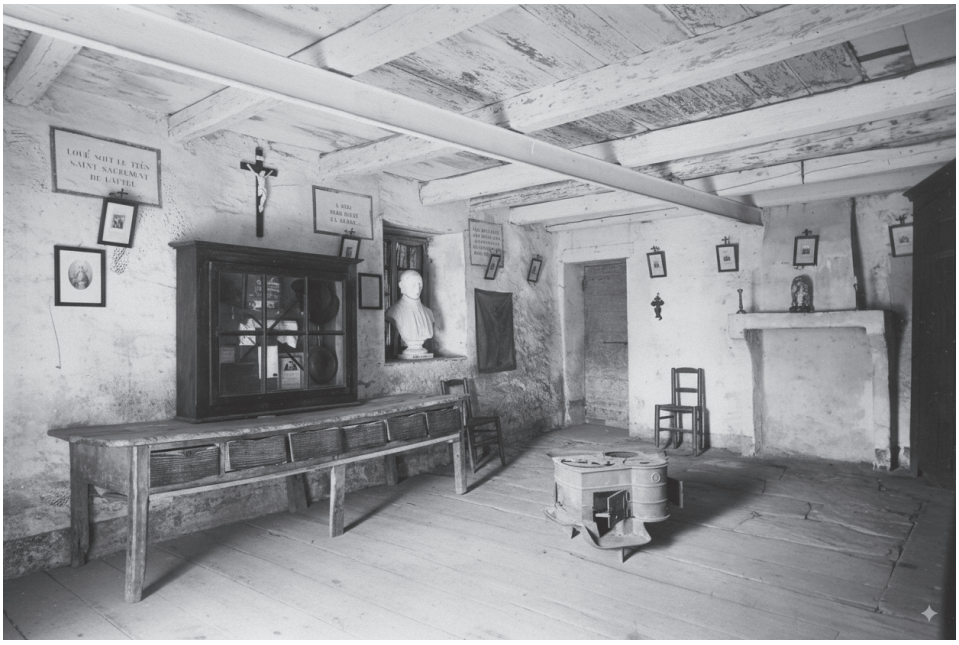


Imagem 3: Refeitório e mesa de refeições. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) É, na verdade, o primeiro oratório dos irmãos transformado depois em quarto do padre Champagnat. [AL]

O vale abençoado, predestinado por Maria para ser a cabeça e o coração de sua querida Obra, conquistou a preferência de todos. Logo ele teve a prova, como veremos adiante, de que o céu compartilhava de sua percepção.

A partir de então, a decisão de Champagnat estava tomada, e nada mais pode dissuadi-lo. Recusou diversas propostas vantajosas que lhe foram feitas. Não dispunha de recursos: a compra do terreno exigia por volta de 12 mil francos e a construção, pelo menos, o quádruplo. Mas esse homem de Deus, animado por uma fé ardente, não hesitou diante do empreendimento, apesar de todos os cálculos humanos. Seu superior lhe havia dito: "Siga em frente, construa". Para ele, tais palavras tinham força de ordem, e pensava apenas em obedecer. A Providência recompensou generosamente sua fidelidade, e pôde dizer, antes de morrer, que jamais lhe faltaram recursos nos momentos de real necessidade.[10]

[10] Retomada do início do cap. 12, p. 117, e de diversos outros trechos dos cap. 11 e 12, da *Vida de Champagnat*. [AL]

§ 2. Um fato extraordinário

Como Maria escolheu pessoalmente o vale Les Gauds, depois chamado Notre-Dame de l'Hermitage, para fazer dele um lugar abençoado e o centro da nova Congregação? A resposta está no fato que vamos narrar, cujo relato foi anexado às atas do processo apostólico para a causa da beatificação do padre Champagnat.

Um senhor de 80 anos, residente em Izieux, certo dia, passeava na estrada que, partindo de l'Hermitage, continua montanha acima e dá acesso ao caminho que leva até La Valla. Nesse trajeto, ele se encontrou com o bom irmão Tibère, jardineiro da casa, e, como é natural entre pessoas dessa idade, a conversa se deu sobre coisas do passado.

"Eu sei de coisas maravilhosas a respeito das origens de seu convento — disse o octogenário a seu interlocutor —. Quando eu era jovem, todo mundo comentava a respeito disso na região."

Entre outras coisas, ele se pôs a contar o seguinte:

> O padre Champagnat, enquanto procurava um lugar propício para a construção do prédio principal, fez um exame detalhado do local em que hoje se encontra l'Hermitage. Inesperadamente, descobriu no meio das rochas, perdida entre os arbustos que a escondem, uma estátua da Santíssima Virgem, que ele demorou para conseguir pegar. Perplexo e extasiado ao mesmo tempo, correu para a casa do carpinteiro, que ficava, como algumas outras, nas margens do rio Gier:
>
> — Empreste-me uma escada — diz-lhe o padre —, encontrei um tesouro.
>
> — Então, vamos dividi-lo, — disse o carpinteiro, a quem a descoberta do padre deixou espantado.
>
> — Ó! Não! — disse-lhe o padre — Não dá para dividir esse tesouro.
>
> O padre Champagnat pegou a estátua, mostrou-a para o honesto vizinho e retornou a La Valla de posse de seu precioso tesouro.
>
> Alguns dias depois, ele passou novamente pelo mesmo local e ficou surpreso ao rever a estátua no mesmo lugar. Uma discreta e minuciosa pesquisa o convenceu de que ninguém havia tocado na estátua: ela voltou por conta própria a seu local primitivo. Todos se encontravam diante de um fato incomum que permite muitas hesitações. De modo visível, Maria tinha acabado de interferir para fazer com que o bom padre escolhesse esse local para construir a casa projetada.

Os santos sabem reconhecer o dedo de Deus. Esse acontecimento extraordinário destacava de modo evidente os grandes desígnios da Provi-

dência sobre a obra nascente. Seguro do apoio do céu, de então em diante, o Fundador prosseguiria com incansável tenacidade, apesar de todos os obstáculos, na concretização do empreendimento iniciado.

Esse mesmo fato é também relatado pela reverenda madre superiora geral das Irmãs da Sagrada Família, e sua santidade o Papa Bento XV o menciona por ocasião da proclamação do decreto sobre a heroicidade das virtudes do padre Champagnat.[11]

§ 3. Les Gauds[12]

Já dissemos que um pequeno povoado denominado Les Gauds ocupava, no fundo do vale que atraiu o olhar de Champagnat, uma parte da margem direita do rio Gier, então pertencente à cidade de Izieux. Na margem oposta terminava, nesse ponto, o território de Saint-Martin-en-Coailleux, a cidade vizinha. Esse local não possuía construções: algumas áreas cultivadas se esparramavam aqui e ali nas encostas das colinas, e, mais abaixo, depois de trechos cultivados de terra chamados de "Propriedade dos Coulauds", ficava o vale estreito e pitoresco onde cresciam arbustos e moitas à sombra protetora dos rochedos sombrios. Só o rio Gier, cujas águas claras corriam deslizando entre as rochas, os cascalhos e os pedregulhos que ficavam rolando, interrompia a calma e a paz com seu sereno murmurejo. Alguns caminhantes se refugiavam por lá na bela estação, quando o bosque ficava coalhado de flores e os pássaros faziam ouvir seu suave trinar.[13]

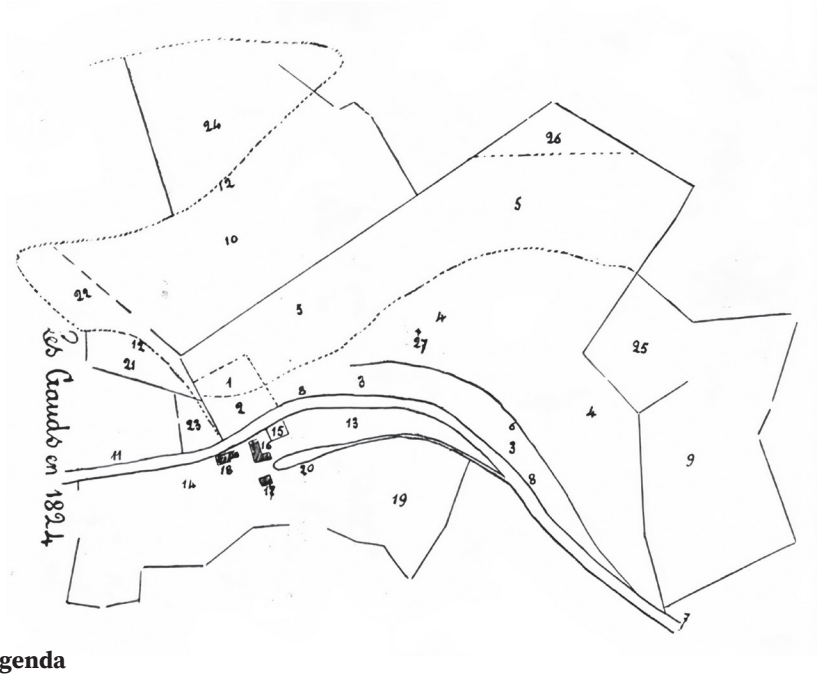
---

[11] É surpreendente que a tradição dos Irmãos Maristas, que não era avessa a relatos de prodígios, não tenha retido este, em que a tradição oral popular se mistura a elementos históricos. Pode-se concluir disso que, para o padre Champagnat, a escolha do local do l'Hermitage decorreu de uma motivação espiritual, e não apenas de razões práticas. [AL]

[12] Na edição original da *Monografia*, a legenda não estava na mesma página da planta, mas no final do volume, imediatamente antes do índice remissivo. Tratou-se sem dúvida de um esquecimento, corrigido tardiamente e de forma inadequada. O irmão Jean Rousson reposicionou a legenda junto à planta, o que é lógico. [AL]

[13] Esta descrição está incompleta: existe, em frente ao que se tornará o l'Hermitage, uma oficina que o senhor Patouillard comprou no mesmo momento que Champagnat. Manifestamente, o autor quis justificar o nome "Hermitage" como se o local fosse solitário. Mas isso é inexato. Talvez tivesse sido ocupado outrora por um eremita, mas quando o padre Champagnat ali se instala, o local não está realmente isolado: há em frente três construções, e Saint-Chamond se encontra bem perto. Além do mais, Champagnat busca se aproximar de Saint-Chamond por razões práticas. O nome "Hermitage" compensa de certa forma, simbolicamente, este tropismo em direção à cidade e a vias de comunicação mais fáceis. [AL]

Les Gauds em 1824



Legenda

1. Rochedo a poucos metros do Gier
2. Espaço em que foi construída l'Hermitage
3. Pradaria ao longo do Gier
4. Terrenos de bosque
5. Cadeia de rochedos a partir do número 1, de difícil acesso
6. Canal de irrigação
7. Represa de água no Gier
8. Trilha que foi abandonada (apesar de não admitido, foi suprimida com reclamações)
9. Terreno de bosque adquirido pelo padre Champagnat em 1835
10. Terra, bosque e campo adquiridos pelo padre Champagnat em 1836
11. Caminho para Saint-Chamond
12. Caminho para o rochedo
13. Campo e pomar
14. Campo, bosque e vegetação rasteira
15. Jardim e horta
16. Casa na qual os tecidos eram preparados
17. Casa assentada no rochedo
18. Casa na qual o padre Champagnat morou no período da construção
19. Pradaria
20. Eclusa
21. Terreno não cultivado no qual havia duas castanheiras
22. Terra
23. Pradaria
24. Terreno pouco cultivado
25.Terreno adquirido do senhor Lyonnet

Imagem 4: Les Gauds em 1824. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Planta excelente. Caderno do irmão Arpin. [AL]

Assim que tomou posse desse lugar abençoado, o Fundador lhe deu o nome doce e gracioso de Notre-Dame de l'Hermitage.[14]

Les Gauds possuía na época três construções: a primeira a leste, onde nasce o Sol, era de uma fábrica para produção de tecido. Construída em 1668, passou por várias mãos até que, por volta de 1820, a excelente família Théollière acabou vendendo a um tal de Patouillard.[15]

A segunda construção era uma forja equipada com um grande martelo para malhar o ferro. A própria canalização da água do rio permitia acionar o moinho e o martinete.[16]

Por fim, a terceira, assentada no rochedo, era uma casa de moradia muito simples.[17] O padre e os irmãos que trabalharam na construção do novo edifício a escolheram como moradia, sem se preocupar com seu péssimo estado. Por esse motivo, tiveram de sofrer muito durante todo o ano em que moraram lá. Como escolheu para si mesmo o último lugar e impossibilitado de encontrar um cantinho para sua cama, o padre se ins-

---

[14] Na realidade, o local foi inicialmente denominado "L'Hermitage de Notre-Dame", talvez inspirado no relato do Apocalipse 12 e na mística Maria de Ágreda (1602-1665), significando a vontade de fazer do l'Hermitage uma cidade mariana. Ver LANFREY, André. Maria d'Agreda e as origens da Sociedade de Maria: Colin e Champagnat, leitores de *A cidade mística de Deus*. Cadernos Maristas, n. 42, nov. 2024, p. 11-39. [AL]

[15] Este tipo de oficina servia para o desengorduramento das lãs: daí o seu nome: "pisava-se" (*foulait*) as lãs com os pés. Na verdade, a oficina de Les Gauds era equipada com uma roda hidráulica com uma árvore de cames que fazia levantar e cair mãos-de-pilão, substituindo o pisoteio com os pés. Este tipo de moinho era comum nas regiões de indústria de lã. Outra grafia: Thiollière. Patouillard compra não por volta de 1820, mas em 1824, aproximadamente quando os padres Courveille e Champagnat compram os terrenos em frente. Ver SESTER, Paul. (ed.). *Origines des Frères Maristes*. Vol. 3. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi, 2011, doc. 646, p. 418-420. [AL]

[16] Uma planta de l'Hermitage mostra que existia sobre o rio Gier uma barragem (ver foto da p. 11 no original), parcialmente destruída hoje, mas ainda visível. Dessa barragem partia um canal que terminava em um pequeno tanque ligeiramente elevado em relação ao martinete da forja e à roda do moinho. Em princípio, a palavra "martinete" serve para designar as forjas equipadas com martelos movidos pela força hidráulica. [AL]

[17] A *Vida de Champagnat* não fala dos dois primeiros edifícios, e o que diz o autor da *Monografia* é valioso. Ele se inspira no que a *Vida de Champagnat* afirma sobre a habitação provisória de Champagnat e dos irmãos durante a construção, por cerca de um ano, segundo se diz, o que é muito verossímil, uma vez que a comunidade de La Valla se instala em l'Hermitage em maio de 1825; cf. *Vida de Champagnat*, cap. 12, p. 119-120. Mas o número de irmãos trabalhando deve ter variado muito, e o padre Champagnat certamente se ausentava com frequência, notadamente porque suas funções vicariais ainda duraram algum tempo. O fato é que, de maio de 1824 a maio de 1825, até o Dia de Todos os Santos, data de retorno às aulas, a comunidade permanente deve ter sido numerosa em l'Hermitage. Depois, La Valla voltou a ser o centro da comunidade até maio de 1825. [AL]

talou em um tablado exposto às correntes de ar e coberto apenas por um beiral. Aí dormiu todo o verão, e passou as noites de inverno no estábulo.

Esse local, situado a 400 m de altitude, não era de acesso mais fácil do que a vila de La Valla. No entanto, a inexistência de um caminho direto a Saint-Chamond obrigava a seguir o rio Gier pela margem direita,[18] então pela esquerda, e, finalmente, voltar para a direita. Esse roteiro pitoresco tinha preferência sobre o caminho que, descendo de La Valla, passava então muito acima do atual.[19]

O padre Champagnat adquiriu os terrenos contíguos à sua construção. A norte e a leste, erguia-se uma massa imponente de rochedos. Bem esparsas, encontravam-se pequenas matas nas encostas íngremes. No sopé desse lugar agreste, ficava estendida a faixa verde de uma planície acompanhando o curso do rio. Não havia obras de contenção no leito do rio Gier, mas, nas margens, duas fileiras de árvores projetavam sobre as águas cristalinas a sombra ondulante de suas copas. Enquanto numerosas árvores frutíferas não viessem prosperar nessa terra virgem, os irmãos cultivavam em sua horta os legumes, que constituíam a base de sua alimentação.[20] Uma tomada de água do rio permitia a irrigação.[21]

---

[18] Essa estrada ainda existe. É impressionante constatar que, ainda hoje, o acesso a Notre-Dame de l'Hermitage é difícil, uma vez que a estrada à margem do Gier é muito estreita e o acesso à estrada de 1836 é complicado à altura da ponte, bem como para seguir em direção a La Valla. [AL]

[19] A estrada a meia encosta que se utiliza hoje, a partir do bairro do Creux, pode ter sido traçada em 1836. Provavelmente nessa época foram construídas a ponte sobre o rio Gier e a estrada que liga Notre-Dame de l'Hermitage à nova estrada para La Valla. [AL]

[20] Os registros contábeis de l'Hermitage permitem conhecer razoavelmente bem a dieta dos irmãos. Ver LANFREY, André. De Lavalla a l'Hermitage: crise inicial e lenta mudança material. *Cadernos Maristas*, n. 31, mar. 2013, p. 125-131. Na realidade, era preciso comprar cereais, batatas, carne de porco... A propriedade permite, na melhor das hipóteses, prover legumes, pois as encostas são pouco adequadas a uma agricultura intensiva. A casa parece nunca ter criado porcos. [AL]

[21] A captação de água é um tema complexo. No projeto de Prospecto de junho de 1824, diz-se que, quando se dispor de uma boa captação, será possível receber órfãos para lhes ensinar um ofício. Cf. HERREROS, Juan Pedro. *La Regla del Fundador*: sus fuentes y evolución. Roma: Casa General, 2013 (FMS Studia n. 2). p. 25-29. Isso significa que Champagnat previa, como na outra margem, construir um canal e uma queda d'água capazes de fornecer energia hidráulica. Porém, o nascente Instituto nunca disporia de tal equipamento. Vemos simplesmente, em uma planta, uma espécie de valeta traçada no prado que margeia o Gier e que provavelmente permitia irrigá-lo. O acesso de l'Hermitage à água do Gier foi, portanto, limitado. Além disso, carecemos de uma história precisa da contenção das margens (*endiguement*) do Gier. O irmão Avit nos informa que os irmãos o fizeram de seu lado (eles não eram proprietários da margem esquerda) entre 1825 e 1830. Mas essa contenção sem dúvida foi refeita várias vezes, pois o Gier, que ainda não era regulado por barragens, tinha cheias violentas. Certamente também enfrentava secas. Mas, curiosamente, as fontes do Instituto não mencionam isso, exceto nas crônicas de La Valla. [AL]

Na parte baixa das encostas, havia muitos carvalhos. Sob sua sombra, o Fundador improvisou uma capela, feita de tijolos. Foi nesse ambiente rústico, sob as copas densas e silenciosas, que, pela primeira vez, envolto no sibilar da folhagem dos carvalhos, cantou-se o *Salve Regina*,[22] o hino do encontro e da união que os discípulos de Champagnat, de então em diante, iriam entoar em todas as regiões do globo. Às vezes, um transeunte madrugador, atravessando a estrada, parava admirado ao sentir tomar conta de todo o vale a harmonia desse concerto bucólico e piedoso. Muitos não conseguiam controlar a emoção e prosseguiam sua caminhada muito edificados, julgando estarem ouvindo os anjos de Deus.[23]

§ 4. Diversas aquisições

A propriedade de Notre-Dame de l'Hermitage foi depois ampliada com um bom número de compras, feitas inicialmente em nome dos padres Champagnat e Courveille. Quando este deixou definitivamente l'Hermitage, fez a cessão de seus direitos ao padre Champagnat.[24] A partir dessa data tudo ficou sob a administração de Champagnat até o dia em que, sentindo sua morte próxima, fundou uma Sociedade Civil composta por alguns irmãos.[25]

Tudo andou muito bem até 1903, época em que o administrador da falência colocou à venda a casa e a propriedade de l'Hermitage. Mas a Providência estava vigilante: ela inspirou insignes benfeitores a constituir uma nova Sociedade Civil, que nomeou o senhor Jacques de Boissieu como presidente e fez a compra dos imóveis.

---

[22] Há risco de anacronismo. Não se trata ainda do *Salve Regina* cantado pelos irmãos a partir de 1830. Este aqui está integrado à oração da manhã, sem o caráter que esse hino vai adquirir com a Revolução. [AL]

[23] Este parágrafo foi extraído da *Vida de Champagnat*, cap. 12, p. 120-121. A existência dessa capela é bem atestada e sua localização, aproximadamente definida. Mas, aparentemente, não resta qualquer vestígio arqueológico dela. Por outro lado, é difícil de entender por que foi construída com tijolos – material pouco comum e caro, enquanto a propriedade dispunha de madeira – e porque não se sabe o que lhe aconteceu depois. [AL]

[24] Ver o documento de cessão de direitos em SESTER, *Origines des Frères Maristes*, vol. 3, doc. 655, p. 436-438; e PERRIN, Eric. Nascimento de l'Hermitage de Champagnat em Gaux: de acordo com os arquivos do Sr. Finaz (1824-1841). *Cadernos Maristas*, n. 32, maio 2014, p. 133-160. Padre Courveille cede seus bens a Champagnat durante um encontro em Chavanay, em setembro de 1826. Cf. LANFREY, ANDRÉ. Os projetos da Sociedade de Maria em Charlieu em 1824 e 1829. O pároco de Perreux e o padre Courveille. *Cadernos Maristas*, n. 37, maio 2019, p. 41-54. [AL]

[25] Ato oficial de 22 de março de 1840. Ver RONZON, Jean. *Chronologie mariste*: édition 2010. Roma: Maison Générale, 2010, p. 139. [AL]

Assim, os locais cheios de tão preciosas recordações e testemunhas de tantos trabalhos, suores e sacrifícios do Fundador, e de irmãos do primeiro século, passaram às mãos de nossos amigos que merecem nosso total reconhecimento.[26]

§ 5. Construção do primeiro prédio

Depois da compra do terreno em que deveria ser construído o edifício tão desejado, o padre Champagnat e alguns irmãos iniciaram muito determinados a construção. Para fazer o alicerce do novo edifício, a primeira coisa a fazer foi a limpeza do terreno, desfazendo-se do mato e das pedras e nivelando o terreno. Em seguida, sob a direção dos senhores Roussier, mestre de obras, Matricon, carpinteiro, e Robert, pedreiro profissional, deu-se início aos trabalhos.



Imagem 5: L'Hermitage em 1840. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Essa litografia, cujo autor é conhecido, foi muitas vezes reproduzida, mas datada com variações. É, na verdade, uma reconstituição tardia de l'Hermitage por um gravador.[27] [AL]

[26] Ver LANFREY, André. Benfeitores do padre Champagnat e do Instituto. *Cadernos Maristas*, n. 29, maio 2011, p. 61-78. [AL]

[27] Ver LANFREY, Benfeitores do padre Champagnat e do Instituto, p. 65.

Os demais ajudantes de pedreiro e o padre Champagnat ficaram encarregados dos serviços ligados à alvenaria. Os irmãos se encarregaram apenas dos trabalhos secundários: extração das pedras, preparação da argamassa e serviços de ajudantes dos pedreiros.

O padre Cholleton, novo vigário-geral, foi dar a bênção na colocação da primeira pedra em maio de 1824. A nova construção foi levantada apenas na ala sudeste, na metade da ala nordeste e na parte rente ao rio até a atual cozinha.[28]

Os trabalhos foram executados com energia. O bom padre dava o exemplo de atividade e de entusiasmo extraordinários, que testemunhavam o zelo ardente que ele dedicava à obra de Deus. O primeiro a começar o trabalho, sempre era o último a deixá-lo. No dizer do senhor Roussier, ninguém realizava mais tarefas nem as executava melhor do que ele.

A comunidade se levantava todos os dias às 4 horas. Depois de oração e de meditação fervorosas, o bom padre celebrava a Santa Missa debaixo dos carvalhos, em uma capelinha rústica dedicada à Santíssima Virgem. Apenas o celebrante e os pedreiros tinham lugar nesse santuário muito pequeno, enquanto todos os demais ficavam do lado de fora, qualquer fosse o clima. Mesmo assim, a piedade não diminuía: chegaram até a dizer que o ar livre e os incômodos estimulavam o fervor. Foi nesse período que, após a Missa, os irmãos começaram a cantar o *Salve Regina*.[29]

Como em La Valla, a alimentação era das mais frugais: pão de centeio, legumes, queijo, oferecidos por gente bondosa, e a água do rio Gier para beber. No entanto, todos se sentiam felizes, porque trabalhavam para Deus, que sentiam presente ao lado deles e cuja lembrança era evocada pela oração a cada hora.

No outono, foi colocado telhado da nova construção. O inverno foi dedicado à finalização do interior do edifício. Na primavera de 1825, a Casa-mãe estava pronta.

Os móveis pobres de La Valla serviram para mobiliar a casa com o máximo de simplicidade e, em maio, ela começou a ser habitada. A comu-

---

[28] Esses três parágrafos se encontram nos *Annales de l'Institut*, t. 1, 1824, § 53-54. O restante se inspira na *Vida de Champagnat*, cap. 12, p. 116-127. [AL]

[29] Pelo que sei, essa afirmação a respeito da *Salve Regina* não figura nem na *Vida de Champagnat* nem nos *Annales de l'Institut*. O autor, porém, parece atribuir grande importância a essa tradição. [AL]

nidade cuidava então de alguns internos. A família religiosa do padre Champagnat contava, na época, com 40 irmãos e 12 postulantes, além de 22 irmãos que se dedicavam às suas escolas.[30]

Os discípulos de Champagnat ficaram logo conhecidos na redondeza como os "irmãos azuis" devido à cor de seu hábito. Só em 1827, foi-lhes dado o hábito atual.

§ 6. Capelas provisórias

Capela do bosque. Enquanto aguardavam o final da construção da casa, eles utilizaram, ao longo de 1824 e 1825, a capela construída no bosque. Ela foi feita de tijolos, com colunas de madeira, pavimentada e coberta com telhas comuns. Sua área total era de 12 m^2.

Um antigo móvel de carvalho, muito bem conservado, servia ao mesmo tempo de credência e altar. Tinha 1,60 m de comprimento, 0,65 m de largura e 0,85 m de altura, com duas pequenas portas que se abriam na parte da frente. Sobre essa cômoda havia quatro pequenos castiçais de cobre, um pequeno crucifixo do mesmo metal e, sobre um pedestal fixado na parede, uma estátua de gesso da Santíssima Virgem.

Um sino, pendurado no galho de um carvalho, na frente da capela, anunciava os exercícios.

A capela se situava no caminho que hoje vai para o cemitério, perto do local onde hoje se ergue a casa do jardineiro. Ela se encontrava, portanto, no meio do bosque, sendo a encosta da colina coberta por carvalhos quase até o rio Gier.[31]

Como coadjutor de La Valla, o bom padre devia celebrar a Santa Missa todo domingo na igreja paroquial; os irmãos iam até Izieux ou, se preferissem, até La Valla. Ainda é possível mostrar aos piedosos peregrinos a credência e o sino, testemunhas desses tempos de fervor e de santa alegria.[32]

---

[30] Informação extraída dos *Annales de l'Institut*, t. 1, 1825, § 3. [AL]

[31] É improvável que a capela do bosque estivesse situada a tal distância da casa. Em todo caso, nunca houve uma investigação arqueológica sobre eventuais fundações. [AL]

[32] Ver *Annales de l'Institut*, t. 1, 1825, § 51, que situa essa capela e fornece suas dimensões. O texto acima nos oferece uma precisão interessante: ela possuía uma estrutura de madeira e preenchimento de tijolos. Isso significa que, nesse momento, os trabalhos de terraplenagem, que poderiam ter fornecido pedra, ainda não haviam sido iniciados. Avit diz justamente: "fez-se primeiro um oratório". As informações precisas sobre o mobiliário provêm da *Vida de Champagnat*, cap. 12, p. 120. Sobre a segunda capela, ver *Annales de l'Institut*, 1825, § 3. [AL]

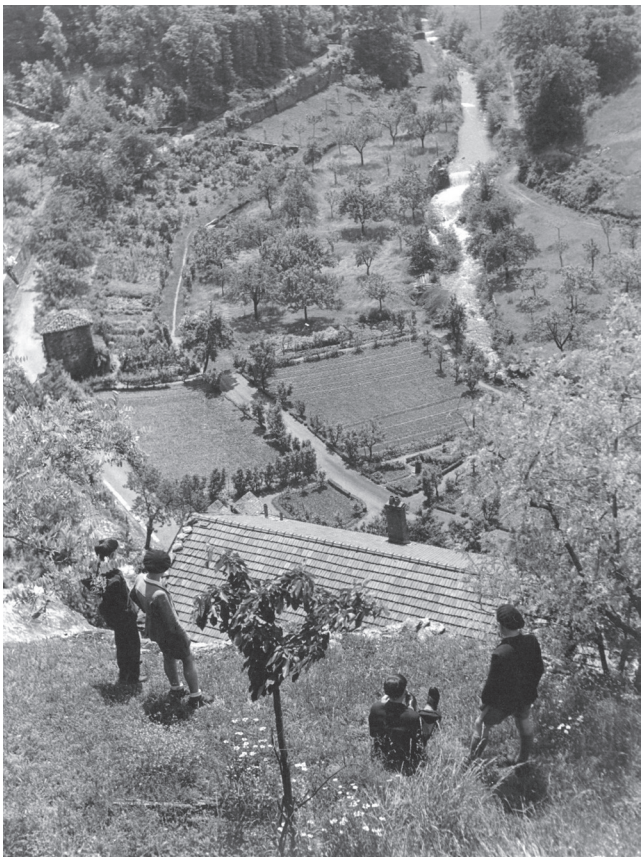


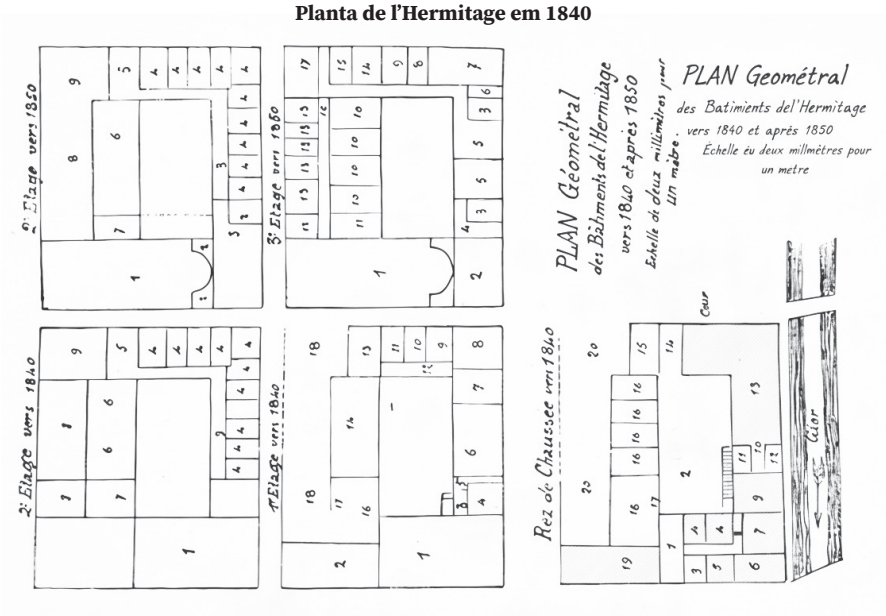
Imagem 6: Casa do jardineiro construída no local da capela do bosque. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Boa representação da propriedade na primavera. Quanto à capela de 1824, não há certeza de sua localização. [AL]

Segunda capela provisória. Desde que foi possível habitar a casa, uma nova capela substituiu a capela do bosque. Ela se situava no primeiro andar, tinha 8 m de comprimento e 5m de largura e ocupava o lugar onde hoje ficam os cômodos reservados ao rev.mo irmão superior, ao caríssimo irmão assistente e a um terceiro quarto. Três janelas que davam para o pátio interno iluminavam o interior durante o dia. Os cômodos eram separados por tábuas. Os irmãos e os noviços se sentavam em bancos, e um pequeno órgão portátil, pertencente ao padre Courveille, acrescentava solenidade às celebrações.

O quarto do padre Champagnat ficava em um canto da construção perto da capela e era iluminado por uma única janela.

Essa capela foi utilizada por quatro meses, e esse tempo serviu para organizar a capela que se tornaria definitiva.

Planta de l'Hermitage em 1840



Legenda

Térreo
1. Entrada
2. Pátio
3. Porteiro
4. Parlatórios
5. Quarto
6. Quarto
7. Salão
8. Corredor
9. Cozinha
10. Corredor
11. Despensa
12. Lavatório
13. Refeitório
14. Corredor
15. Escada
16. Caves
17. Escadas
18. Padaria
19. Habitação
20. Rochedo

Primeiro andar
1. Capela
2. Habitação
3. Corredor
4. Sacristia
5. Escadas
6. Sala
7. Sala de aula
8. Sala de aula
9. Quarto
10. Quarto
11. Quarto
12. Corredor
13. Escada
14. Oficina
15. Escada
16. Depósito
17. Rochedo

Segundo andar
1. Capela
2. Lavandaria
3. Corredor
4. Quartos
5. Escada
6. Livraria
7. Escada e depósito
8. Rochedo e vazio
9. Rochedo

Imagem 7: Planta geométrica dos edifícios por volta de 1840 e depois de 1850 (térreo e 1º, 2º e 3º andares). Abaixo da imagem, legenda com o significado de cada número das plantas. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. De fato, encontra-se uma planta bastante complexa de Notre-Dame de l'Hermitage, de 1840 e 1850, que inclui uma numeração dos diversos ambientes, mas sem que se conheçam suas denominações. O quadro explicativo foi relegado a um anexo, ao final do documento. Muito logicamente, o irmão Jean Rousson transferiu esse quadro para junto da própria planta. A planta de 1850 é a mesma de 1840, exceto a capela, indicada pelo n. 1. Trata-se de uma planta incompleta: não há menção a um terceiro pavimento para 1840, e permanecem andares (o 4º e 5º) que não foram considerados. A rocha ainda está muito presente no primeiro e no segundo pavimentos. A capela de 1840, recém-inaugurada, encontra-se claramente localizada, enquanto já não se percebe qualquer vestígio da capela de 1825. Enfim, essa planta, embora de interpretação bastante difícil, é instrutiva. Contudo, não conhecemos o documento original nem sabemos por que razão foi elaborado. [AL]

§ 7. Capela de 1825

Essa capela, concluída e preparada para o culto divino, foi abençoada em 15 de agosto de 1825 pelo padre Dervieux, pároco de Saint-Chamond. Esse venerável arcipreste, representante do dom Gaston de Pins, administrador da diocese de Lyon, teve como concelebrantes o padre Farge, pároco de Izieux, e o padre Bedoin, pároco de La Valla.

Nessa ocasião, o bom padre Dervieux presenteou a capela com um conjunto de castiçais destinados a ornamentar o altar-mor e que foram utilizados no dia da bênção do novo santuário.

O padre Champagnat, que desejava tanto ter uma capela mais adequada para celebrar o santo sacrifício e dar maior esplendor às cerimônias religiosas, encontrava-se no auge da felicidade, e, unido a toda a comunidade, fazia elevar aos céus fervorosas ações de graças.

Essa capela dominava a casa. Ocupava, no ângulo nordeste, a atual escadaria, farmácia e cozinha da enfermaria, e possuía 20 m de comprimento, incluindo a tribuna, e 7 m de largura.

O santuário, iluminado por duas janelas com vidro colorido, era coberto por uma cúpula de tijolos com molduras; dela pendia a luminária do santuário. De cada lado, ao longo da parede, foram colocados assentos para os sacerdotes e para os cantores, e uma banqueta para o celebrante.

A estátua de Nossa Senhora, colocada em um nicho, atrás do coro, ficava visível para toda a capela. Não seria natural que a imagem de Maria presidisse a todos os exercícios religiosos e que para ela convergissem os olhares afetuosos de tantos bons irmãos, uma vez que a casa levava o nome de Maria e se orgulhava, a justo título, de pertencer totalmente a ela?[33]

As estações da via-sacra foram canonicamente instaladas na nova capela, em 7 de setembro de 1827, pelo padre Champagnat, que para isso recebeu delegação do dom Gaston de Pins.[34]

§ 8. Padre Dervieux

Vimos que o padre Julien Dervieux, pároco arcipreste de Saint-Chamond, foi delegado por dom Gaston de Pins para benzer a capela de Notre-

[33] Ver *Annales de l'Institut,* t. 1, 1825, § 4-7. [AL]

[34] Não parece que tenha havido uma bênção solene do cemitério. Ver o registro mortuário em SESTER, *Origines des Frères Maristes,* vol. 3, p. 301; e *Mémorial ecclésiastique,* p. 363. [AL]

-Dame de l'Hermitage. Não parece fora de propósito darmos aqui alguns detalhes sobre esse venerável sacerdote que "até a morte, demonstrou ser o protetor e o benfeitor da Congregação, o pai dos irmãos e o amigo do piedoso Fundador".

As crônicas de nossa região infelizmente não trazem nenhum documento relativo à infância ou à primeira parte do ministério do padre Julien Dervieux. Sabemos apenas, baseado em uma inscrição da capela da cruz, na igreja São Pedro, em Saint-Chamond, que ele deve ter nascido em 1753, e que, por volta de 1780, seus superiores o nomearam pároco de Saint-Ennemond. Mas a tormenta revolucionária e antirreligiosa fechou a igreja e pôs fim à paróquia em 1791. O restabelecimento do culto teve de aguardar o ano de 1802.

O que aconteceu com o padre Dervieux nesses anos terríveis?

Só nos foi possível estabelecer um único pormenor: ele se refugiou em Constance. De fato, foi nesse local de exílio que lhe chegou a carta pela qual um grupo de habitantes de Saint-Chamond suplicava-lhe, depois do 9 do Thermidor,[35] que voltasse para o meio deles. Esse veemente apelo testemunha toda a afeição que o zeloso pastor soube inspirar em seus paroquianos de Santo Ennemond.

Seu texto nos diz: "O senhor foi nosso amigo, nosso consolador, nosso pai. Volte, então, nosso caro e digno pastor! Venha para junto de nós desfrutar em paz de suas virtudes, nos edificar por sua conduta e nos orientar..."

O padre Julien Dervieux retornou para o meio de suas ovelhas, mas encontrou sua antiga igreja arruinada pela metade... Mais tarde, em 1804, após o falecimento do pároco de São Pedro, Antoine Chaland, foi chamado para suceder o sacerdote falecido como arcipreste. Ele governou com grande sabedoria a paróquia de São Pedro: governar é perfeitamente o termo adequado, se compreendermos que governar é ser ao mesmo tempo firme e bondoso, ter espírito empreendedor e preparar o futuro. Isso mesmo, o padre Dervieux possuía esse conjunto de qualidades; sua atividade em seu ministério apostólico nos dá testemunho disso. Com efeito, graças a uma dedicação sem limites, ele criou ou restaurou vários

[35] A queda de Robespierre, no fim de julho de 1794, levou ao término progressivo do terror revolucionário. [AL]



Imagem 8: Igreja São Pedro, em Saint-Chamond. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Era a principal igreja, da qual era pároco o padre Dervieux. [AL]

estabelecimentos hospitalares e organizou sobre bases sólidas o ensino primário, chamando para sua paróquia os Irmãos das Escolas Cristãs.

Assim que foi informado da obra do padre Champagnat, o padre Dervieux, interessado no progresso da Congregação, não só lhe testemunhou sua simpatia, mas colaborou com ele em todas as oportunidades.

Basta um único fato para mostrar sua generosidade e o afeto que tinha pela nova família: por ocasião da doença do bom padre Champagnat, em 1825, para tranquilizar os credores, assumiu as dívidas provenientes da construção de l'Hermitage. Fez mais: quando o doente pôde ser transportado, levou-o para sua casa, com receio de que a pobreza do local não permitisse aos irmãos proporcionar os cuidados que seu estado exigia.

Caridoso e generoso, assim era o padre Dervieux: essas virtudes tinham sua fonte em uma sólida e atuante piedade. Teve "a felicidade", de acordo

com sua própria expressão, de impedir que a iniquidade revolucionária pusesse fim à insigne relíquia de Santo Ennemond.

Em 6 de agosto de 1810, ele pediu à autoridade diocesana, "para consolo dos habitantes e de um grande número de estrangeiros que iam constantemente visitá-lo", para expor esse tesouro à veneração dos fiéis na igreja de São Pedro. Depois de uma pesquisa sobre a autenticidade da relíquia comandada por uma Comissão, de que foi membro o padre Sancelot, pároco de Rive-de-Gier, foi concedida a autorização para sua exposição em 26 de setembro de 1811.

O padre Dervieux faleceu em 15 de janeiro de 1832, com 79 anos. Sua morte colocou em grande luto toda a cidade de Saint-Chamond.

O coração do antigo pároco de Santo Ennemond e de São Pedro foi disposto na capela da cruz dessa igreja. Podemos ver ainda no cemitério de Saint-Chamond a tumba em que repousam seus restos mortais.[36]

§ 9. Capela de 1836

A bênção divina e a proteção de Maria tinham multiplicado os discípulos do padre Champagnat. A obra prosperava e se expandia; novas escolas eram fundadas. Foi preciso ampliar a Casa-mãe, e logo pensou-se, para substituir a capela, que tinha ficado pequena demais, em construir uma maior e mais durável.

Na localização da atual capela, um grande rochedo, que pertencia ao senhor Montellier, servia de fechamento para o pátio interno, cuja entrada ficava ao lado do rio Gier, no lugar da cozinha atual.

Depois de adquirir esse rochedo, o padre Champagnat começou a quebrá-lo com a ajuda dos irmãos mais fortes, e logo se levantou um novo edifício, que, com o prolongamento da ala oeste, construída ao mesmo tempo, completou o quadrilátero dos atuais edifícios.

A capela nova foi abençoada no final do retiro de 1836 por dom Pompallier, bispo de Maronée e vigário apostólico da Polinésia. Estavam presentes

[36] Essa biografia do padre Dervieux apaga por completo a forte oposição que ele manifestou à obra do padre Champagnat nos anos 1820, a qual é documentada na *Vida de Champagnat*, cap. XI, e em LANFREY, André (ed.). *Documento Bourdin*: sobre as origens do Instituto Marista. Curitiba: Memorial Marista, p. 13. Disponível em: https://archivum.grupomarista.org.br/archivum/vinculos/0000ef/0000ef94.pdf. Acesso em: 12 fev. 2026. [AL]

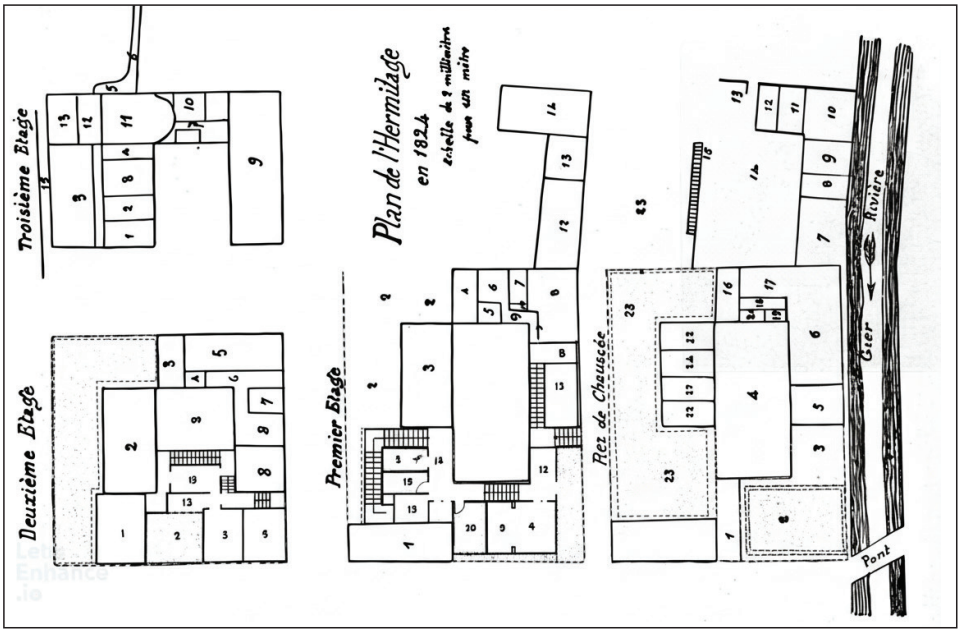


Imagem 9: Planta de l'Hermitage em 1824 (térreo e 1º, 2º e 3º andares). Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Embora os ambientes da casa estejam numerados, não há nenhum quadro explicativo que indique o significado desses números. Apesar dessas insuficiências, observamos que existe uma ponte no ângulo da casa, que ao sul se observa uma espécie de pátio ladeado por edificações e que uma escada talhada na rocha permite o acesso ao primeiro pavimento. Vemos também a capela do terceiro pavimento (n. 11, 12 e 13), dividida em três partes: o coro e o espaço ocupado pelos irmãos; em seguida, a nave destinada aos leigos, separada dos irmãos pela clausura conventual; por fim, a tribuna para os leigos. Dito isso, essa planta certamente não foi elaborada em 1824, mas muito mais tarde; parece ser da mesma época que as plantas anteriores. Há, sem dúvida, boa dose de conjectura na disposição dos ambientes. Cf. *Annales de l'Institut*, t. 1, 1824, § 70, p. 49: uma descrição precisa da casa construída em 1824; ver também 1827, § 60, p. 72: os acréscimos de edificações diante da casa. [AL]

na cerimônia, além do padre Champagnat e dos padres maristas da casa, os párocos de São Pedro de Saint-Chamond, de Saint Martin-en-Coailleux, de Izieux e de La Valla.

Sua excelência pronunciou o sermão de circunstância e, após a celebração do santo sacrifício, celebrou a Confirmação de quinze postulantes.

Segue a descrição dessa capela que o venerado irmão Francisco nos legou:[37]

[37] Ver *Annales de l'Institut*, 1836, § 147-160. O irmão Avit nada diz sobre as litanias. [AL]

> Ela tem por volta de 20 m de comprimento, 10 m de largura e 11 m de altura. O senhor Ravery, de Saint-Chamond, realizou as pinturas. Doze colunas coríntias, em afresco, com cornija de gesso sobressalente no alto, embelezam o santuário. Entre cada coluna estão medalhões em afresco, com algumas invocações das ladainhas de Nossa Senhora representadas por símbolos:
>
> Do lado do Evangelho: 1) *Rosa mystica*, uma bela rosa; 2) *Regina martyrum*, uma coroa real entre duas palmas entrelaçadas em uma coroa de rosas; 3) *Turris davidica*, uma torre; 4) *Auxilium christianorum*, uma cruz e uma espada entrelaçadas.
>
> Do lado da Epístola: 1) *Janua coeli*, uma porta aberta; 2) *Stella matutina*, uma estrela; 3) *Regina virginum*, dois lírios entrelaçados em uma coroa de rosas, sob outra coroa; 4) *Sedes sapientiae*, uma cátedra com uma pomba em cima; 5) *Consolatrix afflictorum*, uma videira cheia de frutos, enrolada em uma cruz.
>
> A via-sacra, doação do padre Gourdiat, pároco de São Policarpo, em Lyon, foi instalada pelo próprio doador, a pedido do padre Champagnat. Um comovente sermão foi pronunciado na ocasião.
>
> O lado da Epístola é ocupado por um altar em que domina uma estátua de Santa Filomena, em madeira dourada. Ela segura em uma mão uma palma e na outra, uma flecha.
>
> Há ainda dois confessionários: o da antiga capela, perto da porta de entrada, e, na frente dele, o que o padre Champagnat mandou instalar para a capela nova. Mais belo e maior do que o outro, está ornado na frente com seis colunas com moldura na parte de cima e uma cúpula que o cobre, com um globo com uma cruz.

§ 10. O altar-mor

No início, foi utilizado o altar da capela antiga.[38] Depois, em 1837, foi substituído por outro, para combinar melhor com o santuário. Foi feito por um marceneiro de Saint-Chamond. O que se queria sobretudo era acrescentar a ele um tabernáculo que devia ser enviado de Vienne-en-Dauphiné. Esse móvel soberbo havia sido posto à venda durante a Revolução, assim como vários outros objetos de igreja. Uma pessoa o adquiriu em uma praça pública, salvou-o de ser incendiado e o conservou.

[38] Esse altar de linhas barrocas data do século XVIII. Atualmente encontra-se em Roma, servindo de altar para a capela dos superiores. O altar de 1836 compõe a capela atual. [AL]



Imagem 10: Virgem do jardim. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Não há legenda. Trata-se da estátua de Nossa Senhora das Vitórias, comprada pelo irmão Francisco em sinal de gratidão pela autorização do Instituto em 1851. Ela foi recentemente deslocada. [AL]

O tabernáculo (propriamente dito), em formato semicircular, pode ser dividido em três partes: o tabernáculo como tal, a parte central e a cúpula.

A porta do sacrário é dourada. Na sua parte inferior está representada uma mesa sobre a qual está o Agnus Dei circundado de raios e deitado sobre o livro dos sete selos, em meio a uma nuvem. A meia altura, na parte superior, um triângulo com raios luminosos representa a Trindade.

Acima da porta estão dois anjos, um de cada lado; eles têm uma das mãos estendida para o alto e para o meio, segurando um círculo pelo qual passa o cordão de uma grinalda que cai de cada lado da porta. A outra mão segura um frasco.

Em seguida, à direita e à esquerda, há duas colunas caneladas no alto; as bases estão envoltas por ramos de vinha talhados em relevo. Depois das colunas, nas duas faces laterais do tabernáculo, estão dois ramos de oliveira atados na base com uma fita; na parte voltada para o estrado, em cada lado, há duas colunas semelhantes às outras; no meio delas se estende

uma grinalda. A base do tabernáculo está enfeitada com vinhetas e a base das colunas, com anjos. No alto das colunas e do tabernáculo, uma cornija coríntia.

A parte central, logo acima do sacrário, está ornamentada com quatro colunetas: entre elas, na face dianteira, há uma cesta de uvas com ramos de videira e, nas faces laterais, um cordeiro segurando uma cruz entre as pernas dianteiras.

A cúpula ou parte superior está pintada com folhagens na frente e nos lados, limitadas por nervuras. Na parte mais alta se encontra uma prancha quadrada, em relevo, sobre a qual está posta a cruz do altar.[39]

§ 11. O aparador da sacristia

Esse altar, que o bom gosto do artista dotou de grandeza e de majestade, sem excluir a elegância das linhas e a harmonia dos dourados, exigia um complemento que combinasse com tudo.

Champagnat, que estava próximo de seus últimos dias, teve a felicidade de ver a instalação de uma bela credência na sacristia, a mesma que ainda se vê hoje. Um mês antes de falecer, ele pôde ir à capela para adorar o Santíssimo Sacramento e foi até a sacristia ver o móvel lá colocado fazia pouco tempo.

> — Agora deve estar contente, disse ao irmão sacristão, pois tem uma credência bonita e prática para guardar os paramentos.
>
> — Sim, padre, respondeu o irmão, mas ficaria muito mais satisfeito se ela pudesse servir ao senhor.
>
> — Não, caro amigo, atalhou o padre, não é a mim que servirá. Pouco importa, servirá a outros.[40]

O livro dos *Annales* [de l'Hermitage] nos oferece a descrição a seguir dessa credência:

> Ela tem pés de 15 cm de altura. É composta de várias prateleiras de madeira; é possível tirá-las para guardar e retirar os ornamentos que, em seguida são fechadas por duas portas. À direita e à esquerda fica um tipo de armário em

[39] Que esse rico tabernáculo provenha da catedral de Vienne, saqueada durante a Revolução, é uma hipótese bastante verossímil, jamais comprovada. [AL]

[40] *Vida de Champagnat,* cap. 21, p. 218. [AL]

que são guardados diversos objetos utilizados no culto. O comprimento total do móvel é de 3 m com 1,20 m de profundidade e 1,07 m de altura.

Quatro pilastras servem de apoio para as quatro portas, e, chegando até o frontão, servem de ornamento à fachada. Esse frontão, coroado por uma cornija coríntia, traz na parte inferior o monograma de Maria. A credência é igualmente enfeitada com molduras na fachada.

§ 12. Capela de 1875

Calculava-se que a capela construída pelo padre Champagnat resistiria por muito tempo e serviria como testemunha para muitas gerações que se reuniriam em sua nave.

Infelizmente, apesar do trabalho e da dedicação desenvolvidos no período da construção da capela em 1836, o padre Champagnat não conse-



Imagem 11: Coro da capela atual, em 1925. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Trata-se da capela construída em 1877. [AL]

guiu, por falta de recursos suficientes, dar ao edifício uma solidez à prova de todos os riscos, o que teria permitido a ele durar séculos. O rápido crescimento do Instituto e da comunidade de l'Hermitage exigiam uma capela mais espaçosa. Aliás, vários indícios, logo percebidos, provavam que as paredes estavam vergando e se distanciando. Profissionais competentes concluíram que seria imprudente continuar se reunindo no recinto da capela.

Os superiores hesitaram por muito tempo em permitir a reconstrução, mas terminaram consentindo relutantemente. Essa capela era, no dizer do rev.mo irmão Francisco, o grande relicário do padre Champagnat, onde costumava celebrar a Santa Missa com tanto fervor. Era muito custoso separar-se de um local duplamente caro e que, a muitos que haviam conhecido o Fundador, lembrava o tempo abençoado das origens.

No entanto, tomada a decisão, deu-se início à demolição. Os ofícios eram celebrados provisoriamente nas salas do noviciado. Logo se fizeram descobertas alarmantes: as vigas que sustentavam o piso do porão superior estavam carcomidas. Várias eram compostas de três partes reunidas por simples tábuas pregadas. Essas vigas tinham cedido e repousavam sobre os arcos que sustentavam o teto da capela. Submetidas a todo esse peso, os próprios arcos haviam pressionado as paredes. Uma das treliças[41] que sustentavam o teto se apoiava apenas nas paredes com uma única ponta. Com tudo isso fragilizado, o próprio telhado se encontrava em péssimo estado.[42]

Só mesmo uma intercessão da Santíssima Virgem havia mantido em pé essa capela e preservado seus filhos de um acidente terrível...

O cuidado de definir os planos da nova capela foi confiado ao irmão Théodore, arquiteto da Congregação.[43] Colocou nesse projeto todo o seu coração e todo o seu talento e conseguiu construir uma obra-prima de elegância e de bom gosto.[44]

---

[41] Estruturas de madeira em forma de triângulo. [AL]

[42] Texto provavelmente extraído dos *Annales de l'Hermitage*. Mostra que a capela de 1836 foi construída com certa negligência e, sem dúvida, com precipitação, pois devia comemorar a constituição da Sociedade de Maria em 1836 e celebrar os primeiros missionários que partiam para a Oceania. [AL]

[43] Nas crônicas das casas, o irmão Avit fala frequentemente desse irmão, que não era arquiteto de profissão, mas que certamente se havia instruído na prática. Avit reprova suas estimativas excessivamente otimistas. [AL]

[44] Essa imagem do coro da capela oferece uma boa ideia de sua decoração excessivamente carregada, que já não tinha mais nada a ver com a decoração de 1836, a qual exprimia a teologia espiritual do

Irmão Barlaam, sacristão, dedicou um zelo admirável para coletar os fundos necessários. Os generosos benfeitores prometeram suas contribuições, e os trabalhos foram iniciados.

Bênção da pedra fundamental

As demolições foram conduzidas com grande presteza e, em 27 de maio de 1876, houve condições de se proceder à cerimônia da bênção da pedra fundamental. Nesse dia, todos os rostos refletiam uma forte sensação de alegria e júbilo. O rev.mo irmão Francisco sentia-se em total uníssono com seus filhos e foi tomado por emoções muito fortes ao ser convidado para assentar a pedra fundamental. Ele o fez em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, de São Joaquim, de Sant'Ana e do padre Champagnat.

Após a cerimônia, o empreiteiro se dirigiu ao irmão Francisco dizendo que ele devia aos presentes alguns litros de vinho.[45] "Tudo bem! — retrucou o irmão Francisco — Tomem seu refresco e que a construção siga em frente!"

Bênção da capela

Os pedreiros se empenharam em mostrar que a generosidade do rev. mo irmão Francisco equivalia para eles a uma segunda bênção! E foi assim! Após um ano e alguns meses de trabalho ininterrupto, a capela nova estava pronta para a bênção solene. Foi fixada a data de 15 de agosto de 1877. A escolha do dia da Assunção de Maria foi brilhante! A indicação dessa data para sua festa patronal não seria para todos os filhos de sua família ao mesmo tempo um presságio e uma doce recordação, pois lembrava outra data que assistira à bênção da primeira capela, em 15 de agosto de 1825?

Um traço comum de união iria reunir o presente ao passado e dar o testemunho de que as tradições se perpetuam.

Unida em um pensamento comum e em um só coração ao rev.mo irmão superior geral e a todos os primeiros irmãos, a comunidade se preparou para essa bela cerimônia por um retiro de alguns dias, do qual participaram cerca de cinquenta irmãos vindos das escolas.

---

padre Champagnat. Estranho que dessa decoração primitiva não tenha sobrevivido nenhum documento iconográfico. Reconhece-se o frontal do altar em estilo Luís Filipe, que havia sido instalado em 1836 e conservado até nossos dias. [AL]

[45] Prática habitual para encorajar os operários, mais do que um simples brinde oficial. [AL]



Imagem 12: Capela Nossa Senhora da Piedade. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Encontra-se fora da vila de La Valla, perto do cemitério. [AL]

Na manhã do grande dia, por volta das 9 horas, o rev.mo padre Souteyran, superior do colégio de Saint-Chamond, procedeu à cerimônia de acordo com as prescrições da liturgia. Ele foi assistido pelos rev.mos padres Rabier e Corompt, capelães, e dois outros sacerdotes do colégio.[46]

Estavam presentes: o rev.mo irmão Francisco, antigo superior geral, o rev.mo irmão Luís Maria, superior geral; o caríssimo irmão Théophane, assistente da Província; o caríssimo irmão Félicité, assistente de Saint-Genis-Laval; o caríssimo irmão Euthyme, antigo assistente da Província; De Boissieu, prefeito de Saint-Chamond; Freydet, médico; Balas filho; o caro irmão Marie-Junien, visitador; o caro irmão Amphien, diretor provincial; o caro irmão Azarias, mestre de noviços; o caro irmão Platonide, ecônomo; o caro irmão Barlaam, sacristão; o caro irmão Romain, maestro do coral; os irmãos retirantes e toda a comunidade.[47]

[46] Trata-se da comunidade dos Padres Maristas da escola Sainte Marie, de Saint-Chamond. [AL]

[47] Estamos na época da separação oficial da Província do Centro em duas províncias: l'Hermitage e Saint-Genis-Laval. A bênção da nova capela pode ser entendida como uma espécie de ressurreição de l'Hermitage enquanto casa provincial. [AL]

O interior da capela havia sido decorado para esse momento solene: numerosas bandeiras e escudos ocupavam provisoriamente o lugar das estátuas que chegariam mais tarde; cortinas balançavam nas janelas que aguardavam os vitrais.

Terminada a bênção, uma Missa solene com diácono e subdiácono foi cantada. Uma cerimônia muito comovente e sempre impressionante veio em seguida: 32 postulantes, "com o coração cheio da mais viva alegria", entregaram-se a Deus na família da Santíssima Virgem, vestindo o hábito de irmãozinho de Maria. Em seguida, os retirantes renovaram seus votos religiosos.

À tarde, cantaram-se as Vésperas e realizou-se a tradicional procissão de 15 de agosto seguida de bênção solene. Um *Te Deum* entusiasmado ecoou para dar graças a Deus por um dia que, principiado na alegria, sob os auspícios de Maria, terminava deixando atrás de si grandes esperanças. Durante muito tempo, a lembrança dessa magnífica festa sobreviveu na memória das felizes testemunhas, mantendo-os, segundo as palavras de Davi, em uma festa permanente.

Entretanto, esperou-se até 7 de outubro seguinte para começar o uso da capela nova. Enquanto se aguardava a decoração essencial, os exercícios do culto continuaram a ser celebrados na capela provisória.

Descrição da capela

A capela atual ocupa quase toda a extensão do edifício do lado noroeste, que dá para o pequeno caminho pelo qual se chega a Saint-Chamond. Atrás do santuário, do qual ficam separados por um corredor, os quartos dos capelães terminam essa ala noroeste, e suas janelas se abrem, no primeiro andar, para o rio Gier.

A capela se situa no primeiro andar, apesar de uma leve subida do lado da entrada permitir chegar até ela pelo piso térreo. Ela foi construída no mais puro estilo romano. Seu comprimento total é de 28,70 m, sendo 8,55 m ocupados pelo presbitério, 13 m para a parte reservada à comunidade e 7,25 m para os fiéis. A nave tem 10,45 m de largura e 12,50 m de altura a partir da abóbada: três arcos a dividem, separados por reforços e meias-colunas sobre as quais são colocadas as estátuas dos quatro evangelistas.



Imagem 13: Entrada principal da casa e lado do noviciado. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Essa é a fachada norte da casa, antes que a capela do padre Champagnat a tivesse modificado depois de 1955. [AL]

O coro ou presbitério, em semicírculo, produz um belo efeito. Seu piso se eleva com um nível;[48] já sua abóbada é um pouco mais alta. Uma porta de cada lado dá acesso a uma pequena sacristia, sobre a qual fica uma tribuna para os doentes.

O altar-mor, feito em 1837, é dedicado à Boa Mãe. É amplo, esculpido em madeira, com um tabernáculo ricamente dourado sobre ele. Mantém-se conservado com grande piedade, porque o padre Champagnat aí celebrou a Santa Missa nos últimos anos de sua vida.

Sobre o altar, em um nicho de mármore branco, uma bela Virgem, com cetro e coroa, estende seus braços protetores.[49] É Nossa Senhora de

[48] De um degrau. [AL]

[49] Não corresponde à imagem atual da Virgem com o Menino, colocada aproximadamente no mesmo local desde a reestruturação da capela nos anos 1980–1990. Esta Virgem de estilo sulpiciano típico encontra-se atualmente na entrada da capela. [AL]

l'Hermitage, Rainha e Padroeira da casa e de todo o Instituto dos Irmãozinhos de Maria.

Em cada extremidade da mesa de comunhão ficam os altares, em mármore branco, do Sagrado Coração, do lado do Evangelho, e de São José, do lado da Epístola. Suas duas estátuas, de grande dimensão, dominam toda a nave; estão dentro de um nicho de mármore branco.

Mais embaixo, no primeiro arco e de cada lado, em dois pequenos nichos colocados debaixo dos vitrais e ornados com molduras, ficam estátuas de Menino Jesus de Praga e de Santa Filomena.[50]

Sobre a porta de entrada da comunidade, no segundo arco, encontra-se uma tribuna de madeira artisticamente esculpida e decorada com estatuetas e medalhões. O acesso a essa porta é feito por uma escada fora da capela.[51]

O espaço correspondente ao terceiro arco é reservado aos fiéis. Uma bela balaustrada de madeira a separa do restante da nave. Ali, em um cofre dourado e vidrado, o corpo de São Prisciliano, mártir, fica exposto para a veneração dos fiéis,[52] assim como o túmulo do padre Champagnat e o do irmão Francisco, que estão um de frente para o outro, cercados por uma grade.

A balaustrada que separa o público da comunidade tem 10,45 m de comprimento e 2,35 m de altura, com uma porta com duas folhas cortadas que podem servir como mesa de comunhão. Formada de painéis prolongados por colunatas finas, ela adiciona graça à sua leveza.[53]

A luz invade o edifício por cinco janelas gradeadas com colunas: três na parede a noroeste, uma na fachada e outra sobre o pátio interno. São ornadas com belos vitrais, de grande bom gosto, representando cenas da vida de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem, elaborados nas oficinas do senhor Mauvernay, em Saint-Galmier.[54]

---

[50] Essa santa, inventada pelas pesquisas nas catacumbas romanas e celebrada pelo cura d'Ars, foi retirada do calendário atual. O conjunto de estátuas e pinturas oferece uma boa ideia da religiosidade na França no final do século XIX. [AL]

[51] Esse mobiliário se encontra desaparecido. [AL]

[52] Tal relíquia foi trazida de Roma por dom Epalle antes de sua partida para a Oceania. [AL]

[53] É preciso lembrar que, em l'Hermitage, prevalece a clausura monástica, à qual o irmão Francisco dá grande importância. [AL]

[54] Não se trata, a rigor, de vitrais, mas de vidros pintados, menos caros e que permitem uma arte bastante figurativa. [AL]



Imagem 14: Túmulo do venerável padre Champagnat. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Construído após sua exumação quando do processo de canonização, nos últimos anos do século XIX. [AL]

O primeiro vitral do lado da Epístola representa o Menino Jesus no meio dos doutores, e, no compartimento vizinho, o interior de Nazaré: Jesus perto de Maria, trabalhando com madeira sob a direção de São José.

Os dois mistérios da Anunciação e da Apresentação no Templo estão representados na segunda janela. Mais embaixo, a janela do terceiro arco oferece a nossos olhos a Visitação da Santíssima Virgem e a cena comovente de Jesus abençoando as crianças.

A janela que dá para o pátio interno representa a adoração dos pastores e Jesus mostrando seu coração. A janela da fachada, dividida em três compartimentos por duas colunas, nos mostra, ao meio, o Pai Eterno coroando Maria, e nos dois outros, Jesus Cristo dando as chaves a São Pedro e São Bento oferecendo seu mosteiro a Nosso Senhor que, em troca, lhe oferece um lírio.

Estes três últimos vitrais vieram de uma capela de Rive-de-Gier.

Inauguração da via-sacra, novembro de 1877

Apesar de totalmente coloridos e apresentando multiplicidade de tons com predominância do azul escuro, que serve de fundo para as imagens, esses vitrais não impedem que a capela seja tão iluminada quanto é espaçosa. Sob os raios do sol, uma luz azulada tremula nas paredes em que resplandecem as pinturas das telas da via-sacra.

Ela foi inaugurada solenemente em 8 de novembro de 1877, festa das Santas Relíquias, pelos rev.mos padres capelães com toda a comunidade reunida na capela.

O rev.mo padre Rabier, com algumas palavras concisas, lembrou a origem da via-sacra, suas vantagens e suas indulgências. Depois, o acólito que levava a cruz, os demais acólitos, os portadores dos quadros das estações, todos paramentados, desfilaram em procissão. Diante de cada estação, depois de fixado o quadro no local previamente preparado, o rev.mo padre fazia um resumo do mistério e fazia as orações de uso. A cerimônia se encerrou com a bênção da verdadeira cruz. Os quadros que compõem essa via-sacra são magníficos, muito expressivos e parecem ter conservado todo o seu frescor, como que para comunicar melhor a piedade e as santas inspirações que nossos antecessores sentiram diante deles.

Bancos e decoração da capela

O mobiliário foi perfeitamente completado com 26 bancos de carvalho, muito bem-feitos, em perfeita harmonia com o conjunto da capela. Foram fabricados em Gibles[55] por Antoine Labrosse.

A decoração da capela prosseguiu em 1890. Victor Zan, renomado artista de Saint-Etienne, pintou com grande talento uma fila dupla de imagens de santos nas paredes do presbitério. Na parte de baixo, ele representou, dispostos frente a frente, São Potino e Santo Irineu, padroeiros da diocese de Lyon, depois São Pedro e São Paulo, o Anjo da Guarda e São Miguel. No alto, no centro, encontra-se uma pomba representando o Espírito Santo e, em cada lado, colocadas frente a frente, Sant'Ana e Santa Filomena, São Luís de Gonzaga e o Bem-aventurado Chanel, São João Batista e Santo Estêvão.

[55] Cidade de Saône-et-Loire, ao norte dos departamentos do Rhône e da Loire. O marceneiro é provavelmente parente do irmão Luís Maria. [AL]

Em 1896, após o rápido crescimento da comunidade de l'Hermitage, foi colocada uma grande tribuna sobre a parte reservada para os fiéis. Os órgãos ali foram instalados no ano seguinte, e a nave foi totalmente decorada.[56]

Depois foi instalada a eletricidade na capela, em toda a sua extensão e particularmente no presbitério com seus focos invisíveis. Nos dias de grandes festas, o santuário fica inundado com luzes: a iluminação é deslumbrante. Grinaldas de pequenas lâmpadas circundam a estátua da Virgem e delineiam os arcos das tribunas destinadas aos doentes. Castiçais e candelabros realçam as pinturas, as flores e as decorações do altar. É magnífico o efeito produzido.

"Nada é belo demais para Deus, para Nosso Senhor na Eucaristia", era a divisa do padre Champagnat. Tomados pelos mesmos sentimentos, seus discípulos souberam realizar o ideal de seu querido pai. Irmão Barlaam se responsabilizou totalmente por essa bela obra. Não contente em dedicar seus bens pessoais ao embelezamento desse santo edifício, soube também interessar os benfeitores. Graças à sua dedicação e à generosidade deles, conseguiu mobiliar ricamente a capela e a sacristia, e reunir magníficos ornamentos e preciosos vasos sagrados.

A capela de l'Hermitage fica nos limites de três paróquias: Saint-Martin-en-Coailleux, La Valla e Izieux. A igreja desta última localidade fica a meia-hora de distância mais ou menos; as das duas outras, a uma hora. No inverno e quando o tempo está ruim, os fiéis da vizinhança participam em grande número dos ofícios em l'Hermitage.

Os órgãos

Para realçar o brilho das cerimônias religiosas, foi utilizado, pouco depois da chegada em l'Hermitage, de um pequeno órgão de tubo. Em 1849, foi substituído por um harmônio.

O senhor Irénée Brun, de Saint-Chamond, tendo herdado, em 1874, de seu tio, cônego titular da catedral de Lyon, um órgão de seis jogos, no valor de 4 mil francos, o cedeu a l'Hermitage por 2 mil francos. Irmão Barlaam, sacristão, o aceitou em nome da comunidade, e, no final, o senhor Bruno presenteou com esse montante.

---

[56] É provável que essa tribuna tenha desaparecido. [AL]

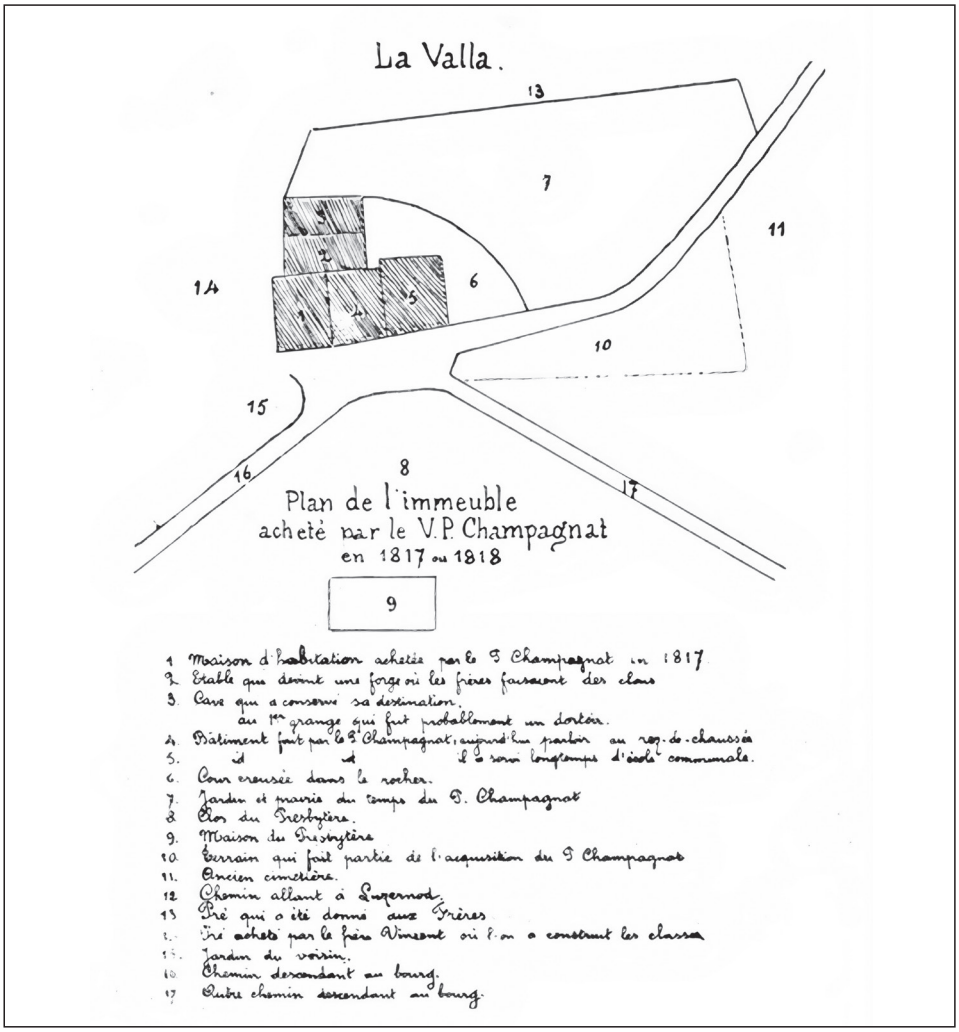


Imagem 15: La Valla. Planta do imóvel comprado pelo venerável padre Champagnat em 1817-1818. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Excelente vista de conjunto da propriedade e de sua circunvizinhança. [AL] 1. Casa para moradia comprada pelo padre Champagnat em 1817 / 2. Estábulo que se tornou uma forja na qual os irmãos fabricavam pregos / 3. Porão que manteve seu destino como granja, que provavelmente foi um dormitório / 4. Construção feita pelo padre Champagnat, hoje portaria no piso térreo; foi por muito tempo escola municipal / 5. Idem / 6. Área cortada do rochedo / 7. Horta e pasto no tempo de Champagnat / 8. Claustro do presbitério / 9. Casa do presbitério / 10. Terreno que integra a compra do padre Champagnat / 11. Antigo cemitério / 12. Caminho para Luzernod / 13.Área que foi doada aos irmãos / 14. Área que foi comprada pelo irmão Vincent. Nela foram construídas salas de aula / 15. Horta do vizinho / 16. Caminho que leva até a cidade / 17. Outro caminho para a cidade

Depois da reconstrução da capela, o órgão foi remontado e ampliado pelo senhor Beaucourt, de Villeurbanne, mediante 2 mil francos.

Em 1885, o senhor Merklin, de Lyon, restaurou o órgão e o recolocou na pequena tribuna, acrescentando-lhe dois jogos.

Nesse ínterim, foi usado um mediofone produzido pelas oficinas dos senhores Dumon e Lelièvre des Andelys.[57]

Infelizmente a capela um dia devia ser privada desses instrumentos preciosos. Em 1903, quando as congregações foram expulsas, o órgão foi vendido em Saint-Genis-Terrenoire e o mediofone, em Boën.[58]

Principais benfeitores da capela nova

A gratidão nos impõe o doce dever de conservar os nomes dos benfeitores que contribuíram para a reconstrução e a decoração da capela. Eles foram a providência visível do Instituto e, desde a fundação, por sua generosidade, contribuíram para sua expansão.

A posteridade do justo será abençoada, diz a Escritura, porque ela distribuiu bens em profusão. E não é comovente constatar que a maioria desses generosos benfeitores pertence a famílias que, de pai para filho, transmitiram essas tradições de caridade?

São as famílias De Boissieu, Alamany, Oriol, Brun, Neyrand, Théolière, Neyron, Balas, Gilet, Monteiller, Macabéo, Lyonnet, Epitalon, Serre-Balay, Périchon, Courbon, De Rochetaillée, Chaland, Paradis, Philipp.

- O altar de São José e os vitrais do fundo foram doados pelo senhor Gabriel Balas;
- O altar do Sagrado Coração, por vários benfeitores;
- Os vitrais laterais, pela senhora Balas Joseph;
- A Virgem e o Sagrado Coração, pela senhora Périchon-Paradis;
- São José, pela senhorita Canonier, de Saint-Etienne;
- Os quatro evangelistas, pelos senhores Périchon, Lyonnet, Ginot e Dazot;
- Os confessionários e a cátedra, em grande parte pelo caríssimo irmão Barlaam;

[57] Cidade situada às margens do rio Sena, a jusante de Paris. [AL]

[58] Deparamo-nos aqui com uma pequena história da música nas igrejas: desde o realejo (que utiliza cartões perfurados) até o órgão. [AL]

- A balaustrada que separa a parte reservada aos irmãos da utilizada pelos fiéis, pelo caríssimo irmão Eleuthère;
- A restauração do órgão (2 mil francos), por diversos benfeitores;
- A via-sacra, pelo senhor Gabriel Balas;
- Os 26 bancos da capela (1.800 francos), pelo caríssimo irmão Azarias.

§ 13. Construções diversas e aprimoramentos[59]

A primeira casa e a primeira capela construídas pelo Fundador no vale Les Gauds comportavam 150 pessoas.

Com as abundantes bênçãos e a proteção de Maria, afluíram as vocações, os discípulos se multiplicaram e a casa se tornou muito pequena. Foi necessário pensar em ampliá-la. Então, tanto o padre como seus sucessores lhe acrescentaram novos prédios, ampliaram os que já existiam e embelezaram a propriedade.

Conquistou-se terreno talhando o rochedo que antes ia descendo até chegar ao rio Gier, com picareta, às custas de lento e penoso trabalho.

Essa obra colossal e muitas outras impressionam até hoje e deixam admirados os peregrinos que visitam a casa.

Já tratamos da construção da primeira casa e das capelas. O leitor estará interessado em encontrar aqui alguma informação sobre o que se fez em seguida.

Em 1827, o padre Champagnat, com o auxílio de um pedreiro profissional e do irmão Pierre, construiu uma ala do edifício ao longo do rio, prolongando assim a primeira casa até o jardim. Nele o padre colocou a cozinha, a lavanderia, diversos depósitos e o curral.

Após a compra da propriedade Patouillard,[60] situada do outro lado do rio, o curral e outras dependências foram transferidas para lá. A cozinha acabou ficando no prédio que liga a primeira casa à capela, e a construção que ficava em frente desapareceu dando lugar ao pátio atual, Santa Maria.

Enquanto era construída a capela de 1837, foi também feita a ala do noviciado nivelada com o restante do prédio.

---

[59] A partir desse ponto, tem-se a impressão de que se trata de um novo texto, independente do anterior e que continua as primeiras vinte páginas (§ 1 a 8). [AL]

[60] Reposicionei essa planta em relação ao original. [Nota do irmão Jean Rousson]

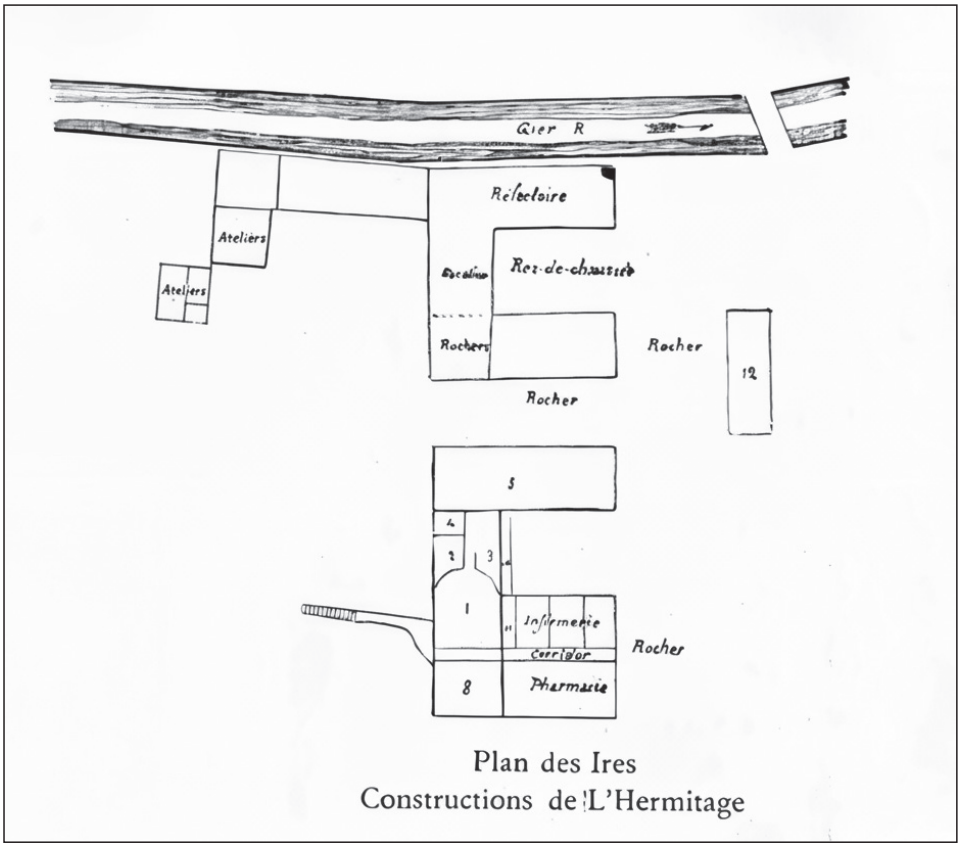


Imagem 16: Planta das primeiras construções de l'Hermitage. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Não muito precisa: legenda incompleta. Comparar com a da Imagem 9. [AL]

No ano seguinte, 1838, a construção foi ampliada até se unir à capela. Esses trabalhos exigiram grandes esforços: a casa está assentada na rocha e algumas paredes foram talhadas diretamente no rochedo.[61] Até o rochedo que ficava ao redor do noviciado e da capela antiga foi destruído.[62]

---

[61] É uma informação de primeira importância. A ala do noviciado situava-se junto ao rochedo. Nos anos 1837–1840, essa ala foi recuada mais adiante, e sua largura, comprimento e altura foram aumentados. Champagnat menciona isso em suas cartas ao irmão Francisco, e os registros contábeis de Notre-Dame de l'Hermitage registram os trabalhos dos "*maraires*" (pedreiros). Foi nesse momento que l'Hermitage passou a ter a configuração de um quadrado. [AL]

[62] Se bem compreendo, o rochedo foi talhado para além dos edifícios para liberar melhor o entorno da casa. [AL]

Assentamento do cruzeiro no caminho do cemitério

Tendo comprado em Lyon um belo Cristo esculpido em madeira, na cor da carne, de tamanho natural, padre Champagnat pediu a seu sobrinho[63] preparar uma enorme cruz também de madeira.

No final do retiro, em 10 de outubro de 1838, após a cerimônia de emissão e de renovação dos votos, teve lugar, na capela, a bênção da imagem do Cristo colocada sobre um andor ricamente decorado. Em seguida, em procissão, a imagem foi levada em procissão até o local em que o cruzeiro seria levantado. A comunidade seguiu o caminho do cemitério, depois se dirigiu ao caminho dos plátanos. Durante a procissão, foram entoados hinos e cânticos apropriados.

Chegados ao local escolhido, a cruz, que já estava assentada ali, foi abençoada e nela foi fixada a imagem do Cristo com o rosto virado na direção da casa.



Imagem 17: Pátio do noviciado. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. É um pátio adaptado na encosta nordeste da casa. [AL]

[63] Philippe Arnaud, marceneiro, empregado como "faz-tudo". [AL]

Quando a cruz foi colocada, o rev.mo padre Séon fez um sermão das sete palavras pronunciadas pelo Salvador do alto da cruz antes de morrer. No retorno para a casa foi cantado o *Ave Maris Stella*.

Em 1867, como a imagem do Cristo e a cruz tinham envelhecido, foram substituídas por um Cristo de ferro fundido e uma cruz de ferro. O padre Sorlin, pároco de Saint-Martin, convidado pelo capelão padre Chapuy, procedeu à bênção na primeira semana da quaresma, em 12 de março de 1867. A comunidade se pôs em procissão seguindo o mesmo itinerário da primeira vez, cantando o hino *Vexilla Regis,* o salmo *Miserere* e o cântico *Vive Jésus, vive sa Croix*.

Uma bela exortação do padre Sorin precedeu a bênção. Em seguida, as estrofes do *Ave Maris Stella* foram cantadas com entusiasmo no mesmo local em que, trinta anos antes, esse canto piedoso havia ressoado. E o cortejo retornou à casa.

Estátuas da Santíssima Virgem e de São José

O amor filial dos irmãos por Maria lhes impunha um dever muito doce a seu coração. Depois de ter glorificado Jesus Cristo, eles queriam honrar sua Santa Mãe.

Quando o rev.mo irmão Francisco, superior, e o irmão Luís Maria, assistente, estavam em Paris, em 1851, para solicitar ao Governo da República a autorização do Instituto, resolveram, entre outras coisas, se tivessem êxito em suas tratativas, adquirir uma estátua da Santíssima Virgem, no modelo da que era venerada em Paris, na igreja de Nossa Senhora das Vitórias, e uma de São José, semelhante à que havia na residência dos Padres Maristas, onde estavam hospedados. Com a autorização concedida, as estátuas foram compradas e enviadas a Notre-Dame de l'Hermitage.

A estátua da Santíssima Virgem tem 1,66 m de altura. A Madona está em pé, com a cabeça coberta por um véu e com uma coroa. O Santo Menino Jesus também está em pé ao lado dela com um globo coberto de estrelas transportado por uma nuvem que se levanta. Ele tem os braços estendidos como um gesto para convidar as pessoas a irem para junto dele.

São José também deveria ser homenageado. Sua estátua, com 1,50 m de altura, o representa segurando o Menino Jesus dormindo tranquilamente sobre seu braço esquerdo. Ele o contempla com amor e carinho.



Imagem 18: Estátua de Nossa Senhora das Vitórias (pátio Santa Maria). Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Ela já está representada na Imagem 10. Foi deslocada para perto do rochedo na reforma do início do século XXI. [AL]

A estátua da Santíssima Virgem foi erguida no pátio Santa Maria e a de São José, no pátio interno.

No pedestal da estátua da Madona estão gravadas as palavras *Ecce Mater tua* e no da estátua de São José, *Ite ad Joseph*.[64]

A bênção dos dois monumentos foi feita solenemente pelo rev.mo padre Cholleton no final do retiro de 1851.

A estátua da Virgem, mais exposta às chuvas e à neve, ficou muito deteriorada. Em 1876, outra estátua do mesmo modelo, paga pelo caríssimo irmão Augustin, a substituiu. A inauguração deu-se em 23 de agosto, festa de Santo Agostinho, pelo rev.mo padre Mijolas, marista. O rev.mo irmão Francisco, doente,[65] foi carregado em uma poltrona diante da Virgem. Ele teve a alegria de consagrar a casa e todos os irmãos à Boa Mãe.

[64] Desde a reestruturação da casa, no início do século XXI, a estátua de Nossa Senhora das Vitórias foi deslocada para perto do rochedo. [AL]

[65] Ele tinha sofrido um acidente vascular cerebral. [AL]



Imagem 19: Estátua de São José (pátio interno). Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Atualmente o pátio transformou-se em um salão enorme. A estátua se mantém no mesmo lugar. [AL]

Alameda dos plátanos

A grande alameda dos plátanos foi criada durante o inverno de 1830.[66] Ela tinha a vantagem de receber a sombra das árvores que lá haviam sido plantadas, mas ela não tinha ligação direta com o noviciado,[67] devido a um enorme rochedo que interceptava a passagem.

O bom irmão Apollinaire se encarregou de cortá-lo. Com a tenacidade que caracteriza os filhos do Fundador, ele conseguiu, e foi dado a esse atalho o nome de *passagem Apollinaire*.

[66] Na verdade, toda a encosta foi arrumada em 1830. Isso, aliás, é sinal de que a adequação da parte baixa, próxima do Gier, está concluída. Ver *Annales de l'Institut*, 1830, § 134. [AL]

[67] A ala leste, situada sob o rochedo recentemente desbastado. [AL]



Imagem 20: Alameda dos plátanos. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Assim como o pátio do noviciado (Imagem 17), ela foi adaptada na encosta à custa de grandes trabalhos. [AL]

Inauguração da via-sacra no bosque Patouillard, 17 de agosto de 1879

Esse mesmo irmão Apollinaire preparou durante 1879 o trajeto e as estações da via-sacra que ainda podemos ver atualmente no bosque Patouillard. Uma pedra plantada no chão, a cada estação, serve de pedestal a uma cruz de ferro fundido em que está fixada uma minúscula cruz de madeira.

A via-sacra foi solenemente inaugurada por ocasião do retiro suplementar que ocorreu de 10 a 17 de agosto. O rev.mo padre Descreux, pregador do retiro, fez uma instrução de circunstância, seguida da bênção das catorze pequenas cruzes. Em cada estação, dizia algumas palavras e fazia as orações litúrgicas. Terminada a cerimônia, a procissão retornou à capela cantando desta vez, em sinal de alegria, o *Te Deum*, hino ao divino Redentor.[68]

[68] O bosque Patouillard, na encosta da margem esquerda do Gier, a oeste da casa, foi sem dúvida adquirido em 1839, quando o Instituto comprou o estabelecimento Patouillard, que viria a ser organizado como fazenda e dependências. Essa via-sacra se encontra hoje abandonada por razões de segurança. [AL]

Em 1877, juntamente com a capela, foram refeitas a padaria e a casa das irmãs encarregadas da rouparia. Essas boas religiosas da Sagrada Família haviam vindo em número de três, em 1872, para se juntar a Gabriela, santa jovem que, por puro devotamento, se entregou inteiramente ao serviço dos Irmãos Maristas.[69]

Placa comemorativa

Pensou-se também em conservar o nome dos irmãos da Província de l'Hermitage que haviam falecido. Uma placa comemorativa com todos os nomes dos irmãos falecidos foi colocada, em maio de 1883, em um pequeno monumento de pedra erguido com essa finalidade bem próximo do túmulo do Fundador, simétrico ao que celebrava a memória do irmão Francisco.[70]

Ala do noviciado

Essa ala encontrava-se, em 1882, em tal estado de degradação que os irmãos se viram forçados a remediar sem mais esperar. As paredes das extremidades apresentavam muitas bolhas. Todas foram recompostas dentro do alinhamento geral das paredes. O teto foi totalmente refeito. A sala dos exercícios e as salas de aula do noviciado foram reorganizadas de modo a se transformarem em um amplo salão para os retiros.

Quando os irmãos ficaram livres dos trabalhos de reforma, perceberam os riscos que estavam correndo. Pedaços de vigas ajuntados de ponta a ponta por tábuas tinham de suportar pesos consideráveis. Nesse ponto também a proteção do Boa Mãe era visível.[71]

---

[69] Gabrielle Fayasson; cf. LANFREY, A. As famílias e as mulheres em l'Hermitage no século XIX. *Cadernos Maristas*, n. 43, nov. 2025, p. 37-54. As Irmãs da Sagrada Família chegaram mais cedo: por volta de 1840. Mas tiveram de partir para Saint-Genis-Laval com a transferência da Casa-mãe. A primeira comunidade estava alojada, sem dúvida, na parte norte da casa, em baixo da capela. A chegada de uma segunda comunidade ocasionou a construção da "casa das fontes", perto da ponte sobre o Gier, em frente a l'Hermitage. [AL]

[70] Aparentemente, é a primeira vez que se menciona o cemitério de Notre-Dame de l'Hermitage, estabelecido por volta de 1827, após autorização verbal do prefeito. Não parece ter havido um ato oficial. [AL]

[71] É certamente a ala que havia sido renovada em 1838. Parece que o trabalho desse ano havia sido realizado, como no caso da capela, com pouco cuidado. [AL]

Escolasticado

A quantidade de candidatos da Província aumentava sem parar. Os cômodos, salas de aula e dormitórios reservados para os escolásticos tornaram-se insuficientes.

Em 1896, tiveram início os trabalhos preparatórios para a construção de um novo prédio. O rochedo foi cortado acima da padaria e o edifício foi construído com um pavimento térreo, um galpão espaçoso, belas salas de aula no primeiro andar, onde o ar e a luz entravam com fartura, e, no andar superior, um amplo dormitório bem arejado.

Numerosos jovens, ávidos por instrução, prometiam um futuro radiante.

Infelizmente, estávamos em 1903, data nefasta preparada pelos sectários com o objetivo de erradicar da França seu brilhante desenvolvimento de escolas e de educadores cristãos, e de expulsar, se possível, para todo sempre, Deus e sua religião.



Imagem 21: L'Hermitage vista da horta e do escolasticado. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. A fotografia oferece uma excelente ideia do conjunto das edificações no final do século XIX. Essa configuração pouco se modificou até a reestruturação do início do século XXI. [AL]

Em 18 de abril de 1903, os asseclas de Combes intimaram os superiores a evacuarem os locais no prazo de um mês.

Depois de persistentes diligências, o prefeito do Loire concedeu um mês de tolerância para os enfermos, os idosos e os doentes.

Dois anos depois, a casa e a propriedade foram retiradas de seus legítimos proprietários e vendidas. Felizmente, a Providência protege e Maria não se esquece de que sua querida Congregação lhe foi confiada. Os benfeitores de Saint-Chamond se organizam em sociedade civil e adquirem o imóvel, que, aliás, nunca tinha deixado de ser objeto de sua solicitude.[72]

Cemitérios de Notre-Dame de l'Hermitage

Os lugares santificados pelas orações, pelo trabalho e pelos suores de um bom pai e de todos os seus filhos, consagrados por tanta atividade de dedicação e de virtude, não ficariam sujeitos à profanação de uma presença estranha, e os bons velhinhos falecidos poderiam repousar em paz em uma terra que era verdadeiramente a terra deles.

Suas cinzas e seus nomes ainda se encontravam no novo cemitério, aguardando a ressurreição geral.

A comunidade tivera seu cemitério em 1826.

O senhor Chaulieu, prefeito do Loire, viera até l'Hermitage presidir o conselho de revisão. Ele fez questão de visitar Notre-Dame de l'Hermitage. O padre Champagnat não se encontrava na casa nesse dia. O padre Courveille acolheu o melhor que pode o honrado funcionário e lhe mostrou a casa e todas as suas dependências. Encantado com a benevolência e a bondade do prefeito, ele solicitou a permissão para ter na propriedade um cemitério para os irmãos. A resposta foi favorável. "Mas, senhor prefeito, — acrescentou o padre Courveille, prevendo uma dificuldade — o senhor não trouxe o seu carimbo para assinar essa licença; seremos obrigados a lhe enviar nosso pedido em Montbrison". A isso, o prefeito respondeu com firmeza: "Faça o seu cemitério; ele não será desfeito".

---

[72] Ver artigo de Eric Perrin sobre a criação e ação dessa sociedade; cf. PERRIN, E. L'Hermitage, à venda! *Cadernos Maristas*, n. 43, nov. 2024, p. 57-70. [AL]



Imagem 22: Cemitério visto da estrada de La Valla. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Foto tirada no inverno, mostrando o cemitério em sua maior extensão. Foi recentemente reformado. [AL]

Esse primeiro cemitério foi colocado ao lado da coleta de água que, a partir do rio Gier, leva a água para o pasto e, depois, para o jardim da casa.[73] Era pequeno demais, tendo apenas 5 m².[74]

Sua bênção foi feita pelo padre Champagnat. Diante da comunidade reunida, o padre Bourdin fez na ocasião um comovente sermão. A solidão

[73] Pode-se observar essa captação de água e a canaleta que irriga o prado nas plantas anteriores à construção de Notre-Dame de l'Hermitage. Ela ainda existe hoje, integrada a um canal construído no fim do século XIX, que permitia a instalação de uma queda-d'água para acionar um dínamo que fornecia eletricidade à casa. [AL]

[74] Nos *Annales de l'Institut*, 1826, § 59, um relato menos desenvolvido não menciona o papel do padre Courveille. Aparentemente, não houve pedido oficial nem ato concedendo o direito de se ter um cemitério. Assinalemos um interessante problema de datação: o padre Courveille deixou Notre-Dame de l'Hermitage no fim de maio de 1826. Teria a visita ocorrido durante a ausência de Champagnat, convalescente, recolhido na casa do padre Dervieux? Isso explicaria por que a autorização verbal não teve seguimento oficial? [AL]

que inspira os pensamentos sérios e o desapego, o rochedo cuja imobilidade simboliza a eternidade, o rio que foge como o tempo, forneceram o tema para reflexões piedosas e comoventes.

O primeiro irmão enterrado nesse cemitério foi o jovem Côme, cujo nome civil era Pierre Sabot, de Saint-Sauveur-en-Rue. Treze outros mortos deviam segui-lo no espaço de seis anos.

Logo, visto como insuficiente, exigia uma ampliação ou a criação de outro mais amplo. Esta segunda solução teve a adesão do Conselho, porque qualquer aumento do primeiro cemitério seria forçosamente limitado devido à proximidade do rio Gier e do rochedo que lhe faz limite.

O cemitério novo exigiu um esforço muito grande: para firmar o terreno, era indispensável um muro de arrimo alto do lado do rio Gier. O padre Champagnat o construiu com seus irmãos em 1833. Foi fechado por três outros muros e sua área total media por volta de 8 m de comprimento por 6 m de largura.[75]

O pequeno Jean Champagnat, com 5 anos, sobrinho do padre, foi o primeiro a ser enterrado lá, em 1834. Seis anos depois, o bom padre o seguiria no túmulo.

Em 1841, esse segundo cemitério teve sua extensão triplicada. O muro de arrimo foi prolongado de 19 m e o muro da frente foi reconstruído a uma distância de 17 m do primitivo. Atualmente, portanto, esse cemitério tem 27 m de comprimento e 17 m de largura. Ele foi abençoado pelo rev. mo padre Cholleton.

Irmão Caste, de nome civil Joseph Berthet, natural de Brangue (Isère), forjou a grande cruz de ferro que se encontra no centro.

No mesmo ano de 1841, no final do retiro, a comunidade se dirigiu em procissão ao cemitério e, na presença do rev.mo padre Colin, superior dos Padres Maristas, dos capelães e dos demais sacerdotes vindos para o retiro, foi feita a exumação dos restos mortais do padre Champagnat. Quando a urna foi retirada, foi disposta à vista dos padres e dos irmãos por alguns minutos. Em seguida, ela foi depositada na tumba previamente preparada,

[75] É surpreendente que o padre Champagnat tenha podido construir e conservar esse cemitério sem autorização explícita, quando o regime de Luís Filipe ainda era fortemente anticlerical. [AL]

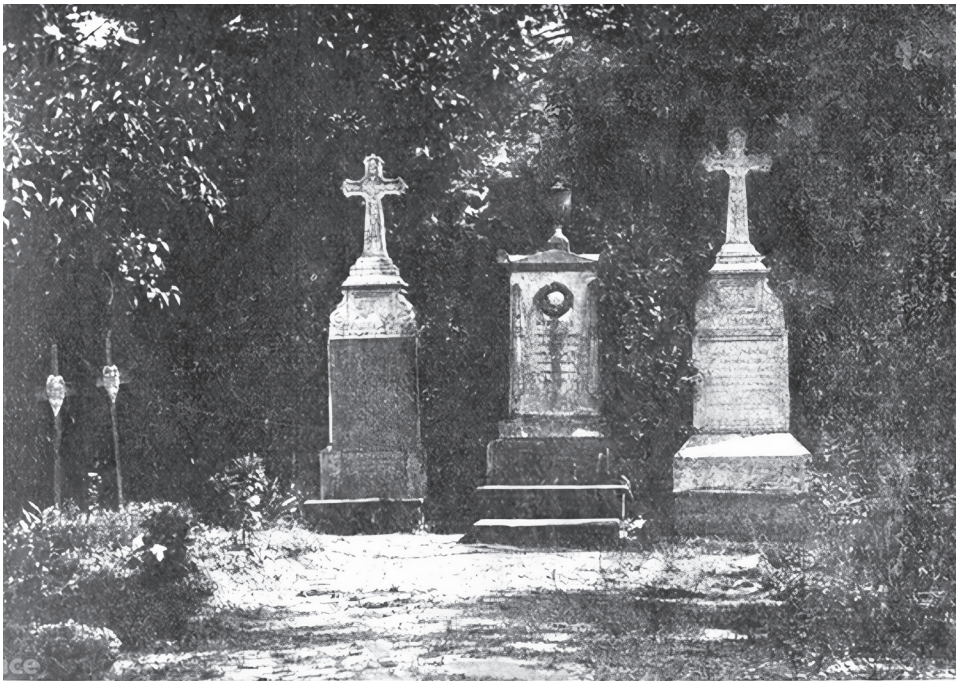


Imagem 23: Túmulos do venerável padre Champagnat e do venerado irmão Francisco. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Foto tirada antes da exumação dos restos do padre Champagnat. [AL]

e o padre Belier, missionário de Valence,[76] que então residia em l'Hermitage, fez uma breve pregação aos irmãos. Após as orações de costume, todos retornaram para a casa.

Em 1842, o Regime da Sociedade mandou erigir, em uma marmoraria de Saint-Etienne, um pequeno monumento destinado a ser colocado sobre o túmulo do padre Champagnat. Em um formato quadrado, esse monumento foi posto no meio da lápide tumular que protege o túmulo.

Foi gravada no mármore a seguinte inscrição:

> Aqui jaz Joseph-Benoît Marcellin Champagnat, fundador e superior dos Irmãozinhos de Maria, nascido em Marlhes em 20 de maio de 1789. Falecido em Notre-Dame de l'Hermitage, no sábado, 6 de junho de 1840.

[76] Muito ligado ao padre Mazelier e aos Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux, depois aos Irmãos Maristas. Encontra-se seu nome com bastante frequência nos escritos maristas, especialmente por ocasião da última enfermidade do padre Champagnat. [AL]

Um pouco abaixo, estão gravadas estas palavras:

> Sit memoria ejus in benedictione.

Em julho de 1867, os ossos dos mortos enterrados no pequeno antigo cemitério foram solenemente transferidos para o grande, entre a cruz de ferro do centro e o monumento do padre Champagnat.

Alguns anos mais tarde, em 1877, o cemitério do Fundador tornou-se mais uma vez pequeno demais. Para ampliá-lo, o portão foi deslocado de 5 m para a frente e, para aumentar a largura, foram colocadas minas nos rochedos ao lado da montanha.

Em 1892, o cemitério passou por mais uma transformação: os muros foram reforçados com uma forte camada de cal hidratada; fixou-se na cruz um belo Cristo em ferro fundido; levantou-se uma gruta para receber a estátua de Nossa Senhora de Montligeon[77] perto da porta do fundo; por fim, começou-se a projetar de modo diferente a localização dos túmulos no solo e cada um recebeu uma pequena cruz de madeira e uma placa funerária em ferro com o formato de um coração.

Anteriormente, em 1882, um pequeno monumento foi colocado sobre o túmulo do irmão Francisco, à esquerda do túmulo do padre Champagnat: o monumento comemorativo dos irmãos falecidos até 1883 fica do lado direito. Próximo à tumba do rev.mo irmão Francisco encontram-se os túmulos dos irmãos Luís, Stanislas e Lourenço, cujas biografias nos proporcionam preciosas lembranças.

Os numerosos irmãos falecidos nos estabelecimentos da Província não ficaram esquecidos. As paredes do interior mostram pequenas cruzes de Malta, às quais ficam presos corações mortuários que nos trazem a lembrança desses falecidos.

Em 12 de outubro de 1889, l'Hermitage presenciou um acontecimento de grande repercussão no Instituto. Nesse dia, uma comissão especial, nomeada pelo cardeal Foulon, arcebispo de Lyon, procedeu, de acordo com as normas prescritas pela Igreja, ao reconhecimento dos restos venerados do servo de Deus José Bento Marcelino Champagnat e ao traslado deles do cemitério da comunidade para a capela de l'Hermitage. Desde então, o

---

[77] Montligeon é um santuário do oeste da França dedicado à oração a Maria em favor das almas do purgatório. [AL]

monumento tumular não contém mais os preciosos restos de nosso pai, mas ele permanece sempre muito caro e respeitado por nossa piedade filial.

Em 20 de maio de 1924, uma cerimônia semelhante ocorreu. Por ordem de sua eminência o cardeal Maurin, a Comissão presidida por dom Vindry, que se ocupara do processo de não-culto na causa do irmão Francisco, foi a l'Hermitage para proceder à exumação do corpo do Servo de Deus e à sua inumação na capela, perto do corpo do padre Champagnat.

Apesar de não mais possuir os despojos mortais do Fundador e do primeiro superior da Congregação,[78] o cemitério guarda sempre sua recordação e não deixa de ser o grande relicário da Congregação. De fato, ele conserva, com os túmulos dos irmãos Luís, Lourenço e Stanislas religiosamente conservados, os dos primeiros discípulos de Champagnat, fiéis imitadores de suas virtudes. Ele contém ainda os restos de todos os que, na continuação deles, mantiveram as tradições do Instituto e, por sua constância, mereceram a realização da promessa do Fundador: "Tenho a confiança de que Maria não deixará perecer nenhum daqueles que perseverarem até a morte em sua vocação e que deixarão a terra com suas librés".[79]

§ 14. Proteção visível[80]

A proteção de Maria sobre a Congregação sempre foi assegurada de um modo muito evidente. Um milagre havia indicado ao piedoso Fundador o local do primeiro convento, que levaria o tão doce nome de Notre-Dame de l'Hermitage. Essa augusta padroeira se comprometia proteger uma casa construída sob seus auspícios, que levava seu nome e de onde sairia uma legião de apóstolos para difundir sua devoção e estender seu reino em todas as partes do mundo.

A proteção de Maria nunca falhou. Em muitas circunstâncias, seus servidores comprovaram visivelmente sua poderosa intervenção. Os epi-

---

[78] Cujos túmulos foram instalados na capela. [AL]

[79] O cemitério foi recentemente reordenado, e os sepultamentos ali se tornaram muito raros, em parte por causa de regulamentações administrativas suscitadas por um ecologismo agressivo. Ver MOREL, M. O cemitério renovado de l'Hermitage. *Cadernos Maristas*, n. 37, maio 2019, p. 109-123. [AL]

[80] Eis um texto independente do que precede, talvez extraído de um discurso ou de um sermão. A ideia central é recordar os grandes perigos enfrentados por Notre-Dame de l'Hermitage e mostrar como Maria protegeu a sua casa. [AL]

sódios seguintes são suficientes para provar que Maria protegeu sua casa contra os asseclas de Satanás e contra a natureza desenfreada, duas torrentes desenfreadas que, em várias circunstâncias, poderiam carregar tudo e destruir a obra de Deus.

1830

As perturbações de 1830 não impediram a caminhada do Instituto para suas metas. Colocando em Deus toda a sua confiança e extraindo de seu espírito de fé a intrepidez serena que é a fina flor da coragem cristã, nosso pai enfrentou os acontecimentos com a alma em paz e continuou a impor o santo hábito a grande número de postulantes.

Entretanto, uma grande agitação reinava no país. Bandos de operários sem trabalho percorriam as cidades vizinhas, vociferando canções ímpias e revolucionárias, e fazendo ameaças e insultos às pessoas honestas. Várias vezes programaram ir até l'Hermitage para derrubar a cruz da torre da capela e dar fim a outros símbolos religiosos que ornavam o convento. Todas as vezes algum contratempo, devido sem dúvida à Providência, fez com que o projeto fracassasse.

Um domingo, depois do meio-dia, várias pessoas se apressaram na direção de l'Hermitage para prevenir os irmãos que um grupo mal-intencionado se dirigia para lá.

Um dos capelães disse ao padre Champagnat: "Aconselho o senhor a retirar os irmãos da casa, para que não sejam testemunhas dos escândalos desses infelizes. Se o senhor quiser, irei com eles para um passeio nos bosques até o entardecer". Respondeu-lhe o padre: "Para que levar os irmãos em um passeio? O que eles têm a temer ficando aqui? Vamos cantar nossas Vésperas e recomendar-nos a Nosso Senhor, e deixemos os homens agirem, porque eles não podem nos fazer mal algum sem a permissão de Deus".

Os irmãos cantaram de fato as Vésperas e não foram de modo algum incomodados.

Houve, entretanto, uma visita domiciliar ordenada pelo governo e feita pelo procurador do rei, com uma brigada de soldados. Ela se transformou em vantagem para a comunidade e para o Fundador, cuja lealdade foi elogiada por esses agentes.

Nessa ocasião, a única precaução tomada pelo padre para salvaguardar seus filhos foi o canto ou a recitação do *Salve Regina* imediatamente antes da oração da manhã. Essa prática se manteve e tornou-se um artigo da regra.[81]

1847

Outro flagelo, apenas material, mas que poderia ter graves consequências, ocorreu em 28 de novembro de 1847: a casa de l'Hermitage foi inundada.

Segue o relato deixado pelo rev.mo irmão Francisco sobre esse evento:[82]

> No primeiro domingo do Advento, 28 de novembro, o rio Gier avolumou-se consideravelmente. A chuva que caía desde a véspera só parou pelas 7 horas da noite. A ponte de madeira do pátio Santa Maria foi arrastada para longe, a terra e as pedras que canalizavam o rio ao lado da casa foram levadas pela correnteza. A água fez ruir grande parte do muro de arrimo do jardim, invadiu o pátio exterior e, pelo grande portão, adentrou no pátio interno e na sala do refeitório.
>
> Durante o canto de Vésperas, como a chuva continuasse muito forte, o prezado irmão Luís Maria, primeiro-assistente, que tinha ficado fora com alguns irmãos, quando viu a água invadir o refeitório e o canal de escape, foi à capela e chamou alguns dos postulantes mais fortes para o ajudar a esvaziar o refeitório, retirando a baixela e as mesas. Apenas tinham feito isso, a água inundou tudo. Com receio de danos para a parte da casa que ladeava o rio, o prezado irmão Luís Maria também mandou retirar os livros da biblioteca localizada na antecâmara do quarto do irmão João Batista que, pelo fato de estar no ângulo sul do prédio, no lado do rio, era uma das partes da casa mais exposta a sofrer danos.
>
> Quanto ao prezado irmão João Batista, parecia não temer o que estava acontecendo. Confiava muito na proteção de Maria, cuja imagem tinha colocado na janela do quarto que dá para o lado do rio. Dizia aos que retiravam os livros: "A Santíssima Virgem não deixará ruir esta casa, pois é a única que temos. Onde iríamos nos alojar? Se vocês levarem embora os livros, amanhã vão ter o trabalho de trazê-los de volta". Foi o que efetivamente aconteceu, pois a chuva parou pouco depois.

---

[81] Texto sobre a Revolução de 1830, fortemente inspirado no Capítulo XVII da *Vida de Champagnat*, p. 164-171. Na realidade, Notre-Dame de l'Hermitage foi mais abalada por esse acontecimento do que deixa transparecer o capítulo. Ver *Annales de l'Institut*, 1830, § 137–138. [AL]

[82] Nas Crônicas da casa. Texto citado em *Annales de l'Institut*, t. 2, 1847, § 52-54. [AL]

1848

A comoção popular provocada com a queda do rei Luís Felipe[83] provocou sérias preocupações nos irmãos de l'Hermitage. Bandos de famintos percorriam as redondezas e ameaçavam as casas religiosas, sobretudo em Saint-Etienne. As Guardas Nacionais de La Valla, de Izieux e de Saint-Martin se mostraram muito dedicadas na proteção da casa nesse momento. Havia sinais e mensagens combinados entre esses três pontos e l'Hermitage, a fim de se manter a par dos acontecimentos.

O senhor Thibaud, prefeito de La Valla, e o senhor Michel, prefeito de Izieux, foram admiráveis e rivalizaram na vigilância para salvar a casa. Eles colocaram lá por várias semanas um grupo da Guarda Nacional de La Valla e da de Izieux ou de Saint-Martin. Patrulhas noturnas vinham de Saint-Chamond e chegavam às vezes até l'Hermitage. Houve um falso alerta e as Guardas Nacionais de La Valla desceram um dia em grande número, tendo o prefeito à frente. Reconhecendo seu equívoco, o senhor Thibaut deixou em l'Hermitage um pequeno grupo em estado de alerta,[84] e os demais, depois de terem aceitado com alegria um refresco oferecido pelo irmão superior, retornaram a La Valla.

Certo dia, no entanto, um bando de revolucionários mandou espiões. Avisado de sua presença, o caríssimo irmão João Batista, único superior presente, lhes ofereceu bebida e algo para comer discretamente, e eles se retiraram persuadidos de que a casa estava cheia de irmãos robustos e armados até os dentes. O relatório desses espiões acabou com qualquer pretensão de o bando de retornar a l'Hermitage.[85] Quando a ordem foi mais ou menos restabelecida, as Guardas Nacionais das localidades citadas consolidaram sua união em um banquete em La Valla.[86]

---

[83] Revolução de fevereiro de 1848. [AL]

[84] Em observação. [AL]

[85] Deve-se tomar esse relato com grande reserva. [AL]

[86] Ver em *Annales de l'Institut*, t. 2, 1848, § 5–11, um relato semelhante, mas de outra origem. Ambos só se sobrepõem parcialmente. [AL]

1871

Chegou o ano terrível 1870-1871.[87] A casa, felizmente, não foi importunada. Muitas vezes, entretanto, os irmãos foram informados de que os bandos que haviam aderido à Comuna se propunham saquear l'Hermitage.[88]

Uma tarde, o irmão Gracillien, diretor dos irmãos no Colégio de Saint-Chamond,[89] apressou-se em noticiar ao irmão Francisco que pessoas bem-informadas avisaram que os bandos chegariam na noite seguinte.

Como não havia ninguém da Guarda Nacional organizado,[90] o rev.mo irmão Francisco respondeu: "Nossa confiança está em Deus e na proteção da Santíssima Virgem: se eles vierem, nós nos esforçaremos por recebê-los de modo que não apavorem nossos postulantes menores". Eles não apareceram. Entretanto, eles se puseram a caminho, porque foi dito que quatro deles haviam atacado a residência do senhor Taponnier, prefeito de Izieux, para recrutar seu empregado. Este preveniu imediatamente seu patrão, e, graças a um reforço, foram retidos até que os policiais, imediatamente avisados, chegassem para prender seus chefes.

Os outros, entretanto, continuaram sua caminhada e parece que chegaram até Creux, a dez minutos da casa, e que lá se dispersaram. Presume-se que um jovem que estava misturado com o grupo e era amigo dos irmãos conseguiu dissuadi-los de suas intenções.

A tranquilidade que reinava na casa de l'Hermitage permitiu, em 31 de março, que se realizasse a tomada de hábito de 21 novos irmãos ao Instituto, quer dizer, às duas Províncias de l'Hermitage e de Saint-Genis.[91] A casa de

---

[87] Trata-se da Guerra Franco-Prussiana, com a invasão e o colapso do Império Napoleônico, substituído por um governo provisório republicano, que vai ser obrigado a negociar a paz. Esta será seguida pela Comuna de Paris, que terminou após um cerco sangrento. [AL]

[88] *Annales de l'Institut*, t. 3, 1872, § 28-29, contam uma história bem diversa, mas que aparenta se passar no mesmo momento. [AL]

[89] Trata-se do colégio Sainte Marie dos Padres Maristas. Os Irmãos Maristas vão assumir a direção das classes primárias. [AL]

[90] Essa milícia cívica, criada em 1789, assegurava, em princípio, a ordem em caso de distúrbios. Mas, considerada perigosa pelos governos, tinha sido dissolvida após 1848. O governo provisório da Defesa Nacional tentou reconstituí-la sem grande sucesso. Os superiores das congregações de irmãos eram veementemente contrários a essa recriação e conseguiram dispensar dela os irmãos. Ver *Annales de l'Institut*, 1872, § 27-29. [AL]

[91] O irmão Luís Maria hesitava em dividir a Província do Centro, que por algum tempo foi repartida em duas seções: L'Hermitage e Saint-Genis-Laval. Durante a guerra, a Casa-mãe foi requisitada para alojar tropas francesas, que saquearam a casa. O noviciado havia sido transferido para l'Hermitage, que retomava provisoriamente sua antiga função. [AL]

Saint-Genis havia sido tomada para uso do exército e os dois postulados e noviciados estavam reunidos em um só em l'Hermitage.

Nesse período, a França, vencida pelo exército da Prússia, ainda se encontrava inteiramente ferida. Paris tinha sido incendiada pelos participantes da Comuna e a casa de Saint-Genis estava entregue às depredações da tropa.[92]

Toda essa infelicidade não conseguiu alterar a alegria dos noviços e dos postulantes. Sem se preocupar demais com os acontecimentos exteriores, eles continuavam em paz seguindo seu regulamento, com a alegria de terem feito tudo o que Deus pedia deles.

1872

Um ano depois, uma inundação assustadora ameaçou levar nas águas os edifícios de l'Hermitage. Segue, nas palavras do caro irmão Azarias, na época mestre dos noviços, o relato do que ocorreu:

> Em 6 de maio de 1872, a comunidade foi tomada de medo e pavor, quando, após a Missa, viu o rio transbordar e continuar engrossando seu fluxo rapidamente. O céu ficou escuro, a chuva caía torrencialmente. A água invadia tudo de todos os lados. O rio cobria uma parte considerável da planície. A lavanderia tinha sido invadida pelas águas que faziam redemoinhos dentro dela. O refeitório estava todo tomado pela água. O muro que circunda a casa do lado do rio estava correndo grande risco de desmoronar. A ponte do caminho, obstruída pelas árvores e pelo material carregado pelas águas, servia de barragem para todo aquele volume descomunal de água. O perigo era iminente.
>
> Temíamos que o canto principal do edifício à margem do rio fosse todo carregado pela violência das águas. Por isso, todo mundo se esforçava para salvar o que fosse possível. Os irmãos, desamparados, passavam por momentos de mais viva ansiedade.
>
> De repente, todos perceberam que aquela massa de água estava fluindo de volta na direção sudeste.[93]
>
> Irmão Azarias, surpreso, correu para o quarto do rev.mo irmão Francisco para informá-lo do que acabava de acontecer e interrogá-lo sobre a causas daquela mudança de rumo das águas.

[92] As tropas francesas. [AL]

[93] Isto é, a correnteza abriu passagem pelo lado da margem esquerda, onde se encontravam os edifícios da fazenda, a antiga propriedade Patouillard. [AL]

> "Eu não estou espantado, respondeu-lhe o santo homem, vejam!" E ele apontou para os escapulários suspensos em uma janela. E continuou: "Eu tinha lido em um livrinho que o escapulário tinha interrompido um incêndio. Pensei que ele conseguiria também dar fim a uma inundação".

Com efeito, percebendo que os riscos se ampliavam, o servo de Deus e de Maria, depois de ter rezado na capela com a comunidade, tinha amarrado os escapulários na persiana de seu quarto, exatamente no canto mais ameaçado e, em seguida, pôs-se a rezar com confiança total.

Enquanto as águas recuavam, a tromba d'água foi diminuindo, a ponte ficou livre como que por encanto e o rio Gier acabou voltando para seu leito para contentamento total. Graças a Deus, o perigo tinha sido afastado.

Quem testemunhou o ocorrido atribuiu esse prodígio bem conhecido ao crédito poderoso que o irmão Francisco tinha junto à Santíssima Virgem, seu recurso ordinário e extraordinário.[94]

1900

Em 5 de junho de 1900, uma tromba d'água acompanhada de granizo estoura e explode a norte e a nordeste de l'Hermitage. As águas descem a rampa com uma rapidez espantosa, carregando tudo em sua fúria. A terra, as pedras e o entulho acumulado na frente da porta de entrada atingem vários metros de altura.[95]

Os irmãos trabalhadores e alguns escolásticos intervêm, e seu heroísmo, unido à viva fé da comunidade em oração, salvam mais uma vez l'Hermitage de desastres maiores.

Depois de testemunhos tão vibrantes, a proteção de Maria aparece de modo evidente. Ela quis essa Congregação, e seu braço se estende sobre ela e sobre sua casa querida para defendê-la da fúria das águas e dos maus reunidos. O grande cronista do Instituto, o caro irmão Avit, tinha razão de escrever em 1885: "É maravilhoso como muros tão altos e tão finos, construídos quase sem cal em 1824, tão balançados, tão expostos às inun-

---

[94] Esse episódio contribuiu fortemente para reforçar o prestígio espiritual do irmão Francisco, assim como a inundação de 1847 tinha contribuído para o irmão João Batista. [AL]

[95] Desta vez, trata-se de uma chuva torrencial, que provocou deslizamentos de terra. [AL]

dações e aos ventos do sul, ainda estejam em pé. *É evidente que a Boa Mãe se encarrega disso*".[96]

§ 15. Nossos tesouros[97]

Esses tesouros, acabamos de enumerá-los, são as inesquecíveis recordações, as santas tradições que fundaram a grande família dos Irmãozinhos de Maria e que diariamente ainda consolidam a união de todos os seus membros, a fim de constituir com eles uma só cabeça, um só coração, um só braço.

Mas outras lembranças, não menos sagradas, devem compartilhar seu afeto, sua veneração: as relíquias depositadas na capela.

Além das que estão expostas nos relicários, três corpos, que consideramos mais preciosos do que todos os tesouros da terra, repousam debaixo da cúpula daquele santo lugar. Trata-se dos restos mortais de São Prisciliano, martirizado em Roma, de Marcelino Champagnat, fundador do Instituto, e do irmão Francisco, sucessor imediato e continuador da obra do padre Champagnat.

São Prisciliano

O corpo de São Prisciliano, mártir, foi retirado das Catacumbas de Roma, do cemitério de São Ciríaco, na via Tiburtina, em 26 de março de 1836, por sua eminência o cardeal Patrizi, no Pontificado de Gregório XVI, como está registrado no documento "Autêntico", cujos dizeres foram textualmente copiados da peça original:

> Constanti Patrizi, cardeal-sacerdote da Santa Igreja Romana, com o título de São Silvestre *in capite*, vigário-geral de Nosso Santo Padre o papa, e juiz ordinário da Cúria Romana e de seu distrito etc.
>
> A todos e a cada um dos que verão o que aqui está presente, damos fé e atestamos que, para a maior glória do Deus Onipotente e para a honra dos santos, entregamos ao ilustríssimo senhor François Rouisse, francês de nascimento, o corpo de São Prisciliano, mártir.

[96] É o fim do relato sobre a "proteção visível" de Maria sobre o Instituto em dois tipos de circunstâncias: guerras ou revolução; e catástrofes meteorológicas. [AL]

[97] Início de uma nova parte. [AL]

> Em 26 de março de 1836, em obediência ao Santo Padre, esse corpo foi retirado por nós do cemitério de São Ciríaco, na via Tiburtina, com um pequeno vaso tinto de sangue, encontrado junto à cabeça, e a seguinte inscrição junto a seus pés: "Lugar onde descansa Prisciliano".
>
> Nós o colocamos em uma caixa de madeira revestida com papel tingido, fechado e atado com uma fita de seda vermelha e lacrado com nosso selo.
>
> Na sequência, nós o entregamos nas mãos do donatário supracitado e o autorizamos a manter em seu poder, a doá-lo, a transportá-lo para fora da cidade, a expô-lo em qualquer igreja, oratório ou capela, sem, entretanto, celebrar o Ofício ou a Missa nos termos do Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, de 11 de agosto de 1691.
>
> Em fé do que, fizemos publicar esta Carta Testimonial assinada por nós e munida de nosso selo, pelo abaixo assinado guarda das santas relíquias, de nosso palácio em Roma, em 3 de maio de 1844.
>
> *Constantino,* Cardeal Vigário
>
> Felix Clementi, Guardião
>
> Nós vimos e permitimos que seja exposto para a veneração dos fiéis.
>
> Lyon, 14 de junho de 1845.
>
> De Serres, Vigário-Geral

Dom Jean-Baptiste Epalle, nascido em Marlhes, na diocese de Lyon, pertencia à Sociedade dos Padres Maristas. Nomeado por Sua Santidade Gregório XVI bispo de Sion e vigário apostólico da Melanésia e da Micronésia, obteve a insigne graça de transportar para fora de Roma, em 1844, vários corpos de santos. Sua excelência houve por bem entregar à casa de l'Hermitage o precioso privilégio e a grande honra de possuir o corpo de São Prisciliano, mártir.[98]

Para homenagear o novo Santo Protetor concedido pelo Céu a Notre-Dame de l'Hermitage e para efetuar o traslado de suas relíquias tão solenemente quanto comportavam os parcos recursos dos Irmãos Maristas, foi encomendado em Lyon um esquife, cuja descrição é a seguinte:

---

[98] O longo relato que se segue é extraído dos *Annales de l'Institut*, t. 2, 1845, § 19–36. O irmão Avit esclarece que não assistiu a essas cerimônias, mas que tomou esse relato "das anotações do irmão Francisco". [AL]



Imagem 24: Mausoléu de São Prisciliano (na capela). Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Um relicário, hoje desaparecido. Bom testemunho da sensibilidade religiosa no século XIX levado a venerar os corpos dos santos (em cera). [AL]

Toda a armação é em madeira dourada e as duas laterais e a parte frontal são revestidas de vidro e a de trás decorada com uma tábua dourada sobre a qual estão duas palmas fixadas ao redor do monograma do Cristo.

Um corpo moldado em cera contém os ossos do santo e jaz na urna revestido com uma túnica tecida em ouro e prata. Sua cabeça repousa sobre duas almofadas de veludo escarlate com galões. A cintura é do mesmo tecido. No braço direito que repousa ao longo do corpo há uma abertura protegida com vidro para permitir ver o osso. O braço esquerdo traz na mão uma palma dourada.

A ferida do pescoço mostra que o mártir foi decapitado.

Um belo vaso com a base enfeitada, em madeira dourada, deixa perceber um pequeno frasco com sangue do mártir. Na parte frontal superior há um escudo abaixo do monograma do Cristo com estas palavras: "Corpo de São Prisciliano, mártir".



Imagem 25: La Grange-Payre. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. A foto sem dúvida não é de 1845. As duas imagens de La Grange-Payre, oferecidas ao padre Champagnat pela senhora Fournas em 1834, são preciosas, pois esse edifício desapareceu posteriormente sob os rejeitos das minas de carvão. [AL]

O traslado foi feito em grande pompa como atesta o testemunho da ata da cerimônia, de que extraímos o seguinte trecho:

> Irmão Jerôme, condutor da casa, dirigiu-se para Lyon para transportar a urna. Ao chegar, em 16 de junho de 1845, foi depositada em um cômodo do pequeno internato da Grange-Payre, na paróquia de Izieux.

O bom irmão Stanislas, encarregado dos preparativos, tinha montado, no centro do pátio interno, um arco do triunfo formado com quatro colunas que serviam de apoio para uma cúpula. Desde a manhã de 17 de junho, a urna foi depositada lá sobre um pedestal magnificamente ornado.

O padre Beaujolin, vigário-geral, foi até l'Hermitage, em 16 de junho, para presidir a cerimônia em nome do cardeal De Bonald, arcebispo de Lyon. No dia seguinte, 17 de junho, celebrou a Missa da comunidade e presidiu uma tomada de hábito de 18 postulantes.

À tarde, foi celebrada a cerimônia do traslado. Compondo a numerosa assistência, citaremos os rev.mos padres Matricon e Chauvinand,[99] cape-

[99] Este último é o capelão de La Grange-Payre. [AL]

lães, o rev.mo padre Séon, pregador, todos os três da Sociedade de Maria; o padre Besson, pároco de São Pedro de-Saint-Chamond; o padre Gazelle, pároco de Izieux e seu coadjutor; o padre Bedoin, pároco de La Valla; o padre Préher, pároco de Tarentaize; o padre Durbize, pároco de Saint-Martin-en-Coailleux; o padre Janvier, pároco de Saint-Julien-en-Jerez; o senhor Michel, prefeito de Izieux, e vários comerciantes de Saint-Chamond, amigos e benfeitores da Congregação.[100]

A procissão foi organizada na seguinte ordem: 1º) a cruz levada por um irmão e dois acólitos; 2º) os meninos da caridade,[101] orientados pelos irmãos Benoît e Mélite; 3º) os internos de Valbenoîte, com escudos azuis de cerimônia, carregando bandeirolas; 4º) os internos da Grange-Payre e grande número de fiéis; 5º) os noviços e os irmãos da casa e dos estabelecimentos vizinhos precedidos por uma bandeira; 6º) o segundo coro de cantores composto pelos irmãos Marcellin, Bonaventure, Honoré, Alexis, Gérasime, Marcel, Fortunat, Aidan, Azarie, Cécilien, Optatien, Gilbert, Pétrone; 7º) os irmãos, com sobrepeliz, precedidos de uma bandeira; 8º) a música instrumental de Saint-Chamond cujos números alternavam com os cânticos dos irmãos; 9º) um pelotão da Guarda Nacional de Izieux; 10º) o clero, precedido da cruz e dos coroinhas; 11º) a urna, carregada por oito irmãos paramentados com alba; 12º) os benfeitores convidados e, depois deles, o Regime do Instituto.

Um número considerável de pessoas acompanhava a procissão, ou se colocava ao longo da procissão em uma atitude respeitosa.

Irmão Apollinaire, encarregado da ordem e da direção da procissão, se desencumbia de sua missão com a sua habitual habilidade. O pelotão da Guarda Nacional escoltava a urna de ambos os lados.

O padre Chauvineau dirigia os cânticos.

A procissão foi interrompida fazendo uma parada ao lado da igreja de Izieux para atender a um desejo do pároco. Os irmãos, em hábito de coro, os carregadores e o clero entraram com a urna, que ficou exposta no meio da igreja, ornada com muito bom gosto.

---

[100] A maior parte desses padres era amiga do padre Champagnat. [AL]

[101] Os meninos do orfanato de Saint-Chamond, dos quais os Irmãos Maristas tinham assumido recentemente a responsabilidade. [AL]



Imagem 26: Igreja de Izieux. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Igreja neogótica típica da arquitetura do século XIX na França. Como a margem direita do Gier pertencia a Izieux, l'Hermitage dependia parcialmente dessa cidade e dessa paróquia. [AL]

Na presença de multidão numerosa e bem recolhida, foi entoado um hino em homenagem ao santo mártir. Na entrada e na saída a música instrumental executou uma seleção de seu repertório.[102] A procissão deu, então, prosseguimento em seu percurso para Notre-Dame de l'Hermitage, seguindo o caminho de Saint-Chamond para La Valla, passando sob a cobertura da estrada de ferro chamada Le Pont-Noir.

Chegando ao pátio interno de Notre-Dame de l'Hermitage, o cortejo parou e formou um grande círculo em torno da urna. Uma multidão ocupou as encostas das colinas de ambos os lados da casa.

Então, subindo em uma galeria que dominava o pátio, com uma voz forte e vibrante que ressoava ao longe no vale, o padre Séon pronunciou um magnífico sermão acompanhado religiosamente. Depois, o cortejo se

[102] Trata-se de "cantos sacros" ou "motetos". [AL]



Imagem 27: Povoado do Rosey (Marlhes). Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Trata-se, na verdade, da casa Champagnat. Não é, como habitualmente, uma fotogravura, mas uma fotografia verdadeira. [AL]

recompôs para entrar na capela, onde a cerimônia terminou com o canto do *Te Deum* e a bênção do Santíssimo Sacramento.

A urna ficou exposta alguns dias ainda no centro da capela, sob uma cúpula elegante sustentada por quatro colunas. A seguir, foi depositada sob um pequeno altar do lado do Evangelho, antes de ir para seu local definitivo.

As relíquias do santo mártir nunca pararam de ser objeto da veneração dos piedosos fiéis de Saint-Chamond e redondeza. Muitos ex-votos testemunham múltiplos favores obtidos pela intercessão de São Prisciliano.

Cada ano, para comemorar essa cerimônia inesquecível do traslado, a comunidade faz, em junho, uma novena ao santo mártir.

Em 1866, a urna de São Prisciliano precisou ser limpa. O sacristão, irmão Barlaam, obteve do arcebispo de Lyon a autorização para abri-la. Esse trabalho foi feito sob a supervisão do padre Chapuy, capelão, que, delegado pela autoridade diocesana, repôs os selos do Arcebispado.

Em abril de 1889, a urna foi totalmente restaurada. Com as autorizações do ordinário, foi transportada até Lyon, na casa das Damas das Cinco

Chagas. O corpo em cera, as vestes e as dourações foram recuperadas. A senhora viúva Gilet generosamente arcou com todos os custos.

Venerável Marcelino Champagnat

De fronte à urna do santo mártir, fica nosso segundo tesouro: o corpo do padre Marcelino Champagnat, depositado em uma tumba enquanto aguarda o feliz dia em que a Santa Igreja permitirá que seja exposto sobre os altares.

Ele repousou cerca de cinquenta anos no cemitério da comunidade e, em seguida, foi transportado solenemente para a capela.

Antes de narrar essa comovente cerimônia, é interessante dar a conhecer aqui as diversas fases do processo de beatificação do servo de Deus, desde o início até esta data.

- 21 de julho de 1888: abertura do processo na diocese.
- 8 de outubro de 1889: exumação do corpo no cemitério.
- 14 de junho de 1900: traslado do corpo para a capela.
- 22 de dezembro de 1891: juramento dos portadores do processo diocesano para Roma.
- 24 de julho de 1892: reconhecimento oficial dos escritos do padre Champagnat no Arcebispado.
- 20 de novembro de 1894: constituição do Tribunal de Lyon para o processo de não-culto.
- 9 de agosto de 1896: decreto de venerabilidade.
- 24 de abril de 1897: processo apostólico (*ne pereant* – para que não pereçam).
- 10 de dezembro de 1898: final do processo.
- 13 de maio de 1901: retomada desse processo.
- 4 de dezembro de 1901: última sessão.
- 30 de dezembro de 1901: juramento dos portadores desse processo.
- 19 de janeiro de 1902: peças do processo apostólico são entregues em Roma pelo rev.mo irmão Théophane Durand e pelo caro irmão Augustalis, assistente.
- 12 de fevereiro de 1903: processo de validação dos processos apostólico e diocesano.
- 3 de maio de 1910: congregação antepreparatória.

- 12 de março de 1912: Congregação Preparatória.
- 22 de junho de 1920: Congregação Geral diante de Nosso Santo Padre o Papa Bento XV.
- 11 de julho de 1920: decreto de declaração da heroicidade das virtudes do venerável padre Champagnat.
- Janeiro de 1925: relatório de duas curas atribuídas ao venerável padre Champagnat apresentado em Roma.

Após essa enumeração, damos o relato feito por uma testemunha da cerimônia da exumação dos restos mortais do Fundador.

Em 1889, ano do centenário do nascimento do padre Champagnat, sobreveio a nós um pressentimento de algum grande triunfo para nosso bom pai. Além disso, quando é anunciado que, em 12 de outubro, a Comissão Especial, nomeada por sua eminência o cardeal Foulon, se dirigiria a l'Hermitage para proceder ao reconhecimento e o traslado dos restos venerados do servo de Deus, nossa felicidade foi imensa e nos preparamos para essa cerimônia no recolhimento e na oração.

Em 11 de outubro, o dedicado padre Nicollet,[103] da Sociedade de Maria, vai para l'Hermitage a fim de preparar tudo. O rev.mo irmão Théophane, vindo da Casa-mãe, encontra-se com ele no mesmo dia e recomenda à comunidade que faça a santa comunhão na manhã seguinte, em honra da Santíssima Virgem, para pedir a glorificação do venerado pai.

Em 12 de outubro, numerosos visitantes não param de chegar para assistir à cerimônia: os caros irmãos assistentes, depois de passarem em Saint-Genis-Laval na véspera, completam finalmente com sua presença o círculo alegre da família marista.

Às 9 horas, a comunidade se dirige até a capela. Alguns instantes depois, aparecem os delegados do Arcebispado de Lyon: dom Déchelette, vigário-geral de sua eminência, os senhores cônego Comte, secretário do Arcebispado, cônego Pagnon e outros eclesiásticos das paróquias vizinhas. Depois de visitarem o local da nova inumação, esses senhores se dirigem ao cemitério para observar tudo e garantir que o monumento tumular e sua proximidade estejam intactos. Dão ordem aos operários e retornam à capela para organizar os preparativos da cerimônia.

[103] Postulador da causa de beatificação do padre Champagnat. [AL]



Imagem 28: Casa natal do venerável padre Champagnat. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Não é algo extraído da foto do conjunto, mas a fachada da casa Champagnat sem suas dependências. Em 1925, o Instituto não possuía nenhuma dessas construções. [AL]

Os membros da Comissão chegam e tomam seus lugares no santuário, do lado do Evangelho, diante de uma mesa instalada perto do altar.

Faziam parte da Comissão: dom Déchelette, o padre Comte, o cônego Bouvard, o arcipreste de Saint-Chamond, o padre Sorlin, pároco de Saint-Martin, o cônego Blanc, pároco de Notre-Dame, o senhor Finaz, tabelião, e o cônego Pagnon, secretário da Comissão.

A recitação do *Veni Sancte Spiritus* abre a seção. Depois da leitura dos documentos oficiais, confirmando os poderes da Comissão, são chamados sucessivamente: os senhores Mermet e Charrin, doutores, o senhor Rivory, mestre de obras, o senhor Moulin, metalúrgico especializado em zinco, e o senhor Berthollier, carpinteiro. Todos eles, sucessivamente, juram, com a mão sobre o Santo Evangelho, cumprir os deveres de sua profissão na exumação e inumação dos restos do servo de Deus. Os irmãos Amphien e Azarias também prestam o juramento de responder com absoluta franqueza às perguntas que lhes serão feitas. Em seguida, o Tribunal pede para a comunidade se retirar.

Depois o caro irmão Amphien e o caro irmão Azarias submetem-se, cada um separadamente, a um interrogatório de alguns minutos, e a sessão é encerrada com o *Pater*, o *Ave* e o *Sub Tuum.*

Os membros da Comissão retornaram, então, ao cemitério para proceder à exumação. Os trabalhos haviam sido conduzidos com grande empenho. Abrindo-se uma vala diante do túmulo, chegou-se até os muros da cripta, que foram demolidos pedra por pedra. As tábuas de carvalho do caixão exterior haviam-se desagregado sob a ação da umidade, e o próprio caixão de chumbo estava perfurado na altura dos pés. Como esses fragmentos de madeira costumavam se tornar objeto de piedosos furtos, o vigário-geral fez conhecer as severas proibições promulgadas a esse respeito no Direito Canônico. Quanto ao esquife de chumbo, que revestia o primeiro e encerrava os preciosos restos, foi colocado sobre um andor e recoberto com um sudário branco, sobre o qual flores artificiais desenhavam uma cruz.

É a hora do triunfo. A comunidade é chamada e a procissão se organiza, precedida pela cruz. Atrás, desfilam piedosamente os noviços, os alunos, os irmãos mais antigos, todos com o coração transbordante de alegria e emoção. Depois, vêm o clero, os cônegos com barrete e capelo e, finalmente, a comitiva dos sacerdotes e dos irmãos carregando tochas. Surge o cortejo. O esquife é carregado pelos primeiros superiores, que não aceitam ceder a ninguém essa insigne honra. O vale ecoa o canto das ladainhas de Nossa Senhora e as vozes em coro se levantam para o céu sob um sol magnífico no azul do firmamento e na luz de um belo dia. As encostas da colina ficam cobertas com numerosos espectadores emocionados. Finalmente, a procissão ingressa no pátio interno. Lá, a caminhada interrompe a marcha. A multidão comprimida preenche rapidamente o estreito espaço do pátio para ficar próxima daquele que é o objeto de sua veneração.

O espetáculo torna-se indescritível, a emoção é tão viva que as vozes enfraquecidas mal conseguem terminar as ladainhas. O respeito e a ternura são palpáveis nos rostos e provocam um silêncio impressionante. Todos aguardam não mais do que um sinal para se precipitar de joelhos com a aproximação dos restos abençoados que a elite da Congregação parece trazer do céu para confiá-los à nossa guarda e à nossa solicitude. Uma suave felicidade inunda todas as almas. Acompanham com os olhos o esquife. Ele passa. É depositado no grande salão da portaria, onde deverá ser feito

o reconhecimento do corpo. No final, a porta do recinto é fechada apenas com os membros da Comissão e um pequeno número de privilegiados.

Durante esse tempo, as lâminas de chumbo do esquife são retiradas. Todavia, há uma grande apreensão pelo fato de o túmulo ter sido encontrado com muita terra e bastante deteriorado. O parecer dos homens competentes é de que não se recolheria mais do que cinzas e poeira. Abre-se com ansiedade: os restos preciosos, ocultos aos olhares desde meio século, são desvelados. O esqueleto parece intacto e em perfeito estado de conservação; não apresenta nada que possa afetar penosamente os sentidos mais delicados. As mãos, ainda fechadas sobre o peito, apertam o crucifixo de sua profissão religiosa, aquele tesouro do bom pai que, de acordo com a palavra do livro *Imitação de Cristo,* foi o único companheiro em seu túmulo. Aqui e ali, restos de tecidos esparsos testemunham o nada que são as coisas humanas.

Falta apenas levar esses restos abençoados até a capela. Mas, antes de colocar os selos da Igreja, como os médicos não dispõem no momento dos meios necessários para preservá-los da ação destrutiva do tempo, eles são provisoriamente depositados em um cômodo reservado e, graças a essa medida, os irmãos podem desabafar diante deles os impulsos piedosos de sua filial ternura e de sua devoção.

Esta é a lista dos objetos encontrados no esquife, em 12 de outubro de 1889:

1º) o esqueleto inteiro;

2º) todo o crânio;

3º) um tufo de cabelos presos no crânio e outro preso no tecido destacado do crânio;

4º) duas unhas e algumas porções de sangue coagulado;

5º) a placa de chumbo em forma de coração, sobre a qual estão escritas estas palavras: "Ossa Jh. B. M. Champagnat 1840";

6º) o crucifixo que havia sido colocado entre as mãos do padre;

7º) franjas, dois aros, uma pelota e uma parte da estola;

8º) alguns pedacinhos da sobrepeliz e da camisa;

9º) alguns botões e alguns pedaços da batina;

10º) alguns botões e um grande pedaço da calça;

11º) as duas meias;

12º) a lã do pequeno travesseiro colocado debaixo da cabeça do padre.

Os restos preciosos de Marcelino depositados na capela

A partir de 12 de outubro de 1889, os restos preciosos do Fundador repousavam em um quarto da casa de l'Hermitage. No sábado, 14 de junho de 1890, a Comissão nomeada por sua eminência o cardeal Foulon e composta por dom Déchelette, vigário-geral, e pelos senhores cônegos Comte, Pagnon e Bouvard, dirigiu-se a l'Hermitage para fazer o traslado para a capela.

Às 10 horas, a Comissão recebe, diante de toda a comunidade, os juramentos dos doutores Charrin e Mermet, que atestam ter cumprido integralmente suas funções em relação às veneradas relíquias. Depois deles, o senhor Moulin, metalúrgico especializado em zinco, o senhor Rivory, pedreiro, e F. Siméon-Joseph, carpinteiro, e os caros irmãos Amphien e Azarias prestam igualmente juramento. Todos se dirigem, então, ao quarto no qual o precioso tesouro está depositado.

Esse cômodo era muito pequeno para conter todos os irmãos. Por isso, apenas a Comissão tem acesso a ele.

Em seguida, os doutores colocam pessoalmente os ossos em um pequeno esquife de chumbo, revestido interiormente com seda branca, que é então soldado hermeticamente. Tendo o selo da Arquidiocese sido afixado a ele, o pequeno esquife é encerrado em uma pequena caixa de nogueira com uma forte fechadura. Uma fita rosa é amarrada em toda a volta e selada cuidadosamente, assim como a caixa com os restos do esquife de madeira. Tudo é fechado cuidadosamente e amarrado com uma fita vermelha. Por último, os diversos objetos que tinham pertencido ao padre Champagnat são recolhidos com precaução para serem guardados juntos. Sela-se tudo.

Terminadas todas essas operações, faz-se uma ata em pergaminho. Cada um dos assistentes assina no final do texto da ata e tudo é enrolado e guardado em um tubo de metal.

Após essa longa série de operações, todos se dirigem à capela. O caros irmãos Norberto, assistente, Cesaire, procurador geral, Marie-Julien, provincial, e Azarias, mestre de noviços, têm a indizível felicidade de serem os transportadores desses restos venerados, escoltados por quatro veneráveis irmãos munidos de castiçais com velas acesas.

Os postulantes e os jovens irmãos do noviciado vão à frente da procissão. Depois vêm os irmãos do escolasticado, os irmãos professos com uma vela na mão, o clero e, no final, o precioso tesouro.



Imagem 29: Escolásticos em passeio. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma.

A procissão desce ao pátio Santa Maria pela grande escadaria e, depois de ter atravessado o pátio interno, dirige-se para a capela. O nicho preparado entre a cúpula e o piso recebe o esquife com três barras de ferro de 2 cm de espessura, fixadas com argamassa de gesso.

Às 12h15 a cerimônia chega ao final.

De então em diante, os queridos restos mortais de nosso pai repousam na capela, em frente ao esquife de São Prisciliano.

Os irmãos de l'Hermitage e todos os que visitam a capela têm ainda o privilégio de rezar ao bom pai tão poderoso diante do Coração de Deus, na esperança de obter favores preciosos por sua intercessão.

Sobre o túmulo, um monumento modesto foi elevado. Esta é sua descrição: um arco rebaixado em pedras brancas, sobriamente esculpido, traz no alto uma cruz; nos ângulos formados por colunas que lhe servem de apoio, podemos ler as iniciais entrelaçadas M. C. (Marcelino Champagnat) e as datas da morte do servo de Deus e da introdução da beatificação: 1840-1896.

Embaixo, uma placa de mármore traz a inscrição:

> Aqui jaz
> o corpo do servo de Deus
> Marcellin-Joseph-Benoît Champagnat,
> sacerdote da Sociedade de Maria,
> Fundador dos Irmãozinhos de Maria,
> falecido na paz do Senhor, no sábado, 6 de junho de 1840,
> exumado com a aprovação de S. E. o Cardeal Foulon,
> arcebispo de Lyon, no sábado, 12 de outubro de 1889,
> e colocado nesta capela no sábado, 14 de junho de 1890.
> *Sit memoria ejus in benedictione.*

Um tapete protege o nicho e uma grade trabalhada protege o monumento de três faces.

Novo traslado dos venerados restos do padre Champagnat

Em 1903, depois do voto da Câmara dos Deputados recusando às congregações de educadores a autorização legal, a casa de l'Hermitage devia ser vendida por um inventariante nomeado pelo governo.

Os filhos do Fundador quiseram proteger, para estarem seguros de manter sua posse, os preciosos restos de seu bem-amado pai. Com a autorização de sua eminência o cardeal Couillé, o estojo foi retirado do nicho e fechado em uma caixa de madeira de pinho cuja cobertura e um dos lados tinham sido fixados por parafusos às demais partes da caixa.

Essa caixa foi levada em segredo até Maisonettes, na casa natal do irmão Francisco, escondida em um buraco feito no muro e depois fechada com tijolos revestidos de reboco.

Depois da guerra, eram esperados dias melhores. As infelicidades sofridas em comum não deveriam trazer de volta a concórdia e a paz? Além disso, os irmãos de l'Hermitage e os peregrinos suspiravam pelo dia abençoado em que aquele tesouro precioso recuperaria seu lugar na capela.

Esses desejos muito legítimos foram satisfeitos em 1º de dezembro de 1920. Nesse dia, o rev.mo irmão Diogène, superior geral, o caro irmão Joseph-Philippe, provincial de l'Hermitage, e o caro irmão Lin, cumprindo as funções de pedreiro, foram até Maisonnettes e trouxeram de lá a caixa, que levaram para o local chamado "sala das relíquias". Eram 7 horas da noite.



Imagem 30: Casa natal do rev.mo irmão Francisco. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Esse povoado começa a existir como lugar marista: a causa de canonização do irmão Francisco já está seriamente admitida. [AL]

No dia seguinte, quinta-feira, 2 de dezembro, na presença do rev.mo irmão superior geral, do caro irmão Elie-Marie, assistente, do rev.mo padre Seguin, capelão, dos caros irmãos Joseph-Philippe e Stanislas, provinciais, do caro irmão Joseph-Alphonse, diretor de l'Hermitage, e do caro irmão Priscilien, antigo provincial, a caixa foi aberta e se constatou com satisfação que tudo estava na mais perfeita ordem, com os selos intactos do mesmo modo que as fitas. Cada um beijou respeitosamente o esquife minúsculo e todos se retiraram.

Mas estava demorando para os irmãos da casa se aproximarem para venerar esses restos abençoados. Essa graça lhes foi concedida, assim como a alguns irmãos vindos para assistir à cerimônia.

Chegou a hora da transferência. Toda a comunidade e os amigos foram até o corredor do segundo andar. O esquife foi colocado sobre uma mesa na porta do quarto. Cada um, passando, o beijou. Terminada essa cerimônia filial, o grupo todo foi em procissão até a capela pela galeria. O rev.mo irmão superior e o senhor De Boissieu, insigne benfeitor, tiveram o privilégio de

transportar o precioso fardo. Diante do nicho, ele foi envelopado em uma tela oleada e em uma toalha salpicada de alúmen. Finalmente, o estojo foi posto no nicho pelo rev.mo irmão superior e pelo caro irmão provincial. Depois de ter sido posta uma grossa placa de ferro sobre a tampa, o piso e a grade voltaram a seus lugares.

Essas relíquias veneradas nos pertencem e permanecem junto de nós para confirmar que a proteção e a bênção divinas nunca deixaram de acompanhar os filhos do padre Champagnat, em sua peregrinação terrestre. São como as mãos estendidas, abertas e cheias de presentes para os numerosos suplicantes que vêm todos os dias, cheios de confiança, implorar os favores espirituais e temporais do Céu. Que poderosas e fervorosas orações possam subir até Deus e sua Santa Mãe, e veremos aparecer o dia tão desejado em que a Igreja, depois de concluir seu julgamento, coloque as caras relíquias sobre os altares.

Venerável irmão Francisco

Era justo que aquele que tinha sido a primeira pedra e o primeiro superior geral do Instituto dos Irmãozinhos de Maria repousasse junto do santo sacerdote, do qual ele fora discípulo fiel e de cujas orações, cansaços e provações de toda sorte ele tinha compartilhado. O zeloso servo de Deus, o rev.mo irmão Francisco, devia seguir o Fundador na capela construída sob seus cuidados.

A exumação e o traslado de seus venerandos restos ocorreram na quinta-feira, 20 de março de 1924.

Apresentamos aqui um relato dessa cerimônia comovente.

O lugar destinado ao esquife do rev.mo irmão Francisco, como se lê em sua biografia, fora cuidadosamente determinado: junto ao túmulo do Fundador. Foi ali, com efeito, que se depositaram os despojos mortais do primeiro superior dos Irmãozinhos de Maria.

Mas, em que condições teria sido feito o enterro?

O corpo teria sido depositado em uma caixa metálica? Teria sido feito um nicho ou colocado diretamente na terra? Nesse caso, em que estado seriam encontrados os restos venerados do rev.mo irmão Francisco? Eram perguntas angustiantes que todos se punham e às quais não se conseguia dar uma solução, uma vez que nenhuma ata tinha sido escrita, nenhum



Imagem 31: Exumação dos restos do rev.mo irmão Francisco. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Foto de 20 de março de 1924, de importância histórica. Desse dia em diante, o irmão Francisco terá seu túmulo na capela. [AL]

relato do enterro fora feito e as testemunhas que poderiam falar já tinham todas partido para a eternidade.

O grande desejo dos amigos, dos admiradores e dos discípulos do rev. mo irmão Francisco ia ser atendido em 20 de março de 1924. Nesse dia, com efeito, a Comissão nomeada por sua eminência o cardeal Maurin para o processo de não-culto dirigiu-se até l'Hermitage a fim de proceder oficialmente à exumação dos restos venerados do servo de Deus.

Ainda no domingo, 16 de março, o senhor Bonnassieux, tabelião da causa, e o rev.mo irmão Stratonique, vice-postulador, foram ao local para tomar as providências necessárias.

Na quinta-feira, 20 de março, a partir das 9 da manhã, chegavam: dom Vindry, vigário-geral, presidente da Comissão, os senhores cônegos Mulaton e Chabrier, juízes assessores, o cônego Bonjour, promotor da Fé, o padre Bonnassieux, capelão, Gerson, tabelião, o rev.mo irmão Stratoni-

que, vice-postulador. Em seguida, as autoridades da Congregação: o rev. mo irmão Diogène, superior geral, os caros irmãos Angélicus, Elie-Marie, Colombanus, assistentes, Dalmace, secretário geral, Marie-Florianus, sub-ecônomo.

A comunidade de Notre-Dame de l'Hermitage e os jovens da Instituição de Notre-Dame des Victoires estavam no pátio interno para lhes desejar as boas-vindas.

Os demais convidados, entre os quais o senhor Mulsant, superior do colégio de Saint-Chamond, os senhores párocos de La Valla, de Saint-Martin-en-Coailleux, o senhor capelão da Instituição Notre-Dame des Victoires, o senhor Lassablière,[104] testemunha no processo de não-culto etc., chegavam por sua vez, assim como alguns diretores de escola e os amigos dos irmãos.

A Comissão dirigiu-se logo para a capela, onde o caro irmão Acace e o senhor J.-B. Poinas, que deveriam fazer a escavação, fizeram o juramento exigido. Esses senhores, em seguida, foram ao cemitério, onde, depois de terem lido o decreto de excomunhão contra a piedade ávida que se apoderasse de qualquer material relacionado ao túmulo do servo de Deus e depois de terem certeza do estado do túmulo do venerado irmão Francisco, ordenaram sua abertura. Durante a execução desses trabalhos, a Comissão voltou para a capela, onde ouviu sucessivamente como testemunhas os caros irmãos Joseph-François, sacristão, e Clet. Em seguida, recebeu os juramentos dos doutores Thévenon e Rigot, que se juntaram ao doutor Hochwelker, perito forense, Arnaud, carpinteiro, e Bériat, metalúrgico.

No cemitério, os trabalhos foram executados celeremente e chegaram a um pequeno muro de pedras secas. A Comissão voltou e ordenou a demolição. Puderam perceber então que o esquife se encontrava em um pequeno nicho.

Com todas as precauções exigidas pelo estado de envelhecimento do esquife, este foi finalmente retirado e colocado em um andor e imediatamente revestido com um lençol branco. Então, o senhor Bonnassieux anunciou que a Comissão só admitiria na sala da portaria, onde seria feita a abertura do esquife, os membros do clero, os membros do Conselho Geral,

[104] Esse senhor, fotógrafo de profissão, era muito ligado aos Irmãos Maristas. Talvez tenha sido juvenista. Éric Perrin trabalha atualmente sobre as fotografias que ele deixou, dentre as quais algumas dizem respeito a Notre-Dame de l'Hermitage. [AL]

os provinciais e os ex-provinciais. Depois, uma vez feito o reconhecimento dos preciosos restos, haveria livre acesso à assistência.

Então, foi organizada a procissão. Na frente, precedendo os coroinhas que levavam a cruz e os candelabros, ficaram os jovens da Instituição Notre-Dame des Victoires, seguidos pelos membros da Comissão paramentados, o clero, o corpo do servo de Deus, os irmãos e os convidados.

A honra de levar os restos mortais cabia naturalmente aos superiores, mas, como o esquife de chumbo era pesado demais, vários dos irmãos presentes participaram dessa honra.

A procissão chegou ao pátio interno. O precioso fardo passou pelas filas e foi depositado no grande salão da portaria preparado para essa finalidade. Era grande a ansiedade das testemunhas. Todos se perguntavam sobre o estado em que se encontrariam os restos mortais do discípulo predileto do Fundador.

A emoção atingiu o auge quando, finalmente, se tornaram visíveis os venerandos restos mortais: os ossos estavam no lugar, na sua totalidade e em estado bastante bom de conservação, a cruz da profissão pouco alterada, e a placa de zinco, colocada no alto, permitia a boa leitura da seguinte inscrição:

> Revmo. irmão Francisco, primeiro superior geral dos Irmãozinhos de Maria, nascido em La Valla, em 12 de março de 1808, falecido em l'Hermitage, em 22 de janeiro de 1881.

O crânio estava inteiro e em perfeito estado. O corpo e os hábitos formavam um todo. Foi decidido depositar imediatamente todos esses restos tão queridos em um novo esquife de carvalho.

Os médicos fizeram seu relatório, e todos se retiraram para o almoço.

A função de guarda de direito cabia ao bom irmão Clet, uma vez que ele obtivera uma graça preciosa atribuída por ele ao crédito do rev.mo irmão Francisco junto de Deus.

Na mesma tarde, sob os cuidados do doutor Thevenon – que cumpriu essa tarefa com delicadeza e veneração, segundo suas próprias palavras –, uma camada de carvão de madeira foi colocada no novo esquife. Em seguida, os preciosos restos, revestidos com algodão, foram colocados em um lençol e cada parte foi recolocada em seu devido lugar. Um tubo metálico

com a ata da cerimônia foi colocado a seus pés. Esperamos que, assim, os restos mortais do bom irmão não sofrerão desgastes com o tempo.

Colocada a tampa e devidamente fixada, o esquife foi rodeado com fitas de seda, marcadas com carimbos de cera com os selos do Arcebispado e do vice-postulador da causa.

Cumpridas todas as formalidades, os preciosos restos do servo de Deus foram depositados na capela, onde repousam ao lado dos do padre Champagnat, aguardando o dia em que, nós o esperamos, a Igreja permitirá expô-los, elevando aos altares, pela beatificação, o Fundador e seu discípulo.

À tarde, a comunidade quis testemunhar sua alegria e seu reconhecimento aos dedicados membros da Comissão, oferecendo uma pequena sessão de família. Depois de um canto de circunstância, executado pelos escolásticos, dom Vindry respondeu em termos muitos amáveis ao cumprimento que lhe foi dirigido pelo caro irmão Marie-Vincent. Depois, os jovens da Instituição Notre-Dame des Victoires, com corais de alto nível, executaram *Chez nous Mariste* [Entre nós, Maristas] e *Le Bonheur du Monastère* [A felicidade do Mosteiro]. Dias belos como esse não deveriam terminar, mas era preciso se separar.

Por volta das 5h da tarde, os hóspedes se despediram, deixando-nos tomados pelo encanto de emoções deliciosas e na esperança de que o dia do triunfo logo chegaria para o Instituto dos Irmãozinhos de Maria, dia de grande alegria em que ecoava em nossos ouvidos a voz da Igreja dizendo ao servo de Deus: "Suba mais alto".

Clamamos por esse dia feliz de todo o nosso coração. Nós o apressamos com nossas orações e nossos sacrifícios para que os caros alunos das escolas católicas contem no Céu, para defendê-los, com mais um protetor, a fim de que seja acrescentada uma nova joia à coroa já tão rica dos santos da diocese de Lyon.[105]

§ 16. Alguns fatos marcantes[106]

Como, durante o primeiro século de existência de l'Hermitage, certos fatos notáveis não foram relatados nas obras publicadas até hoje, pareceu-nos oportuno mencionar os mais memoráveis.

---

[105] Fim do estudo sobre os "tesouros" de Notre-Dame de l'Hermitage. [AL]

[106] Nova parte. [AL]

Visitas episcopais

Prelados ilustres que se interessavam pelo Fundador e por sua importante obra quiseram honrar com sua visita a primeira Casa-mãe do Instituto dos Irmãozinhos de Maria.

Citemos:

a) Dom Gaston de Pins, administrador da diocese de Lyon, desde sua chegada à diocese, colocou o padre Champagnat sob sua proteção. Testemunhou-lhe publicamente sua simpatia indo, em 16 de junho de 1827, abençoar a casa de Notre-Dame de l'Hermitage.[107] O prelado fez, em setembro de 1837, uma segunda visita, mostrando novamente sua afeição e estima pelos Irmãozinhos de Maria.

b) Dom Devie, bispo de Belley, sempre atencioso para com a Sociedade de Maria, foi a l'Hermitage durante o retiro de 1832. Nessa ocasião, o rev. mo padre Angry,[108] famoso jesuíta, que era o pregador, impôs o silêncio absoluto e elaborou um regulamento sábio em relação ao bom uso do tempo. Essa prática do silêncio e esse regulamento sempre foram observados no Instituto desde então.[109]

c) Dom Pompallier, bispo de Maroné e vigário apostólico da Polinésia, foi a l'Hermitage, pouco tempo depois de sua ordenação (1836), e celebrou a Missa pontifical na capela antiga. Alguns meses depois, em outubro desse mesmo ano, antes de retornar à missão, voltou para consagrar a nova capela e dar, na presença dos irmãos reunidos para o retiro, o sacramento da Confirmação a quinze postulantes e noviços.

d) Dom Epalle, bispo de Sion e vigário apostólico da Melanésia, nasceu no Rosey, cidade de Marlhes, no mesmo povoado do Fundador. Nas férias do seminário, Champagnat usava utilmente suas folgas para catequizar

---

[107] Essa visita foi de extrema importância para a obra do padre Champagnat, pois manifestava publicamente o reconhecimento do Arcebispado. Mesmo que o padre Champagnat e os Irmãozinhos de Maria não dispusessem de autorização legal, a administração civil não podia tratá-los como obra qualquer. [AL]

[108] A versão original traz "Angry", mas se trata de um erro. [AL]

[109] O padre Champagnat estava em conflito com os Padres Maristas, que haviam deixado l'Hermitage para se instalar em Valbenoîte. Provavelmente, é a primeira vez que um retiro tenha sido pregado por um jesuíta. Como a Revolução de 1830 dispersou os jesuítas, empregá-los como pregadores constituía uma forma de apoio a uma ordem perseguida. A alusão à instauração do silêncio absoluto e a um regulamento certamente inspirado nos exercícios espirituais maiores evidencia o fortalecimento da influência jesuíta. Anteriormente, os retiros provavelmente não tinham o rigor que passaram a ter a partir de 1832. Ver as anotações do irmão Francisco sobre este retiro no Caderno 302. [AL]

as crianças de Marlhes. O jovem Epalle, um dos assíduos ouvintes, lhe deve sua vocação. O venerado prelado foi então a l'Hermitage em 16 de fevereiro de 1843, para dar assim um sinal inequívoco de sua viva gratidão ao Fundador.[110]

e) Em 20 de maio de 1844, sua eminência o cardeal De Bonald, arcebispo de Lyon, celebrou a Missa pontifical em l'Hermitage e confirmou uns vinte irmãos ou noviços. Ele retornou em 12 de agosto do mesmo ano. Finalmente, em 1864, por ocasião da consagração da nova igreja de La Valla, o cardeal fez uma parada em l'Hermitage, tendo passado a tarde lá.

f) Dom Douarre, bispo de Amata, vigário apostólico da Nova Caledônia, de passagem pelo colégio de Saint-Chamond, aproveitou para ir inesperadamente a l'Hermitage em 13 de fevereiro de 1843. O rev.mo irmão Francisco, ao mesmo tempo feliz e surpreso, entreteve-se com o bispo enquanto se faziam os preparativos para sua recepção. Apesar de imprevista, essa visita do bom prelado deixou uma excelente recordação a todos os membros da comunidade.

g) Dom Marguerite, bispo de Autun, testemunhou sempre uma bondade muito paternal para com os irmãos. Sua excelência, no retorno do Concílio Provincial de Lyon, celebrou a Santa Missa e deu a comunhão aos irmãos.

h) Dom Bataillon, bispo de Enos[111] e vigário apostólico da Oceania Central, honrou por quatro vezes com sua presença nosso piedoso asilo. Sua primeira visita aconteceu em 1847. Ele retornou em 22 de setembro de 1856. Sua excelência celebrou a Santa Missa, deu a santa comunhão à comunidade e administrou o sacramento da Confirmação a cerca de vinte irmãos ou noviços. Três jovens da Oceania o acompanhavam. Eles cantaram em sua língua o cântico *Unis aux concerts des anges* [Unidos aos coros dos anjos]. A terceira visita deu-se quando o bispo retornava de uma viagem a Roma. Nessa ocasião ele levou para sua missão os irmãos Abraham, Ptolémée e Germanique. Enfim, em 26 de julho de

[110] A doação das relíquias de São Prisciliano é um sinal evidente disso. O texto não indica que ele havia sido padre marista. [AL]

[111] Todos esses vigários apostólicos são bispos *in partibus infidelium*, ou seja, trazem o título de uma sé episcopal desaparecida. [AL]

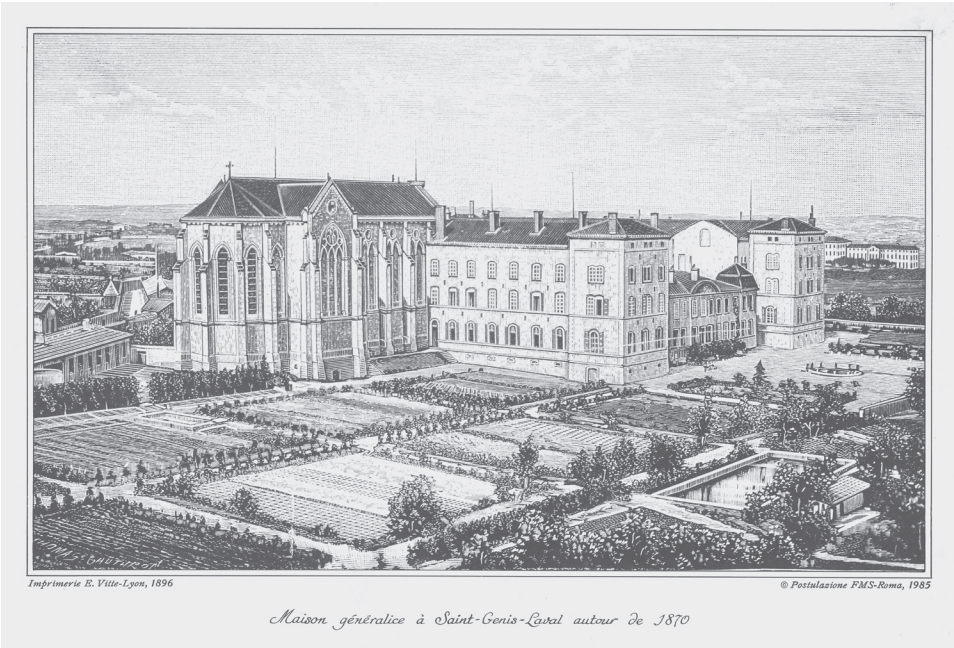


Imagem 32: Casa-mãe dos Irmãozinhos de Maria em Saint-Genis-Laval. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Representação de Saint-Genis-Laval, antes de 1880. Não se trata de uma fotografia, mas de uma fotogravura. A sacristia da capela ainda não está construída, nem a destilaria, que só o será em 1893. Vê-se distintamente o "castelo", que é, na verdade, uma espécie de solar em estilo do século XVIII, situado no centro de uma propriedade agrícola que os irmãos cuidaram com especial zelo, como indica a imagem. [AL]

1872, o piedoso bispo passou dois dias conosco e deixou a lembrança de uma bondade, de uma afabilidade e de uma simplicidade tão admiráveis quanto edificantes.

i) A pedido do rev.mo irmão Luís Maria, superior geral, dom Vitte, bispo de Anastasiópolis e vigário apostólico da Nova Caledônia, foi a l'Hermitage em 9 de julho de 1873. Após ter dado a Confirmação a alguns postulantes, presidiu uma tomada de hábito de 26 novos irmãos ao Instituto.

j) Dom Redwood, bispo de Wellington, Nova Zelândia, inglês de nascimento, fez seus estudos no colégio de Saint-Chamond. Sagrado em 17 de março de 1874, o prelado se tornou, com os anos, o decano dos bispos do mundo todo. Pouco após sua ordenação episcopal, quis rever os lugares que testemunharam sua infância e aproveitou de sua passagem para rezar sobre o túmulo do Fundador, em 12 de julho de 1874.

k) Dom Dubuis, antigo bispo de Galveston, Estados Unidos, e grande amigo dos Irmãos Maristas, presidiu a tomada de hábito de vinte postulantes. Tendo chegado na véspera, só partiu no dia seguinte.
l) Por ocasião do tríduo, celebrado no Colégio de Saint-Chamond, em honra do bem-aventurado Chanel, dom Grimes, bispo da Nova Zelândia, e o rev.mo padre Martin, superior geral da Sociedade de Maria, nos honraram com uma visita a Notre-Dame de l'Hermitage em 11 de julho de 1890.
m) Em 12 de junho de 1899, sua eminência o cardeal Couillé, arcebispo de Lyon, cumpriu, como ele mesmo disse, uma peregrinação ao túmulo do padre Champagnat. A casa estava então em plena prosperidade. Tinha um noviciado e um escolasticado cheios de excelentes candidatos.
n) Em 6 de dezembro de 1917, dom Chassagnon, vigário episcopal de Saint-Etienne, mais tarde bispo de Autun, quis dar aos Irmãos Maristas mais uma prova de sua generosidade, administrando pela primeira vez o sacramento da Confirmação aos jovens repatriados confiados durante a guerra aos bons cuidados dos irmãos.[112] Essas foram as primícias de seu episcopado.
o) Dom O'Shea, coadjutor de dom Redwood, arcebispo de Wellington, estando de passagem pelo Colégio de Saint-Chamond, foi fazer uma peregrinação no túmulo do padre Champagnat, em 19 de junho de 1922.

Eleição do rev.mo irmão Francisco

Em 1839, um acontecimento de graves consequências para o futuro da Congregação ocorrou em Notre-Dame de l'Hermitage.

Os trabalhos, as preocupações, os esgotamentos, as vigílias exigidas pela fundação de sua obra, a vida penitente e mortificada que havia levado, tinham arruinado a saúde, apesar de muito robusta, do padre Champagnat. Com 51 anos, quando ainda podem ser prometidos longos anos, ele entrevia, em um tempo pouco afastado, o final de uma vida totalmente entregue ao serviço de Deus. Homem sábio e prudente, quis fazer nomear, ainda em vida, o irmão que deveria sucedê-lo na direção de seu Instituto.

[112] Não se sabe exatamente de quem se trata. A guerra provocou o repatriamento de irmãos, assim como a instalação provisória de populações do norte da França que fugiram da invasão alemã em 1914 ou mesmo mais tarde. [AL]

A eleição se realizou por ocasião do retiro anual, sob a presidência do padre Colin, superior geral da Sociedade de Maria, e do padre Champagnat, fundador dos Irmãozinhos de Maria.

Nada melhor que a Ata consignada nos Arquivos de l'Hermitage para nos dar a conhecer o modo como se deu esse ato importante.[113] Este é seu teor:

> Ata da eleição do irmão diretor geral da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria.
>
> No ano mil oitocentos e trinta e nove, em um sábado, no décimo-segundo dia de outubro, no final do retiro geral dos irmãos, pregado pelo padre Chavasse e



Imagem 33: Juniorato de La Valla. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma.

[113] Ver *Annales de l'Institut*, t. 1, 1839, § 508-528. O irmão Avit declara que reproduziu esta ata na íntegra sob o título "Eleição de um sucessor". Ele observa, ao final, que se trata de uma eleição em dois graus, pois o padre Colin "reservara-se o direito de confirmá-la". Na realidade, o irmão Francisco não é verdadeiramente o sucessor do padre Champagnat: ele é apenas o "diretor geral" dos Irmãos Maristas, enquanto o padre Colin passa a ser o único superior da Sociedade de Maria. O padre Champagnat, por sua vez, mantém seu título de superior dos Irmãos Maristas até sua morte. [AL]

pelo padre Favre, padres maristas, foi feita na forma abaixo descrita, a eleição do irmão diretor geral dos Irmãozinhos de Maria.

Na quinta-feira à tarde, às quatro horas e um quarto, o superior geral da Sociedade de Maria reuniu todos os irmãos professos na sala dos exercícios. Depois de uma comovente instrução de circunstância, detalhou a ordem e a sequência das cerimônias e insistiu vivamente para implorar as luzes do Espírito Santo, a fim de conhecer a vontade de Deus na escolha importante da qual se tratava, recomendando-lhes sobretudo de rejeitar para bem longe qualquer ideia de ambição ou de conluio.

Foi determinado:

1º) que o retiro geral e o silêncio da sexta-feira substituiriam, dessa vez, o retiro e silêncio absoluto de três dias que devem costumeiramente preceder a eleição;

2º) que o irmão diretor geral seria eleito somente entre os irmãos professos com voz ativa e passiva;

3º) que quem fosse eleito não teria nenhuma reclamação a fazer;

4º) que cada irmão professo tomaria lugar na sala por ordem de antiguidade de profissão;

5º) que cada eleitor nomearia por escrutínio três irmãos que julgasse, diante de Deus, os mais competentes para cumprir o cargo de irmão diretor geral;

6º) que os votos seriam coletados por três escrutinadores escolhidos pelos irmãos, que a contagem dos votos seria feita em voz alta por cada um dos três e que três secretários, também escolhidos pelos irmãos, escreveriam o resultado cada um de seu lado;

7º) que dos três irmãos que obtivessem mais votos, um seria nomeado irmão diretor geral pelo superior geral da Sociedade de Maria ajudado por seu Conselho e os outros dois seriam de direito seus assistentes e seus conselheiros;

8º) que o irmão diretor geral seria vitalício, mas que poderia ser deposto nos casos e de acordo com o modo previsto pelas Constituições;

9º) que todo aquele que fosse reconhecido como tendo direta ou indiretamente por ele ou por outros mendigado os votos ou confabulado de qualquer modo seria privado por esse motivo para sempre de voz ativa e passiva;

10º) enfim, que após a eleição, os votos seriam queimados imediatamente e que ninguém daria a conhecer para quem ele havia dado seu voto.

Dois irmãos foram designados para dirigir, um na falta do outro, uma breve palavra ao irmão diretor geral. Irmão Luís Maria foi encarregado de ser o

primeiro a falar e, caso necessário, o irmão François-Xavier iria substituí-lo.

Após a oração da noite, os irmãos Jean-Marie, Denis, Pie, Philippe e Andronic foram escolhidos para preparar, na ordem seguinte, a sala das eleições.

No fundo, sob a imagem do Crucifixo, uma cátedra para o irmão diretor geral, e, de cada lado, cadeiras para seus assistentes; na frente, uma estátua da Santíssima Virgem sobre uma mesa preparada para essa finalidade; no meio, a urna destinada a receber os votos; noventa e dois bilhetes quadrados de cor azul e o mesmo tanto de penas novas, tudo sobre uma mesa coberta com um feltro verde; na frente do crucifixo, no fundo oposto, assentos para os padres da Sociedade de Maria, e, nas laterais, para os irmãos professos. Na frente dos padres e sob sua inspeção, três mesas separadas para os secretários. Os irmãos não professos e os postulantes tiveram seu lugar no exterior da sala, que era dividida por uma divisória móvel. A capela foi ornamentada como de costume para grandes solenidades.

No sábado, às 5 horas, levantar-se, canto do *Salve Regina* e meditação abreviada de um quarto de hora.

Terminada a meditação, os irmãos não professos, em um total de 148,[114] e os postulantes, em um total de 13, tiveram autorização para dar um passeio no jardim em silêncio. Nesse tempo, os irmãos professos se dirigiram até a sala das eleições para se acomodarem na seguinte ordem:

Irmãos:

1. Antoine
2. Lourenço
3. Francisco
4. Stanislas
5. Joseph
6. Paul
7. Etienne
8. Damien
9. Jean-Pierre
10. Luís
11. João Batista
12. Barthélemy
13. Hilarion
14. Jean-Marie
15. Hippolyte
16. Mathieu
17. Xavier
18. Jean-Joseph
19. Benoît
20. Timothée
21. Jean-Chrysostôme
22. Marcellin
23. Bonaventure
24. Polycarpe
25. Pierre
26. Jérôme
27. André
28. Pie
29. Michel
30. Denis
31. Cassien
32. Arsène
33. Liguory
34. Théophile
35. Luís Maria
36. François-Marie
37. Bruno
38. Pierre-Marie
39. Joseph-Eugène
40. Louis-Bernardin
41. Alexandre
42. Maurice
43. Charles
44. Marie-Lin
45. Apollinaire

[114] Isto é, os noviços e os professos temporários. [AL]

46. Clément
47. Siméon
48. Innocent
49. Isidore
50. Ignace
51. Marie-Augustin
52. Marie
53. Claude-Marie
54. Paulin
55. Flavien
56. Marc
57. Pierre-Joseph
58. Antoine-Régis
59. Sébastien
60. Marie-Nizier
61. Rémi
62. Luc
63. Adélard
64. Andronic
65. Anselme
66. Basile
67. Cyprien
68. Dominique
69. Romain
70. Eloi
71. Elie-Régis
72. Florentin
73. Julien
74. Juste
75. Maxime
76. Marie-Jubin
77. Marie-Stanislas
78. Pothin
79. Philippe
80. Théodose
81. Côme
82. François-Xavier
83. Victor
84. Zozime
85. Anaclet
86. Aurélien
87. Adrien
88. Africain
89. Alexis
90. Ammon
91. Amphion
92. Andéol
93. Didier
94. Athanase
95. Célestin
96. Domitien
97. Apronien
98. Euthyme
99. Gabriel
100. Honoré
101. Jean
102. Martin
103. Marie-Ausone
104. Marie-Antoine
105. Marie-Laurent
106. Modeste
107. Spiridion
108. Vincent
109. Simon
110. Zacharie
111. Jean-Claude
112. Attale

Apenas 92 irmãos estavam presentes. Os demais se encontravam em viagem ou nos estabelecimentos.[115]

Enquanto isso, o padre Colin, superior geral da Sociedade de Maria, tendo ocupado o lugar que lhe havia sido preparado, fez sentarem-se à sua direita o padre Champagnat, primeiro assistente dos Padres Maristas, fundador e superior da Sociedade dos Irmãos; à esquerda, Taraillon, assistente dos Padres Maristas, e, de cada lado, na ordem seguinte, os padres maristas Maître Pierre,[116] Favre, Besson e Matricon.

Todos acomodados, procedeu-se à eleição dos escrutinadores e dos secretários, sendo propostos pelo padre Champagnat os irmãos Luís, Lourenço e Gabriel, sendo os três eleitos por aclamação. Os irmãos Maurice, Cassien e Andronic

[115] Observa-se que a ordem de precedência não depende da data de entrada no Instituto, mas sim da data da profissão. É por isso que o irmão Luís, embora tenha ingressado em La Valla em 1817, figura apenas em décimo lugar, pois só professou os votos em 1828. [AL]

[116] Na verdade, Maîtrepierre, uma palavra só. [AL]

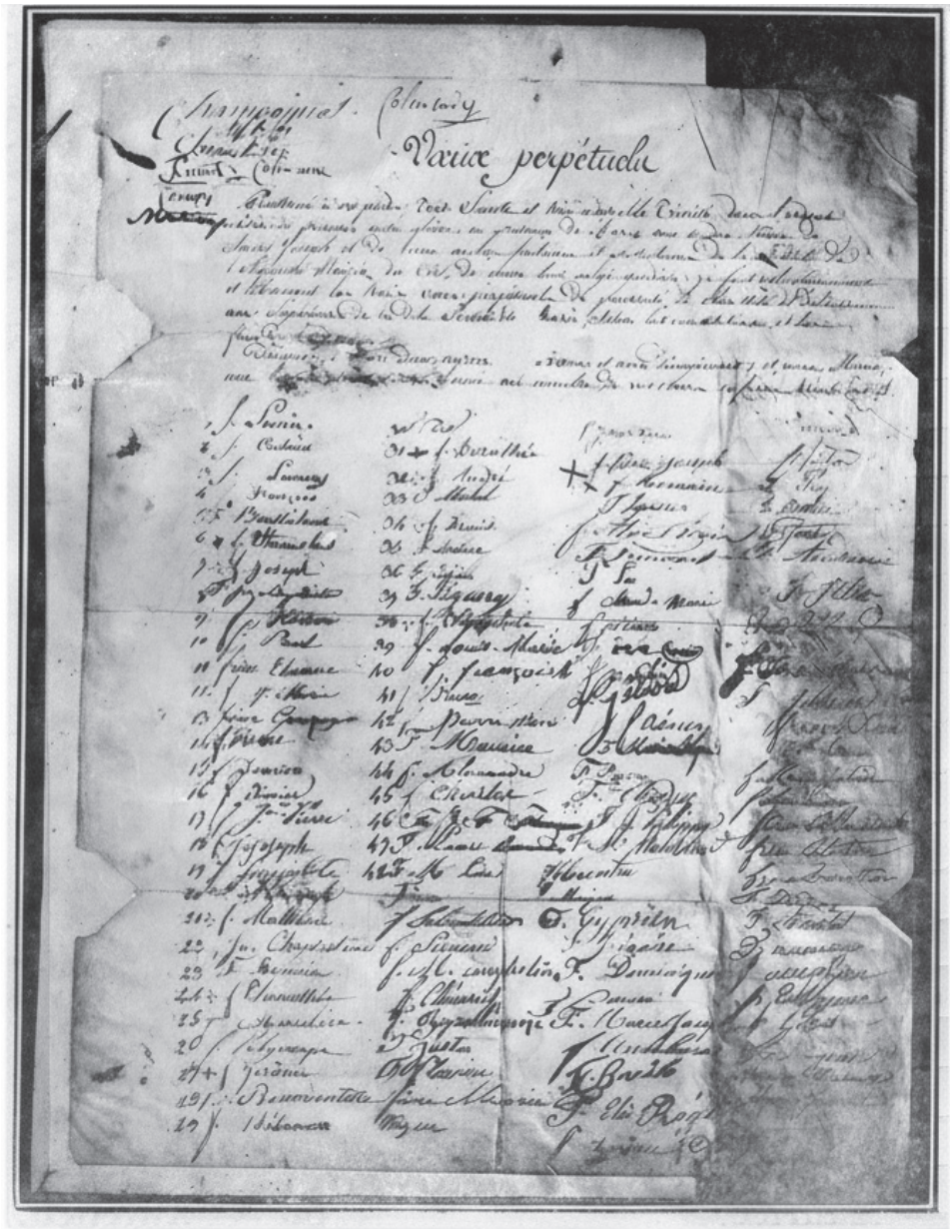


Imagem 34: O quadro reproduz a fórmula dos votos emitidos pelos primeiros irmãos. Observar a assinatura do venerável padre Champagnat. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) O documento acima estava conservado em um coração de metal pendente da estátua da Virgem com o Menino, na capela. Ainda são visíveis as dobras. Ao que parece, essa folha desapareceu, e essa fotografia constitui sua única cópia. [AL]

foram propostos e eleitos do mesmo modo como secretários. Feitas as eleições, e tendo o superior geral recomendado de retomarem no retorno exatamente os lugares indicados e renovado o aviso importante de não terem em vista nessa atividade senão a glória de Deus, a honra de Maria e o bem da Sociedade, os irmãos obtiveram autorização para dar uma saída no jardim por um quarto de hora, ainda em silêncio.

Às sete horas e um quarto, teve início a cerimônia com o canto do *Veni Creator* e a celebração de uma Missa votiva ao Espírito Santo assistida pela comunidade inteira. Terminada a Missa, um discurso curto e comovente foi dirigido aos irmãos pelo superior geral da Sociedade,[117] que o terminou com a bela oração dos Apóstolos *Tu Domine qui corda nostra omnium* [Senhor, que conheceis nossos corações], pedindo a Deus dar a conhecer aquele que, desde toda a eternidade, havia sido escolhido e determinado em sua sabedoria para preencher o cargo de diretor geral.

Então, apenas os irmãos professos se dirigiram dois a dois e em grande silêncio à sala das eleições (os irmãos não professos e os postulantes permaneceram na capela). Depois que cada qual retornou ao lugar que lhe havia sido designado e que os avisos da véspera foram solenemente renovados, a comunidade inteira entrou em meditação, os eleitores para definir sua escolha diante de Deus e em consciência, os demais para apoiá-los com suas orações e com seus votos. Depois de meia-hora de meditação, os irmãos não professos e os postulantes foram autorizados a saírem em silêncio no jardim. Os irmãos professos foram novamente chamados e contados para justificar sua presença. As canetas e os bilhetes foram distribuídos e cada um escreveu secretamente os nomes escolhidos. Ao sinal dado pelo superior geral, o padre Champagnat recolheu na urna os bilhetes de cada um dos irmãos. Os irmãos Luís e Gabriel foram chamados para contá-los em voz alta e para confirmar a contagem. Irmão Luís, tendo retirado um dos votos, fez a leitura dele em voz alta, entregou-o ao irmão Lourenço que, depois de lê-lo, passou para o irmão Gabriel, a fim de que ele o repetisse uma terceira vez. Cada um dos três secretários escrevia por sua vez, conforme os secretários e a vigilância dos padres, os nomes dos que eram proclamados. A mesma ordem foi seguida para os 92 bilhetes.

O superior geral, aproximando-se das listas dos secretários, com a ajuda de seus assistentes, contou o total de votos que cada irmão havia obtido. O resultado comparativo das listas foi de oitenta votos para o irmão Francisco, setenta para o irmão Luís Maria, cinquenta e sete para o irmão João Batista e quarenta e

[117] Isto é, padre Colin. [AL]

cinco para o irmão Jean-Marie. Os irmãos Stanislas, Luís,[118] Cassien, Antoine, Maurice, François-Xavier e Mathieu também obtiveram certo número de votos.

O irmão superior geral tomou, então, os nomes dos três irmãos que tiveram maior número de votos e dirigiu-se a um cômodo isolado para determinar diante de Deus aquele dentre os três que seria nomeado superior geral. Depois de ter implorado as luzes do Espírito Santo pela recitação do *Veni Creator* e definido sua escolha, ele voltou com seu séquito à sala das eleições, enquanto, ao som do sino, os irmãos não professos e os postulantes tomavam lugar na parte do salão que lhes tinha sido indicada.

Então, foi proclamado pelo superior de toda a Sociedade, na presença dos padres e de toda a comunidade, como autêntico e legítimo diretor geral da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria, o irmão Francisco, nascido Gabriel Rivat, da cidade de La Valla, com trinta e um anos e seis meses de idade, postulante em 1818, em seis de maio, com a idade de dez anos,[119] Noviço em 1819, em oito de setembro, irmão professo em mil oitocentos e dezenove, em oito de outubro, e primeiro conselheiro do padre superior desde esse mesmo período. Irmão Luís Maria e o irmão João Batista[120] foram juntados a ele como assistentes e conselheiros. Este último, então diretor do estabelecimento de Saint-Pol (Pas-de-Calais), foi representado pelo irmão Jean-Marie, que era o quarto no total dos votos. Os dois assistentes se aproximaram do irmão diretor geral e o conduziram pela mão à cátedra que havia sido preparada para ele.

Todos os irmãos se apressaram, nesse momento, para reconhecer, mediante a representação do irmão Luís Maria, como verdadeiro e legítimo irmão dire-

---

[118] É importante notar que o irmão Luís, segundo discípulo de Champagnat em 1817, embora tenha ocupado cargos importantes, dispõe de muito poucos votos. De certa forma, ele perdeu seu direito de primogenitura ao manifestar certa oposição ao padre Champagnat – algo que o irmão João Batista menciona discretamente – e ao só professar os votos em 1828. Ver LANFREY, André. O irmão Luís e sua própria concepção de Sociedade de Maria. *Cadernos Maristas*, n. 37, maio 2019, p. 55–69. [AL]

[119] Na verdade, ele entra na comunidade para aprender latim, e seu compromisso como irmão só ocorre em setembro de 1819, quando a comunidade começa a se organizar. A partir de então, estabelece-se a distinção entre entrada na casa e entrada no noviciado. Ainda assim, o mito da entrada em religião do irmão Francisco aos 10 anos permanece, reforçado pelo próprio irmão Francisco. Trata-se, aliás, de uma forma de afirmar melhor sua legitimidade: mesmo que não seja cronologicamente o primeiro discípulo, é aquele que se comprometeu mais jovem. [AL]

[120] Esses dois irmãos gozam de um prestígio particular e bastante distinto. O irmão Luís Maria ingressou tardiamente, em 1832, mas, como havia frequentado o seminário maior, possuía boa formação cultural e teve êxito no exercício da difícil função de diretor em La Côte-Saint-André. O irmão João Batista só ingressou na Congregação em 1822 e, assim como o irmão Luís, fez seus votos apenas em 1828. Contudo, como diretor em Neuville-sur-Saône, exercendo às vezes a função de visitador, e depois em Saint-Pol-sur-Ternoise, uma escola isolada no norte da França, demonstrou dedicação e competência excepcionais. [AL]

tor geral da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria o rev.mo irmão Francisco e lhe ofereceram, a esse título, seu protesto de respeito, dedicação e religiosa submissão. Foi menos, entretanto, para felicitá-lo sobre os méritos e virtudes que valeram a confiança de todos do que para lhe apresentar um resumo das numerosas dificuldades e obrigações importantes. Depois desse respeitoso e tocante discurso, o padre Colin e seus assistentes se aproximaram dele para lhe dar o beijo da paz. Os dois assistentes do irmão diretor geral vieram após eles para se colocar de joelhos a fim de receber sua bênção e dar o beijo da paz. Foram seguidos por seis outros irmãos professos, seis irmãos não professos e seis postulantes. A extensão da cerimônia não permitiu a todos participar dessa graça nesse momento.

Terminado todo o cerimonial, um dos padres entoou o *Magnificat* e a comunidade dirigiu-se para a capela pelo caminho mais longo para assistir a uma Missa de ação de graças e fazer a comunhão geral.

O irmão diretor acompanhado de seus assistentes seguiu a procissão e foi ocupar na capela o lugar que estava preparado para ele.

Depois da Missa, a comunidade teve um breve tempo de recreio, enquanto o irmão diretor e seus assistentes iam receber a bênção e os conselhos paternais do reverendo superior de toda a Sociedade. Eles cumpriram, a seguir, o mesmo dever em relação ao superior e fundador dos Irmãos.

Era meio-dia. O sinal para o almoço foi dado e toda a comunidade dirigiu-se para o refeitório. O irmão diretor geral e seus assistentes, compreendendo que seu primeiro dever era dar a seus irmãos, a exemplo do Divino Mestre, lições de humildade e abnegação, encarregaram-se com prazer de fazer, nessa ocasião, o serviço da comunidade. Nessa refeição toda temperada pela paz, pela união e pela caridade, os irmãos tiveram a liberdade de se entregar à doce e santa alegria de uma modesta e edificante conversa.

A tarde desse belo dia foi consagrada a um passeio, e os que não tinham apresentado seus respeitos ao irmão diretor geral e recebido dele o beijo da paz se apressaram para aproveitar para cumprir esse dever, seja para com ele, seja para com seus assistentes. Os postulantes participaram da mesma graça no recreio da noite.

Por volta das seis horas, as Instruções do Retiro Geral retomaram seu curso e o dia terminou com a bênção do Santíssimo Sacramento.

Segundo Capítulo Geral[121]

Foi ainda em l'Hermitage que se reuniu o Segundo Capítulo do Instituto dos Irmãozinhos de Maria.

Essa reunião era da máxima importância, porque ela devia reunir, coordenar e promulgar as Regras estabelecidas pelo padre Fundador e legadas a seus filhos, seja por escrito, seja pela constância de seu uso.

A assembleia capitular deu-se em três sessões:

- a primeira, em 1852, ocupou-se das Regras Comuns;
- a segunda, em 1853, promulgou o *Guia das Escolas*;
- a terceira, em 1854, instituiu as Constituições e Regras do Governo do Instituto.

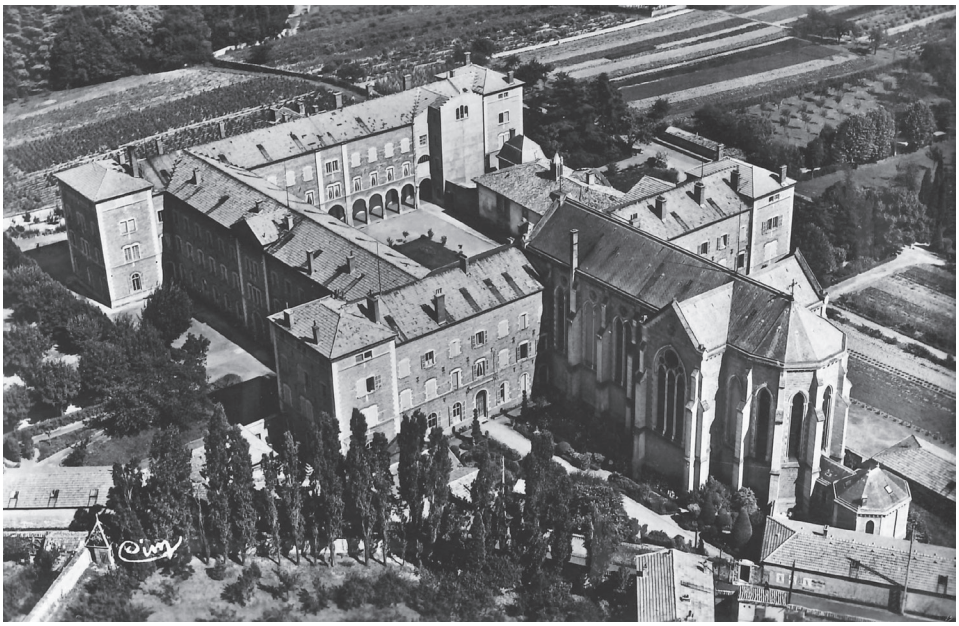


Imagem 35: Castelo de Montet (Residência do Regime em Saint-Genis-Laval). Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Documento de grande interesse: trata-se da fotografia que, sem dúvida, serviu de base para a realização da fotogravura vista um pouco antes (Imagem 32). Contudo, ela não oferece uma paisagem tão nítida. Foi tirada de um local elevado, situado provavelmente na propriedade vizinha, onde se encontrava a escola paroquial. A denominação da fotografia é imprecisa. Le Montet nunca foi, a rigor, um castelo. É verdade que ali reside o "Regime" (governo) dos Irmãos Maristas, mas o estabelecimento compreende muitas outras comunidades e serviços. As dimensões dos edifícios e da capela o demonstram claramente. [AL]

[121] Nova parte dedicada a Notre-Dame de l'Hermitage a partir de 1852. [AL]

A mudança em 1858

O crescimento constante pelo qual o Instituto estava passando levou os superiores maiores a transferirem, por razões administrativas, a Casa-mãe para Saint-Genis-Laval.

A saída ocorreu em 1858. Com o Regime, o noviciado e todos os serviços da casa, quase todo o mobiliário, incluindo o da capela, o material escolar, a biblioteca, a enfermaria, a alfaiataria, a sapataria e os estoques correspondentes foram transportados para Saint-Genis-Laval.

L'Hermitage perdia assim a maior parte e a mais rica das recordações deixadas pelo piedoso Fundador. Entretanto, o que não tinha condições de sair e para sempre faria da casa o grande relicário do Instituto,[122] eram os muros e as paredes levantadas por Champagnat e seus primeiros discípulos; eram os rochedos cortados e os trabalhos executados por eles e que ainda fazem a admiração dos peregrinos; eram, finalmente, os túmulos do Fundador e dos primeiros irmãos sobre os quais sempre ajoelhamos com alegria.[123]

Antes de deixar a tranquila Hermitage, um dos irmãos expressou os sentimentos de todos no seguinte texto poético:

> *Adeus a l'Hermitage (1858)*
> O andarilho, bronzeado por um sol ardente,
> chega cansado, depois de uma penosa caminhada,
> sob uma sombra fresca, ao lado de uma bela fonte,
> ele se encanta entusiasmado com os atrativos do local.
> Depois, forçado a partir, de longe repassa com o olhar,
> assim como meu coração hoje, a graciosa Hermitage,
> e afasta-se com saudades do convívio com seus bosques.
> Para sempre me lembrarei da doce impressão
> que meu coração acolheu emocionado.
> Adeus, berço querido, morada tão modesta,
> onde a alma saboreia em paz a mensagem celestial.
> Meu prazer seria muito maior ficando contigo,
> aí gostaria de crescer de virtude em virtude.

---

[122] Expressão do irmão Francisco contida em um de seus cadernos. [AL]

[123] Este será um dos problemas da casa de Saint-Genis-Laval, onde os superiores procurarão transformar o cemitério em um lugar de memória, com um mausoléu destinado a abrigar os corpos do irmão João Batista, dos superiores gerais (irmão Luís Maria...) e dos assistentes. [AL]

Adeus, túmulo abençoado! Em ti, de um venerado pai,
descansam tranquilamente os tão caros restos mortais.
Pisando em sua relva úmida, por uma última vez,
perto da hora de deixar esses lugares, eu me ajoelho
no mármore frio, que logo vou abandonar,
e ergo, cheio de emoção, minha mais bela coroa.
Fundador venerado, por favor, lance sobre mim,
de sua ditosa morada, um olhar protetor.
Que meus dias se encham de paz e inocência,
para que, quando morrer, minha alma voe para o Céu.
E vocês, que, junto dele, descansam sob essa densa relva,
vocês, testemunhas primeiros de suas grandes virtudes,
vocês, que colaboraram com ele em seu nobre sonho
e agora carregam a coroa prometida.
Ao redor de seu túmulo estão enfileirados os de vocês.
Junto ao dele, os tronos de vocês igualmente se alinham!...
Adeus, bosques, que, crescendo no fundo dos vales escuros,
difundem com delicadeza sua sombra benfazeja
nas mil trilhas, em que, no tempo que passei aí,
eu me sentia feliz quando me perdia no entardecer!...
Adeus, rochedos íngremes, cujos ápices imponentes
resistem a todos os ventos, enfrentam tempestades.
Como uma barreira gigantesca plantada acima do vale,
vocês protegem este lugar da terrível ventania do norte!
Adeus, riacho sonoro, cujas límpidas águas
marulham em leves estrépitos contra suas rampas velozes.
Não mais conseguirei, com o chegar da tarde,
solitário e pensativo, acomodar-me às suas margens,
ouvir o murmúrio de suas mil cascatas?
Como me é prazeroso, assim como às ninfas,
permanecer a seu lado, fruindo o prazer
de reviver as piedosas saudades do passado,
de rezar em suas margens, de ofertar uma coroa,
com meus humildes melhores votos, aos pés da Madona.[124]

[124] Cada um pode julgar a qualidade desses versos. Eles testemunham, porém, um traço cultural da Congregação: o gosto, nas ocasiões festivas, por esse tipo de manifestação literária, que celebra o acontecimento em verso ou em prosa. [AL]

Alguns inválidos ou operários, sob a direção do caro irmão Cariton, ficaram sozinhos.[125] Eles dispunham de muito espaço para se instalar, mas os cômodos estavam quase vazios e em péssimas condições. Havia então uns trinta irmãos.

O padre Chapard, sacerdote doente que se aposentara em La Valla, sua cidade natal, cumpriu inicialmente as funções de capelão. Os vasos sagrados e os ornamentos da capela eram poucos e de grande simplicidade. Os habitantes da vizinhança, para os quais a capela de Notre-Dame de l'Hermitage tinha servido de igreja paroquial desde 1836, continuavam frequentando as cerimônias.

O padre Chapard dava a santa comunhão aos irmãos e aos paroquianos que desejassem por volta das 6 horas, depois celebrava uma Missa cantada por volta das 9 horas, todos os domingos e dias de festa.

Na época, o proprietário de uma lavanderia pediu para comprar l'Hermitage, oferecendo 110 mil francos. O Conselho Geral examinou essa oferta e a recusou em consideração pelo venerável Fundador, em respeito às tradições do Instituto e levando em conta os generosos benfeitores de Saint-Chamond e dos arredores.

Em 1860, o venerado irmão Francisco, tendo-se demitido do cargo de superior geral, retornou feliz a sua querida e bem-amada Hermitage, da qual se tornou diretor.[126]

Fundação do juvenato de l'Hermitage, 1º de maio de 1868

Sentindo-se cada vez mais a necessidade de candidatos, os superiores maiores decidiram criar a obra tão interessante e tão útil dos juvenatos. Com esse objetivo em vista, em 1º de maio de 1868, eles mandaram para l'Hermitage 53 dos irmãos mais jovens e dos postulantes mais jovens do noviciado de Saint-Genis-Laval.[127] Foi então, desse modo, fundado o pri-

---

[125] Notre-Dame de l'Hermitage, depois da mudança da Casa-mãe para Saint-Genis-Laval, nos anos 1858-1860. [AL]

[126] Essas informações sucintas sobre os anos de 1858-1860 são particularmente importantes. Com efeito, Notre-Dame de l'Hermitage tornou-se um anexo da Casa-mãe de Saint-Genis-Laval. [AL]

[127] Essa experiência será interrompida pela guerra. Parece-me que o envio de 53 irmãos e postulantes não diz respeito ao juvenato. Trata-se, na verdade, da recriação de um noviciado em Notre-Dame de l'Hermitage, em decorrência da divisão da Província do Centro em duas seções: Hermitage e Saint--Genis-Laval. [AL]

meiro juvenato. Os irmãos Callinique e Romain foram encarregados de dirigi-lo. O rev.mo irmão Francisco tornou-se seu avô e ficou encarregado da direção da casa.

L'Hermitage estava empobrecida e despojada de tudo. Por isso, foi necessário dedicar-se na busca de recursos e organizar tudo detalhadamente.

O pátio do noviciado era pequeno demais e o irmão Callinique obteve autorização dos superiores para ampliá-lo.

Novo período de prosperidade e perseguição

Após a fundação do juvenato, em 1868, e do restabelecimento do noviciado, em 1871, com o caro irmão Azarias como diretor, Notre-Dame de l'Hermitage tornou-se casa provincial.[128]

A abertura do escolasticado deu-se logo em seguida e os diversos serviços — biblioteca, sapataria, alfaiataria, carpintaria etc. — voltaram a funcionar. Logo a casa atingiu um grau de prosperidade até então desconhecido.

Em 1885, ela mandou seis irmãos fundarem uma Província no Canadá. Durante um longo período, ela forneceu recursos e pessoal para essa filha bem-amada que deveria por sua vez multiplicar suas fundações em solo americano. Essa obra não impediu a casa provincial de fundar novos estabelecimentos, apesar das leis de perseguição que, em série, atacavam as congregações de educadores.

A prosperidade estava no auge quando, em 1903, Combes aplicou a famosa lei Waldeck-Rousseau, que expulsava da França as congregações religiosas.[129] Foi necessário exilar-se. Os habitantes e o mobiliário de l'Hermitage foram transportados em sua maior parte para a Itália. A casa de

[128] Nos anos de 1868–1871, l'Hermitage se torna, portanto, uma casa provincial. O que então importa não é a criação de um juvenato, mas o renascimento do noviciado, ocasionado em parte pela guerra de 1870–1871. Com efeito, a partir dessas datas, Notre-Dame de l'Hermitage constitui-se como uma casa provincial dotada de todos os serviços próprios desse tipo de estabelecimento. [AL]

[129] Na verdade, a lei Waldeck-Rousseau (1901) não expulsava as congregações: ela lhes impunha uma autorização. Combes limitou-se a aplicar essa lei de modo autoritário, recusando todos os pedidos de autorização e promulgando decretos de fechamento de todos os estabelecimentos congreganistas. O exílio era uma forma de recusar essa secularização. A política dos superiores consistiu em fazer partir o maior número possível de irmãos, reunindo, porém, os irmãos idosos nas casas provinciais, a fim de dificultar sua venda. [AL]

l'Hermitage voltou a ficar solitária como em 1858. Foram deixados apenas alguns idosos, como um corpo de guarda, na esperança de dias melhores.[130]

Numa quarta-feira, 22 de julho de 1903, o senhor Marécat, comissário da polícia em Saint-Chamond, acompanhado de seu secretário, e por aplicação de um decreto do senhor Combes, afixou os selos nas portas interna e externa da capela. O caro irmão Marie-Junien deu a tais selos o nome de "olhos do demônio".

Entretanto, foi permitido ao rev.mo padre capelão o tempo necessário para que pudesse levar para a sacristia o Santíssimo Sacramento.

Esses sinistros visitantes já haviam ido a La Valla, onde fecharam a capela do juvenato, mas as consciências se indignavam contra essa odiosa perseguição. Os fiéis, para protestarem e para simbolizar o luto da liberdade, depositaram, no sábado seguinte, dezessete coroas na porta da capela. Alguns dias depois, havia lá vinte coroas e dois buquês.

Por aplicação da lei de 1901, a casa e a propriedade foram colocadas à venda pelo inventariante nomeado pelo governo. Já relatamos como nossos queridos amigos, os benfeitores de Saint-Chamond, demonstraram seu apego a uma obra que lhes era muito cara, fundando uma Sociedade Civil.[131] Graças a sua generosa intervenção, a província, ainda que solapada em seus alicerces, continuou a estender seus ramos em locais distantes. Que Deus recompense com o cêntuplo esses homens cheios de caridade!

---

[130] No entanto, continuou sendo a residência do provincial, que dirigia clandestinamente os irmãos secularizados. [AL]

[131] A venda das casas religiosas era difícil, pois poucos compradores se dispunham a adquirir bens da Igreja roubados. O acordo entre o Instituto e a sociedade de seus amigos permitiu recomprar a casa por um preço relativamente modesto. Ver PERRIN, L'Hermitage, à venda! p. 57-70. [AL]



Imagem 36: Virgem Rainha de l'Hermitage. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. É a estátua instalada na capela de 1877 no lugar da Virgem com a criança do século XVIII. Encontra-se hoje na entrada da capela. [AL]

2.2 Segunda seção: peregrinação a Notre-Dame de l'Hermitage

capítulo primeiro

A casa de Notre-Dame de l'Hermitage

A humilde cepa de videira, plantada outrora pelo santo coadjutor de La Valla, não contente de produzir frutos no solo da mãe-pátria, desenvolveu mais ainda seus ramos e produziu em abundância suas parreiras magníficas, que, ultrapassando fronteiras, foram levar às nações o vinho da verdade e da salvação.

Atualmente, todas as nossas províncias do mundo inteiro dirigem seu olhar para a cepa-mãe. Todas invocam l'Hermitage e pronunciam, com veneração e respeito, o seu nome e os dos primeiros discípulos; todas aspiram ver de perto aquele lugar privilegiado, perfumado com as virtudes dos predecessores e favorecido pelas graças do céu. E como todo irmãozinho de Maria é um peregrino, l'Hermitage recebeu e haverá de receber ainda muitas visitas.

Uma caminhada de 4 km liga a casa ao centro de Saint-Chamond. Na saída da estação, dois caminhos são oferecidos ao viajante. O mais utilizado comumente desce até a Praça Plaisance, da qual, em um bonde elétrico, se chega até a saída de Izieux, no caminho de La Valla. Há um caminho à esquerda, um pouco mais elevado, que atravessa o rio Gier e segue sua margem em subida. No final, fica a querida casa. Mas, antes, é preciso andar ao longo da tinturaria Gilet, depois duas fábricas de fitas, o que não impede o vale de assumir um ar pitoresco e o Gier, de derramar do alto de duas cascatas suas águas claras e cheias de espuma. Arbustos, rochedos e muros ladeiam o caminho do lado oposto do rio. A bela estação traz para essa paisagem o verde e a sombra em abundância. Abaixo do caminho da barragem, penduradas nas primeiras encostas da colina, avistam-se casas elegantes. Do outro lado, alguns sítios, ao passo que, na parte mais alta, bosques cobrem o cume da montanha.

Esse caminho não é exatamente o que existia no tempo do Fundador. Foi modificado depois dele. Ele não atravessa mais o rio Gier, mas segue todo o tempo sua margem esquerda.

Finalmente, lá está a casa! Que emoção para todo irmãozinho de Maria!

Na verdade, tudo fala de nosso Fundador. Tudo lembra o bom pai: os rochedos cortados, os muros, os pisos, a alvenaria... tudo nos diz que ele se desgastou além dos limites, que ele foi ao mesmo tempo talhador de pedras, pedreiro, estucador, rebocador, carpinteiro etc., que ele era pau para toda obra e dirigia tudo. Foi assim que ele se santificou e que, com o perfume de suas virtudes, os seus resolveram segui-lo como as ovelhas seguem seu pastor! Foi assim que foi implantada e se consolidou a Obra querida por Deus, continuada sob a proteção da augusta Maria para a salvação das crianças.

Mas penetremos na capela. Como é gostoso rezar nela! Que paz, que felicidade! Sem dúvida, não é a do padre Champagnat, mas pelo menos ocupa o mesmo lugar e é sempre o mesmo altar, sobre o qual celebrava a

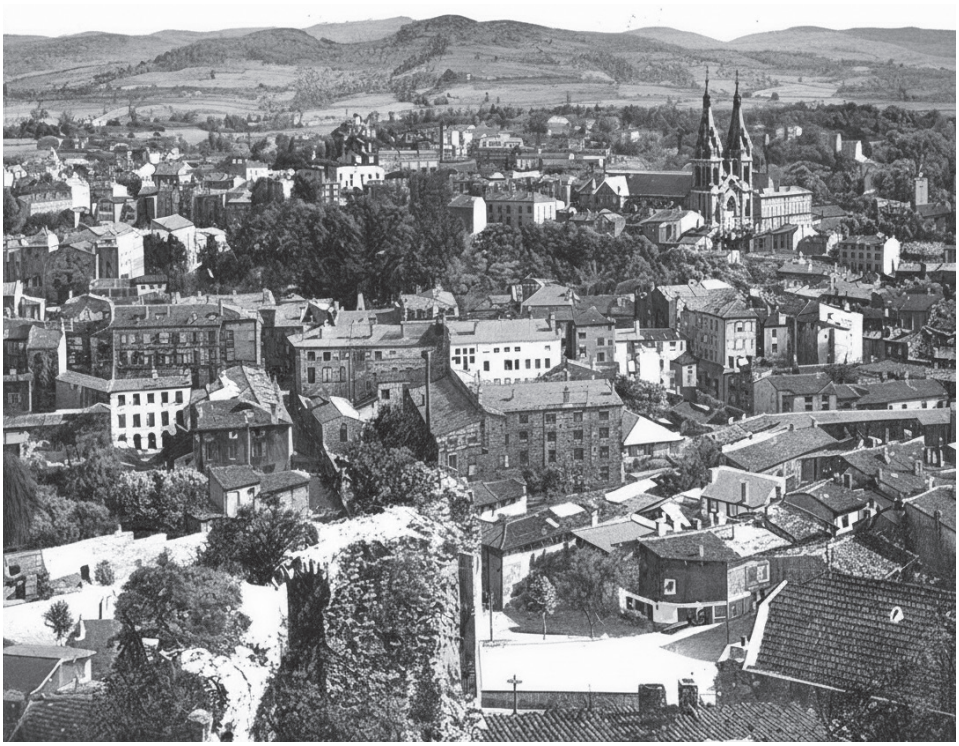


Imagem 37: Vista de Saint-Chamond. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Foto sem dúvida recente. São bem visíveis os dois campanários da igreja de Nossa Senhora, então recente. [AL]

Santa Missa com a unção e a fé que emocionavam os que rezavam com ele.

No presbitério, preside a Virgem de l'Hermitage. Com cetro e coroa, surge perfeitamente como a Rainha da casa, da Província e de toda a Congregação.

> Aqui, teu doce cetro se inclina.
> Aqui, o céu é inteirinho azul.
> Aqui, a onda é mais cristalina,
> e respiramos um ar mais puro.

Como ela é bela e sorridente no ambiente luminoso que forma a coroa de lâmpadas que a rodeia.

Prestemos nossas homenagens a Jesus e a Maria, inclinemo-nos sobre as tumbas tão caras e penetremos na casa. Uma galeria coberta nos leva à sacristia.

A credência é a do Fundador; nela está gravada sua lembrança, convidando o visitante ao respeito. Era lá que ele confessava os irmãos! Quem descreverá as exortações fervorosas que lhes fez, os ânimos abatidos que reergueu, as vocações que confirmou!

A sala de exercícios da comunidade é vizinha da sacristia. Foi nesse modesto recinto que, durante o ano e sobretudo nas férias, o venerado pai dava aos irmãos instruções tão comoventes e substanciais. Em sua doença que, em 1825, quase o arrancou de seus irmãos, ele quis ser levado até lá pelo bom irmão Stanislas. Sua visão e suas palavras cheias de espírito de fé fortaleceram a coragem de seus discípulos. Mais tarde, nessa mesma sala, recebeu os últimos sacramentos e dirigiu à comunidade seu tocante adeus. A eleição do rev.mo irmão Francisco como superior geral ocorreu no mesmo local, assim como o Segundo Capítulo, que reuniu e coordenou as Regras estabelecidas pelo piedoso Fundador.

Saímos dessa sala e nos encontramos no corredor do primeiro andar: em frente está o quarto ocupado pelo padre. Tinha três janelas, das quais duas para o quarto propriamente dito e uma para um pequeno cômodo que se comunicava por uma porta interna.

Nesse modesto cômodo, ele recebia seus numerosos postulantes e dava na direção conselhos muito sábios aos irmãos. Ele o usava para rezar seu breviário e escrever sua correspondência. Foi ainda nesse quarto que ele compôs seu testamento espiritual e que ele exalou seu último suspiro.

No andar de cima, ficam os quartos ocupados pela Administração do Instituto depois de 1840. Primeiro, o do irmão Francisco, depois o do irmão Luís Maria e o do irmão João Batista. É no quarto número 4 que piedosas lembranças foram depositadas. Voltaremos a visitá-lo em detalhe.

No terceiro andar, encontra-se a enfermaria com a farmácia, a cozinha, o quarto dos doentes, as celas e os dormitórios.

A alfaiataria fica no quarto andar, e sobre a ala correspondente se encontram os cômodos que, antes de 1903, serviam o noviciado.

Desçamos agora a grande escadaria, colocada em 1842 e conservada em seu estado primitivo. Chegamos aos refeitórios no piso térreo. Era lá também que o Fundador tomava suas refeições na companhia de seus irmãos.

Vamos fazer uma visita ao cemitério da comunidade! Saindo da casa, atravessamos o pátio Santa Maria e ficamos extasiados com a vista dos rochedos que os irmãos talharam e cortaram e que o tempo cobriu com trepadeiras. Quantas marretadas não foram dadas! Que trabalho de gigantes!

Na esquina da casa, um tipo de gruta em tijolos está fechada por uma portinhola. Esse local lembra um episódio citado na biografia do Fundador.

O padre Champagnat queria a todo custo que esta parte do rochedo fosse talhada, porque lá se formava uma umidade que invadia o interior da casa. Sentindo-se desanimado depois de ter trabalhado por muito tempo, o operário disse ao padre que, mesmo muito doente, ia até o jardim:

> — Padre, este rochedo é tão duro que nunca vamos conseguir cortá-lo.
> — Eu não acho estranho, — retrucou o padre — seus golpes são tão fracos que não furariam nem a sola dos meus sapatos!
> E pegando a picareta, ele se pôs a dar golpes tão fortes que os cacos de pedra voavam como estilhaços.
> Envergonhado, o operário retomou a picareta e rapidamente terminou o trabalho.

No meio do pátio, vamos saudar de passagem a Virgem das Vitórias. Um canteiro muito bem cuidado e rico em flores variadas contorna seu pedestal, protegido por uma grade.

A alameda do cemitério se apresenta diante de nós, protegida por uma cerca viva: ela domina a horta, muito bem cultivada com os canteiros de legumes, as árvores podadas, seus canteiros de bordaduras, tudo rastelado com perfeição.

Vamos fazer uma parada perto das cercas. No meio de um bosque de carvalhos, do qual sobram alguns vestígios, ficava uma capela rústica usada durante a construção de l'Hermitage, em 1824.

Acima das primeiras encostas da colina oposta, descortina-se um trecho da nova estrada. Percebemos facilmente que o cântico dos irmãos pôde, outrora, ser ouvido de muito longe.

Finalmente, chegamos ao cemitério distante da casa 286 m. Na frente do portão, observamos os túmulos do padre Champagnat, do rev.mo irmão Francisco e os dos primeiros irmãos. Como é doce se lembrar da palavra tão consoladora do Fundador: "Tenho confiança de que Maria não deixará perecer nenhum daqueles que morrerem na Congregação e perseverarem em sua santa vocação".

Vamos nos prostrar piedosamente neste lugar santificado pelos restos mortais de tantos excelentes religiosos.

Voltemos ao portão e, saindo do cemitério, subamos o pequeno trecho à direita para chegar à encruzilhada. O local é bem escolhido para termos uma visão panorâmica do edifício e da maior parte da propriedade. Com a primavera que traz de volta a abundante florada da redondeza, este local é esplêndido.

Chegamos à bela alameda dos plátanos.

Esta grande alameda tem cerca de 120 m. Está sustentada por um grande muro, construído com pedras secas, verdadeira obra-prima do gênero. Observemos, ao passarmos, esta muralha reta, que ainda traz nela os sinais dos golpes de picareta, confirmando o trabalho colossal mediante o qual o rochedo foi cortado e talhado.

À esquerda, fica o jardinzinho do irmão Francisco. Ele próprio cultivava flores e plantas medicinais. Ele tinha instalado aí um pequeno observatório que lhe permitia observar tudo o que se passava na propriedade.

Antes de entrar, lancemos um olhar ao grande pátio do noviciado, abandonado desde a expulsão de 1903, onde a relva cresce e as galinhas ciscam. Queira Deus apressar o dia em que esses lugares sejam restituídos à sua destinação original.

Mais uma lembrança merece ser mencionada. Diz a biografia de Marcelino Champagnat que, durante a construção da casa, o bom padre alugou uma casa para moradia dos irmãos. Tudo era tão pequeno que ele se

viu obrigado a colocar sua cama no alpendre durante o verão e a descer até o curral no inverno. O lugar dessa casa é hoje um matagal na margem esquerda do rio Gier, em frente à casa das irmãs. Quanto ao curral atual, ele está disposto na casa Patouillard, adaptada e ampliada para isso.

CAPÍTULO SEGUNDO
Os quartos especiais

Cômodo chamado "sala das relíquias"

L'Hermitage possui duas salas que, além da capela, constituem seu mais rico tesouro. Elas contêm os objetos que pertenceram ou que foram utilizados pelos servos de Deus, o padre Champagnat e o irmão Francisco. Eles são uma pregação comovente e fascinante de sua pobreza e de suas mortificações.

Vamos penetrar com respeito nesses cômodos e tirar proveito da lição que nos é dada por meio deles.

Quarto do padre Champagnat

Na entrada, percebemos logo um genuflexório sobre o qual se encontra um crucifixo.

1. Esse *genuflexório* foi feito pelo próprio rev.mo irmão Francisco e foi usado por ele durante toda a sua vida. Ele substituiu o do padre Champagnat, que foi levado para La Valla e colocado no quarto ocupado pelo Fundador, como ocorreu igualmente com mais alguns objetos.
2. O *crucifixo* é o do padre Champagnat. A seus pés ia depositar suas preocupações e seus sofrimentos, e dali tirava forças para vencer as dificuldades. Alguns dias antes de sua morte, o padre Janvier, pároco de Saint-Julien-en-Jarret, seu amigo, tendo ido visitá-lo, pediu-lhe, como recordação, esse crucifixo. "Eu o daria de bom grado para você — respondeu o servo de Deus —, mas eu sou religioso, não possuo nada, e este objeto pertence à comunidade. Se o rev.mo padre superior concordar em dá-lo a você, eu ficaria contente em vê-lo em sua posse". Pedida e concedida a autorização, o padre Janvier ganhou o crucifixo. Mais tarde, recordando essa lição de pobreza e de desapego de seu venerado pai, seus filhos de l'Hermitage o recuperaram e o conservaram com o máximo cuidado.

3. O *sino* da primeira capela de Notre-Dame de l'Hermitage construída no bosque durante a construção da casa. Uma árvore servia de campanário. A propósito, é bom lembrar que, de 1824 a 1924, houve em l'Hermitage apenas três sineiros. Todos os três cumpriram essa função com uma perfeita regularidade:
   - irmão Jean-Joseph;
   - irmão Marcellin, tecelão;
   - irmão Carloman, sapateiro.
4. Em um armário, encontra-se o *manto* do padre Champagnat, em perfeito estado de conservação. Muitos peregrinos o colocaram sobre os ombros por um instante, manifestando com esse gesto sua confiança e sua veneração. Esse móvel havia sido feito para receber, após a exumação em 1889, o caixão de chumbo em que ficou guardado perto de 50 anos o corpo do venerado pai. Em 1903, quando a Congregação foi expulsa, o caixão foi cortado em pedaços e conservado em uma caixa.
5. O pobre *leito de madeira* do servo de Deus, sobre o qual, depois de ter repousado durante sua vida, soltou o último suspiro.
6. Uma *maca* sobre a qual foram depositados os ossos do padre. Após a exumação em 1889, os médicos julgaram necessário, para garantir sua conservação, colocar nesses restos preciosos um preparado especial. Os caros irmãos Amphien, diretor de l'Hermitage, e Azarias, mestre dos noviços, foram encarregados dessa operação.
7. A *terrina* onde esses ossos eram deixados em maceração.
8. Garrafas com o *líquido* usado nessa operação.
9. O *confessionário*, colocado na sacristia para receber os irmãos em confissão.[132] Sua vista nos lembra aquele que, com sua palavra generosa, seus conselhos e suas exortações, imprimia nas almas a firme orientação que as tornava santas.
10. O *jarro* do irmão Hippolyte. Esse jarro tem história. Irmão Hippolyte, alfaiate, tinha seu quarto no último andar da casa. Além disso, era manco. Na época, a comunidade usava o rio como um grande lavatório. Devido à distância e a sua enfermidade, o bom irmão se atrasava muitas vezes para a oração da manhã. O padre Champagnat às vezes o

[132] Trata-se, sem dúvida, do confessionário em estilo Luís XVI, recentemente restaurado. [AL]

repreendia. Um dia, o irmão lhe respondeu humildemente: "Meu pai, eu me apresso o mais que posso, mas durmo longe e minha perna não me permite caminhar tão depressa como eu gostaria". A isso, o bom padre respondeu simplesmente: "Está bem!" Dois ou três dias depois, o padre Champagnat, estando em Saint-Chamond, comprou um jarro, que se conserva, entregou-o ao irmão Hippolyte e disse: "Meu irmão, dada a sua condição particular, vou fazer uma exceção para você. Eu lhe dou este vaso e lhe permito que se lave perto de sua cama, mas não se atrase mais". "Oh! Meu pai, como o senhor é bom! — respondeu todo alegre o irmão — Agradeço e lhe prometo que chegarei sempre na hora". E manteve a palavra.

11. Três *caixas*: a primeira contém o esquife de chumbo do venerado padre; a segunda, os restos do esquife de madeira; a terceira guardou o estojo em que ficaram depositados os ossos do padre Champagnat de 1903 a 1920.



Imagem 38: Poltrona do venerável padre Champagnat. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Esse móvel faz parte da sala das relíquias instalada em l'Hermitage. [AL]

12. Uma *caixa* com os tecidos que serviram nas diversas exumações.
13. O *serrote* que o bom padre usava nos trabalhos da casa.
14. Um *mostruário* em que ficam seus instrumentos de penitência: dois cilícios e uma disciplina. É notório como esses instrumentos foram utilizados: sua vista provoca uma forte impressão. Estamos bem longe hoje do espírito de mortificação do Fundador. Nesse mostruário, estão ainda sua faca, dois pentes, uma escova, uma caneca para viagem, um tinteiro, um selo, uma caixinha e o ébano de sua cruz de profissão.
15. Um segundo *mostruário* contém: um barrete, uma escova, um lenço, um chapéu, um sininho, uma bureta, uma camisa, uma corrente, um aquecedor, dois livros de orações e um missal.
16. Uma *frigideira* usada na cozinha dos irmãos em La Valla.
17. A *poltrona* do padre, em que ficou acomodado para receber os últimos sacramentos e onde seu corpo descansou depois da morte.
18. Dois *armários*. O primeiro contém os *paramentos* litúrgicos do padre, seu breviário, ainda muito bem conservado, apesar de ter-se dedicado a todo tipo de trabalho. Esse armário contém ainda a máscara feita sobre seu crânio depois da exumação de 1889.
19. O segundo armário: uma *casula* e *duas dalmáticas brancas* que o celebrante coloca nos dias de grande festa; dois jarros selados com os líquidos recolhidos na exumação de 1889. Um deles contém uma relíquia preciosa que é o sangue coagulado do padre Champagnat.
20. Um *coração de prata*, comprado pelo padre Champagnat e colocado na estátua da Virgem Maria na capela. Esse coração guarda uma folha de papel com a fórmula dos votos que os irmãos assinavam no momento de sua profissão religiosa. Vê-se também nele a assinatura dos padres maristas que estavam em l'Hermitage na época.[133]
21. Não deixemos esse quarto sem mencionar a janela em que o irmão Francisco dependurou seu escapulário quando houve a famosa inundação que ameaçava a casa de Notre-Dame de l'Hermitage.

Quarto do rev.mo irmão Francisco

1. O móvel que, na capela do bosque, em 1824, servia ao mesmo tempo de credência e de altar.

[133] Esse documento já foi reproduzido anteriormente nesta obra. Ver Imagem 34. [AL]

2. Duas caixas seladas, uma com os restos do esquife de carvalho, a outra com o esquife de chumbo do rev.mo irmão Francisco.
3. A grade do quarto que ele ocupava quando era superior geral.
4. O leito de ferro sobre o qual morreu em 22 de janeiro de 1881.
5. Uma batina, um manto, um chapéu e um cordão.
6. Uma calça, uma blusa de frio.
7. Dois pares de meia de irmãos e um par de meias de moletom feito após a paralisia.
8. Um solidéu de irmão.
9. Chinelos usados pelo padre Champagnat e depois pelo irmão Francisco.
10. Uma bolsa de viagem, luvas reduzidas e luvas comuns.
11. Um cilício e uma disciplina.
12. Sua cruz de profissão, benta e indulgenciada pelo padre Champagnat.
13. Um escapulário que julgamos ser o que ele colocou na janela para enfrentar a inundação.
14. Seu quadro de primeira comunhão.
15. Um medalhão e um pequeno relicário.
16. Seu calendário e seus óculos.
17. Seus objetos de higiene.
18. Uma calçadeira feita por ele próprio com ossos de boi.
19. Suas escovas para a batina e para os calçados.
20. Seus instrumentos de escritório
21. Seus instrumentos para costurar.
22. Outros instrumentos (alicate, martelo etc.) para pequenos consertos na casa.
23. Uma mecha de seus cabelos.
24. Uma caixa com diversos instrumentos cirúrgicos.

CAPÍTULO TERCEIRO

Grandes benfeitores de Notre-Dame de l'Hermitage na época do Fundador e do rev.mo irmão Francisco

Já mencionamos os nomes dos benfeitores da capela construída em 1875.

Este será um novo testemunho de gratidão ao anotarmos aqui as famílias que mantiveram a obra do padre Champagnat e assim contribuíram

em sua fundação. Queiram nos perdoar caso tenhamos sido vítimas de algum esquecimento:

O padre Dervieux, pároco de São Pedro, em Saint-Chamond. As famílias Théollière, Dugas, Genissieux, Neyrand, Richard; o marquês de Montdragon, a senhorita Fournas, o senhor Boiron.

Os descendentes dessas famílias herdaram a afeição de seus pais por Notre-Dame de l'Hermitage e continuaram a testemunhar sua simpatia e a apoiar com suas liberalidades.

Muitos deles conservam, como preciosas recordações de família, cartas endereçadas a seus ancestrais pelo Fundador ou pelo irmão Francisco.

Que a Virgem de l'Hermitage lhes pague a dívida de gratidão que os Irmãozinhos de Maria têm para com eles.

Conclusão

Para celebrar o glorioso centenário de nossa querida l'Hermitage, fizemos com simplicidade o relato dos principais acontecimentos dessa casa abençoada. Que esta modesta monografia consiga reavivar as piedosas recordações de nossos leitores e sua veneração pelos lugares e objetos que descrevemos.

> Uma recordação piedosa é a alma da vida,
> pois, sem cessar, ela sobrevive à alegria e à tristeza.
> Nos dias muito tristes de melancolia,
> não sentimos em nossa alma um raio de felicidade?
> E o amor sabe devolver vida às velhas pedras,
> testemunhas dos dias vividos na alegria ou nas lágrimas.
> Seja mantendo-se em pé ou caindo como poeira,
> elas guardam um infinito encanto nos corações.

A primeira casa do Instituto, como vimos na *Vida de Champagnat*, foi construída em meio a provações e aflições de todo tipo. Apenas brotada da terra, tornou-se objeto dos ataques de Satanás e de fortes críticas. Ela devia, entretanto, triunfar da contradição, elevar-se naquele vale para ser seu ornamento e se tornar uma colmeia fervilhante, um fogo intenso, todo resplandecente de vida material e espiritual.

Hoje ainda, a tempestade se enfurece. As calmarias passageiras são apenas o presságio de borrascas mais violentas. Fiquemos seguros, a obra

do humilde coadjutor de La Valla não perecerá; está alicerçada sobre a rocha. As provações e as contradições queridas por Deus são garantia de sua vitalidade, porque toda obra, para ser durável, deve carregar o selo do sacrifício.

Aliás, Maria, nossa Padroeira e nossa Mãe, que sempre nos protegeu e que tudo fez entre nós, segundo a expressão do padre Champagnat, manterá sua visível proteção sobre nós, se nos conservarmos fiéis a ela.

Com Maria como Mãe, o padre Champagnat, o rev.mo irmão Francisco e todos os nossos primeiros irmãos como protetores, o Instituto, fortalecido com todos esses apoios, continuará sua nobre missão, que consiste em proteger o reino da verdade, da justiça, do amor e da paz.

> Que sobre esta casa querida,
> em que o Eterno faz sua morada,
> que Ele faça jorrar a rodo, por Maria,
> todos os tesouros de seu amor!



Imagem 39: O venerável Jean-Claude Colin, fundador da Sociedade de Maria (1790-1875). Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. Um dos retratos mais interessantes do padre Colin. [AL]

Festa do centenário de l'Hermitage e de 32 jubilares da Província

Acreditamos realizar algo útil e oportuno acrescentando a esta *Monografia* o relato dos comoventes festejos celebrados em 13 de setembro de 1925, por ocasião do centenário de l'Hermitage e em homenagem de 32 jubilares que celebram suas bodas de ouro, de diamante ou de rubi.

Às oito horas, os benjamins da família, nossos pequenos juvenistas, chegam radiantes. Eles vão participar de nossa alegria e realçar com seus cânticos a beleza das cerimônias.

A Missa solene é um autêntico banquete espiritual.

As vozes argentinas dos juvenistas, alternando com os timbres mais graves dos escolásticos, entoam os sons rápidos, ardentes e alados da Missa dos anjos. É impressionante sentir como esses cantos são autênticas preces!

A reunião plenária acontece nas grandes salas do noviciado ornadas com a elegância e a grandiosidade que honra o bom gosto delicado dos decoradores.

Para dar início, um canto de alegria e de gratidão faz com que todos os corações vibrem. A música traduz fielmente os sentimentos da assistência para com nossos queridos e venerados jubilares.

Um juvenista, tomando a frente, declama com entusiasmo um pequeno poema com sugestivo título: "Os construtores". Esta casa que nos abriga e cujo centenário celebramos, não é, de fato, a obra do padre Champagnat e de nossos primeiros irmãos, eméritos construtores?

Uma cantata, *La nacelle mariste* [A barca marista], é apresentada em seguida. A música, bem ritmada e executada com perfeição, produz uma viva sensação. As palavras, nesses tempos de perseguição, estão carregadas de atualidade. A barca, balançada pela tempestade, navega, apesar dos ventos e das marés, para atingir a praia. Não é essa uma imagem fiel da Congregação, perseverando na sua missão de fazer o bem em um mar tempestuoso e fértil em naufrágios, não obstante os esforços combinados de Satanás e do mundo?

O caro irmão Marie-Vincent, encarregado de discursar, pede ao rev. mo irmão Diogène, superior geral, que aceite os sinceros agradecimentos de todos os irmãos de l'Hermitage por ter concordado gentilmente em presidir essa festa de família. Fazendo-se intérprete de todos os jubilares,

ele propõe que seja dado ao Jubileu de 1925 o nome de "Iniciativa do rev. mo irmão Diogène". Calorosas aclamações aprovam a proposta.

Em seguida, o rev.mo irmão Stratonique é vivamente felicitado, em sua qualidade de antigo assistente da Província, por ter sabido inculcar o espírito de fé e o espírito marista em todos esses bons anciãos. Sua forte e sábia orientação lhes deu a coragem para suportar sem fraquezas o assédio da secularização. Depois de Deus, não é essa a causa primeira de sua perseverança?

Tínhamos ainda igualmente a felicidade por demais rara de ter o caro irmão assistente, cuja saúde precária nos levaria a temer a ausência. Prometemos-lhe, durante este retiro, fazer violência ao céu para obter seu pronto e durável restabelecimento.

Nosso reconhecimento ao senhor De Boissieu, que de bom grado aceitou se associar a esta festa familiar, traduz-se em termos que devem ter provado a ele nossa sinceridade. Em resumo, cito apenas alguns trechos:

> Sr. De Boissieux,
>
> O nome de sua família está inscrito em letras de ouro nos *Annales de l'Institut* e *de l'Hermitage* em particular, mas mais profundamente ainda ele está gravado no coração de todos os irmãos da Província.
>
> Seus nobres pais lhe legaram uma herança magnífica de dedicação e de caridade, que o senhor aceitou generosamente e da qual nós temos sido os felizes beneficiados etc.
>
> Considerando em seguida esta augusta casa, esta Hermitage, obra-prima de nosso pai e de nossos primeiros irmãos, eu grito para ela: *Ad multos annos*!
>
> Cem anos atrás, o padre Champagnat levantava este edifício, obra-prima de simplicidade e solidez; suas mãos acariciavam as pedras e seu olhar constatava sua colocação correta.
>
> Esta modesta residência viu desabrochar a humilde violeta, cujo perfume celestial se espalhou sob essas abóbadas benditas. Ela foi testemunha da partida do apóstolo zeloso, do missionário intrépido. Ela foi o lar que, por um século, alimentou o fogo do zelo e do sacrifício, enquanto a árvore, gerando sem cessar novos ramos, aprofundando sempre mais suas raízes, crescia maravilhosamente, estendia seus galhos em terras longínquas e erguia para mais perto do Céu seu cume magnífico.

Virá o dia em que poremos as mãos na harpa da alegria para repetir a palavra da Escritura: "A pedra que havia sido rejeitada pelos que construíam tornou-se a pedra angular. É o que o Senhor fez e nossos olhos veem com admiração".

Que ela viva, então, nossa querida casa de l'Hermitage! Que ela faça prosperar nosso Instituto! E que este piedoso asilo continue ainda por longos anos como um ancestral para abrigar seus numerosos filhos!

Dirigindo-me a vocês, caros jubilares, eu lhes digo:

Faz 50 anos, faz 60 anos, agora que este século que festejamos estava na metade de seu curso e vocês estavam chegando a l'Hermitage para se entregarem sem limites ao bom Deus. Que belo dia esse em que vocês entraram nesta casa, revestindo pela primeira vez o santo hábito.

Não lhes parecia estar ouvindo, ao longo dos corredores, a voz tão grave e tão doce do Fundador, ou antes a voz de vocês não era o eco da voz dele?

E agora vocês retornam e repetem o cântico inacabado uma vez que toda vida de irmãozinho de Maria é um hino contínuo. Vocês o repetem com algo mais do que a esperança, com destaques de triunfo.

É por isso que nós lhes dizemos, a vocês que celebram suas bodas de ouro, a vocês que atingiram o diamante, a você, o privilegiado querido irmão Marie-Viateur, que está encaixando um rubi em sua vida de marista, de todo o coração: *Ad multos annos*!

Vivam, vivam muitos anos ainda para nossa edificação! Vivam para aqueles que vêm depois de vocês, que os veneram, que os admiram! Vivam para a nova geração, que assumirá as armas caídas de suas mãos e que os substituirá no difícil serviço de soldado de Jesus Cristo. Vivam, finalmente, para aprendermos a vencer imitando-os. Ao ouro, acrescentem o diamante. Ao diamante, acrescentem o rubi! Do rubi conservem sempre o brilho purpurino, a tonalidade resplandecente da juventude renovada em uma velhice cheia de vida. Sob a neve dos anos, conservem, queridos jubilares, um coração jovem e alegre, e fiquem com a gente, aquecendo-nos e animando-nos sem cessar com suas palavras e com seu olhar.

Sentimos não conseguir detalhar neste curto pronunciamento os brilhantes serviços prestados por nossos queridos jubilares. Vamos nos limitar, a título de exemplo, a mencionar o querido irmão Almaque, que, com 63 anos dedicados ao ensino, sem tréguas, detém o recorde. Aos 80 anos, continua, com notável sucesso, a instrução profana e religiosa à quase totalidade das crianças de Saint-George-en-Couzan. Ele nunca pensou em se afastar dessa modesta função depois de ter preparado inúmeros alunos para o bacharelado e para a Escola das Minas de Saint-Etienne.

Uma calorosa ovação reforça os elogios tão bem-merecidos por nossos veneráveis jubilares, e o irmão Angélicus se levanta para nos ler um documento que toda a assistência ouve com o mais religioso respeito.

Sua Santidade, em sua benevolência toda paternal, por meio de nosso eminente protetor, o cardeal Gasparri, dignou-se responder à carta com a súplica do rev.mo irmão Diogène:

> Vaticano, 3 de setembro de 1925.
>
> Secretaria de Estado de Sua Santidade
>
> Revmo. Irmão Superior Geral,
>
> O Santo Padre recebeu com prazer a notícia do centenário da tomada de posse da casa de l'Hermitage por seu pai fundador, Marcelino Champagnat.
>
> Sua Santidade constata ainda com paternal alegria que a esse Jubileu se acrescenta a feliz celebração das bodas de diamante, de ouro e de rubi de um belo número de coirmãos da Província de Lyon. Esta coincidência de jubileus de família com o Grande Jubileu de Roma, no qual os Irmãos Maristas não deixaram de ver uma razão a mais para sua gratidão filial por sua Padroeira celestial e uma garantia de novos favores divinos sobre a Família dos Irmãos de Maria.
>
> É igualmente de todo o coração que o Soberano Pontífice, como testemunho de sua paternal generosidade, concede a todos, com a Medalha Jubilar, a Bênção Apostólica implorada.
>
> Aproveito com prazer esta oportunidade para lhes dar, meu reverendo superior geral, a garantia de minha religiosa dedicação.
>
> P. Cardeal Gasparri.

Esse sinal evidente de simpatia de Sua Santidade em relação a nosso Instituto nos comove profundamente. Nesse clima, os aplausos estalam como lenha na fogueira e parecem nunca parar quando o rev.mo irmão superior geral se levanta para tomar a palavra.

Ele começa agradecendo em termos delicados o honorável senhor De Boissieu e lembrando os serviços marcantes que nos prestou em todas as ocasiões e particularmente em circunstâncias mais penosas. Aí está a razão pela qual o vemos como o benfeitor insigne da Sociedade.

Ele oferece uma palavra muito amável aos Jubilares:

> Acompanhei, diz ele, com uma atenção muito grande e com o mais vivo interesse a leitura destas páginas que testemunham seu valor, seu apego ao Insti-

> tuto e suas qualidades como educadores religiosos. Parecia-me estar ouvindo uma voz acadêmica entregando os prêmios de virtude a pessoas dignas deles por merecimento.
>
> Vocês não visam, meus queridos irmãos, a uma citação destas. Seu ideal é mais elevado, ele se fundamenta totalmente em Deus, que os recompensará, não tenho dúvida, pelos seus 50 anos e mais de uma vida de trabalho e fecunda em frutos de salvação.

Ao terminar, acrescenta:

> Neste dia do Centenário de l'Hermitage, os corações de todos os irmãos palpitam em uníssono com o nosso. Esta casa bendita não é a célula-mãe do Instituto? Explico a mim mesmo a felicidade de nossos zelosos missionários quando, ao voltarem para a França, são autorizados a fazer o que chamam de peregrinação a l'Hermitage. Eles carregam consigo, retornando a suas missões longínquas, uma comovente lembrança que os reconforta em suas penas e em seus momentos de cansaço.

O que não conseguimos definir é essa palavra clara e vibrante, são essas ênfases de sinceridade profunda que comoveram toda esta assistência.

Recuperada a calma depois de aplausos vibrantes e unânimes, o rev. mo irmão Stratonique toma, por sua vez, a palavra. Ele adota como tema de seu discurso os dois pontos seguintes: 1º) Não existe efeito sem causa; 2º) As mesmas causas produzem os mesmos efeitos.

> *Os efeitos do século que se passou desde 1825*
>
> É hoje magnífica a árvore plantada aqui pelo padre Champagnat faz cem anos, com a colaboração de seus primeiros discípulos.
>
> Como é gigantesca, vigorosa e fecunda a ramagem dessa árvore apostólica! Ela se estende nas cinco partes do mundo.
>
> É hora de nos lembrarmos da palavra de Sua Santidade Bento XV ao superior geral: "Mas, meu reverendo irmão, o senhor é um papa 'como eu'; sua jurisdição se estende ao mundo todo".
>
> Atualmente, os Irmãozinhos de Maria exercem sua missão apostólica em mais de 200 dioceses.
>
> Um dos frutos mais notáveis da árvore é a soberba falange de quatro mil dos nossos que morreram no Instituto.
>
> E as milhares de crianças educadas como cristãos em nossas escolas desde a

> plantação da árvore marista em l'Hermitage!
>
> E essa multidão de livros ascéticos, históricos, pedagógicos e científicos editados na Casa-mãe!
>
> E este número tão considerável de juvenatos, de noviciados, de escolasticados e de colégios fundados durante este século em diversas partes do mundo!
>
> Aí estão, em resumo, alguns dos efeitos. Quais são suas causas? São as mesmas que as que presidiram à fundação do Instituto em 1817 e que o irmão João Batista salientou tão bem.
>
> No início de sua obra *Avis, Leçons, Sentences*, ele lança uma pergunta: O que é o Instituto dos Irmãozinhos de Maria? E responde: É uma Congregação que nasceu na humildade, na pobreza e à sombra da Cruz.
>
> Se acrescentarmos à pobreza, à humildade e às demais virtudes religiosas heroicamente praticadas pelos operários da primeira hora, uma total e inquebrantável confiança em Deus e em Maria, teremos dito que, na ausência de meios humanos, são as obras sobrenaturais que produziram os maravilhosos resultados que hoje admiramos.
>
> Não devo e não quero deixar passar esta circunstância solene sem prestar à Santíssima Virgem, Rainha de l'Hermitage, um tributo de filial homenagem e de viva gratidão.
>
> Em seu leito de morte, nosso Fundador dizia ao irmão Francisco e ao irmão Luís Maria: "Entendam-se bem. Vocês terão de enfrentar muitos obstáculos e dificuldades. Mas, tenham confiança. Deus os ajudará e vocês triunfarão porque é a obra dele que vocês estão fazendo. Depois, não se esqueçam, a Santíssima Virgem Maria é o principal sustentáculo da casa, e sua proteção não lhes faltará".

Depois da visita ao Santíssimo Sacramento, o sino toca bem forte. É hora do ágape fraternal. A mesa de honra está ocupada pelos superiores rodeados pelo capelão e por alguns amigos e diretores de escolas.

Os heróis do dia, nossos queridos jubilares, todos reunidos na mesma mesa, encontram-se radiantes. Sua jovialidade e seu bom apetite nos fazem pressagiar que têm ainda belos dias a passar nesta terra.

O que dizer do jantar? É realmente uma verdadeira refeição de festa. O caro irmão Lin, ecônomo, preparou tudo muito bem. O frango oferecido é invencível.

As Vésperas, cantadas com muito entusiasmo, são de fato um hino de

gratidão e de amor. A bênção do Santíssimo Sacramento que as encerra constitui a digna coroação desse belo dia.

Nossa gratidão vai em primeiro lugar para o querido irmão Joseph-Philippe, nosso dedicado provincial e programador da festa. Esta *Monografia* é em grande parte obra dele e supõe um trabalho considerável. Foi necessário pesquisar muitos textos, confrontar documentos e coordená-los com grande inteligência. Que ele aceite aqui o testemunho de nossa profunda gratidão.

Não nos esqueçamos dos caros irmãos Jean-Alphonse, Modestin, Almaque e Maxime, cujas preciosas anotações foram muito úteis na redação desta *Monografia*. Irmão Maxime, como diretor de l'Hermitage, tinha assumido a pesada tarefa da organização do dia. Sua sagacidade e clarividência tinham previsto os mínimos detalhes. Graças a seu zelo inteligente, as cerimônias se realizaram de modo impecável.

Nossos mais vivos agradecimentos também ao irmão André-François, o dedicado vice-diretor da casa. Ele só se serve de seu título para pregar pelo exemplo e empenhar-se sem trégua nem descanso. Prevê tudo com bom gosto. Ele nos faz recordar por sua amabilidade e sua piedade o bom

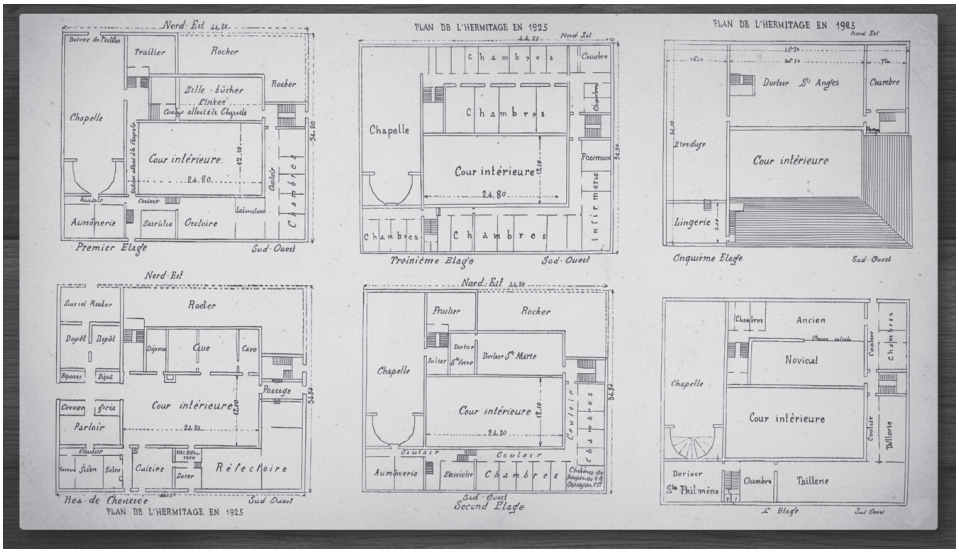


Imagem 40: Planta do Hermitage em 1925. Legenda de uma "prancha 2": 6 itens que diziam respeito à propriedade Patouillard. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Um plano preciso e completo: os 5 pisos foram considerados. O respectivo plano não consta da *Monografia*. [AL]

irmão Stanislas, de piedosa memória.

2.3 Apêndices

Acróstico em homenagem a l'Hermitage

Hermitage querida, teu glorioso centenário
Evoca em nossos corações numerosas lembranças.
Relatar teus grandes feitos neste lugar solitário
Mereceria longos e sagazes momentos de folga,
Incitando-nos assim a celebrar docemente tua glória.
Teu Gier e teus velhos muros fazem palpitar nossos corações.
A tua lembrança nunca sairá da memória de teus filhos.
Gravada na recordação de longos dias de labuta,
Empregados por santos para criar tua história.

Seis primeiros superiores Gerais que sucederam ao padre Champagnat no Governo do Instituto

Padre Marcelino Champagnat (1789-1840), fundador dos Irmãos Maristas.
Irmão Francisco, de 1840 a 1860.
Irmão Luís Maria, de 1860 a 1880.
Irmão Nestor, de 1880 a 1883.
Irmão Théophane Durand, de 1883 a 1907.
Irmão Stratonique, de 1907 a 1920.
Irmão Diogène, 1920 [a 1942].

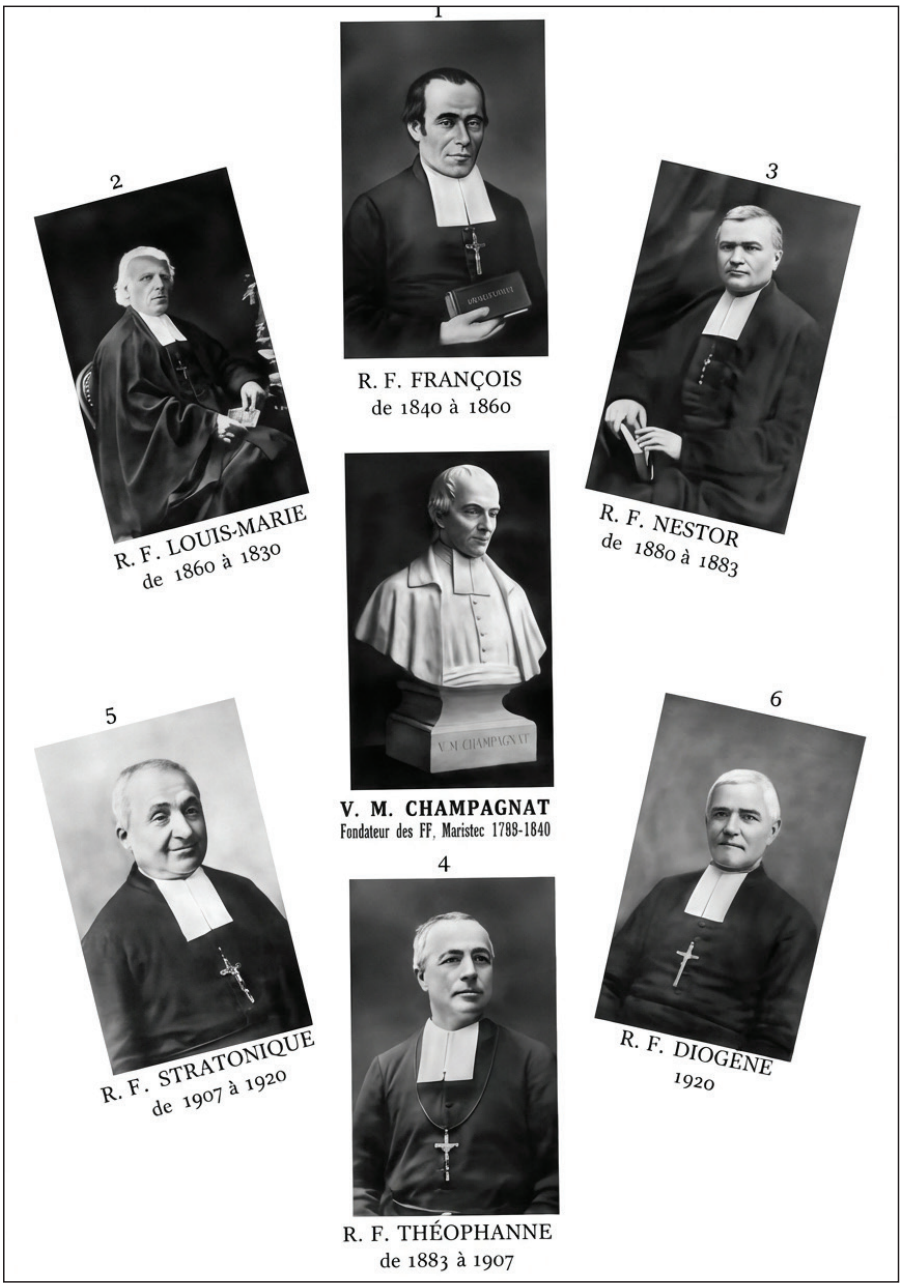


Imagem 41: Superiores gerais que sucederam ao venerável padre Champagnat no governo do Instituto. Arquivo dos Irmãos Maristas, Roma. (Melhorada por IA.) Detalhe interessante: Champagnat não está representado pelo retrato Ravery, mas por um busto recente em mármore. [AL]

3

Plantas sumárias da casa do pai e utilização, em todos os andares, dos diversos aposentos

De acordo com os *Annales de l'Institut*, do irmão Avit A. G., secretário geral e cronista, e com as plantas reunidas pelo irmão Jean-Alphonse (Grapeloup), diretor provincial (1918-1924)

Documento dos arquivos da casa de l'Hermitage transferidos para os arquivos provinciais de Saint-Genis-Laval e atualizado por Julien Béchard, arquivista. Copiado pelo irmão André Lanfrey em dezembro de 2024.

3.1 Introdução

Irmão André Lanfrey

Este documento fazia parte do dossiê de elaboração da *Monografia* de Notre-Dame de l'Hermitage, publicada em 1925, cujos autores conhecemos, entre eles, o irmão Jean-Alphonse (Jean Victor Grapeloup, 1867-1933). Ele fez o noviciado em 1882-1883 e faleceu em Notre-Dame de l'Hermitage, em 24 de fevereiro de 1933. É um homem competente que atuou como professor e diretor de internato. De 1918 a 1933, tornou-se superior de l'Hermitage, estando assim bem-posicionado para apoiar o irmão Joseph-Philippe, provincial e coordenador do projeto da *Monografia*.

O próprio título desse livro nos informa que o irmão Jean-Alphonse buscou suas fontes nos *Annales de l'Institut* [Crônicas do Instituto], do irmão Avit, mas também nos *Annales de l'Hermitage* [Crônicas de l'Hermitage],

cujas cópias foram entregues em Saint-Genis-Laval, compreendendo os seguintes volumes:

- *Annales de l'Hermitage* (1877-1891) pelo irmão Amphien. Fotocópia do original, 149 páginas.
- *Annales de l'Hermitage*. Cópia datilografada de uma coleção de documentos pelo irmão Jean-Alphonse, 144 páginas. Grande número desses documentos foram retomados na *Monografia* de 1925.
- *Annales de l'Hermitage*. Caderno datilografado dos *Annales* do irmão Jean-Alphonse (1839-1926), 117 páginas. Foram inseridas nesses *Annales* as plantas extraídas de um caderno de "Notas do irmão Arpin acerca de Rosey, La Valla e l'Hermitage". Esse irmão passou o final de sua vida em l'Hermitage, de 1896 a 1919. Seu caderno existia até recentemente, pois foram encontradas cópias. Talvez seja possível encontrá-lo novamente.
- *Annales de l'Hermitage*. Segundo caderno datilografado de Jean-Alphonse, 1885-1904, 121 páginas.

Segundo meu conhecimento, esses *Annales* são a base da *Monografia* e ainda não foram estudados de forma sistemática. Além disso, estamos em busca do caderno de notas do irmão Arpin. Enfrentamos, em resumo, um pequeno problema bem conhecido dos pesquisadores: encontramo-nos diante de um conjunto de fontes mais complexo do que pensávamos inicialmente.

Para nós, isso representa um convite a um estudo aprofundado da casa de l'Hermitage, mas nos falta tempo para realizá-lo de imediato. Ainda assim, alcançamos um resultado nada desprezível: o irmão Jean-Alphonse fundamentou amplamente o texto da *Monografia*, assim como sua compilação das plantas, baseando-se nos *Annales de l'Institut*. Por fim, veremos que o irmão Jean-Alphonse não é o único autor da obra que chegou até nós e cuja crônica se estende além de seu falecimento em 1933.

Sobre os autores

Este documento, iniciado pelo irmão Jean-Alphonse por volta de 1925, foi continuado por outra pessoa em torno de 1960. Por exemplo, na página 1, ao tratar da casa antes de 1830, o autor nos diz: "Na vida do Beato Fun-

dador...”; ou seja, escreve após a beatificação do padre Champagnat em 1955. Na página 12, trata da disposição das adegas sob a capela construída em 1877 e especifica: “abrigavam o Historial”. Ora, esse Historial, espécie de pequeno museu dedicado ao padre Champagnat, à casa e ao Instituto, só foi instituído nos anos 1960.

Além disso, para além das correções pontuais e das palavras sublinhadas, que revelam a existência de diversos leitores, identificamos pelo menos duas caligrafias: a do irmão Jean-Alphonse (p. 2-8) e uma segunda, de forma mais regular (p. 1 e 9-19), vinda do cronista dos anos 1960. Encontramos também dois tipos de papel: as páginas de 1 a 8 não têm quadrícula, ao contrário das seguintes. Mas não nos alonguemos nos detalhes, pois, apesar desse caráter compósito, o documento ao qual as plantas e os textos estão sempre associados apresenta uma verdadeira homogeneidade.

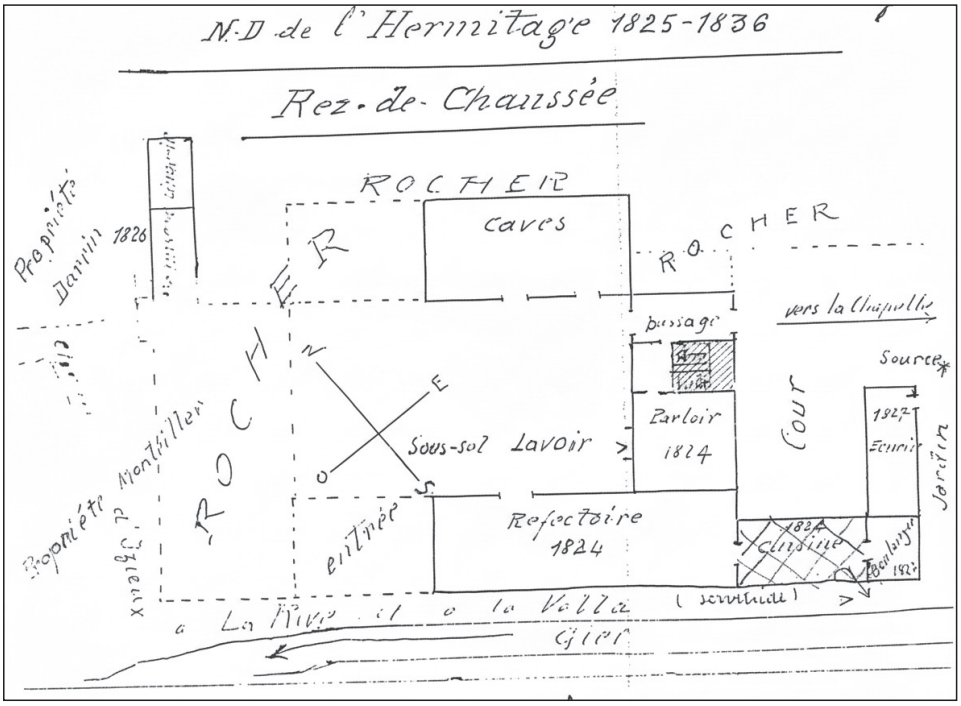
O conhecimento de um quadro material, tão necessário hoje

Em 1925, após as adversidades da secularização e depois da guerra, era preciso reafirmar uma fidelidade em face das incertezas do tempo, daí a ênfase na tradição espiritual e religiosa presente na *Monografia*. O conjunto de plantas que nos fala de muros a construir ou a reparar, de rocha a talhar, de sistema de abastecimento de água a implementar, de salas destinadas a novas funções, representa também um remédio contra o esquecimento, mas igualmente contra uma idealização excessiva. Constitui ainda uma breve síntese dos *Annales de l'Hermitage*.

3.2 Documento

Página 1

A pedra fundamental da casa foi benzida pelo padre Cholleton, vigário-geral, em maio de 1824. Antes de decidir essa construção, o bom padre deve ter sonhado inicialmente com uma pequena capela, com a moradia e com a subsistência dos irmãos, uma dezena, que foram ajudar os operários. Na *Vida de Champagnat*, o irmão João Batista nos informa sobre a moradia e a capela. Irmão Avit, nos *Annales de l'Institut*, escreve em relação a 1827:



"O venerado pai, o irmão Pierre[1] e outros construíram um galpão, com andar térreo e primeiro piso, na região do pátio sul. [...] Ali foi colocada a padaria da casa [...] e o estábulo" (demolidas em 1841).

Quanto à cozinha que observamos na gravura de 1838, ela deve ter sido construída ao longo da margem do Gier e ter servido ao mesmo tempo de refeitório durante a construção das três alas.

Terminada a grande obra no início do inverno de 1824, o interior foi organizado durante a estação fria, e, em maio de 1825, a casa inteira de La Valla foi se instalar lá: dois capelães, os padres Courveille e Terraillon, quarenta irmãos ou noviços,[2] dez postulantes e alguns alunos internos. O pequeno mobiliário de La Valla foi junto.

---

[1] Jean Souchon (1798-1868), nascido em Boisset (Haute-Loire). Um dos primeiros postulantes admitidos em Notre-Dame de l'Hermitage em outubro de 1824. No auge da idade, em 1827, teria desempenhado papel importante na construção da ala sul de l'Hermitage. Faleceu em Saint-Genis-Laval, em 15 de março de 1868. [AL]

[2] Irmão Avit informa (*Annales de l'Hermitage*, vol. 1, 1825, § 3): "A família era composta de 20 irmãos e 10 postulantes. Outros 22 irmãos atuavam nas escolas". [AL]

Comentário do irmão André Lanfrey: A planta acima nos revela, tanto quanto o texto, sobre l'Hermitage original ainda pouco separada do rochedo, que impedia seu desenvolvimento a norte e a leste. A casa se apresenta em forma de "L", coroada por uma capela curiosamente construída sobre uma rocha, sem dúvida porque só foi possível desgastá-la parcialmente. Daí a necessidade de se construir um anexo de edifícios, certamente não previsto no plano original, para aí instalar serviços essenciais. Da mesma forma, a norte da casa principal, entre dois blocos de rocha, parece ter sido erguida uma casa, que abrigava uma rouparia e talvez uma carpintaria (a palavra é de difícil leitura). Sabemos ainda que esse edifício tinha um primeiro andar com alojamentos. Acrescentemos que o acesso à casa principal e ao subsolo, utilizado como lavandaria e local de banho, era feito por uma passagem entre o edifício e a rocha, pois ainda não existia um pátio interior. Finalmente, entre o rio Gier e a ala que o rodeia, havia uma "passagem de servidão", isto é, um caminho de uso cotidiano que permitia circular a pé entre Saint-Chamond e La Valla ao longo do rio. Essa "servidão" vai subsistir por muito tempo, fato que nos convida a não levar demasiado a sério o ideal de solidão de l'Hermitage. Por fim, essa planta nos informa que a primeira fase da construção da casa, iniciada em 1824, prossegue até 1826-1827. Daí a inquietação dos superiores eclesiásticos do padre Champagnat, que o julgavam afetado pela "doença da pedra", ou seja, pela mania de construir.

Página 2

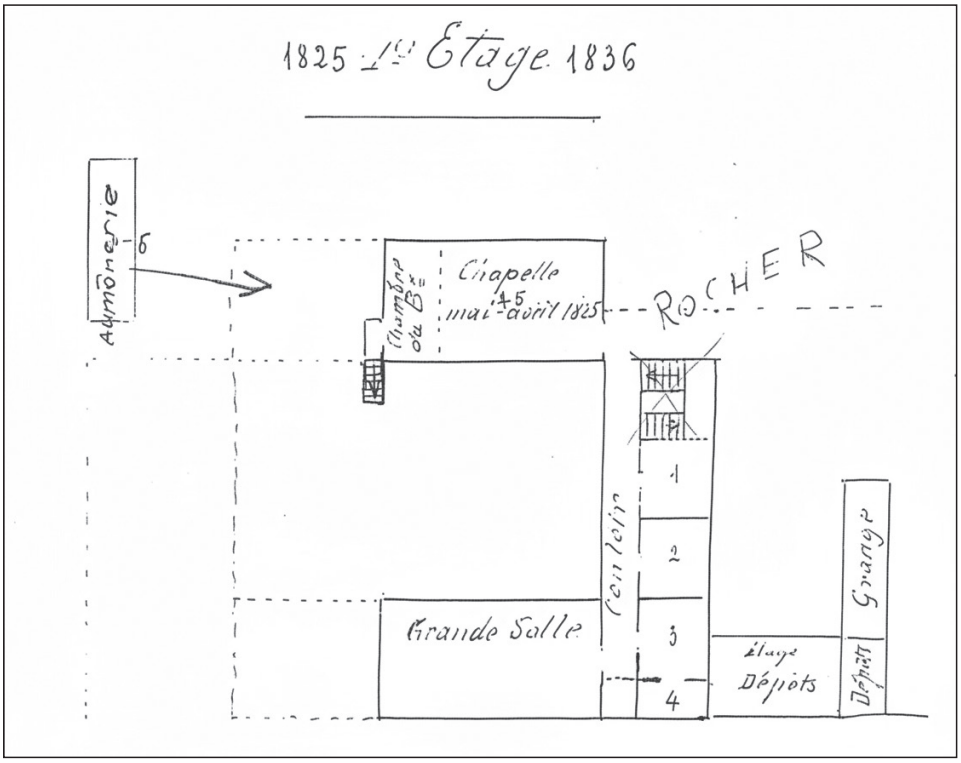
Esta é a família marista, instalada em l'Hermitage em maio de 1825: os dois capelães, padres Courveille e Terraillon, ocupam os quartos 1 e 2,[3] enquanto o bom pai provisoriamente – quatro meses – teve o seu na extremidade da ala nordeste, na continuação da capela, também provisória (de maio a agosto), separada apenas por uma divisória de tábuas. O bom padre se instalou depois nos quartos 3 e 4, que ocupou até a morte. O caro irmão João Batista, assistente, assumiu seu lugar.[4]

Em agosto de 1825, a sala 5 se tornou a oficina de fitas; depois, em 1829, de tecidos de lã[5] para a fabricação de tecido para o hábito dos irmãos. Em

[3] "Este quarto foi ocupado depois de sua partida pelo padre Pompallier" (irmão Sylvestre). [AL]

[4] Após a morte dele, no mínimo em 1840. [AL]

[5] De fato, uma oficina de tecelagem da lã. [AL]



1844, a sala ainda existia (carta dos irmãos de l'Hermitage aos irmãos da Oceania, em 20 de janeiro de 1844).[6] Em 1852, 1853 e 1854: Capítulos Gerais.[7]

Os *Annales de l'Institut* do irmão Avit em 1826 se referem a uma senhora, de nome Gabrielle,[8] que se instalou em l'Hermitage para cuidar da roupa, provavelmente no térreo da construção 6,[9] onde Philippe Arnaud, marceneiro e sobrinho do bom pai, instalou-se igualmente no térreo em 1828. Os capelães, por sua vez, ocupavam o andar (de 1840 a 1866; depois, de 1872 a

[6] Essa carta, citada em *Circulaires des Supérieurs Généraux*, vol. 1, p. 384-388, data de 20 de janeiro de 1845 e traz informações sobre as várias oficinas de l'Hermitage e sobre os trabalhos realizados nessa época. [AL]

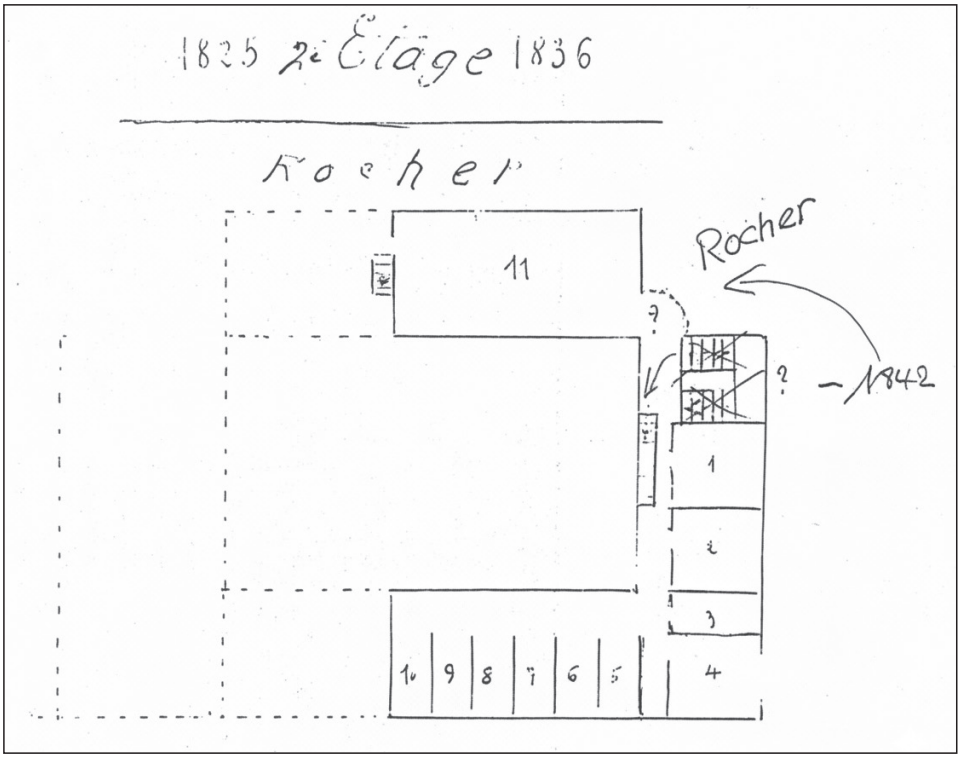
[7] Na verdade, trata-se do grande Capítulo legislativo em três sessões: em 1852, *Regras Comuns*; em 1853, *Guia das Escolas*; em 1854, *Constituições*. [AL]

[8] Irmão Avit (*Annales de l'Institut*, vol. 1, 1826, § 50) se engana. Não há senão uma Gabrielle (Fayasson), irmã de quatro irmãos maristas. Conforme os *Annales de l'Institut*, ela é encarregada da roupa branca entre 1834 e 1838, e de 1869 até seu falecimento, em 1890. [AL]

[9] A seta na planta indica que esse edifício foi desenhado muito longe da casa. [AL]

1875).[10] Nessa data,[11] ela foi demolida para permitir a ampliação da capela projetada e construída no ano seguinte.

Página 3



As escadarias internas que davam acesso a todos os andares eram de madeira. O segundo andar foi reservado, sobretudo, para os quartos dos superiores locais e dos principais irmãos da comunidade, chefe de grupo ou de oficina.

A grande sala número 11, acima da tecelagem, foi dedicada desde o início à encadernação de manuais escolares,[12] à fabricação de embalagens para a fiação e à biblioteca dirigida pelo caro irmão Luís até sua morte.

[10] Passagem acrescentada posteriormente. [AL]

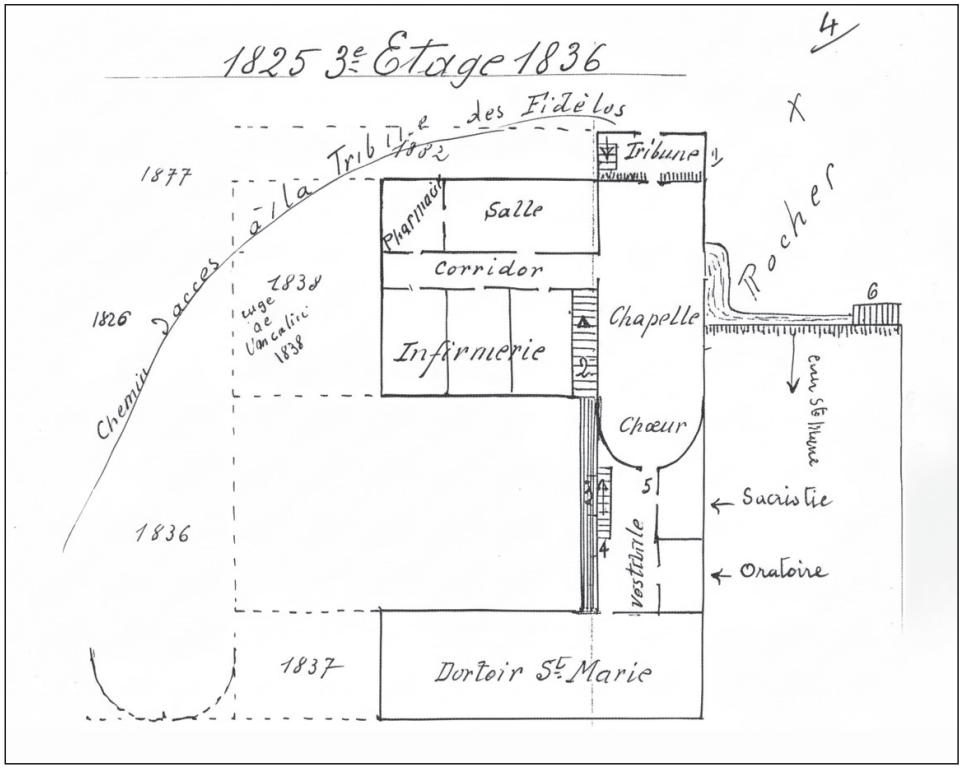
[11] 1875. [AL]

[12] Provavelmente, alguns manuais eram fornecidos em folhas separadas ou somente em brochura. [AL]

Ele havia sido diretor em Marlhes, mestre de noviços em La Valla, em seguida diretor em Bourg Argental e em Charlieu, e mestre de noviços em l'Hermitage.[13]

Uma escada talhada na rocha permitia o acesso a essa sala pelo exterior, a noroeste.[14] Provavelmente após 1874 essa sala se tornará definitivamente o dormitório Santa Maria, porque foi nessa data que a enfermaria instalou seus quartos destruídos[15] no local que até então levava esse nome (*Annales*, 1874).[16]

Página 4



[13] Jean-Baptiste Audras, segundo discípulo do padre Champagnat em La Valla. Teve uma divergência com o padre Champagnat, em 1826-1828, sobre a organização da Sociedade em l'Hermitage, cujas circunstâncias e consequências conhecemos mal. Em todo caso, foi posteriormente relegado a uma posição relativamente secundária. [AL]

[14] Só a planta que acompanha esse texto permite localizar essa escada, que é muito curta. [AL]

[15] Para a reforma da ala do noviciado, perto do rochedo. [AL]

[16] Não são os *Annales de l'Institut*, mas os *Annales de l'Institut*. [AL]

A tribuna (1) ficava acima do rochedo, por assim dizer, no quarto andar. A capela, exceto o coro, encontrava-se totalmente sobre o rochedo. Embaixo da tribuna, alguns espaços livres permitiam aos fiéis descerem por uma escadinha colada à parede para ir comungar. A escada (2) dava acesso ao noviciado localizado no sótão. Para chegar ao noviciado e à capela, os noviços deviam descer por essa escada, atravessar a passagem externa (3) e entrar pelo coro (5). A comunidade usava a escada (4) para subir dos andares de baixo, ou ainda, pelo pátio Santa Maria, a escada (6) talhada na rocha, para chegar à nave.

Acima do terceiro andar – alas do nordeste –, [encontra-se] o sótão, espaço provisório do noviciado, porque em 1837, após o desaparecimento da capela, essa ala recebeu um andar a mais e, em 1882, foi alargada de alguns metros para alinhar o prédio com as saliências da antiga e da nova capela.[17] O pontilhado permite a percepção dessas modificações.

No sótão das alas sudeste e sudoeste localizava-se a alfaiataria, criada em 1826 e dirigida pelo irmão Hippolyte. Como se chegava lá? Talvez por uma escada colocada no vestíbulo ou no oratório?

Comentário do irmão Lanfrey: Este texto é o comentário da planta no alto da página, que parece mais recente que as outras. Note-se o papel milimetrado e escrita mais regular.

Página 5

Em 1835, a capela de 1825 revelou-se realmente pequena demais, devido à prosperidade da Congregação. O bom pai sonhou com algo maior. Comprou do senhor Monteillier um rochedo que fazia limite com l'Hermitage, a noroeste. Alguns irmãos mais fortes o ajudaram a quebrar o rochedo e, no lugar dele, foi construída a ala noroeste, que fecharia o pátio interno (1836).[18]

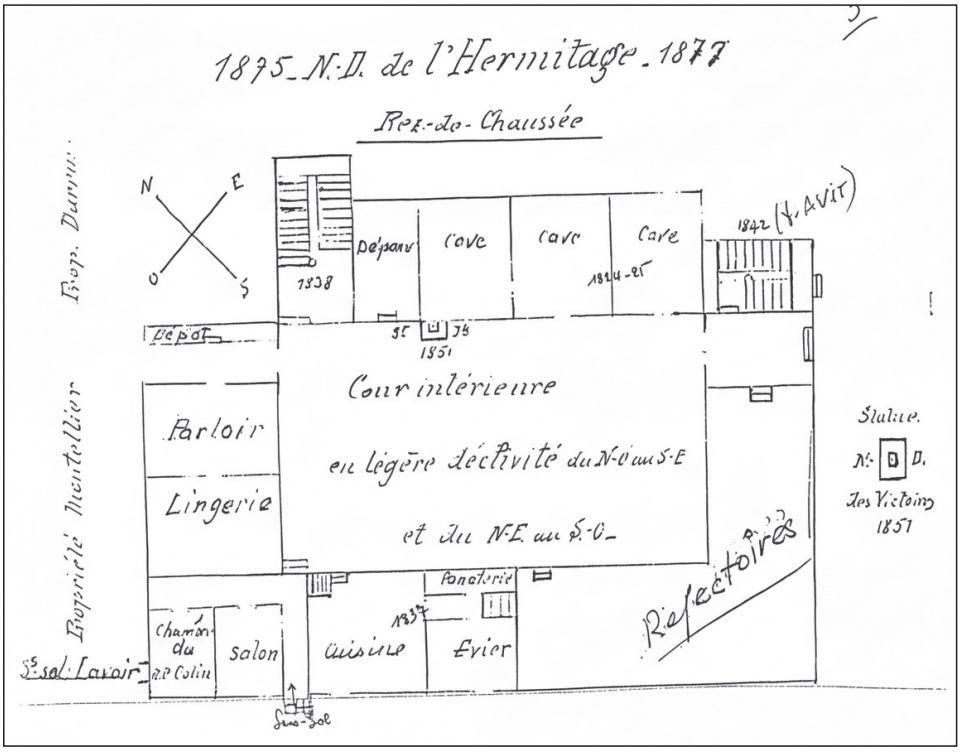
No térreo, [encontravam-se] as salas de visitas, a lavanderia e dois quartos, dos quais um reservado ao padre Colin por ocasião de suas visitas.[19]

---

[17] Correspondem às duas grandes fases de reestruturação da casa, com intervalo de cerca de quarenta anos. [AL]

[18] A correspondência e os registros de despesas de Champagnat mostram que a maior parte do trabalho foi realizada por profissionais. A imagem de Champagnat e dos irmãos talhando pedras é verdadeira, mas não deve ser exagerada. [AL]

[19] O padre Colin deixa de ser superior dos Irmãos Maristas em 1852. O apartamento para seu uso passa a acomodar também outros visitantes. [AL]



No ano seguinte, ele uniu essa ala com a que ladeava o Gier e pôde então instalar a cozinha no térreo.[20]

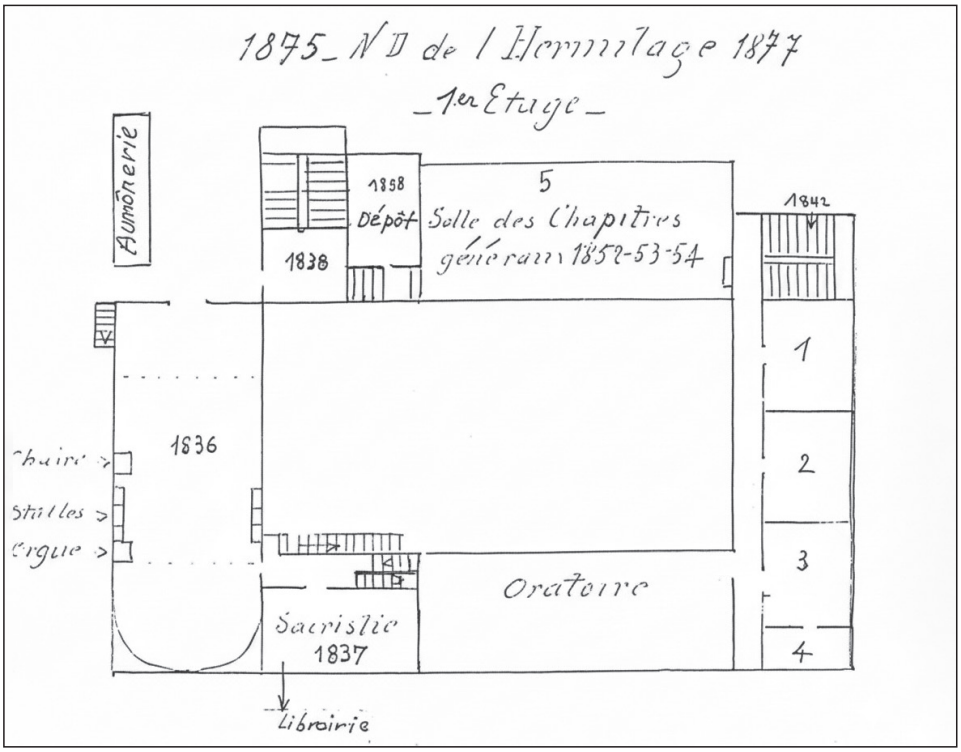
Sobrava outro rochedo – o mais sólido de todos – entre as alas nordeste e noroeste. O bom pai julgou que o certo seria, em 1838, as duas alas se juntarem, ~~ao mesmo tempo que ele acrescentaria um andar à ala nordeste~~ [riscado no original].

Uma escada de pedra permitiu o acesso a todos os andares a noroeste (1838), e uma segunda a nordeste em 1842.

Comentário do irmão Lanfrey: A partir de 1835 até a morte do padre Champagnat, desenvolve-se uma segunda fase de adequações em Notre-Dame de l'Hermitage.

[20] Em data que nenhum texto esclarece, provavelmente por volta de 1850-1860, foi colocado um arco-botante para apoiar a parede da capela nova, mal construída. Esse arcobotante é visto em algumas representações de l'Hermitage. Há ainda hoje um arco em pedra que atravessa o Gier e cuja função arquitetural antiga não é mais conhecida. [AL]

Página 6



A capela de 1836 era mais ampla que a de 1825: 20x10 m contra 17x7 m. Uma escada externa com rampa em ferro permitia aos fiéis acessarem-na pelo exterior. A comunidade nela entrava pelo coro, separado da sacristia apenas por uma divisória de tábuas.

Em 1874, a sacristia foi estreitada para permitir criar um corredor de acesso à nova biblioteca e uma escada de serviço para a enfermaria.

Até 1840, os capelães ocuparam os quartos 1 e 2. Os quartos 3 e 4 eram reservados para o bom pai. De 1840 a 1866 (e de 1872 a 1875), eles se instalaram na construção (primeiro andar) onde se hospedavam também as "*bonnes filles*" [boas senhoritas], na expressão do caro irmão Avit.[21]

[21] A partir de 1840, há em l'Hermitage uma comunidade de Irmãs da Sagrada Família de Lyon. A lembrança da presença delas parece ter-se perdido. [AL]

De 1869 a 1872, houve apenas um capelão (...),[22] que se hospedava com sua governanta no segundo andar. Quando a construção de uma nova capela foi autorizada pelo Capítulo, a de 1836 foi destruída, assim como a capelania. Os capelães retomaram seus quartos 1 e 2 de 1825, que deixaram pela segunda vez para se fixarem definitivamente nos atuais (1882). A sala 5, onde desde o início eram confeccionados os tecidos, possivelmente entre 1834 e 1850, foi adaptada para os Capítulos de 1852, 1853 e 1854.

O sacristão da época (irmão Marie Régis, um frécon de La Valla) ficou tão aflito com essa decisão que se demitiu de suas funções e se dedicou desde então ao recrutamento para os juvenatos, função que manteve até morrer. Marie-Vincent assumiu; depois, em 1924, o irmão André-François, cujo trágico fim em 1943 é bem conhecido.[23]

Comentário do irmão Lanfrey: A partir de 1836-1842, a constituição de l'Hermitage como um quadrilátero está quase concluída. O corpo avançado ao sul foi demolido, assim como a capela sobre a rocha. A construção da nova capela permitiu a criação de um pátio interno, e a ala leste foi prolongada. Daqui em diante, tratar-se-á de ajustes – por vezes importantes, como no caso da ala leste –, mas os trabalhos passarão a incidir mais que antes sobre os arranjos interiores.

Página 7

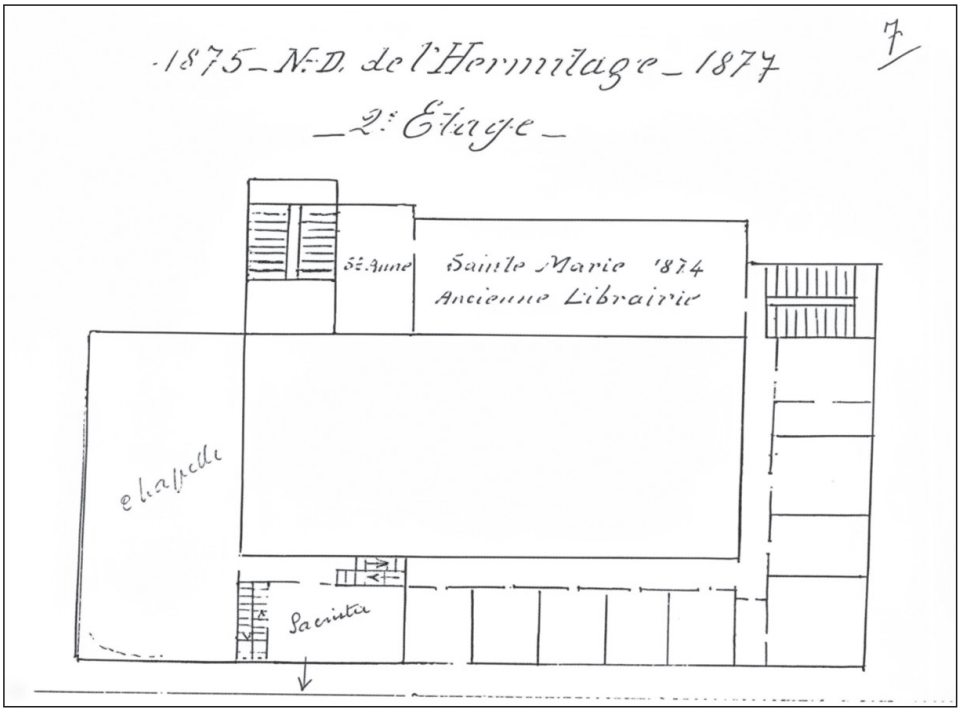
De 1836 a 1874, o segundo andar sofreu só algumas mudanças. Em 1874, pela generosidade do irmão Azarias, diretor e mestre de noviços, a enfermaria, mal instalada já fazia tempo no terceiro andar, abaixo do noviciado, ficou bem mais estruturada no antigo dormitório Santa Maria (terceiro andar, ala sudoeste) onde se encontra ainda hoje. Nessa época, também a biblioteca foi mudada para se instalar ~~nos prédios Patouillard adaptados para isso~~ em uma construção entre a estrebaria e a sacristia, feita para isso nesse ano.[24]

---

[22] Há palavras ilegíveis na entrelinha. [AL]

[23] A última linha foi tachada em algumas cópias. Esse irmão foi acidentalmente atropelado por uma motocicleta do exército alemão. [AL]

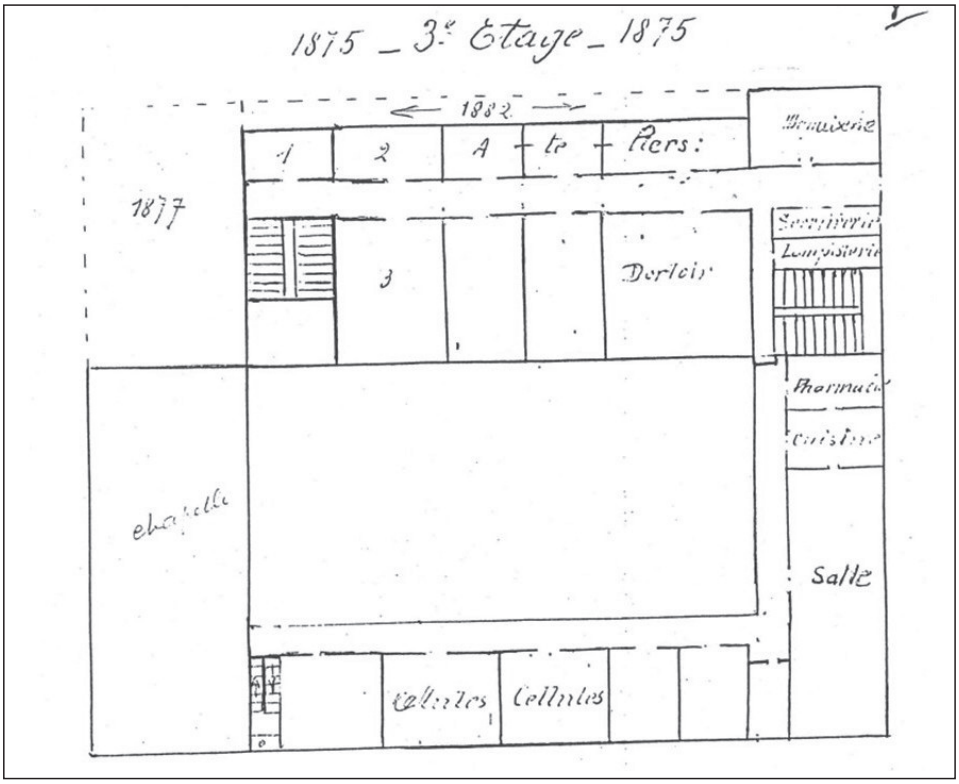
[24] Entende-se que havia uma passarela entre essas duas instalações, localizadas de um lado e de outro do rio Gier. [AL]



Página 8

Se o segundo andar não passou por grandes transformações, em compensação o terceiro foi totalmente alterado, tanto em 1836-1837 como em 1938, e sobretudo em 1874, quando a enfermaria deixou a ala nordeste para ocupar inteiramente as alas sudeste e sudoeste. A instalação da enfermaria exigia um trabalho gigantesco e despesas consideráveis. Irmão Romain, então vice-mestre dos noviços, mais tarde diretor provincial e visitador, assumiu essa responsabilidade: vestiu casaco e calças brancas,[25] armou-se com espátula e pincéis, e lá estava ele atuante em todos os momentos livres e nas horas que roubava de seu sono. Reconstrução, reboco e pinceladas eram seu trabalho... Vinte anos mais tarde, decidiu-se mudar a disposição de um dos quartos. Recorreram a um estucador profissional. Ao demolir a parede, ele comentou: "Raramente demolimos algo tão sólido". Essa diversidade de atividades do vice-mestre não deixava de provocar nos visitantes

[25] A roupa habitual dos pintores. [AL]



algum comentário de menosprezo, que o gesseiro improvisado aceitava com bom humor e de modo muito jovial, provocando gargalhadas em quem assistia as cenas (de acordo com uma testemunha ocular, provavelmente o irmão Jean-Alphonse Grapeloup).[26]

De 1866 a 1872, os quartos 1, 2 e 3 foram ocupados pelo capelão padre Chapuy e sua governanta.

O noviciado continuava a ocupar sempre o quarto andar (ala nordeste) e a alfaiataria, as alas sudeste e sudoeste.

Página 9

A viuvez (1858-1870)

Enquanto os irmãos Francisco e João Batista[27] estavam em Roma, onde os havia deixado o irmão Luís Maria, este último convocou os irmãos para

[26] Trecho acrescentado posteriormente; a caligrafia é diferente. [AL]

[27] Irmão João Batista nunca esteve em Roma. [AL]

os retiros anuais e lhes anunciou que os dois retiros do Centro[28] seriam feitos na nova casa geral em Saint-Genis-Laval.

A nova capital do Instituto estava pronta. A administração e o noviciado se dirigiram para lá em julho de 1858 e deixaram a casa de l'Hermitage na "viuvez". Nessa data, haviam sido fundadas 353 casas, mas 14 estavam fechadas. Havia, portanto, 339 em funcionamento, em que trabalhavam cerca de 1200 irmãos. Os cinco noviciados de Saint-Genis-Laval, de Saint--Paul, de La Bégude, de Beaucamps e de Hautefort contavam com cerca de 400 irmãos, noviços e postulantes, elevando o total a quase 1600 pessoas.

1859. Com o regime, o noviciado e todos os serviços da administração, a quase totalidade do mobiliário, inclusive o da capela, o material escolar, a biblioteca, a enfermaria, a alfaiataria, a sapataria e seus estoques tinham ido para Saint-Genis-Laval. Alguns inválidos ou empregados, sob a direção do irmão Cariton, eram os únicos a ficar em l'Hermitage. Eles se achavam amplamente acomodados. Tudo estava quase vazio e em um estado bastante precário. Certo número de estudantes, tendo o irmão Sylvestre e o irmão Zozime (mais tarde, egresso) como professores, juntaram-se a eles. A casa tinha então cerca de trinta ocupantes.

Os habitantes da redondeza sentiram-se magoados com a redução de l'Hermitage. Os cidadãos de Saint-Chamond, que haviam feito tanto por essa casa, não esconderam seu desapontamento. Quando o irmão João Batista foi até lá, uma multidão o assediou com reclamações, da estação até a casa.[29] Essas recriminações tiveram como efeito impedir que a casa morresse, porque chegou-se a pensar em vendê-la... Um tintureiro ofereceu 110 mil francos. O Conselho do Regime recusou a oferta, por respeito ao venerado Fundador, pelas tradições do Instituto e em consideração pelos antigos benfeitores. (*Annales*)

Página 10

1860. Dois diretores se sucederam na casa, os irmãos Cariton e Mathieu, antes do retorno do irmão Francisco, após a demissão do cargo de superior

[28] Não existem ainda as Províncias de l'Hermitage e Saint-Genis-Laval, apenas a única Província do Centro, dirigida pelo irmão Luís Maria. [AL]

[29] Informações retiradas das *Crônicas de L'Hermitage*, único documento marista que menciona esse protesto dos moradores. [AL]

geral. Esse excelente religioso, esse fiel imitador do venerado Fundador, esse valente piloto, sob cuja direção o Instituto havia crescido tanto, retirou-se então em l'Hermitage, a casa que lhe havia sido tão querida, e aceitou o humilde cargo de diretor em substituição ao irmão Mathieu.

1866. Nesse ano, o irmão Barlaam foi nomeado sacristão. Depois da construção da atual capela (1876-1877), ele se mostrou um mendicante habilidoso e conseguiu equipar a capela com um belíssimo mobiliário, ricos ornamentos e vasos sagrados.

1868. Com a crescente necessidade de candidatos, foram recebidos no juvenato ("noviciado" acrescentado a esse termo)[30] de Saint-Genis-Laval grande número de candidatos que ainda não tinham 15 anos. Outros que tinham essa idade possuíam saúde muito frágil. Essa situação provocou a ideia de se criar um juvenato ou noviciado "menor", onde seriam recebidos meninos a partir de 12 anos completos, contanto que tivessem feito a primeira comunhão e que seus pais pudessem contribuir pelo menos com 25 francos por ano e um enxoval. Esse juvenato foi colocado sob a direção do irmão Callinique nos primeiros meses desse ano. Em julho, já havia 60 juvenistas.[31]

1869. Após os retiros desse ano, o irmão Azarias foi nomeado diretor do juvenato, em substituição ao irmão Callinique, que não se entendia muito bem com rev.mo irmão superior.[32] Ele retomou seu cargo de visitador. Irmão Azarias, então no Centro, só conseguiu deixar seu posto alguns meses depois: os irmãos Martinien e Romain dirigiram os juvenistas.

1870. Em fevereiro, o irmão Azarias pode então assumir a direção do juvenato (60) e, além disso, o rev.mo irmão Francisco o encarregou da supervisão e dos detalhes da administração. Irmão Romain continuou a auxiliá-lo até quando foi criado o noviciado em l'Hermitage.

Em outubro, com efeito, como a casa de Saint-Genis-Laval tinha sido ocupada pela tropa, os noviços tiveram de sair e se reagruparam aqui, acompanhados pelo caro irmão João Batista e moraram aqui até os retiros

---

[30] Esse afluxo de candidatos muito jovens esconde uma crise das vocações que se procura compensar aceitando candidatos mais jovens. Em 1868, a ideia de juvenato ainda se diferencia pouco da de noviciado. [AL]

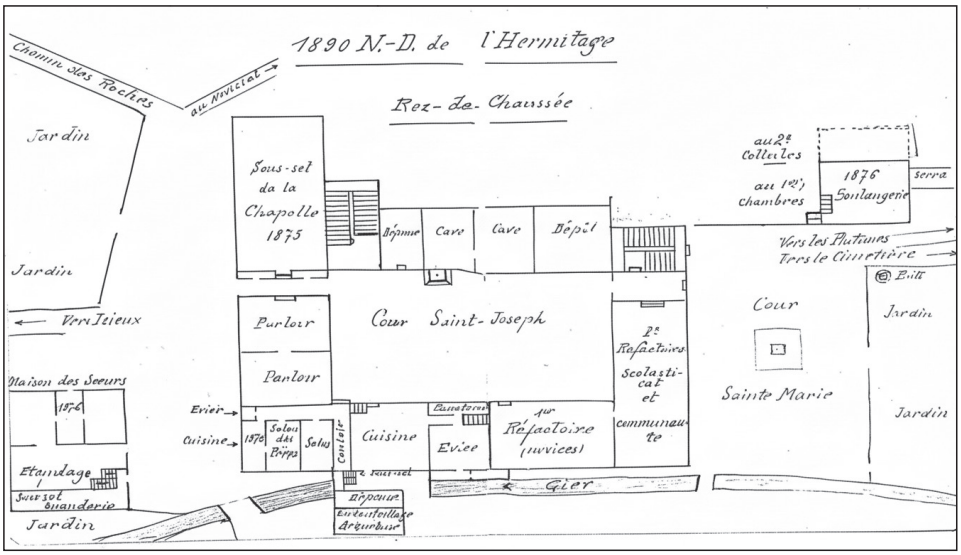
[31] Esse pequeno noviciado já tinha funcionado entre 1835 e 1840, em Grange-Payre. [AL]

[32] Quer dizer, irmão Francisco. [AL]

de 1871. Noviços e postulantes de Saint-Genis-Laval voltaram à Casa Geral. E os de l'Hermitage formaram o primeiro noviciado da Província-mãe.

Assim, chegava a seu final a "viuvez".

Página 11

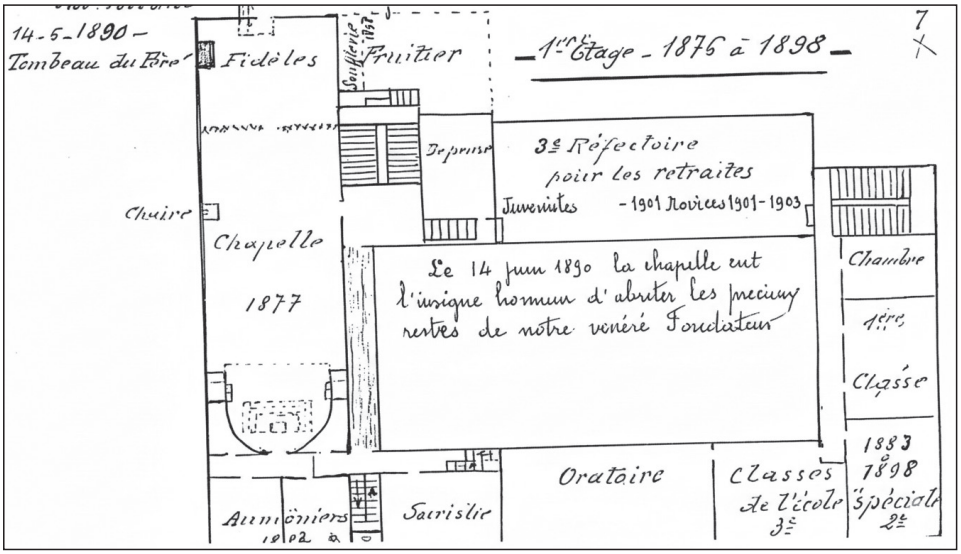


Comentário do irmão Lanfrey: Esta planta oferece algumas surpresas. Conta-nos, em particular, que no subsolo da casa funcionava uma oficina de engarrafamento[33] do Arquebuse. Vemos também que em 1876 foi construído o edifício da padaria, que ainda hoje subsiste parcialmente, integrado ao antigo escolasticado. A casa das irmãs foi construída em 1876. Estamos em uma terceira fase de grandes obras com a reconstrução da capela, da casa das irmãs e da padaria, além do alargamento da ala nascente encostada à rocha.

Página 12

1871 a 1890. Depois do retorno dos noviços à Casa Geral de Saint-Genis-Laval, Notre-Dame de l'Hermitage se organizou como casa provincial independente. Só o juvenato viveu unido ao de Saint-Genis-Laval até 1889.

[33] Quanto ao engarrafamento, a produção era realizada em Saint-Genis-Laval. Essas garrafas eram certamente destinadas ao mercado local e aos irmãos que serviam como intermediários nos locais onde estavam suas escolas. [AL]



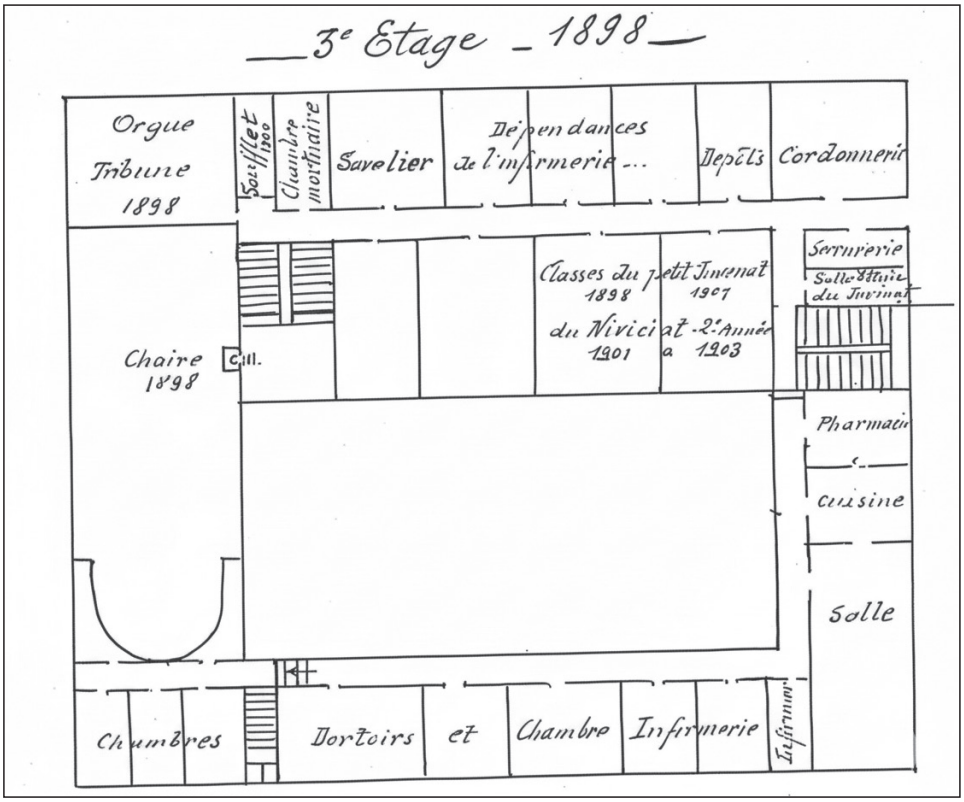
Em 1872, três irmãs da Sagrada Família foram se juntar a Gabrielle para cuidar da roupa. Elas se hospedaram no local de um andar construído em 1826, que ficava onde atualmente está o fundo da capela. Nesse mesmo ano, o local das estrebarias (antigo Patouillard) foi prolongado na direção do rio Gier para receber a biblioteca.

O ano de 1874 viu a instalação do órgão com 18 tubos doado pelo senhor Brun, mediante 2 mil francos, e da enfermaria nos locais que ocupa atualmente. No ano seguinte, foi decidida a demolição da capela construída com pouca solidez em 1836, para permitir a construção de outra mais espaçosa. Estreitada a sudoeste, ela foi prolongada, por conselho do irmão Théodore, arquiteto, na direção nordeste. Mas era necessário sanear o subsolo dessa parte que era só um rochedo. Feitos os porões, eles serviram para usos diversos. Atualmente eles abrigam o museu histórico.[34]

Página 13

A construção da capela nova foi muito bem conduzida no decorrer de 1876. Em 15 de agosto de 1877, foi feita a bênção pelo padre Souteyrand, marista, superior do colégio Sainte-Marie. Durante a construção desse edifício, uma capela tinha sido montada o melhor possível no ~~noviciado~~ salão.

[34] Organizado por volta de 1960. [AL]



A casa das irmãs, onde se hospedaram até 1919, e a padaria a nordeste foram construídas nesse mesmo ano de 1876. Quanto aos 26 bancos atuais da capela em uso pelos irmãos, eles são devidos à generosidade do irmão Azarias, mestre dos noviços (70 francos cada um).

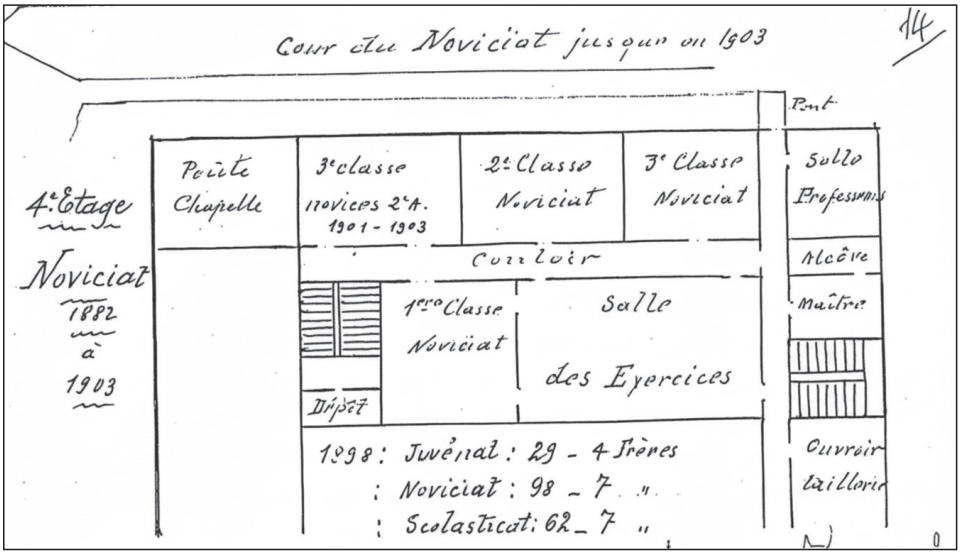
Em 1878, o órgão, restaurado e com aumento de tubos, ficou em uma pequena tribuna em que fica "suspenso" o púlpito. Em 1883, um falso fabricante de instrumentos musicais se ofereceu para acrescentar mais alguns tubos. Depois de ter desmontado e trabalhado durante 3 meses, desapareceu... O órgão todo destruído,[35] reduzido a pedaços, ficou completamente inutilizado. Foi substituído por um mediofone,[36] que funcionou até 1898, data em que o púlpito o substituiu.

[35] Reduzido a pedaços. Em geral, o verbo "*se décarcasser*" significa: fazer esforços excepcionais. [AL]

[36] Instrumento musical intermediário entre o harmônio e o órgão. [AL]

De 1876 até os dias atuais,[37] o segundo andar não sofreu modificações dignas de nota.

Página 14



Somente em 1882, o noviciado foi organizado como o mostra a planta acima. Todas as salas de aula estavam separadas por divisórias móveis. Nos retiros, as três classes do noviciado e o oratório se tornavam um enorme salão. Para acomodar os 300 retirantes no segundo retiro, os noviços iam a pé para a Chabure e para a colina de Terrenoire passar dez dias em Valbenoîte. Faziam uma pausa em Saint Genest,[38] a pé, e voltavam para o ninho do mesmo modo.

O quinto andar da ala nordeste, acima do noviciado, era ocupado pelos dormitórios dos noviços e postulantes. São Luís de Gonzaga no sudeste e os Santos Anjos acima das salas de aula. Em 1901, eles se tornaram insuficientes. Sobre o sótão da capela foi então criado o dormitório Nossa Senhora de Lourdes, para acomodar os irmãos "obedientes" do segundo ano do noviciado.[39] (Antes de 1901, era o dormitório dos escolásticos.)

---

[37] Por volta de 1960, ao que parece. [AL]

[38] Saint-Genest-Malifaux. [AL]

[39] Até 1903, os irmãos que saíam do noviciado faziam apenas o voto de obediência. Muitos são, então,

O rev.mo irmão Nestor,[40] em dezembro de 1882, foi visitar a casa e presidiu uma cerimônia no salão do noviciado, recentemente repintada, e pegou um resfriado que foi difícil debelar. No início de 1883, ele estava em Roma. A umidade dos pântanos pontinos fez o resfriado voltar. De volta a Saint-Genis-Laval, foi para o leito e, em 9 de abril, em estado de choque, os irmãos de todo o Instituto foram informados do falecimento do venerado superior.[41]

1885. Graças ao estímulo dado aos estudos pelo saudoso superior falecido e o impulso que ele lhes deu em nossa Província, o novo assistente eleito em 1883, o intrépido irmão Stratonique, os diplomas exigidos pelo governo não faltaram em l'Hermitage: dois diplomas em 1883, 28 em 1884, 59 em 1885. Além disso, três diplomas superiores.[42]

1887. Durante 1887, os alicerces da ala do sudoeste foram cimentados. Ao longo do rio, o pátio interno foi concretado e todas as paredes da casa foram revestidas.

Página 15

1889. Até essa data, e desde os primeiros tempos, a lavanderia e os cuidados com as roupas haviam sido confiados a pessoas de fora ou às irmãs. O novo ecônomo (procurador, como se dizia então) mandou instalar no subsolo da casa das irmãs, construída em 1876, uma lavanderia com caldeira, máquina de lavar e secadora de roupas. A água que a alimentava era a que servia a fábrica Patouillard.[43] Ela chegava lá por um pequeno aqueduto. Para atravessar o Gier, o aqueduto de madeira era fixado na lateral oeste da ponte que liga as duas margens na direção da casa das irmãs.

---

enviados às escolas como cozinheiros. Mas se esboça a ideia de escolasticado e pode ocorrer que esses "obedientes" do segundo ano sejam simplesmente escolásticos. [AL]

[40] Superior geral de 1880 a 1883. [AL]

[41] Uma explicação oficial para o falecimento do irmão Nestor. Na verdade, ele sofreu com a difícil sucessão do irmão Luís Maria e com as dificuldades da laicização da escola promovida por Jules Ferry. [AL]

[42] A partir de 1881-1882, todo professor deve possuir diploma de ensino. Até então, esse diploma só era exigido para o diretor da escola, visto que seus assistentes eram considerados como "submestres". Somente um terço dos irmãos professores possuíam diploma, e a decisão ministerial pegou as congregações de surpresa. [AL]

[43] Teriam reutilizado o canal que abastecia de água os antigos edifícios Patouillard. Provavelmente o prolongaram com um aqueduto atravessando o Gier. [AL]

Essa nova lavanderia funcionou até o final da 1ª Guerra Mundial, em 1919. Em 1926, timidamente ela foi eletrificada, onde funciona maravilhosamente até hoje.

1890. Sob a direção habilidosa do irmão Romain, em repouso, foi dado início à decoração da capela. Se a que fora construída por nosso bem-aventurado pai teve a decoração realizada pelo senhor Ravery, pintor de Saint-Chamond, a atual deve suas pinturas ao senhor Zan, pintor-decorador competente e qualificado de Saint-Etienne (4100 francos).

1891 a 1898. O procurador da casa, irmão Adauctus, administrador inteligente, seguia bem a marcha dos progressos de seu tempo. Quando percebia estar em atraso, alargava os passos e queimava as etapas.

A iluminação elétrica começava a se expandir. O irmão Adauctus consultou, estudou, fez planos e cotações. Em seguida, em um relatório muito detalhado, mostrou as vantagens da instalação elétrica em toda a casa: em benefício da visão dos irmãos, da higiene e da economia.

Esse relatório foi aprovado pelos superiores: puseram-se decididamente a trabalhar e, graças à boa vontade dos irmãos, que se entregaram com entusiasmo a todos os trabalhos pesados, e aos técnicos do senhor Guitton, engenheiro de Saint-Etienne, no retiro de 1891, foi um encanto e um orgulho familiar para todos os irmãos ver sua casa e sua capela de l'Hermitage tão bem iluminadas. A instalação vai durar até 1923. (Custo: 10.858,20 francos.)

1893. Ressalta-se a instalação de um motor a gás de cidade para suprir a falta de água para a turbina nos dias quentes (custo de 1.150 francos); 300 m da estrada ao motor. A abertura de valas foi executada pelos irmãos.[44]

Página 16

1893. No mesmo ano foram criadas as grutas da agonia e do sepulcro.[45] Observar a obtenção de 36 diplomas elementares e de 13 diplomas superiores, e uma licenciatura em matemática.[46]

---

[44] Provavelmente nessa época foi construído o canal que leva a água do Gier até o meio do prado. [AL]

[45] Na encosta da colina Patouillard, em conexão com a via-sacra. A gruta da agonia, situada abaixo, foi destruída nas últimas adaptações. [AL]

[46] Esses são evidentemente resultados da Província como um todo. Um escolasticado funciona certamente em l'Hermitage antes da construção do prédio em 1893. [AL]

1898. De 1894 a 1898 inclusive: 129 diplomas elementares, 15 superiores e 5 bacharelados.[47] Esse êxito nos estudos caminhava junto com a prosperidade de todas as obras da Província: casas de formação e internatos estavam cheios de gente. Em todos os lugares, construções se tornavam necessárias.

A quem se devia essa prosperidade? Sem dúvida, primeiro àquele que, em 1896, fora declarado venerável, a todos nossos santos predecessores que deviam olhar com prazer, do alto do céu, o bom trabalho que realizava à frente da Província uma equipe de santos religiosos dos quais nossos jovens de hoje infelizmente não fazem ideia.

De 1871 a 1903, eis os nomes dos religiosos mais merecedores que compunham essa equipe, guiados por quatro grandes superiores: rev.mo irmão Luís Maria e os irmãos Nestor, Théophane e Stratronique. Depois, os superiores da casa: rev.mo irmão Francisco, os irmãos Amphien e Azarias, Marie-Junien e Romain, François-Marie e Marie-Abraham, Marie Albert e Priscilien, Marie...,[48] e, enfim, o pequeno procurador provincial, irmão Adauctus.

A estatística de 1899 comenta muito essa prosperidade da Província: 950 irmãos, dos quais 173 noviços, além de 200 juvenistas, dos quais 30 em l'Hermitage.[49]

Escolasticado

O projeto da construção do escolasticado, aprovado pelo Regime e confiado ao irmão Romain, estava em boas mãos. Ele o tornou grande, completo, prático, sólido. A padaria que o irmão Azarias mandara construir em 1876 parecia ser a promessa dessa nova construção. Mas o rochedo era um obstáculo enorme a ser vencido. A inteligência e a tenacidade do caro irmão Romain souberam superá-lo. Tanto que 6 de junho de 1898 se tornou um grande dia em Notre-Dame de l'Hermitage.[50]

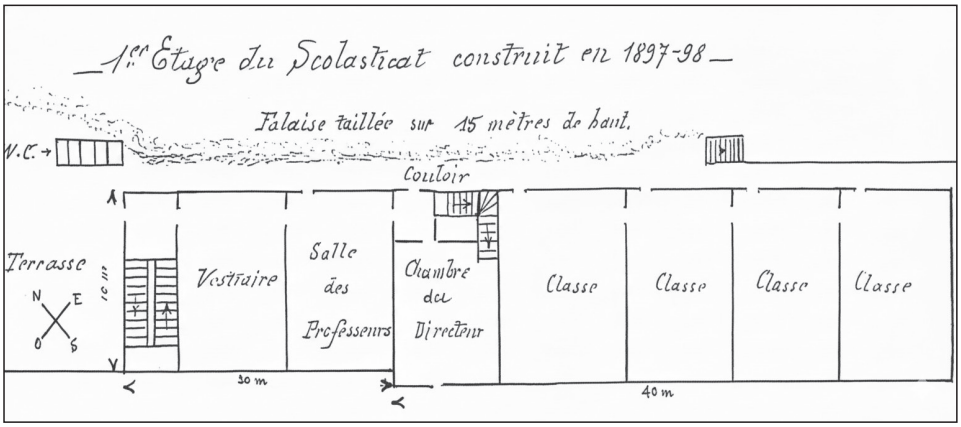
---

[47] É o grande momento da elevação do nível intelectual dos irmãos e da aceitação tardia do diploma, por muito tempo considerado como medida governamental vexatória ou como formalidade de importância secundária. [AL]

[48] Foi acrescentado nas entrelinhas um nome de difícil leitura. [AL]

[49] É preciso compreender que a palavra "irmão" designa todos os que pertencem à Província. Na verdade, os professos constituem apenas a metade do efetivo. [AL]

[50] Não temos, porém, a data exata do início das obras, provavelmente em 1893. [AL]



Quatro irmãos assistentes, o rev.mo padre provincial e vários irmãos maristas de Lyon e de Saint-Chamond, e os padres capelães de La Valla e de Valbenoîte assistiram às cerimônias em homenagem do venerável padre Champagnat, de quem era celebrado o aniversário (sic), quando foi feita a bênção solene da nova casa pelo pároco de Saint-Martin-en-Coallieux.

L'Écho de Fourvière, jornal semanal de Lyon, publicou um registro do acontecimento, no qual é possível identificar a pena de um dos capelães da casa, padre Boucher. Nesse dia ainda, procedeu-se à bênção por outro capelão, padre Lombard, da estátua de São José que orna a fachada lateral do novo edifício a noroeste [do pátio interno][51] (obra do senhor Vermare).

Página 17 [escrita sobre o original na horizontal]

Abaixo do vestiário e da sala dos professores, um mezanino para alguns quartos e um corredor com a metade da largura do primeiro andar, e no térreo, a padaria (1876). Debaixo das quatro salas de aula, um galpão que dá para um terraço que domina o jardim. No segundo andar, o dormitório dos estudantes. No terceiro, isto é, no sótão, o dormitório para cerca de trinta juvenistas do irmão Amphien, de 1898 até 1901. Na frente do terraço e um pouco abaixo, a trilha que leva para o cemitério. Na parte reta dessa trilha, a partir do pátio Santa Maria, tinha sido construído um caramanchão de ferro, demolido durante a construção do escolasticado. No extremo sul

[51] Texto acrescentado abaixo: "Na verdade, essa estátua orna o escolasticado acima do pátio talhado no rochedo, no nível do terceiro andar de l'Hermitage propriamente dito. Ela continua lá ainda hoje". [AL]

desse "coreto" ficava, nas origens em 1824, a capelinha debaixo dos carvalhos (*Annales de l'Institut*).

O escolasticado, que não parou de prosperar de 1883 até 1903, fechou suas portas por falta de alunos, depois que o "paizinho" (sic) Combes[52] extinguiu as congregações. A viuvez durou 18 anos. Em 1921, um embrião de escolasticado foi criado por favor da União Sagrada.[53]

À nova "escola especial" foi dado o nome de Escolasticado Champagnat.[54] O padroeiro do dormitório foi São Marcelino. Todos os pátios do escolasticado tinham um nome de santo: São Francisco, São Nestor etc.

Página 18[55] *[escrita sobre o original na horizontal]*

O tanque "Azarias", 1886

Irmão Azarias, mestre dos noviços de 1868(?)[56] a 1896, possuía um patrimônio muito grande. Com autorização dos superiores, ele fazia um excelente uso para diversas criações e melhorias em l'Hermitage. Entre esses trabalhos, há um que manterá seu nome: "Tanque ou reservatório do irmão Azarias".

Os dormitórios do noviciado Santos Anjos e São Luís Gonzaga, no quinto andar, abaixo do sótão, ficam 25 m acima do nível do Gier. ~~Para a toalete da manhã.~~ Durante muitos anos, cada um descia até o rio para sua toalete matinal. Depois uma jarra e uma bacia de terracota para cada noviço e postulante marcaram um progresso significativo. Mas era preciso se lembrar de encher a jarra no rio!

Mais tarde, um lavatório de zinco foi instalado no dormitório Santos Anjos. Um reservatório, que era preciso encher com regador, permitia uma toalete mais rápida e mais refrescante: o progresso era sensível. Enfim,

---

[52] Em geral, usa-se o termo "*pépère*", que aparece no texto francês para significar de forma familiar e irônica "paizinho" Combes! [AL]

[53] A "União Sagrada" é, na verdade, a declaração da unidade da nação francesa diante da Alemanha em 1914. Em 1920, é o ambiente da "câmara azul-horizonte" (cor do uniforme dos soldados franceses), marcada por uma pausa na política anticlerical da República. [AL]

[54] A expressão "escola especial" foi usada antes de "escolasticado", termo copiado do vocabulário monástico e jesuíta. [AL]

[55] Todas as salas de aula. [AL]

[56] O último algarismo está ilegível. A ficha de matrícula do irmão Azarias situa o início de sua função como mestre dos noviços em l'Hermitage em 1870. [AL]

o irmão Azarias teve a ideia de captar as águas das fontes que ele tinha descoberto no terreno Patouillard, além do calvário, e depois conservar as águas em um grande reservatório bem cimentado. Esse tanque, colocado em um nível acima da altura do teto, devia permitir a distribuição da água em todos os andares.

Da ideia do projeto e de sua aprovação até ele se concretizar, passou-se um tempo bem curto. Uma vala foi aberta na planície, atravessou a estrada, o barranco entre a estrada e o Gier, afundou-se sobre o leito do rio e, atravessando o jardim dos capelães, chegou ao lavatório abaixo da sala dos padres. Irmão Azarias ficou o tempo todo no controle dos operários, pagava-os dias trabalhados com seu dinheiro, fazendo o mesmo em relação aos materiais para essa instalação.

A partir de 1886, a água passou a circular em todos os andares. Nos anos de seca, a bomba aspiradora e propulsora retirava a água do poço situado no ângulo do jardim, perto do pátio Santa Maria, e a mandava para o tanque Azarias. Quem hoje se lembra desse santo, autêntico discípulo do bem-aventurado Champagnat?!

Página 19

1903. É o ano da extinção da congregação na França. Ano da partida para o exílio de nossos bons superiores e de todos os nossos escolasticados, noviciados, juvenatos com todo o seu pessoal; ano do fechamento de grande número de escolas; ano da desorganização de muitas outras; ano em que todos os irmãos que quiseram continuar a lecionar na França foram obrigados a deixar o hábito religioso para voltar a usar roupas civis.

Apesar dessa brutal transformação, muitos foram perseguidos por infração contra a lei de associação e compareceram diante dos tribunais. Apesar de brilhantemente defendidos por advogados corajosos, muitos foram condenados a pagar multas e fianças e até a ir para a prisão.[57] Um deles faleceu apavorado.[58]

---

[57] De fato, muitos sofreram processos quando se secularizavam nos postos que ocupavam antes. Mas, rapidamente, a jurisprudência estabelecida pelos tribunais pôs freio à repressão governamental. O efeito mais grave desses processos foi o pânico sofrido por pessoas pouco habituadas a enfrentar a polícia e a justiça. [AL]

[58] De fato, um irmão da Província de Beaucamps faleceu ao sair do tribunal. [AL]

Os irmãos que não quiseram se secularizar partiram para o Canadá com a maioria[59] dos escolásticos. Os noviços, os postulantes e os juvenistas, entre maio e o final de agosto, se expatriaram para a Itália, em Rometaggio (?) Santa Maria, próximo de Turim.

Estatística das Províncias de 1893 a 1903		
	1893	1º de janeiro de 1903
Juvenistas	984	777
Postulantes	410	387
Noviços	832	441
Obedientes	1183	2068
Professos	2021	2915
Estáveis	163	242
	5593	**6830**

Estatística de Notre-Dame de l'Hermitage em 1901		
	França	Canadá e EUA
Estáveis	26	13
Professos	395	130
Obedientes	231	92
Noviços	94	23
Postulantes	64	20
Juvenistas	160	80
	970	**358**
	1328	

[59] Inicialmente o texto dizia "alguns escolásticos". [AL]

3.3 Anexo
Cronologia de l'Hermitage
Segundo o irmão Jean-Alphonse Grapeloup e do cronista que completa seu trabalho[60]

Data	Acontecimento	Comentário
1824	Em maio, bênção da pedra fundamental pelo padre Cholleton (?). Bênção não-oficial, se tiver ocorrido	Nenhum documento confirma essa afirmação do irmão João Batista Furet. No entanto, não imaginamos que um empreendimento como esse fosse feito sem uma bênção prévia. Talvez tenha havido uma bênção da capela do bosque, considerada como esboço da casa definitiva.
1824 maio?	Construção de uma cozinha-refeitório	Período de nivelamento do rochedo. "Bem no início ao longo do Gier [...] durante a construção das três alas".
1824 Verão, outono	Construção das três alas da casa	A infraestrutura e o telhado são construídos no verão-outono.
1824-1825 Inverno	Arranjos internos	No inverno (dezembro-abril), uns dez irmãos teriam trabalhado nessa parte.
1825 maio	Instalação da comunidade: 2 capelães, 20 irmãos e noviços, 10 postulantes, alguns alunos internos	1º andar: capela provisória na ala leste, de maio a agosto. Ela se tornará depois a oficina de fitas, depois de tecidos em 1829. Os capelães ocupam quartos na fachada sul. 2º andar: quarto dos principais irmãos no sul e a oeste. Na ala leste, oficina de encadernação, de fabricação de embalagens (para o tecido) e biblioteca. 3º andar: noviciado, até 1837.

[60] Organizado pelo irmão André Lanfrey. [n.e.]

1825	Capela	Ocupa o 3º e o 4º andares. Com exceção do coro, ela fica sobre o rochedo. Acesso do exterior por uma escada talhada na rocha.
1826	Chegada de Gabrielle Fayasson para cuidar da roupa	Ela reside no norte das três alas, em uma casa separada que servirá também para os capelães e para Philippe Arnaud.
1827	Construção ao longo do rio Gier na continuação da cozinha, da padaria e da cocheira	Em consequência, criação de um pátio, Santa Maria, quase fechado na frente da fachada sul da casa.
1828	Chegada de Philippe Arnaud, marceneiro e sobrinho do padre Champagnat	Ele se instala no térreo da casa do norte, na mesma construção que Gabrielle.
1835 (?)	Compra do senhor Montellier de um rochedo que fecha a casa ao norte	O rochedo é quebrado pelos irmãos (e por operários?).
1836	Capela nova na ala norte. Primeira capela desativada (?)	O noviciado ocupa a parte mais alta da ala leste.
1836-1838	O 3º andar transformado	
1837	A ala oeste, ao longo do Gier, unida à nova ala norte	Faz-se o deslocamento da cozinha na parte unida à ala norte.

1838	Destruição do rochedo entre as alas norte e leste	Elevação de mais um andar na ala leste. Destruição da capela antiga (?).
1838	Escada em pedra a noroeste	É a escada que leva aos andares da ala leste?[61]
1839	Compra do terreno e dos prédios Patouillard ao longo do Gier	Hesitações sobre o uso a ser feito desses prédios. Padre Colin proíbe que os irmãos continuem as atividades industriais (1841).
1840-1866	Os capelães ocupam o primeiro andar da casa do norte	Uma casa, da qual não existe nenhum registro iconográfico, hospeda o pessoal que não pertence à comunidade.
1841	Demolição das estrebarias e da padaria na frente da fachada sul	Elas são transferidas para os edifícios Patouillard.
1842	Escada de pedra a nordeste	Seria a que leva para a capela?
1852-54	Capítulo Geral em três sessões	Acontece no salão do primeiro andar da ala leste.
Por volta de 1860(?)	Em data não documentada, construção de um arcobotante para apoiar a parede oeste da capela de 1836	Essa construção consta em algumas representações de l'Hermitage. Hoje sobra um vestígio de um arco que chega até o Gier. A parede que ele sustentava foi demolida no momento da destruição da capela em 1876.
1868	Fundação de um juvenato	Para os noviços, cuja idade é inferior a 15 anos.

[61] A orientação dada não está muito clara. Trata-se, sem dúvida, da escada que leva aos andares da fachada sul e da ala leste. [AL]

1866-1872	O capelão padre Chapuy e sua governanta ocupam os quartos ao sul	
1870	O noviciado de Saint-Genis-Laval refugia-se em l'Hermitage	A Casa-mãe é ocupada pelas tropas durante a guerra de 1870 e a Comuna.
1871	L'Hermitage torna-se casa provincial	É consequência da divisão da Província do Centro nas Províncias de Saint-Genis e de l'Hermitage.
1872	Três irmãs da Sagrada Família chegam para cuidar da roupa	Elas se hospedam primeiro no prolongamento da capela da ala norte, talvez a capelania antiga.
1872	O local do curral sobre a margem esquerda prolongado até o Gier para aí instalar a biblioteca	
1872-1875	Os capelães de volta à casa da ala norte	
1874	A enfermaria sai da ala leste para ocupar as alas sudeste e sudoeste	Irmão Romain muda o uso dos locais.
1874	O salão do 2º andar transformado no dormitório Santa Maria	

1874	Instalação de um órgão	
1875	Demolição da capelania para remodelar a ala norte	É preciso ampliar a nova capela e sanear o subsolo.
1876	Construção da nova capela	
1876	Construção da casa das irmãs	Nela será também instalada a lavanderia.
1876	Construção da lavanderia	Feita pelo irmão Azarias, no prolongamento do terraço talhado no rochedo.
1877	Em 15 de agosto, bênção da nova capela	Trata-se da capela atual.
1878	Reinstalação do órgão	
1882	Ala leste é alargada. Reorganização do noviciado. Suas salas de aula com divisórias móveis servem para os retiros dos irmãos	Essa ala é alinhada com as extremidades das alas sul e norte.
1883	Início da organização de um escolasticado	Na verdade, antes de 1870 funcionava uma "escola especial" de irmãos estudantes. Mas a palavra "escolasticado" se impõe aos poucos, ainda mais porque, de então em diante, todo professor deverá ter diploma.

1886	Água corrente para todos os andares	Progresso devido ao tanque Azarias no alto da encosta Patouillard, que recolhe a água acima do nível da casa.
1887	As fundações da ala sudoeste ao longo do rio são cimentadas. O pátio interno é asfaltado. As paredes da casa são revestidas	
1889	Instalação, no subsolo da casa das irmãs, de uma lavanderia com caldeira, máquina de lavar e secadora	A água dos prédios Patouillard chega por um aqueduto em madeira que atravessa o Gier. Essa lavanderia funcionará até 1919.
1890	Decoração do coro da capela pelo pintor-decorador Stéphanois Zan	
1891	Instalação da eletricidade	Essa primeira instalação dura até 1923.
1893	Um motor a gás compensa a falta d'água para a turbina, no verão	Os trabalhos da vala são garantidos pelos irmãos.
1895 ?	Início da construção do escolasticado	O rochedo é cortado a 15 m de altura.
1898	Inauguração do escolasticado em 6 de junho de 1898	Irmão Romain trabalha como mestre de obra.

1903	A capela é fechada em consequência dos decretos de Combes	Uma comunidade de irmãos antigos fica na casa.
1906	Recompra de l'Hermitage pela Sociedade Imobiliária do Gier	A Sociedade é presidida pelo senhor Jacques de Boissieu.
1921	Um embrião de escolasticado. Um juvenato em La Valla	
1825	Festa do centenário de l'Hermitage	

4

De les Gauds a Notre-Dame de l'Hermitage: plantas, imagens e fotos de um lugar inspirado

Irmão André Lanfrey

Há numerosas referências ao território de Les Gauds anteriores ao período em que o padre Champagnat e os irmãos instalaram aí a Casa-mãe. O texto fundamental que o descreve está no início do Capítulo 12 da *Vida de Champagnat*: "Nas suas viagens a Saint-Chamond, o padre Champagnat contemplara, muitas vezes, o vale [...]".[1] Segue uma descrição poética do local, mesmo assim com uma reserva: esse vale "muito estreito", "não permitia o desenvolvimento de uma comunidade numerosa",[2] por isso, na época em que essa biografia foi publicada (1856), o Instituto comprou a propriedade de Saint-Genis-Laval, onde começa a construir a nova Casa-mãe. Não voltarei a falar da história da construção da casa com moradia provisória dos irmãos e do padre Champagnat na margem esquerda do Gier em uma casa alugada, nem da Missa em uma capelinha feita de madeira e tijolos.

Dispomos de certo número de imagens do local de Les Gauds antes da construção de l'Hermitage, mas todas foram feitas de acordo com a descrição da *Vida de Champagnat*.[3] Quanto à casa de l'Hermitage, somente com a fotografia do final do século XIX teremos uma representação exata.

---

[1] FURET, *Vida de Champagnat*, p. 116.

[2] FURET, *Vida de Champagnat*, p. 116.

[3] Notadamente na *Revue Champagnat*, criada em l'Hermitage a partir de 1935 para incentivar a causa de beatificação do Fundador.

Contudo, até os dias de hoje, o Instituto se preocupou pouco em considerar as imagens das origens como documentos históricos que exigem comentário crítico e datação. Por isso, nas páginas seguintes, vou esboçar uma análise crítica de algumas representações de Les Gauds e de l'Hermitage ao longo do primeiro século do Instituto.

4.1 Plantas de Les Gauds anteriores a l'Hermitage

O primeiro desses documentos é uma montagem de excertos dos cadastros napoleônicos das cidades de Izieux (secção C3) e de Saint-Martin-en-Coailleux (secções A2 e D), mostrando o estado do local em 1812 (Imagem 1, melhorada por IA).[4]



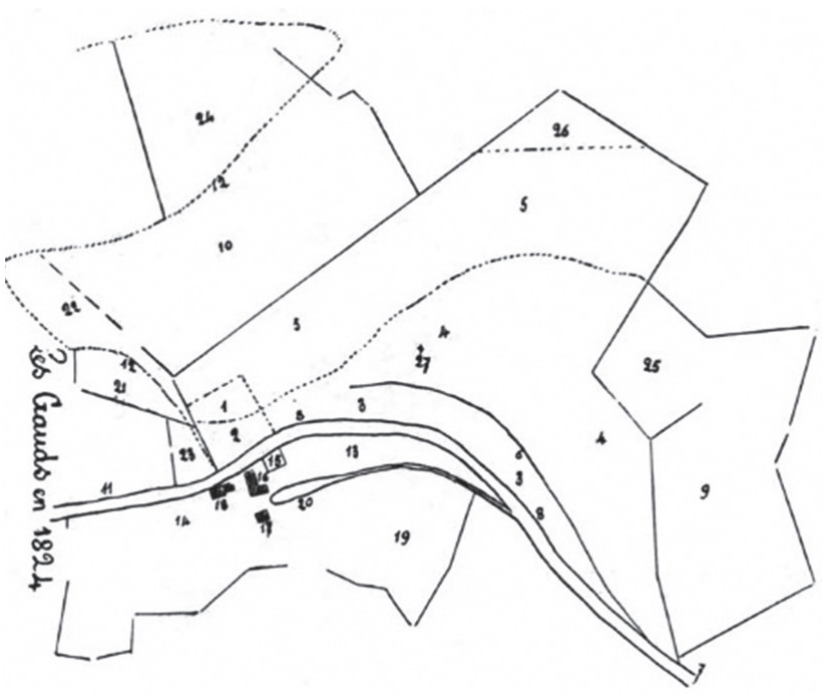
Imagem 1

[4] PERRIN, Eric. Nascimento de l'Hermitage de Champagnat em Gauds, de acordo com os arquivos do Sr. Finaz (1824-1841), *Cadernos Maristas*, n. 32, maio 2014, p. 133-160. Plantas nas p. 158-160.

Uma planta como essa precisa de um comentário aprofundado. Primeiro, o local visado por Champagnat não é assim tão solitário como dizem, porque na frente do terreno que Marcelino Champagnat e Courveille vão comprar há três construções cujas funções conhecemos: uma oficina têxtil (para processar lã), uma forja e uma pequena casa. Não são estabelecimentos que favoreçam a tranquilidade: eles provocam barulho e recebem fornecedores e clientes. É verdade que não há ponte para atravessar o Gier, nem estrada na margem esquerda que se junte, como hoje, a estrada para La Valla. Em um período de águas baixas, o rio devia ser facilmente acessível a vau. Mas podemos supor a existência de uma ponte de madeira ou pelo menos de uma passarela. Como os rochedos ao longo do Gier impediam caminhar pela margem direita, havia uma passagem na direção da cidade de Saint-Martin-en-Coailleux. Acentuadamente inclinada, ela existe até hoje. Resumindo, os rochedos impediam que o vale do Gier fosse uma via de comunicação importante. O local era, portanto, relativamente isolado, com a vantagem, para a forja, a oficina têxtil e os irmãos, de disporem à sua porta de uma estrada para Saint-Chamond. Sem renunciar às relações com o campo rio acima, o Instituto se orientava prioritariamente na direção do mundo urbano.

Outra vantagem: o local tinha a seu dispor a água do rio Gier. Na margem esquerda ele era uma força motriz: uma barragem, hoje em parte destruída, alimentava um canal (uma eclusa) cuja água, graças a alguns metros de queda, permitia fazer girar as rodas hidráulicas da oficina e da forja. Na mesma margem do Gier, observamos a montante outro canal, mais afastado do Gier, cujos parapeitos conseguimos ver ainda hoje. A propriedade adquirida pelos padres Champagnat e Courveille era menos favorecida: um simples fio d'água regava o campo. Para as necessidades da casa, o Gier estava próximo. Esse registro permite, pois, compreender concretamente as vantagens desse local: relativa solidão, mas comunicação fácil com Saint-Chamond, fornecimento de água e espaço agrícola. Por fim, o terreno era pouco oneroso por ser composto por rochedos.

O segundo documento que desperta interesse é "Les Gauds em 1824", retirado da *Monografia* de 1925, p. 9 [xx] (Imagem 2, melhorada por IA).



1. Rochedo a poucos metros do Gier
2. Espaço em que foi construída l'Hermitage
3. Pradaria ao longo do Gier
4. Terrenos de bosque
5. Cadeia de rochedos a partir do número 1, de difícil acesso
6. Canal de irrigação
7. Represa de água no Gier
8. Trilha que foi abandonada (apesar de não admitido, foi suprimida com reclamações)
9. Terreno de bosque adquirido pelo padre Champagnat em 1835
10. Terra, bosque e campo adquiridos pelo padre Champagnat em 1836
11. Caminho para Saint-Chamond
12. Caminho para o rochedo
13. Campo e pomar
14. Campo, bosque e vegetação rasteira
15. Jardim e horta
16. Casa na qual os tecidos eram preparados
17. Casa assentada no rochedo
18. Casa na qual o padre Champagnat morou no período da construção
19. Pradaria
20. Eclusa
21. Terreno não cultivado, no qual havia duas castanheiras
22. Terra
23. Pradaria
24. Terreno pouco cultivado
25. Terreno adquirido do senhor Lyonnet

Imagem 2

O autor dessa planta talvez tenha sido o irmão Arpin (Pierre Boutin), que viveu em l'Hermitage de 1896 a 1919 e que deixou um caderno de plantas e anotações[5] utilizado pelo irmão Jean-Alphonse Grapeloup, um dos autores da *Monografia*. Não é, portanto, um documento antigo, mas uma planta tardia seriamente documentada, cuja legenda é uma preciosidade para nós.

Em primeiro lugar, a comparação com o cadastro de 1812 mostra grandes semelhanças quanto à localização das construções da margem esquerda (n. 16, 17 e 18). Mas o documento de 1825 define seu uso, dando a entender que Champagnat e os irmãos preferiram alojar-se na forja (n. 18), local bastante espaçoso, e não na casa (n. 16), muito menor de acordo com as plantas e a *Vida de Champagnat*.[6] O da margem esquerda termina em um pequeno tanque de retenção das águas (n. 20, "eclusa") para aumentar a força motriz antes da queda d'água. É um esquema clássico, mas que o cadastro não incluiu na planta. Contrariamente a isso, a planta não insiste no tráfego, mas menciona o "caminho para Saint-Chamond" (n. 11) e sobretudo a "trilha que foi abandonada" (n. 8). Essas duas referências nos permitem compreender que, além da rede oficial dos caminhos carroçáveis, há trilhas percorridas pelos pedestres e pelos animais de carga. Mais além de Les Gauds, não há mais caminho carroçável nem ponte, apenas uma trilha que passa entre o muro de l'Hermitage e o rio: uma trilha habitual que não é fácil de interditar. É provável que a construção da ponte e a nova estrada de La Valla, por volta de 1836, permitiram fazer com que o uso desse atalho fosse extinto.

A referência (n. 1) da planta mostra que, paradoxalmente, a casa de l'Hermitage está construída em um lugar em que o rochedo "chega a poucos metros do Gier", como se tivessem escolhido o lugar mais difícil para construir. Muitos motivos, sem dúvida, forçaram essa escolha: o cuidado de preservar o maior espaço possível para a exploração agrícola e alicerçar solidamente as bases da casa nos casos de enchentes do Gier, por vezes devastadoras. Mas, no fundo, nada de mais racional: os materiais necessários para levantar as paredes foram extraídos *in loco*. Era uma grande economia dado o elevado custo do transporte na época.

---

[5] Restam apenas alguns excertos fotocopiados, mas o caderno se encontra atualmente desaparecido.

[6] FURET, *Vida de Champagnat*, p. 116. É provável que o local de residência dos irmãos tenha mudado e se diversificado ao longo do tempo. Champagnat teria dormido no estábulo (da forja?) durante o inverno.

Precisamos ainda observar que esse plano nada tem a ver com a localização da famosa capela do bosque, situada quase no final do "canal de irrigação" (n. 6), como se ele não fosse mais conhecido e, no fundo, tivesse perdido a importância.[7] Para terminar, recordemos que essa planta, que me parece o melhor documento sobre l'Hermitage nas origens, é mesmo assim tardio. Ela pode ainda nos induzir em erro, porque em 1824 o padre Champagnat possui apenas uma pequena parte das terras indicadas. Em particular, a margem esquerda do Gier só será adquirida em 1839.

4.2 A imagem mais antiga de l'Hermitage

A casa foi construída entre 1824 e 1825. O padre Bourdin, que viveu lá por volta de 1830, deixou uma primeira representação iconográfica bastante desajeitada da casa, difícil de interpretar (Imagem 3). Na parte superior do próprio desenho, é possível ler estas palavras em parte apagadas: "Gravura Bourdin capelão em NDH".

O irmão Gabriel Michel a publicou no *Bulletin de l'Institut*, acrescentando-lhe um comentário.[8] Para ele, "nas duas fachadas foram abertas quatro

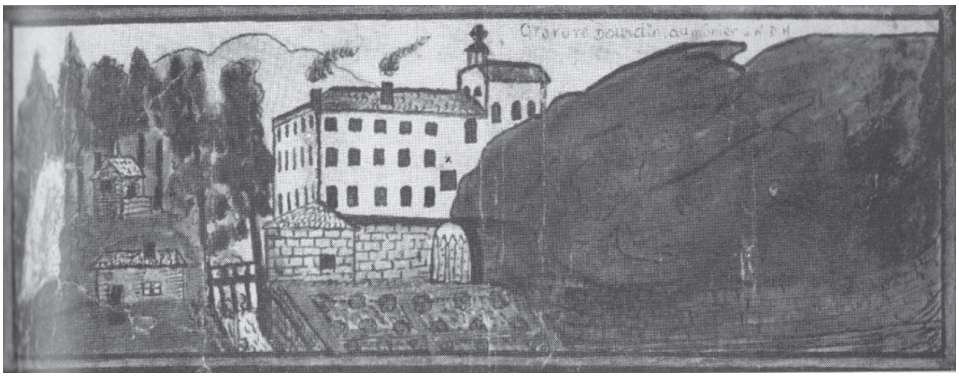


Imagem 3

[7] Essa capela estava próxima ao caminho frequentado pelos pedestres que iam para La Valla ou vinham de lá. Seria uma capela votiva que Champagnat teria restaurado? Ou apenas um pequeno edifício agrícola ligado ao uso do prado?

[8] MICHEL, Gabriel. Un pacifique « repaire des canailles » (ou l'Hermitage des Frères Maristes en 1831), *Bulletin de l'Institut des Frères Maristes*, vol. 28, n. 208, maio 1968, p. 105.

filas de seis janelas, não de cinco", o que nos leva a perguntar se o desenho foi feito de memória, quando o padre Bourdin não estava mais em l'Hermitage. O irmão Michel aperfeiçoa em seguida a informação sobre as janelas da capela, cujo coro era iluminado a sudeste por duas janelas. Ele pensa que, "no desenho do padre Bourdin, só a quinta janela podia iluminá-lo e supõe que a sexta janela fora murada, no local marcado com um X. Ele se pergunta depois se a grande abertura abaixo do X (do desenho de Bourdin) podia existir em 1835, o rochedo ainda sem ter sido talhado".[9]

Como saber? Parece-me sobretudo que o aspecto geral da casa foi entregue corretamente. O "L" criado pela ala ao longo do rio Gier e a fachada sul oferecem uma grande coerência. É verdade que a parte em que se encontra a capela teve de se adaptar ao terreno. Daí as discrepâncias nas aberturas e uma capela estranhamente colocada na parte mais alta da casa.

Mesmo os arredores, grosseiramente desenhados, são importantes: na parte frontal da casa, ao longo do rio Gier, percebemos a extremidade do edifício anexo à cozinha, à padaria e ao curral. Partindo de sua extremidade, um muro fecha o pátio Santa Maria até o rochedo, deixando apenas um portão de madeira para acesso à horta. Mais à esquerda, vemos que o Gier está canalizado entre dois muros de pedra e que é acessado, aparentemente na esquina da casa, por uma ponte ou uma passarela de madeira. Na margem esquerda a paisagem é mais confusa: não há três casas, apenas duas. Uma, próxima do rio, que podemos considerar como sendo o prédio Patouillard, e, no segundo plano, sobre uma elevação, uma casinha já presente nas plantas anteriores. Não vemos a forja. Não consigo interpretar um grande traçado branco bem do lado esquerdo do desenho.[10]

4.3 Uma gravura tardia que representa l'Hermitage por volta de 1840

Durante muito tempo, pensei que outro documento sobre l'Hermitage, um pouco mais recente e de qualidade infinitamente melhor, podia com-

[9] MICHEL, Um pacifique « repaire des canailles », p. 105, nota 30.

[10] Esse traçado não aparece na reprodução do documento na *Vida de Champagnat* (edição de 1989), p. 132.



Imagem 4

pletar o esboço atrapalhado do padre Bourdin (Imagem 4). Mas o exame do documento me obrigou a perder as ilusões.

É um desenho ou uma litografia com a assinatura de certo Thomas Gauthron.[11] Como indica a referência no canto inferior direito, esse desenho provém da gráfica Vitte, que, em 1896, imprimia os livros do Instituto. Sabemos a razão dessa encomenda: o Instituto precisava ilustrar a reedição da *Vida de Champagnat*, que acabava de ser declarado venerável. De fato, encontramos essa gravura na página 274 da edição de 1896. O gravador deve ter trabalhado a pedido de Vitte, baseado em um dossiê de desenhos, fotos e documentos variados. Talvez o gravador tenha até visitado o local. Ele nos fornece uma reconstituição verossímil de l'Hermitage por volta de 1836,[12] antes que a construção da capela na ala norte da casa, a destruição

[11] Mesmo após algumas pesquisas, não consegui encontrar informações sobre essa pessoa, que parece ter sido um gravador.

[12] Em algumas obras, a imagem é indicada como sendo "de 1836"; em outras, "de 1840".

dos prédios anexos diante da fachada (1841) e a restauração da ala próxima do rochedo não modificassem a fisionomia da casa. Mas certo número de detalhes atrai nossa atenção, sendo o mais embaraçoso o desaparecimento do Gier, cujo curso é confundido com uma alameda da horta. Quanto à vegetação, ela é muito convencional, até mesmo exótica. As três casas da margem esquerda são copiadas de um desenho antigo. A construção da frente que fecha o pátio ao sul ficou sem um andar.

4.4 Uma segunda imagem mais confiável?

Pergunto-me se no dossiê do gravador Tomas Gauthron não constava outra representação de l'Hermitage datada teoricamente de 1835,[13] mas na verdade mais tardia (Imagem 5).

A imagem não é de 1835, porque l'Hermitage forma agora um quadrilátero, com a capela nova construída em 1836 ocupando a ala norte. Ao longo do rio Gier, a construção ficou conectada com a parede da capela. Um detalhe que não está retratado nos textos, mas que fica muito visível aqui: na conexão da parede da capela e da ala oeste foi construído um

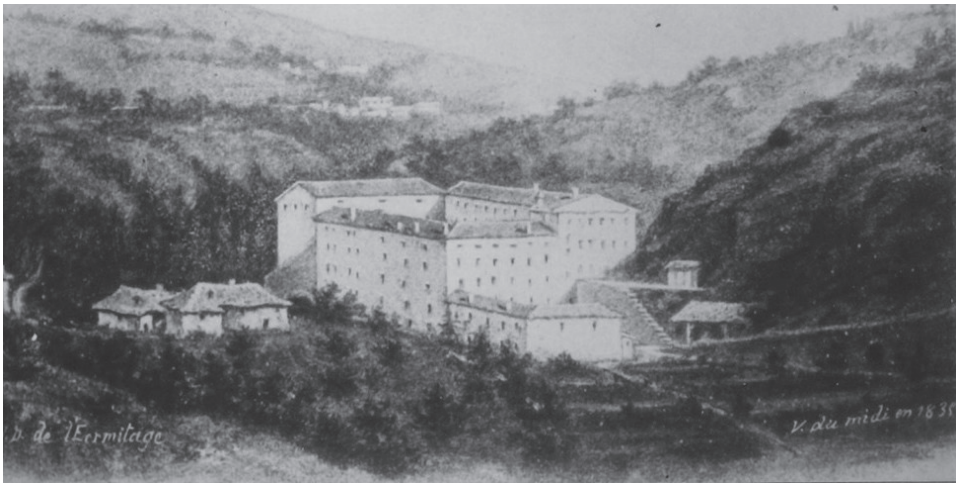


Imagem 5

[13] Na imagem abaixo, a parte que traz em sua borda a indicação do ano não foi digitalizada.

arcobotante que passa por cima do Gier. Sobra hoje um arco bem visível cuja função inicial caiu no esquecimento; devia ser a de sustentar e apoiar as frágeis paredes. Vemos ainda esse arcobotante completo em fotos do início do século XX.

Quanto à ala do leste da casa, contra o rochedo, ela foi profundamente modificada. A capela que ficava sobre ele desapareceu e a própria ala foi consideravelmente alargada,[14] ganhando mais um andar. De então em diante, a capela toca na ala norte, mas sem colar nela, por causa do rochedo que não pôde ser cortado mais longe.[15] Esses trabalhos foram executados entre 1836 e 1838. O anexo do sul diante da fachada, onde ficavam a cozinha, a padaria e o curral, ainda está intacto.[16] Esse anexo só será destruído em 1841.

Quanto ao restante da paisagem, é quase o mesmo apresentado por Thomas Gauthron: a localização e o formato das três casas são muito aproximados; o rio Gier sequer existe. Distinguimos apenas uma ponta da estrada, construída em 1836, unindo l'Hermitage à estrada nova entre La Valla e Saint-Chamond. A paisagem é tratada de modo um tanto mais realista do que no documento anterior.

Ao fazer essa comparação, penso que essa imagem, anterior à gravura de Thomas Gauthron, deve tê-lo inspirado. Muito sombria, ela não serviria para ilustrar um livro. Tardia demais, ela não refletia mais a fisionomia primitiva de l'Hermitage com a capela suspensa sobre o rochedo. Mas os questionamentos sobre seu autor e a data de sua realização continuam sem solução.

4.5 Uma gravura a partir de uma foto?

A partir de 1860, o uso da foto é cada vez mais frequente, mas os livros do Instituto, quando são ilustrados, utilizam mais fotogravuras feitas a partir

[14] Contudo, esse alargamento não foi feito antes de 1880.

[15] Apenas em 1876-1877 foi realizada essa ligação.

[16] Ao contrário de Thomas Gauthron, que lhe atribui apenas um piso, o edifício tem um andar, o que é historicamente mais correto.

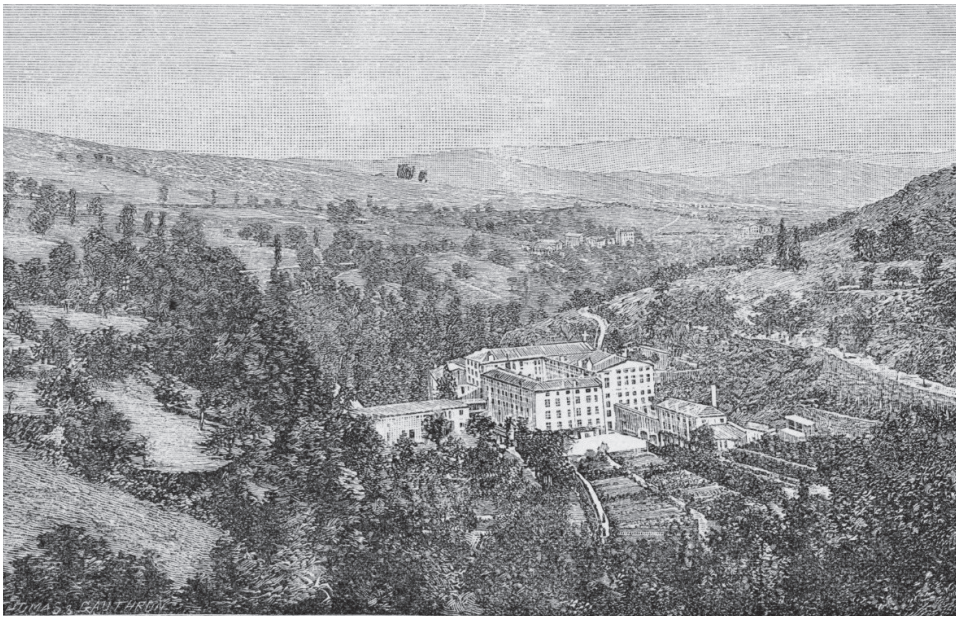


Imagem 6

de uma foto. Creio que é o caso deste documento, em que alguns arranjos são datáveis (Imagem 6).

Por exemplo, vemos com clareza a padaria construída em 1876 pelo irmão Azarias sobre o rochedo na frente do terraço talhado no rochedo. Observamos também, atrás da ala norte, a presença da casa das irmãs edificada no mesmo ano. Quanto aos velhos prédios Patouillard, eles se transformaram em uma construção que se alonga até o rio Gier em 1872. Existe até uma galeria que atravessa o rio ao lado do arcobotante, na junção da ala oeste com a ala norte. A vegetação está notoriamente mais viva.

4.6 Da gravura à foto

Essa foto de l'Hermitage vem da edição em inglês da *Vida do Champagnat*, publicada em 1887. Datável dos anos 1880, é a foto mais antiga que conhecemos (Imagem 7).



Imagem 7

Vemos o prédio da padaria com sua chaminé alta. Percebemos grande número de irmãos no pátio em frente da fachada sul e sobre o terraço da ala leste. Não é difícil constatar a grande semelhança entre esta foto e a gravura anterior.

4.7 A padaria: uma das primeiras fotos de l'Hermitage

Este prédio, edificado em 1876, será parcialmente destruído por ocasião da construção do escolasticado, terminada em 1898. Ele acabará sendo integrado ao escolasticado,[17] como podemos conferir hoje ao examinarmos a fachada do antigo escolasticado. Esta foto dataria então dos anos 1880-1890 (Imagem 8).

[17] Apenas o telhado e o último andar foram destruídos.

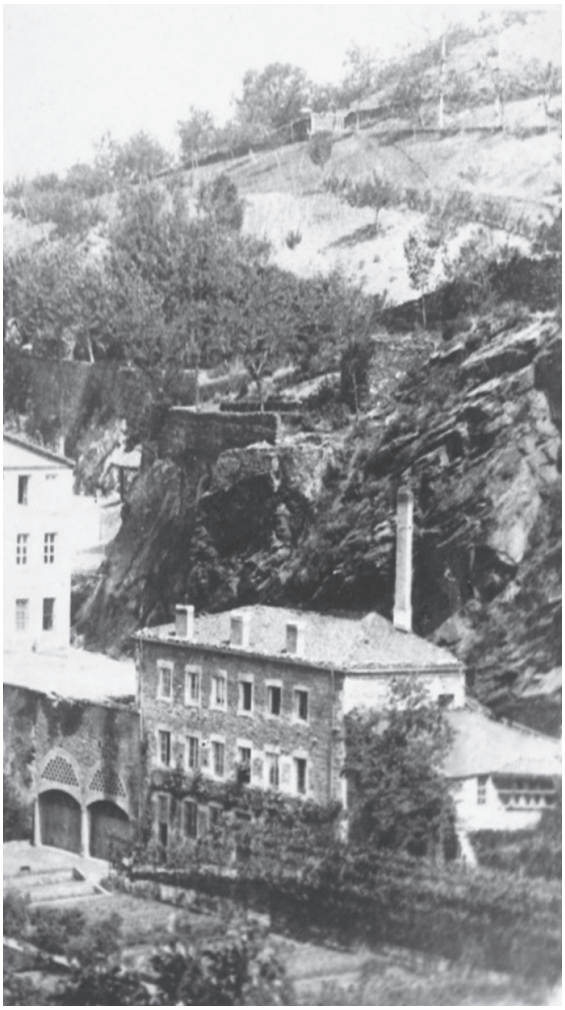


Imagem 8

4.8 As fotos do final do século

Esta foto dá uma excelente ideia do conjunto dos prédios no final do século XIX. Tal situação pouco mudou até a reestruturação do início do século XXI (Imagem 9).



Imagem 9

4.9 L'Hermitage no inverno por volta de 1900

Trata-se de uma das imagens panorâmicas mais claras e mais completas da propriedade: vemos uma boa parte das construções e do terreno, sobretudo na margem esquerda do rio Gier, particularmente visível neste documento (Imagem 10, na página seguinte).

4.10 Conclusão

Esta última imagem, tirada no inverno de l'Hermitage, é um pouco o símbolo da casa que, no início do século XX, vai ingressar em um tipo de hibernação até seu centenário em 1925, coincidindo com a decisão de seus promotores de lhe darem novo nascimento.

Contrariamente ao século XIX, que havia sido econômico em representações de l'Hermitage e reticente em relação à fotografia até o final do século, a *Monografia* será a oportunidade para o Instituto dar largos passos em uma cultura da imagem que teve alguma relutância para aceitar.



Imagem 10

4.11 Epílogo

Os arquivos de l'Hermitage conservados em Saint-Genis-Laval contêm imagens que encontramos impressas na *Revue Champagnat*, iniciada em 1935, cujo criador foi o irmão Joseph-Philippe. Ele parece ter explorado uma iconografia anterior, da qual certo F.L.E. seria o autor. Algumas dessas imagens são acompanhadas de anotações difíceis de serem interpretadas. A primeira é uma representação de Les Gauds antes de l'Hermitage (Imagem 11).

É uma imagem cheia de pertinência, porque valoriza muito bem o que mostra a planta de l'Hermitage, com uma represa, que domina a alguns metros a oficina de tecidos e a forja, para gerar energia hidráulica suficiente. As anotações mostram que esse documento fazia parte de um dossiê e parecem remeter a uma revista. Pode até ser a própria *Revue Champagnat* na qual encontramos essa imagem.



Imagem 11

Uma segunda imagem, assinada "F.L.E.", mas sem anotações, nos apresenta a casa primitiva de l'Hermitage (Imagem 12).

Há mais alguns desenhos desse gênero na *Revue Champagnat* ou em outras publicações. Elas datam aparentemente do final do século XIX ou do início do século XX, época em que o Instituto, já dentro da cultura da imagem, procura ilustrar a *Vida de Champagnat*, cuja santidade deseja ver reconhecida.

Precisaríamos elaborar um estudo sistemático da iconografia marista antiga através das diversas publicações: livros, revistas, imagens, desenhos, fotos. É verdade que essa iconografia é abundantemente utilizada, mas poucas vezes procuramos tratar tais imagens como documentos de pleno direito, tendo um ou mais autores que devem ser datados com o maior rigor possível e merecer comentários detalhados como qualquer outro documento.

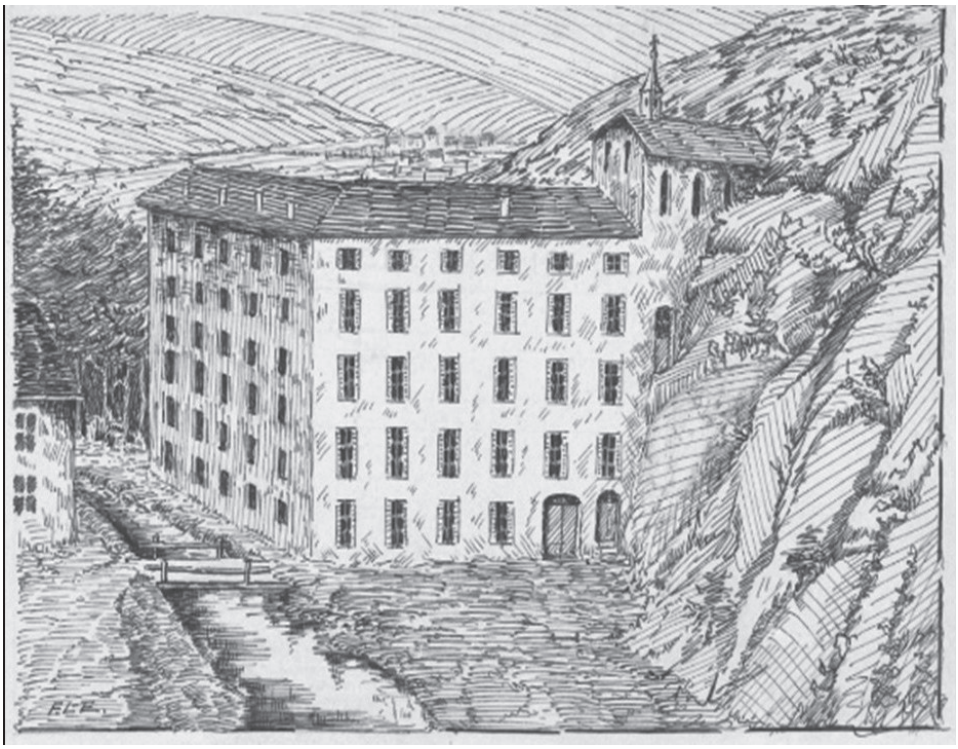
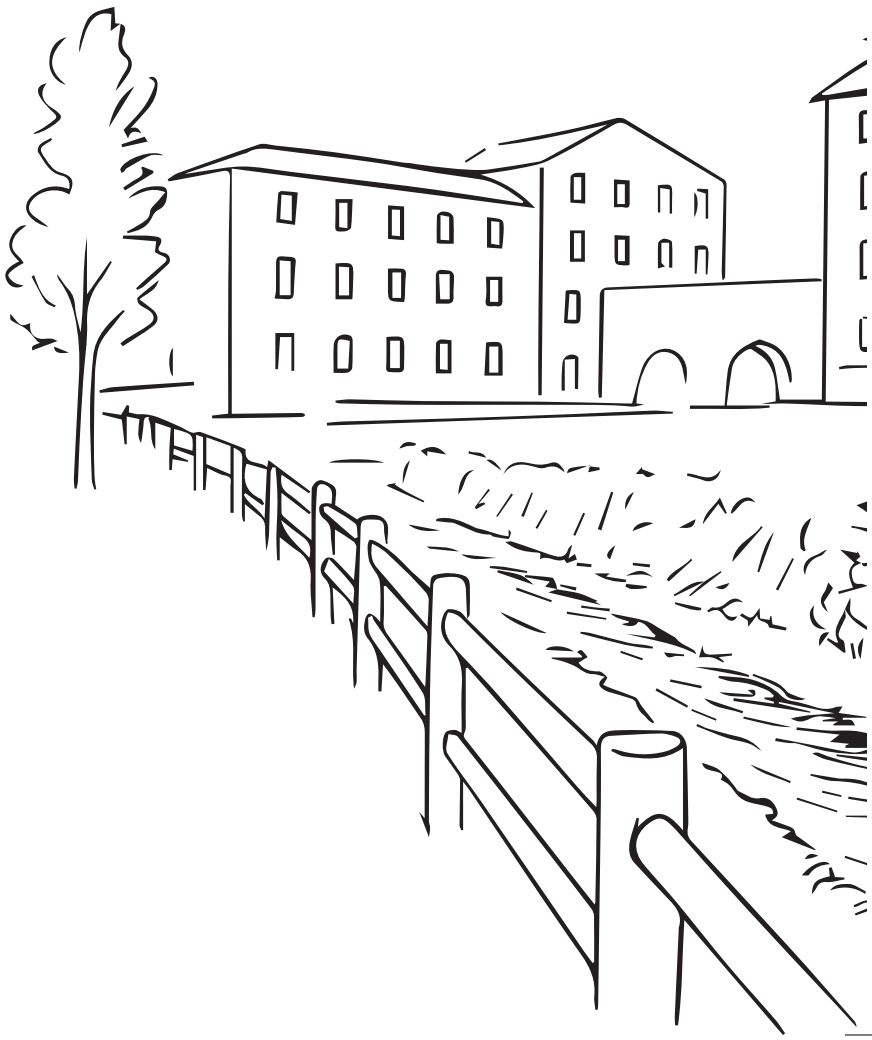
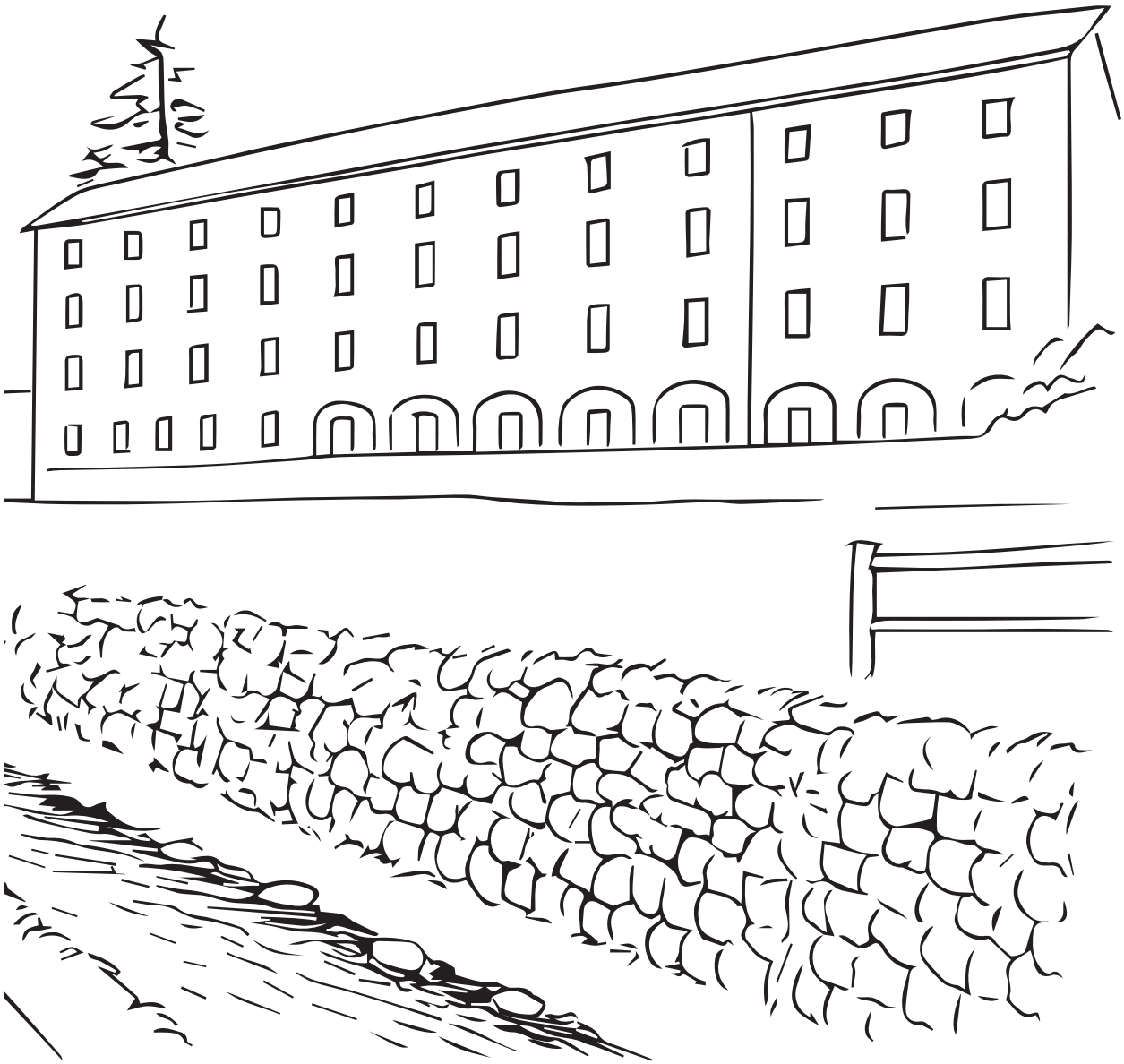


Imagem 12

As poucas páginas acima não passam de um esboço que precisaríamos enriquecer sistematicamente. Elas me parecem totalmente adequadas juntamente com a coletânea das plantas elaboradas pelo irmão Jean-Alphonse, e, com certeza, com a *Monografia,* que podemos considerar como o documento fundador da apresentação de l'Hermitage como ícone da identidade marista pelo texto, pelo projeto e pela imagem. E sabemos que na sequência, sobretudo nas últimas décadas, a influência desse ícone conheceu um crescimento espantoso. É importante, contudo, não nos esquecermos de tudo o que o torna mais próximo de nós e estudá-lo em todos os detalhes de sua história. E o bicentenário tem sido uma oportunidade excepcional para isso.

2ª PARTE
Estudos sobre l'Hermitage





5

Notre-Dame de l'Hermitage: experiência de desenvolvimento inicial do carisma marista a partir da gestão do Instituto e dessa casa

Patricio Pino Medina (fms)[1]

5.1 Introdução

Nós, Maristas de Champagnat, celebramos o bicentenário da transferência da comunidade fundadora de La Valla para a recém-construída casa de l'Hermitage, em maio de 1825.[2] O terreno foi comprado pelos padres Jean Claude Courveille e Marcelino Champagnat em 13 de maio de 1824[3] e, nesse mesmo mês, monsenhor Jean Cholleton, vigário-geral da diocese de Lyon, colocou e abençoou a primeira pedra da futura construção.[4] Em 13 de agosto de 1825, o padre Julien Dervieux, pároco de Saint-Chamond,

[1] Irmão marista desde 1976, chileno, atualmente da Província Santa María de Los Andes, Região América Sul, e membro da Comissão Internacional de Patrimônio Marista. Educador formado pelas Universidades Católicas de Valparaíso e do Chile, em Santiago. Realizou a formação completa do Cepam, no México, com o irmão Aureliano Brambila. Participou da criação, sob sua orientação, da ferramenta de fontes maristas digitalizadas chamada *Cepam Vínculo* e *Cepam Virtual* (www.cepam.maristas.cl), e do Diplomado em Patrimônio Carismático Marista, vinculado à Universidade Marcelino Champagnat de Lima, com dez edições desde 2011 até o presente momento.

[2] RONZON, Jean. *Chronologie mariste*: édition 2010. FMS Studia, n. 1. Roma: Institut des Frères Maristes, 2010, p. 80.

[3] COSTE, Jean; LESSARD, Gaston. *Origines Maristes (1796-1836)*, vol. 1: Du projet personnel à la Congrégation, Roma: Sociedade de Maria, 1967, doc. 105.

[4] RONZON, *Chronologie mariste*, p. 78.

abençoou a primeira capela de l'Hermitage,[5] encerrando assim a primeira etapa da construção, que continuaria crescendo e se transformando por muito tempo após a morte de Marcelino.

Nesse contexto de memória coletiva, decidi trazer um tema relevante sobre esse local e essa casa emblemática de nossas origens, cujo peso carismático parece irradiar-se cada vez com mais força e profundidade para os Maristas de Champagnat de hoje.

Diversos artigos sobre l'Hermitage foram publicados nos *Cadernos Maristas*, trazendo olhares históricos, educacionais, espirituais, geográficos e jurídicos.[6] Neste artigo, apresento um aspecto de uma pesquisa que realizei sobre a presença de l'Hermitage nas cartas ativas do Fundador,[7] explorando o jeito como Champagnat se refere e se relaciona com a Casa-mãe. Dos vários temas encontrados na pesquisa, destaco o papel que ele atribui a l'Hermitage como centro administrativo[8] e de gestão,[9] para acompanhar o crescimento e a consolidação do Instituto, que se desenvolvia rapidamente nessa fase inicial.

Que marca ficou em suas cartas sobre o papel dessa casa no contexto do seu projeto carismático? Como a organizou, como a utilizou, qual sua funcionalidade? E como foi amadurecendo o significado que a casa tinha para ele e para a primeira comunidade, que crescia e se expandia, projetando-se em novas fundações cada vez mais distantes da Casa-mãe? Em que isso pode ser útil para os Maristas de Champagnat de hoje, em face

---

[5] RONZON, *Chronologie mariste*, p. 81.

[6] Especificamente nos números: 3 (maio de 1992), 6 (dezembro de 1994), 7 (junho de 1995), 9 (julho de 1996), 10 (março de 1997), 14 (novembro de 1998), 15 (maio de 1999), 16 (novembro de 2000), 20 (junho de 2004), 26 (março de 2009), 29 (maio de 2011), 31 (março de 2013), 32 (maio de 2014), 33 (maio de 2015), 34 (maio de 2016), 37 (maio de 2019), 38 (maio de 2020), 39 (maio de 2021), 40 (maio de 2022), 41 (maio de 2023) e 42 (janeiro de 2025). Disponível em: https://champagnat.org/pt/biblioteca/cadernos-maristas/. Acesso em 23 set. de 2025.

[7] UNIÃO MARISTA DO BRASIL, *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat (1789-1840), Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas*. Brasília: Umbrasil, 2019. No texto, será abreviado por *Cartas de Marcelino Champagnat*. [n.e.]

[8] Administrar, segundo a Real Academia Espanhola (RAE), é dirigir uma instituição; desempenhar ou exercer um cargo, ofício ou dignidade; ordenar, dispor, organizar, especialmente a fazenda ou os bens; e fornecer, proporcionar ou distribuir algo.

[9] A RAE define gestão como a ação e efeito de administrar ou organizar algo. Também se refere à ação de fazer diligências para conseguir ou resolver algo.

da celebração e memória que o Instituto faz de l'Hermitage? São essas as perguntas que orientaram este artigo.

Como metodologia, utilizamos o rastreamento sistemático de cada parágrafo das cartas de Marcelino, extraindo os que fazem referência explícita ou implícita a l'Hermitage, em qualquer das suas denominações, diretas ou indiretas, em relação à temática e às perguntas que propusemos acima.

No rastreamento dos parágrafos que mencionam l'Hermitage sob qualquer de suas designações, encontrei 319 parágrafos que contêm o termo, no conjunto das 342 cartas de Marcelino que se conservam no Arquivo FMS, de Roma. Desse total, 213 fazem referência ao tema da gestão, que é o mais frequente. Neste artigo, concentro-me em l'Hermitage como lugar de gestão, tanto da própria casa quanto do Instituto em sua fase de nascimento, expansão e consolidação inicial. Limito-me ao período de 1823, data da primeira carta, até setembro de 1830, data da última carta. Neste ano aconteceu a Revolução de Julho, que retirou do poder a dinastia dos Bourbons e instaurou na França a Segunda República, com um governo liberal, laico e anticlerical. A seleção inclui o conceito de "gestão" e seus derivados: da casa, do pessoal, das escolas, da administração etc.

Escolhi o período de 1823 a 1830, pois coincide com a compra, construção e instalação da comunidade fundadora em l'Hermitage, mas também com a primeira grande e múltipla crise e sua evolução até o encerramento da mesma e a estabilização dessa fundação, precisamente no ano da Revolução de Julho.

Desse período, conservamos 19 cartas. Destas, 11 abordam o tema da gestão a partir de l'Hermitage, o qual se encontra em 21 parágrafos. A esse conjunto se restringe nossa análise. Ao fazer a tabulação por nuances desses parágrafos, observei nas cartas uma evolução em vários aspectos do tema estudado. Por isso, optei por apresentar a análise deste artigo em duas etapas cronológicas distintas e bastante curtas, que desenvolvemos a seguir.

5.2 Gestão e administração inicial (1823-1827)

No Arquivo FMS, foram preservadas nove cartas anteriores a 1828, sendo a primeira de 1823. Essas correspondências abrangem o período

da grande crise múltipla de 1826 – de saúde, econômica, de credibilidade eclesial e social, de liderança, de solidão –, ocasião em que tudo esteve prestes a ruir na florescente fundação, que já contava com uma década de existência, 46 irmãos, 13 noviços e 13 escolas em funcionamento, além do próprio l'Hermitage. Nessas cartas, encontramos nove parágrafos que abordam a gestão e administração do Instituto a partir dessa casa tão estimada, que se inaugurava como Casa-mãe e centro de formação. São posteriores à grande crise (datam de 1827) e estão endereçadas às autoridades diocesanas que seriam capazes de compreender e ajudar a encontrar soluções para a situação crítica, mesmo estando cientes do descrédito e do endividamento em que a Congregação havia caído.

Esses textos revelam a confiança e o apelo de Marcelino a essas pessoas que detinham poder sobre essa realidade. Neles transparece sua visão prática de gestão: todos os campos que ela abrange, as necessidades que possui e os motivos de seus pedidos que, nesses textos, estão bem mais sugeridos, exceto na carta a monsenhor Barou, que veremos adiante. Eis um trecho que exemplifica o essencial que ele percebia em sua gestão a partir dessa casa, nos âmbitos da economia, finanças, pessoal, supervisão etc.:

> Precisaria visitar nossos estabelecimentos pelo menos cada dois meses, para verificar se tudo anda bem, se algum de nossos irmãos não está travando relações perigosas, a fim de remediar desde o princípio; inteirar-me também da limpeza, da observância do regulamento; do progresso dos alunos, sobretudo na piedade; saber, em suma, se os irmãos não estão perdendo o espírito do seu estado.
>
> Para não o aborrecer, não farei menção das contas a manter em dia, da correspondência a manter, das dívidas a pagar ou remanejar, enfim de tudo o que diz respeito à parte espiritual e material da casa. Temos atualmente dois mil alunos em nossas escolas. Só isto, parece-me, deveria merecer alguma consideração. Formar bem os jovens [...].[10]

Como mencionado, Marcelino só é explícito em seu pedido na carta a monsenhor Barou, pois a esse vigário-geral cabe a distribuição do pessoal da diocese. Champagnat precisa de um padre que o auxilie na gestão dessa obra que, apesar da crise vivida e de seus ecos, continua crescendo

[10] Carta de Marcelino a monsenhor Simon Cattet, vigário-geral de Lyon, maio de 1825; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 4. Original autográfico AFM 132.2, p. 166.

e respondendo à missão da Igreja de educar cristãmente as crianças do meio rural da sociedade:

> Esperando por um auxiliar apropriado, que tenha amor pela causa, que só exija a roupa e a comida, recomendo-me às suas orações, pois vejo mais do que nunca a verdade do oráculo divino: *Nisi Dominus*... O padre Séon seria muito bom para nós, por diversas razões. Seria alguém que não pediria nada, e até, segundo me disse, entregaria seu patrimônio estimado em vinte mil francos.[11]

Nesse contexto, em que a gestão se torna para ele uma realidade angustiante – "Ninguém sabe melhor do que eu quais são as minhas preocupações; para enumerá-las, não saberia por onde começar [...]" –, Marcelino vive o momento, que o sobrecarrega, com um claro olhar de fé, o qual, desde então, só se aprofunda, a ponto de se tornar a marca constante de seu estilo de gestão:

> Venho com simplicidade expor-lhe minha situação e, segundo o que julgar útil à glória de Deus, V. Revma. agirá. Depois de pô-lo a par de tudo, aconteça o que acontecer, descansarei em Deus e em sua Mãe Santíssima, e bendirei os seus santos nomes![12]

Esses parágrafos, que encerram o primeiro período das cartas, revelam-nos principalmente a gestão da crise recordada, a solidão e a angústia de Marcelino no momento mais crítico (todo o ano de 1826 e o primeiro semestre de 1827), assim como sua confiança cada vez mais absoluta e entregue à ação de Deus sobre essa obra, da qual se sente instrumento.

Há ainda uma última carta, do segundo semestre de 1827, em que também se evidencia a gestão de questões legais, na qual busca exercer influência ou pressão sobre o advogado procurador que conduzia um processo de herança em que Champagnat estava envolvido como herdeiro:

> Apresente, por favor, meus mais humildes cumprimentos ao Sr. prefeito e peça-lhe, da minha parte, que diga algumas palavras de recomendação ao Sr. Paullian, procurador em St. Etienne, casa Thiolière du Champ, esquina das ruas Artois e Angoulème, em relação à herança de Clément Berlier, do município de Izieux, falecido há dois anos.

---

[11] Carta de Marcelino ao padre Jean-Joseph Barou, vigário-geral em Lyon, maio de 1827; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 7. Original autográfico AFM 132.2, p. 170-171.

[12] Carta de Marcelino a monsenhor Simon Cattet, vigário-geral de Lyon, maio de 1825; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 4. Original autográfico AFM 132.2, p. 166.

> Este último, ao morrer, constituiu-me seu herdeiro por um testamento recebido pelo mestre Finaz, notário em Saint-Chamond. Não pude receber a mencionada herança porque a mãe – presa na cadeia em consequência de um infanticídio –, quis contestar os testamentos.[13]

Nesse contexto, o rosto e o papel de l'Hermitage nessa fase são os de uma casa que surge da necessidade imperiosa e visionária de ampliar a missão, que é fruto do esforço coletivo em sua construção, mas que também acolheu a fragilidade de todos os que ali habitavam, especialmente de seu líder no primeiro ano de funcionamento. L'Hermitage abrigou a decepção e o desânimo dos irmãos, a incerteza do futuro, a dor da solidão e da incompreensão de muitos, o abandono de outros líderes, assim como a certeza da mão de Deus como seu construtor. Marcelino conduz a partir dali uma obra que não é sua, mas pela qual se sente, agora, o principal responsável.

5.3 Estabilização após a crise (1828-1830)

Desse segundo período, preservamos dez cartas de Marcelino, nas quais identificamos doze parágrafos relacionados a temas de gestão da casa central. Um acontecimento externo marca o encerramento desse tempo: a Revolução de Julho de 1830,[14] evento que reacende as grandes questões deixadas pela Revolução de 1789. Apenas dois parágrafos abordam essa realidade sob a ótica da gestão:

> As atuais circunstâncias não nos permitem, neste ano, que gozemos férias juntos, em nossa Casa-mãe, onde faríamos também o retiro. Esperamos que Deus dará um jeito. Em vista disto, depois de combinar com o pároco, tire

[13] Carta de Champagnat a Marc Antoine Parrochia, prefeito de Saint-Martin-en-Coailleux, 29 de agosto de 1829. PERIN, Eric. Uma nova carta de Marcelino Champagnat. *Cadernos Maristas*, n. 38, maio 2020, p. 92-93. Original autográfica em Les Archives départementales de la Loire (ADL) 0682.

[14] A revolução aconteceu de 28 a 30 de julho. Essas jornadas serão chamadas de "As Três Gloriosas". Em 31 de julho, uma proclamação de um governo provisório formado dois dias antes informa a Carlos X que ele deixou de reinar e que o duque de Orleans é nomeado tenente-general do Reino. Em 9 de agosto desse ano, o duque de Orléans, com o nome de Luís Filipe I, presta juramento no Palácio Bourbon e jura cumprir a nova Carta que é imposta, sem consulta; que já não reconhece a religião católica como a religião dos franceses; que promete, entre outras coisas, a liberdade de ensino; SESTER, Paul; BORNE, Raymond. *Crónicas Maristas VI. Cartas del Padre Champagnat*. Tomo 2: Biografías y topónimos. Zaragoza: Luis Vives, 2009, p. 4-5.

> quinze dias, durante os quais fará o seu retiro, sob a orientação esclarecida dele. [...] Na Casa-mãe, nada de novo; igualmente nada de novo, nos demais estabelecimentos. Está tudo correndo mais ou menos bem, graças a Deus.[15]

Considerando essa situação crítica externa, Marcelino administra, a partir de l'Hermitage, o tema das férias e do retiro do pessoal, transmitindo tranquilidade e confiança na intervenção divina para todos.

Nos demais parágrafos sobre gestão, destacam-se os de duas cartas dirigidas ao monsenhor Cattet, vigário-geral da diocese. Dessa relação se conservam quatro cartas enviadas por Marcelino ao monsenhor e catorze cartas recebidas, escritas por Cattet a Marcelino. Em ambas as cartas, l'Hermitage se encontra, já em paz, com três sacerdotes da Sociedade de Maria, os quais, além de apoiar a obra de Champagnat, cultivam sua vocação missionária nas zonas rurais do centro da França. Marcelino também administra, a partir de l'Hermitage, as permissões do arcebispo para confissões desse grupo de candidatos da Sociedade de Maria, em processo de renascimento na diocese de Lyon, da qual é o líder. Esse é outro aspecto da funcionalidade de l'Hermitage como casa central, não apenas dos Irmãozinhos de Maria, mas também como centro de formação, governo e gestão da Sociedade de Maria para os sacerdotes da diocese que desejam se integrar:

> O decreto do senhor Bispo, recentemente promulgado, deixa os poderes de absolver os casos especiais somente aos párocos colados e a outros sacerdotes aos quais se julgue oportuno concedê-los novamente. Visto isto, creio que é meu dever expor-lhe as circunstâncias em que me encontro. Embora não tenha chegado até nós esse dispositivo sabiamente concebido, presumimos que tem efeito também para os padres de L'Hermitage. Considere, senhor Vigário Geral, se não é conveniente que sejam mantidos esses poderes aos quatro padres de nossa Sociedade, residentes nesta diocese: os padres Séon, Bourdin, Pompallier e este seu servo.
>
> Estamos sendo solicitados, com bastante frequência até, para pregações e retiros. Além do mais, quando estou em casa, poucos são os dias que tenho passado sem que viessem pessoas de outras regiões para confissões extraordinárias. Então, muitas vezes, necessitamos de todos os poderes para absolver os

[15] Carta de Marcelino ao irmão Antoine, em Millery, Rhône, 10 de setembro de 1830; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 17. Original autográfico AFM 111.4.

> casos especiais, reservados. Agora mesmo, dois dos nossos padres partem para Saint-Priest, a fim de pregar quinze dias de retiro, em duas etapas, a começar domingo próximo. Queira, pois, por favor, responder-nos sem demora.[16]

Apesar do apoio desses sacerdotes maristas à obra dos irmãos em l'Hermitage, Marcelino insiste com o vigário-geral sobre a necessidade de mais pessoal qualificado para administrar a casa central, pois a obra cresce mais do que o previsto e ele se sente sobrecarregado em alguns pontos da administração:

> Teríamos necessidade de mais uma pessoa para o bom andamento da administração da obra dos irmãos, que já começa a deslanchar. Permita-me que lhe lembre agora, cá entre nós, a promessa que me fez de me enviar todos os candidatos que se encaixassem em nossa obra e que, para isso, nada mais exigiriam do que a roupa e a comida. Há vários que se apresentam com esses requisitos: Os senhores padres R., N. ... Aguardando, digo-lhe que este último seria muito bom para o economato da nossa casa.[17]

Em toda essa etapa inicial, não há referência nas cartas de Marcelino a uma liderança geral entre os irmãos. Todas as decisões estratégicas estão sob sua responsabilidade, com o apoio dos sacerdotes maristas:

> O padre Séon, como o senhor bem sabe, administra o lado espiritual da casa, se ocupa da nossa fabricação de fitas, ajuda de vez em quando nas paróquias vizinhas, com as quais queremos manter boas relações, como o senhor sabe. O padre Bourdin, para os noviços, dá aulas de escrita, de cálculo, de canto e catecismo; também se encarrega dos livros para as escolas e toma conta da pequena capela.[18]

No mesmo texto, Marcelino esclarece a monsenhor Cattet seu papel na casa e no Instituto, que ele supervisiona e acompanha em todos os processos de gestão necessários para cumprir sua missão evangélica:

> Pelo que diz respeito à minha pessoa, encarrego-me das visitas às escolas, do exame dos meninos que as frequentam, da correspondência, dos ajustes a estabelecer com os municípios, das transferências dos irmãos, da aceitação

---

[16] Carta de Marcelino Champagnat ao padre Simon Cattet, vigário-geral em Lyon, Rhône, 12 de fevereiro de 1830; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 15. Cópia da minuta RCEF, 6, p. 378-380.

[17] Carta de Marcelino Champagnat ao padre Simon Cattet, vigário-geral em Lyon, Rhône, 18 de dezembro de 1828; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 11. Original autográfico AFM 132.2, p. 174-175.

[18] *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 11.

> dos noviços que se apresentam; em uma palavra, do bom andamento em geral e em particular de todas as fundações. Só posso reservar para a parte material da administração um tempo muito insuficiente, sem poder fazer nada para as escolas, onde as despesas são pouco cuidadas.[19]

Nos estatutos de 1825 e 1828, que são idênticos exceto por um acréscimo feito por Marcelino ao último, aparecem oficialmente, além do superior (um padre marista), um diretor e um mestre de noviços entre os irmãos professos.

Outro aspecto novo nessas cartas de gestão é a relação com o prefeito do Loire, que se dispôs a fazer uma importante contribuição financeira para o projeto educativo e evangelizador dos Irmãos Maristas residentes em l'Hermitage e nas suas escolas, reconhecendo o benefício que essa instituição representa para a vida civil do departamento. Marcelino, como bom gestor, busca envolvê-lo ainda mais, tentando obter uma nova contribuição:

> O interesse que V. Ex.ª demonstra por nossa casa me leva a fazer-lhe uma exposição simples e sincera de nossa atual situação. Nossos estabelecimentos, em número de dezesseis, vão razoavelmente bem. A Casa-mãe, na qual somos por volta de cinquenta, entre irmãos e noviços, vai regularmente; contudo, as carências aqui ainda são grandes. Ainda estamos pagando, cada ano, mil francos de prestações. Contudo, conseguimos pagar a parcela de nossas dívidas já vencidas, no ano em que V. Ex.ª teve a gentileza de nos estender a mão, mas no ano passado estivemos apertados. Isso me traz séria apreensão para o ano atual, porque, além do grande número de doentes, são muitos os que vivem às nossas expensas.[20]

Nesse trecho, destaca-se com clareza a gestão das dívidas, que parecem ser uma constante na casa. Também se enfatiza outro aspecto: o cuidado com os irmãos doentes, que, considerando o contexto da época – invernos longos, frios e úmidos, salas pouco ventiladas, prevalência de doenças respiratórias e ausência de antibióticos –, aumentam na região devido ao longo período de reclusão dos irmãos com as crianças e à alimentação inadequada nos primórdios da Congregação.

---

[19] *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 11.

[20] Carta de Marcelino Champagnat ao Exmo. Barão Raoul Gabriel Jules Desrautours de Chaulieu, prefeito do Loire, em Montbrison, 11 de abril de 1829; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 12. Original autográfico conservado nos Archives départementales de la Loire, 1, t. 69.

A carta ao prefeito também evidencia a gestão da casa como centro de produção (nem sempre bem-sucedido), com o objetivo de ampliar as receitas, aproveitando o tempo livre dos irmãos durante as férias prolongadas das escolas rurais:

> Para ocupar os intervalos entre os períodos escolares começamos a fabricar fitas, tal como tive a honra de informar V. Ex.ª a esse respeito. Mas, já faz quase dois meses que não temos serviço. Nesta época, vários de nossos irmãos voltam à Casa-mãe, porque nos municípios onde estão lotados, o pessoal emprega os meninos na agricultura.[21]

Um último parágrafo desse período, destinado a estabelecer para os párocos as condições necessárias para fundar uma escola marista, confirma um tema já abordado: a gestão centralizada da Congregação desde seus primórdios, refletida principalmente na livre e imediata disposição do seu pessoal:

> 3) Fiz saber que a Casa-mãe só pede que paguem os gastos de viagem; e que ela sempre reserva para si o direito de dispor de seus membros, de acordo com o bem geral que a Sociedade exigir, seja qual for a região em que se encontrem.[22]

Resumindo esse período, surgem temas interessantes relativos à vocação de gestão de l'Hermitage nesses três anos, observados pelas cartas ativas de Marcelino desse tempo.

5.4 Conclusão

Desde já, fica evidente um momento de estabilidade da instituição após superar uma grave crise. Percebe-se também o papel de l'Hermitage como centro de gestão de um instituto religioso de irmãos, cuja missão é evangelizar por meio da escola rural, já presente em pelo menos quatro departamentos da França.

Verificam-se ainda novos temas em relação ao período de crise e pós-crise: aumento da gestão de pessoal devido ao rápido crescimento do Insti-

---

[21] *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 12.

[22] Carta de Marcelino Champagnat aos párocos de Annecy, Haute-Savoie, 1828; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 9. Cópia da minuta AFM 132.2, p. 173-174.

tuto; renascimento da Sociedade de Maria dos Padres Maristas na diocese, após o fracasso da primeira tentativa em l'Hermitage; necessidade de se buscar e experimentar novas formas de gerar receitas através de oficinas; preocupação e gestão da saúde dos irmãos; integração recorrente do tema da dívida econômica, que persiste além da morte do Fundador; por fim, o peso que a instituição ganhou no contexto civil do departamento do Loire, tornando-se colaboradora relevante.

Analisando os dois períodos (1823-1830), exploramos um total de dezenove cartas escritas por Marcelino nesse intervalo de oito anos, conservadas em nossos arquivos, originais ou cópias. O fio condutor foi a gestão, a partir de l'Hermitage, identificando, nessas cartas, 21 parágrafos sobre o tema.

Nesses dois conjuntos de textos, fica evidente a evolução de Marcelino como líder da obra do Senhor. Nota-se seu crescente empoderamento diante das múltiplas facetas da gestão do crescimento institucional. Do período inicial (1817-1822), só restam relatos testemunhais ou orais, alguns deles do próprio Fundador, mas essa etapa não foi objeto de nosso estudo. Aqui, buscamos analisar o que ele deixou escrito, de forma indireta, nas cartas estudadas, sobre sua experiência de gestão dessa casa tão estimada e emblemática. Digo indireta porque, ao redigir essas cartas, sua intenção não era discutir esse tema, mas sim tratar de assuntos específicos, conforme o destinatário.

5.5 Bibliografia

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas recebidas*. Curitiba: Editora Champagnat, 2002.
COSTE, Jean; LESSARD, Gaston. (org.). *Origines Maristes (1786-1836)*. 5 vol. Roma, Sociedade de Maria, 1961-1967.
FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Simar, 1999.
PERIN, Eric. Uma nova carta de Marcelino Champagnat. *Cadernos Maristas*, n. 38, maio 2020, p. 85-93.
REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: https://dle.rae.es/celda. Acesso em: 23 set. 2025.
RONZON, Jean. *Chronologie mariste*: édition 2010. FMS Studia, n. 1. Roma: Institut des Frères Maristes, 2010.
SESTER, Paul; BORNE, Raymond. *Crónicas Maristas VI. Cartas del Padre Champagnat*. Tomo 2: Biografías y topónimos. Zaragoza: Luis Vives, 2009.
UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat (1789-1840), Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas*. Brasília: Umbrasil, 2019.

6

O cotidiano em l'Hermitage (1825-1840): aspectos temporais, laborais e formativos na Casa-mãe do Instituto

Francisco J. Flores Sánchez[1]

Os Irmãos de Maria seguirão, portanto, com toda a exatidão possível, o cumprimento de sua Regra, fazendo cada coisa no tempo, no lugar e da maneira que nela está estabelecido.[2]

6.1 Introdução

A casa de Notre-Dame de l'Hermitage é um ícone para todos os Maristas de Champagnat, pois qualquer pessoa relacionada ao Instituto e com um mínimo de conhecimento sobre nossa identidade poderia reconhecer e associar esse "monumento histórico" ao Fundador e às origens dos

[1] Licenciado em História (Pontifícia Universidade Católica do Chile – 2010). Diplomado em Arquivística (Universidade Alberto Hurtado do Chile – 2014), em Patrimônio Marista (Universidade Marcelino Champagnat do Peru – 2016) e em Gestão e Pesquisa em Patrimônio Cultural (Universidade Alberto Hurtado do Chile – 2018). Mestre em Arquivística (Universidade Carlos III de Madrid – 2018) e em Museologia e Gestão de Museus (Instituto Ibero-americano de Museologia – 2021). Membro da Associação de Arquivistas do Chile (ASOCARCHI – 2017). Responsável pelo Arquivo Histórico Patrimonial Marista do Chile e Coordenador da Equipe de Arquivo e Patrimônio Marista do Setor Chile – Província Santa María de los Andes. Integrante da Equipe Coordenadora da Rede de Centros de Memória Marista da Região América Sul, representando a Província Santa María de los Andes. Criador e coordenador da Formação Inicial em Patrimônio Carismático Marista para os Noviciados Champagnat, da Região América Sul, e La Valla, da Região Arco Norte (2024-2026).

[2] *Regla de los Hermanitos de María, para la Casa Madre (Noviciado) – 1837* (daqui em diante *Regla de la Casa Madre de 1837*). HERREROS, Juan Pedro. *La Regla del Fundador*: sus fuentes y evolución. FMS Studia n, 2. Roma: Casa General de los Hermanos Maristas, 2003, p. 334.

Irmãozinhos de Maria. Esse imóvel é, sobretudo, uma obra arquitetônica monumental, que possui um valor excepcional do ponto de vista histórico, cultural e, evidentemente, espiritual.[3]

Assim, a Casa-mãe, com seus recém-completados 200 anos, acolheu milhares de histórias particulares e foi testemunha silenciosa das conexões estabelecidas a partir da vivência carismática, tanto no âmbito comunitário quanto no pessoal. Muitos desses testemunhos perderam-se ao longo do tempo, mas outros aguardam apenas serem encontrados, investigados e divulgados como parte desse conjunto de aspectos temporais, laborais e formativos de l'Hermitage, que são permeados por um sentido transcendental[4] presente no dia a dia dos religiosos que a habitaram por mais de dois séculos.

Algumas dessas histórias particulares que nos remetem às origens do Instituto queremos "trazer à luz" e inserir nesse centro nevrálgico de gestão, governo e administração,[5] onde se vive uma espiritualidade centrada em Jesus Cristo, desde a formação, a fraternidade e o trabalho manual, entre outras diversas áreas de atuação. É justamente aí que surge o carisma marista original,[6] com aquele grupo de jovens e adultos franceses que, durante a primeira metade do século XIX, aderem ao projeto de Marcelino Champagnat, reunindo-se para viver e se formar como religiosos educadores.[7]

---

[3] Cf. Convención sobre la Protección del Patrimonio Mundial Cultural y Natural (Aprobada por la Conferencia General en su decimoséptima reunión París, 16 de noviembre de 1972). Em: CONSEJO DE MONUMENTOS NACIONALES. *Convenciones Internacionales sobre Patrimonio Cultural*. Cuadernos del Consejo de Monumentos Nacionales, Segunda Serie, n. 20. Santiago: Ministerio de Educación/Consejo de Monumentos Nacionales/Gobierno de Chile, 2009, p. 65-78. Disponível em: https://www.monumentos.gob.cl/sites/default/files/articles-45809_doc_pdf.pdf. Acesso em: 23 de set. de 2025.

[4] "Aquilo que transcende a experiência. Aplica-se tanto ao que se refere ao além da morte quanto a determinadas realidades deste mundo, mas que pertencem à ordem do definitivo. Por isso, assume igualmente o sentido de algo de *suma importância*" (DE PEDRO, Aquilino. *Diccionario de términos religiosos y afines*. Madri: Verbo Divino/Paulinas, 1990, p. 249).

[5] Para o desenvolvimento desse tema, ver acima o artigo de Patricio Pino, "Notre-Dame de l'Hermitage: experiência de desenvolvimento inicial do carisma marista a partir da gestão do Instituto e dessa casa".

[6] Cf. PINO, Patricio. Transmissão do carisma marista herdado de Marcelino Champagnat e dos primeiros Irmãos. *Cadernos Maristas,* n. 36, maio 2018, p. 10-12.

[7] Quando se menciona o projeto de Marcelino Champagnat, este deve ser contextualizado em um movimento mais amplo de proliferação de congregações de irmãos (1815-1830), que tem como antecedente a política escolar favorável à educação popular durante a Restauração. Tal como estabelece o irmão Pierre Zind, Marcelino pertence à segunda geração de fundadores (1787-1799), que se formam sob o

Como o espaço é limitado e os temas são variados, exporemos apenas alguns pontos específicos que nos permitam conhecer e compreender melhor como se estruturava e concretizava o cotidiano em l'Hermitage durante o tempo em que o Fundador esteve com os primeiros irmãos maristas. Para isso, recorreremos principalmente à *Regra da Casa-mãe de 1837*, às *Cartas de Marcelino Champagnat* e aos testemunhos maiores (escritos pelos irmãos João Batista Furet, Silvestre e Avit).

6.2 O CONCEITO DE VIDA COTIDIANA

O conceito de "cotidiano" surge no âmbito de uma corrente historiográfica conhecida como *Nova História*,[8] que pretendia ser uma resposta aos grandes relatos, protagonizados por figuras importantes e célebres que participavam ou eram artífices de diversos acontecimentos militares, políticos e religiosos. Contudo, o "cotidiano" considera como sujeitos da "história" indivíduos comuns, entre os quais podemos incluir um grupo de religiosos dedicados à educação católica e que habitam uma casa situada em uma zona rural da França durante a primeira metade do século XIX. Estes "novos" personagens, que vivem em comunidade, podem ser analisados a partir das suas alterações e continuidades socioculturais, dentro do contexto da vida real e material (tendo em conta seus ambientes locais, nacionais e mundiais).[9]

Entre os aspectos que denominamos como "cotidianos", podem ser mencionados: o dia de trabalho, as vivências e pensamentos naturais (em contraste com os profissionais e científicos), as necessidades fisiológicas

---

Império e iniciam seu apostolado ao mesmo tempo que começa a reconstituição das antigas ordens e a criação de numerosas sociedades missionárias. Frequentemente, esses fundadores são primeiro carismáticos, que depois saberão evoluir para serem administradores e políticos. Cf. LANFREY, André. *História do Instituto*. Tomo 1: Da aldeia de Marlhes à expansão mundial (1789-1907). FMS Sudia n. 3. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 2015, p. 53-54.

[8] OFFENSTADT, Nicolas. *Las palabras del historiador*. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2014, p. 104-105; BURKE, Peter. *Formas de hacer Historia*. Madrid, España: Alianza, 1999, p. 11-37; AURELL, Jaume. *Tendencias historiográficas del siglo XX*. Santiago: Globo, 2008, p. 151-158.

[9] Cf. GONZALBO, Pilar. *Introducción a la historia de la vida cotidiana*. 1. ed. México: El Colegio de México/ Centro de Estudios Históricos, 2006, p. 22 e 31.

e as rotinas de higiene e alimentação. É necessário esclarecer que todas essas práticas não estão alheias às influências das mudanças sociais e, por isso, evoluem juntamente com as rotinas individuais e familiares, sobretudo quando precisam passar do espaço doméstico para o escolar, laboral e/ou social. Portanto, embora tudo o que é privado faça parte do mundo cotidiano, nem tudo o que é cotidiano é privado, pois muitas dessas atividades, práticas e rotinas pertencem ao âmbito comunitário e, consequentemente, situam-se na esfera pública.[10]

Em síntese, a vida cotidiana é a vida do ser humano completo: ele participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. Nela "se colocam em prática" todos os seus sentidos e todas as suas capacidades intelectuais, habilidades manuais, sentimentos, paixões, ideias e ideologias.[11]

6.3 A organização do tempo na Casa-mãe[12]

Retornemos ao foco principal do tema que nos ocupa: l'Hermitage e seus habitantes. Para isso, é necessário criar um vínculo com a necessidade, ou seja, com o uso que o Fundador pretendia dar a este imóvel: um seminário e uma casa religiosa, que deveria favorecer o sucesso dos estudos.[13] A oração, juntamente com o conhecimento e a compreensão das matérias, tanto religiosas quanto seculares, combinava-se com o trabalho manual para formar os irmãos maristas durante um período "aproximado" de um ano.[14] Durante esse tempo de preparação como religiosos educadores na

[10] Cf. GONZALBO, *Introducción a la historia de la vida cotidiana*, p. 26-27.

[11] Cf. HELLER, Ágnes. *Historia y vida cotidiana*: aportación a la sociología socialista. México: Grijalbo, 1985, p. 39.

[12] A presente seção está baseada no artigo de FLORES, Francisco.; TREJO, Amelia. Aproximação à "vida cotidiana" em l'Hermitage (1825-1840). Primeira parte: A administração do tempo na "Casa-Mãe". *Cadernos Maristas*, n. 42, nov. 2024, p. 41-56,

[13] Cf. SYLVESTRE, Irmão. *Relatos sobre Marcelino Champagnat*. Brasília: Umbrasil, 2014, p. 154.

[14] Os irmãos passavam, em média: quatro meses e meio no postulantado (desde a entrada na casa até a tomada de hábito); nove meses no noviciado propriamente dito (desde a tomada de hábito até os primeiros votos) e dois anos e meio até os votos temporários. Cf. nota 181 da Carta de Champagnat ao padre Jean-Claude Colin, superior da Sociedade de Maria, em Belley, Ain, 29 de março de 1835; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 55.

Casa-mãe[15] – e nas visitas posteriores[16] –, o "*ora et labora*" é constante e, embora se mantenha o silêncio a todo custo,[17] a quantidade de atividades e trabalhos não diminui: "Estamos sempre consertando e construindo, apesar disso, sempre apertados. Não damos paz nem tréguas aos rochedos de l'Hermitage; cultivamos, plantamos vinhas, procuramos fertilizar o terreno todo".[18]

Assim transcorre a vida nesse ambiente de tipo conventual,[19] que tende a privilegiar a vigilância, a ocupação constante e a separação do mundo exterior, e onde a disciplina, o consentimento e a interiorização da "regra" eram as formas de estruturar a vida religiosa dos Irmãozinhos de Maria.[20] Isso atribui à autoridade – seja ela religiosa, civil ou laboral – os recursos para regular o tempo da "vida cotidiana". Ora, essa preocupação com os horários, sobretudo a partir do Renascimento, fica manifesta na colocação de grandes relógios nas torres das igrejas ou nas fachadas de edifícios públicos, onde os sinos não só indicavam momentos de oração, mas também marcavam os horários de trabalho.[21]

Como vimos na Imagem 1, desde o período de construção de l'Hermitage, o sino regula a vida diária dos Irmãozinhos de Maria e, após a edificação da casa, continuou a fazê-lo, pelo menos até 1890, mas a partir do campanário.[22] Embora Marcelino tenha sido o sineiro da primeira comunidade

---

[15] A respeito do tema da formação dos Irmãos Maristas nas origens do Instituto ver: BALKO, Alexandre. O padre Champagnat e a formação dos irmãos. *Cadernos Maristas*, n. 3, maio 1992, p. 25-72.

[16] "Digam aos noviços que pretendiam vir com vocês que só poderão ser recebidos a partir de 15 de outubro [os irmãos vão permanecer em l'Hermitage até essa data], porque seria impossível arranjar lugar para eles, devido ao grupo numeroso que entrou neste ano", Circular de Marcelino Champagnat aos irmãos, 24 de agosto de 1835; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 62.

[17] "O bom Pai não tolerava que se faltasse ao silêncio, sobretudo o silêncio maior, que jamais se violava", BILON, Henry (Irmão Avit). *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*. Zaragoza: Luis Vives, 2003, p. 202.

[18] Carta de Champagnat ao padre Jacques Fontbonne, missionário em Saint-Louis, EUA, 16 de maio de 1837; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 109.

[19] "Do latim *conventus* = reunião. Residência de uma comunidade de religiosos ou religiosas surgidas a partir do século XII"; DE PEDRO, Diccionario de términos religiosos y afines, p. 51.

[20] Cf. PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. Em: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*. Vol. 3: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 284-285.

[21] Cf. GONZALBO, *Introducción a la historia de la vida cotidiana*, p. 203-204.

[22] Cf. BILON (Ir. Avit), *Crónicas Maristas VII*. Anales del Instituto, p. 32.



Imagem 1. Sino da capela do bosque (1824), no exterior da casa do Hermitage. O texto informativo diz: "Capela do Bosque (1824). Enquanto durou a construção [...]. Após o levantar a comunidade se reunia no bosque, onde se erguia uma capelinha dedicada a Maria e que fora construída pelo próprio padre Champagnat. Uma cômoda servia de credência e de altar; para fazer de campanário, havia um carvalho, onde estava pendurado o sino.[23]

desde sua criação na casinha de La Valla,[24] após a crise múltipla de 1826,[25] o Fundador já não estava em condições de cumprir integralmente suas funções como superior e, menos ainda, como responsável pelo toque do sino: "Estou completamente sozinho, como certamente já sabe. De qualquer

[23] *Vida de Champagnat*, p. 119. As imagens 27 (esquerda), 26 (direita acima) e 29 (direita abaixo) se encontram em FMS CHAMPAGNAT. Hermitage: *Espaces Extérieurs*. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/fms_champagnat/with/52075958177. Acesso em: 23 set. de 2025.

[24] "Na falta de um despertador, um sino com um fio de aproximadamente 100 m, que vinha da casa paroquial, permitia ao vigário acordar os jovens às 5 da manhã"; ZIND, Pierre; CARAZO Agustín. *Tras las huellas de Marcelino Champagnat*: contexto histórico, religioso y educativo. Santiago: Provincia Marista de Chile, 1999, p. 75.

[25] A respeito da crise de 1826, ver: MESONERO, Manuel. *San Marcelino Champagnat.* Biografía del Fundador de los Hermanos Maristas. Santiago: Provincia Santa María de los Andes, 2019, p. 189-201.

modo que eu tente, é-me impossível resolver tudo".[26] Consequentemente, essa tarefa foi atribuída ao irmão Jean-Joseph (Jean Baptiste Chillet),[27] que "não tinha aptidão para o ensino, mas era habilidoso para tecer algodão e linho. Foi sineiro durante 15 anos e jamais falhou um minuto. O sino sempre tocava na hora exata".[28]

Na prática, o que regula o sino de l'Hermitage são as atividades diárias que começam às 4 da manhã[29] e terminam às 9 da noite, ou seja, os irmãos e noviços **permanecem acordados durante 17 horas e dormem merecidas 7.** E, embora a hora de se deitar seja às 20h15, antes de dormir é preciso realizar a oração da noite, o exame geral e a meditação. Isso pode durar cerca de 45 minutos, o que condiz com o seguinte relato: "Informaram o Pe. Champagnat às dez horas da noite, uma hora após o deitar da comunidade".[30]

A seguir, no Quadro 1, apresentamos um esquema que resume as atividades de segunda a sábado, com seus respectivos horários, que analisaremos detalhadamente nas próximas linhas.

Quadro 1. Regulamento diário (segunda a sábado) para a Casa-mãe (1837)[31]

Horário	Atividade	Horário	Atividade
04h00	Levantar-se, visita ao Santíssimo Sacramento e canto *Salve Regina*	12h00	Almoço, seguido da visita ao Santíssimo e recreio
04h20	Meditação	13h00	Cada um se dirige ao seu trabalho

[26] Carta de Champagnat ao padre Philibert Gardette, superior do Seminário Maior de Lyon, maio de 1827; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 3.

[27] O irmão Avit situa esse relato em 1830, e o irmão Jean-Joseph morre em 20 de setembro de 1843 aos 65 anos. Portanto, esses 15 anos como sineiro começaram mais precisamente a partir de 1828; BILON (Ir. Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 10.

[28] BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 66.

[29] "Quando chegar a hora de se levantar, e vocês escutarem o sino [...]"; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 367.

[30] FURET, *Vida de Champagnat*, p. 385.

[31] *Regla de la Casa Madre de 1837*; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 335-336.

05h00	Explicação da oração[32]	17h15	Aulas de canto, um quarto de hora
05h05	Santa Missa[33]	17h30	Catecismo ou História Sagrada
05h30	Ofício da Santíssima Virgem	18h00	Rosário seguido do Ofício
06h15	Recitação e explicação	18h30	Capítulo de culpas
06h50	Cada um arruma sua cama (no inverno após o café da manhã)	19h00	Leitura espiritual
07h00	Café da manhã	19h30	Jantar
07h15	Cada um se dirige à sua ocupação	20h00	Recreio
11h40	Exame particular	20h15	Oração da noite, exame geral e tema da meditação, seguido do deitar-se

Levantar-se e deitar-se

É interessante notar que, das quase trinta atividades presentes no "Regulamento diário", apenas o "**levantar-se**" e o "**deitar-se**" (junto com o ato de arrumar a cama) são exclusivamente de âmbito pessoal. Estas se inserem na esfera da "vida privada", aquilo que não é divulgado nem exibido e que, por ser tão diferente das aparências apresentadas no espaço público, exige-se a salvaguarda da honra.[34] Tudo ocorre em um contexto individual

[32] No Regulamento para os Irmãozinhos de Maria de 1831, o horário é 4h50 da manhã. Nas segundas, quartas e sextas-feiras se explica a maneira de fazer a meditação ou se repete a oração; nas terças, quintas, sábados e domingos, se realiza a leitura sobre o Santo Ofício da Missa ou sobre o Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Cf. HERREROS, *La Regla del Fundador,* p. 233.

[33] Na quinta-feira, "após a Missa, aqueles que não tiveram a felicidade de comungar também permanecem durante a ação de graças. O recreio depois do meio-dia dura uma hora e meia". Cf. *Regla de la Casa Madre de 1837*; HERREROS, *La Regla del Fundador,* p. 337.

[34] Cf. DUBY, Georges. Prefácio à História da Vida Privada. Em: VEYNE, Paul (org.). *História da vida privada*. Vol. 1: Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 7-10.

e íntimo, ou seja, solitário,[35] dado que tem lugar na cela.[36] Assim, a forma de se realizar o "**levantar-se**" inclui orientações como: vestir-se "rapidamente" e "com modéstia"; proibir aparecer "nu perante qualquer pessoa" e "não sair da cela sem estar completamente vestido"; por fim, "tomar o santo hábito religioso com respeito e amor, como um traje de santidade, como uma armadura que vos defenda de milhares de tentações e que vos preserve de centenas de perigos".[37] Já para o "**deitar-se**", solicita-se "entrar no dormitório com muita modéstia e recolhimento", sendo igualmente necessário "despir-se rapidamente e com toda a decência possível, por respeito à presença de Deus e dos santos anjos, e pelo nosso corpo, que deve ser considerado como os membros de Jesus e templos do Espírito Santo".[38] Isto reflete as considerações sobre o corpo que se desenvolvem no século XIX e que, permeadas por uma religiosidade rigorista e ascética, subordinam-no a uma prisão provisória para a alma, comprometendo-a com seus instintos, impulsos e pulsões orgânicas, que devem ser dominadas a todo o custo, para elevar o espírito à sua pátria celeste.[39] Neste sentido, a nudez, total ou parcial, é vista como sinal de indecência e possível tentação que mancha a "modéstia", ou seja, o comportamento de pudor, reserva e decoro que os religiosos devem manter.[40] Assim, o hábito ou vestimenta própria do religioso, que cobre a nudez, é um "traje de santidade", uma "armadura" que protege o corpo – sendo este uma casca suscetível à corrupção, onde habita provisoriamente a alma –, de "milhares de tentações" e "centenas de perigos".

---

[35] Cfr. GAZMURI, Cristian; SAGREDO, Rafael (org.). *Historia de la vida privada en Chile*. Tomo I: El Chile tradicional: De la Conquista a 1840. Santiago: Taurus, 2005, p. 8.

[36] Verbete "celda": "Aposento destinado ao religioso ou religiosa em seu convento", REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: https://dle.rae.es/celda. Acesso em: 23 de set. de 2024.

[37] Cf. HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 367.

[38] Cf. HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 359-360.

[39] Cf. CORBIN, Alain. Entre bastidores. Em: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*. Vol. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 437.

[40] Cf. FURET, *Vida de Champagnat*, p. 380.



Imagem 2. Hábito do irmão marista. Traje usado a partir de 1827. Os irmãos levavam sobre o peito uma cruz de cobre com incrustações de ébano.[41] "O tecido para fazer sotainas, capas e meias era fabricado em l'Hermitage; era bastante grosseiro, mas durava muito. A sotaina deveria durar 2 anos, a capa 5, o mesmo que o chapéu; cada irmão recebia dois pares de meias por ano. Naquela época, ninguém pedia adiantamentos no vestuário, nem tinha baú, nem saco fechado com chave. Os sapatos também não eram muito elegantes. Às vezes, via-se restos de pelo no peito do pé, cujo couro havia sido mal curtido."[42]

Cultivo da espiritualidade

São as atividades formativas – sejam pessoais ou comunitárias – que têm relação com a oração, o Catecismo e o estudo da Religião, totalizando diariamente **5 horas e 50 minutos**. Esse ponto inclui onze atividades distintas, cada uma com sua forma particular de execução (no início, durante e ao final), juntamente com suas "proibições". Em virtude do espaço, descreveremos apenas três delas.

- **Visita ao Santíssimo**: é uma prática diária, realizada logo após o levantar-se e, pelo menos até 1840, também após o almoço.[43] No âmago da fé

[41] RONZON, *Chronologie mariste*, p. 88.

[42] BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 204.

[43] "A visita que acontecia após o almoço será suprimida no final de 1840" ; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 415.

católica, trata-se de uma "renovação da presença de Deus em momentos-chave".[44] É uma renovação interior, mas também do compromisso de cumprir a Regra de vida, já que tal espiritualidade está carregada de rigorismo e estrutura: "A ordem conduz a Deus, diz Santo Agostinho".[45] Assim se manifesta na circular de convocação a todos os irmãos a l'Hermitage para o retiro e as férias. Contudo, para que a Casa-mãe continue a funcionar e "não seja alterada por nenhum motivo", convém aos irmãos terem em conta cinco pontos-chave, sendo o primeiro deles: "Ao chegar, fazer visita ao SS. Sacramento, ao superior ou ao seu substituto, ao qual se deve apresentar o livro de contas".[46] Este panorama se mantém em todos os momentos, formas e práticas da "vida cotidiana" dos Irmãozinhos de Maria, onde o espiritual se mistura ao terreno, ampliando os limites de ação e coerção da religiosidade diária, como forma de manter a estrutura da Regra, mas também como espaço de sujeição à autoridade, já que, tanto ao Santíssimo como ao superior, é preciso saudá-los ao se chegar a l'Hermitage.

- **Santa Missa**: Marcelino tinha especial predileção pela Santa Missa, sobretudo pela Eucaristia,[47] pois nesse espaço une-se a Cristo, mas também recorda, pede e reza pelos seus irmãos, ou seja, "une o amor a Cristo e aos homens". Ele transmite isso a seus irmãos, insistindo que devem ir à Missa todos os dias, como está explicitado no Regulamento diário, mesmo quando estejam em viagem, pois ele próprio o fazia como ritual quotidiano.[48] Mas essa predileção e transmissão por este sacramento não é só de palavra, mas, sobretudo, pelo exemplo, como nos descreve o irmão Rafael:[49]

---

[44] MESONERO, Manuel. *Beber del manantial, limpiar el manantial.* Madri: Alpedrete, 2024, p. 105.

[45] HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 333.

[46] Circular de Marcelino Champagnat aos irmãos, 24 de agosto de 1835; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 62.

[47] "Normalmente chamamos Eucaristia a toda a Missa. Em sentido estrito, é sua parte central: a oração eucarística"; DE PEDRO, *Diccionario de términos religiosos y afines*, p. 83.

[48] Cf. MESONERO, *Beber del manantial*, p. 122.

[49] Jean-Baptiste Chol (1818-1892). É aceito como noviço em l'Hermitage em 26 de agosto de 1833, toma o hábito religioso em 8 de dezembro de 1834 e faz a profissão perpétua em 13 de outubro de 1839. Inicia o trabalho como cozinheiro e ajudante da primeira classe na comunidade de Vienne (1836). [Cf. SESTER, Paul; BORNE, Raymond. *Crónicas Maristas VI. Cartas del Padre Champagnat*. Tomo 2: Biografías y topónimos, p. 341.

> Bastava-me vê-lo no altar, com sua expressão radiante, para adivinhar sua grande fé e sentir-me impulsionado a participar com gosto na Santa Missa. Tive a oportunidade de ajudá-lo nas Eucaristias, durante dois meses. [...] Senti-me muito feliz e honrado por poder servir no altar e sinto-me incapaz de expressar a emoção que me invadia ao contemplá-lo oferecendo o divino Sacrifício [...].[50]

É importante notar neste ponto que essas "formas de fazer" fomentam a participação e servem de agregadores comunitários, por despertarem sentimentos e atitudes positivas na outra parte ("gosto", "feliz", "honrado", "emoção"); geram e sustentam o desenvolvimento contínuo dessas práticas, sobretudo graças ao exemplo, já que "não há vida cotidiana sem imitação".[51]

- **Catecismo ou História Sagrada**: compreendendo a catequese como a etapa do processo evangelizador na qual se capacita basicamente os cristãos para entender, celebrar e viver o evangelho do reino de Deus.[52] Seu estudo

> [...] deve ter o primeiro lugar na aquisição dos conhecimentos que um irmão deve possuir. É necessário, pois, preferi-lo a qualquer outro e estar convencido de que tem por objetivo a mais vasta e sublime de todas as ciências. Qualquer que seja a habilidade nesta ciência divina, sempre se adquirirão novas luzes, e quanto mais se aprende, mais necessidade se sente de se instruir.[53]

Assim, para contribuir com a formação religiosa, Marcelino

> [...] retomou em l'Hermitage o costume estabelecido em La Valla de obrigar os irmãos a fazerem o catecismo por turno e de ir incógnito ouvi-los para depois lhes indicar onde tinham errado. Ele entrava, às vezes, na sala e corrigia o catequista, mas com tanto tato que a autoridade deste saía fortalecida.[54]

Estudo secular

Embora "o estudo do catecismo ou da religião deva ocupar o primeiro lugar na aquisição dos conhecimentos que um irmão deve possuir [...],

---

[50] Hno. Rafael, Testimonio n. 11, del 25 de marzo de 1889. Em: CARAZO, Agustín. (postulador), *Témoignages sur Marcellin Champagnat*. Vol. 1: Enquête Diocésaine. Roma: Postulation Générale, 1992, p. 136. Disponível em: www.cepam.maristas.cl (ch335011). Acesso em: 23 set. 2025.

[51] HELLER, *Historia y vida cotidiana*, p. 63.

[52] Verbete "Catequesis"; DE PEDRO, *Diccionario de términos religiosos y afines*, p. 37.

[53] HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 365.

[54] BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 202.

não se deve descuidar das outras ciências necessárias a um bom irmão educador".[55] Neste sentido, para o **estudo secular**, reservam-se apenas **35 minutos diários de segunda a sábado**, centrados na "recitação e explicação" (das 6h15 às 6h50), detalhada da seguinte maneira: "escreverão de forma limpa, cada um conforme o modelo que lhe for dado, sem adicionar nada, nem mesmo o nome. Preencham cuidadosamente as páginas e não arranquem nenhuma folha do caderno de escrita".[56] Simplificando a explicação, trata-se de um exercício de escrita, de cópia ou de caligrafia, que permite aos noviços "seguir as regras da caligrafia do gênero que for, tanto para aplicá-las como para ensiná-las. É necessário que todos os cadernos estejam bem-organizados, bem cuidados, limpos e sem desperdício".[57]

Como antecedente à formação de tipo secular, o irmão Pierre Zind comenta que,

> [...] durante todo o inverno de 1818-1819, o noviciado de La Valla funcionou pela primeira vez como uma verdadeira escola normal para professores, com sua escola de práticas, e isso quinze anos antes da criação oficial das escolas normais, pela lei Guizot de 1833.[58]

Assim, Marcelino "usava toda a sua autoridade para incentivar nos irmãos o estudo das ciências então incluídas nos programas do ensino primário. Inclusive trouxe para l'Hermitage, durante bastante tempo, professores leigos de desenho e de contabilidade".[59]

Com o aumento da preocupação com a formação dos irmãos em temas pedagógicos em 1829, quando o ministro da instrução pública da França solicita a criação de uma escola normal por departamento, sugeriu-se utilizar l'Hermitage como escola modelo do Loire. No entanto, o projeto fracassa devido à oposição do reitor da Academia de Lyon. Posteriormente, a Revolução de 1830 encerrou o debate.[60] Porém, devido ao número de escolas fundadas e à reputação da Casa-mãe, esta se tornou uma escola

---

[55] *Regla Casa Madre de 1837*; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 365.

[56] *Reglamento para los Hermanitos de María de 1831*; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 245.

[57] *Regla Casa Madre de 1837*; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 365.

[58] Cf. ZIND; CARAZO, *Tras las huellas de Marcelino Champagnat*, p. 83.

[59] BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 202.

[60] Cf. LANFREY, *História do Instituto dos Irmãos Maristas*, p. 152.

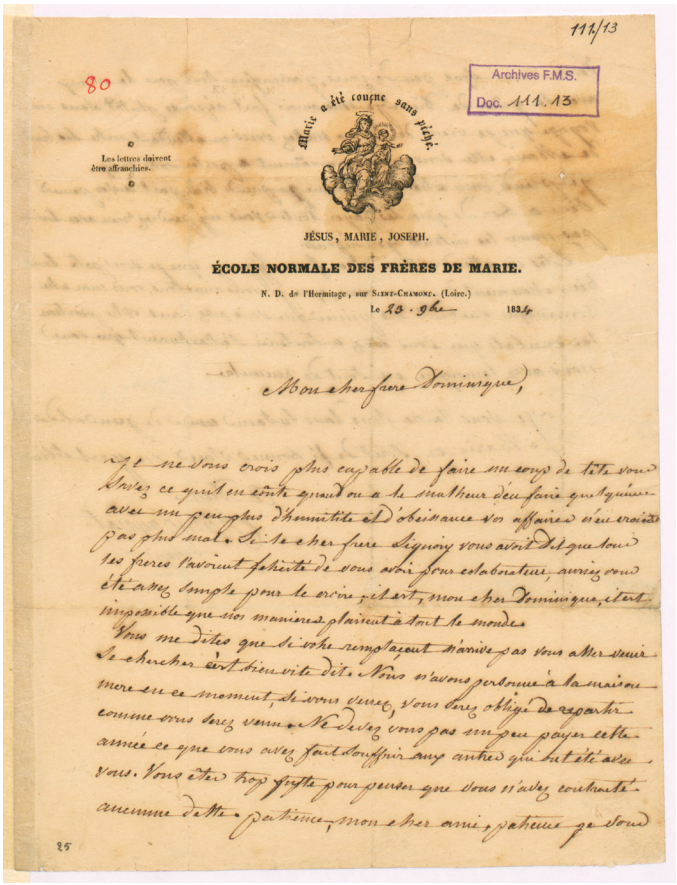


Imagem 3. Reproduzimos o cabeçalho da carta de Marcelino ao irmão Dominique,[61] que constitui uma das primeiras missivas[62] a utilizar o selo: "Escola Normal dos Irmãos de Maria [de] N.D. do Hermitage, de Saint Chamond (Loire)".[63] Um detalhe que não está descrito, é o que se diz na margem superior esquerda: "Les lettres doivent étre affranchies".[64]

---

[61] Carta de Champagnat ao irmão Dominique, em Charlieu, Loire, 23 de novembro de 1834; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 49.

[62] O irmão Lanfrey menciona onze cartas que trazem esse cabeçalho: 1833-01-24, 1834-11-20; 1835-03-29; 1836-05-03; 1837-01-01; 1837-04-12; 1835-07-12; 1838-08-01; 1838-08-21; 1838-08-28; 1839-10-25. A essas acrescentamos outras cinco, que encontramos em nossa pesquisa: 1834-11-23; 1835-01-09, 1835-01-22, 1835-08-24 y 1836-01-19. Cf. LANFREY, O carimbo do padre Courveille, p. 94.

[63] Para a descrição do cabeçalho, cf. LANFREY, O carimbo do padre Courveille, p. 94.

[64] "As cartas devem estar franqueadas", isso significa que a taxa correspondente deve ser paga para determinado envio postal, geralmente expressa em uma carta através do selo, que mostra que o preço do envio foi pago e que isso foi feito corretamente. Cf. "Franqueo", Economipedia, 2025. Disponível em: https://economipedia.com/definiciones/franqueo.html. Acesso em: 23 set. de 2025.

normal departamental de fato, embora não de direito.[65] Sobre isso, Marcelino comunica ao rei da França, em 1834, a função de l'Hermitage: "[...] construí, perto da cidade de Saint-Chamond, uma casa ampla para nela estabelecer a escola normal da nova Sociedade".[66]

Um dos vestígios que temos dessa "escola normal de fato" são os selos impressos no papel de algumas cartas entre 1833 e 1838, nos quais se associa a mensagem mariana ao aspecto profissional da obra, como se pode notar na Imagem 3, na página anterior. Contudo, com a já referida lei Guizot (28 de junho de 1833), ficou estabelecida uma distinção entre escola normal (patrocinada pelo Estado) e noviciado (congreganista). Por isso o termo "escola normal" vai desaparecer dos cabeçalhos em 1839.[67]

Trabalho manual

Nesta categoria incluímos todas as tarefas que exigem esforço físico e a consequente utilização do corpo como "ferramenta". Os irmãos e noviços dedicam **8 horas e 40 minutos por dia** a essas atividades. Chama a atenção que, nessas ocupações, sejam utilizados 2 horas e 15 minutos a mais em relação à soma das atividades relacionadas com o cultivo da espiritualidade e do estudo secular. No entanto, veremos mais adiante que esses tempos se equilibram devido à ausência de trabalho manual durante o domingo.

Marcelino é defensor fervoroso do trabalho manual, pois, para ele, essa prática possui um aspecto formativo e espiritual, condizente com a mentalidade bíblica sobre as tarefas físicas, ou seja, como condição penosa fortemente ligada à ascese, tornando-se assim um caminho para santificar a vida, cuja principal motivação para realizá-lo é o bem que se pode fazer em união com Deus:[68] "O trabalho – dizia-lhes – é indispensável à saúde do corpo e à pureza da alma. É necessário ao homem para o aperfeiçoamento físico e moral. Necessário, também, para conquistar a felicidade".[69] Além

---

[65] Cf. LANFREY, André. A longa marcha rumo ao reconhecimento legal dos Irmãozinhos de Maria (1822-1851) Realidade político-religiosa e projeto místico. *Cadernos Maristas*, n. 41, maio 2023, p. 108.

[66] Carta de Champagnat a Carta a Louis-Philippe, Rei dos Franceses, 28 de janeiro de 1834; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 34B.

[67] Cf. LANFREY, O carimbo do padre Courveille, p. 95.

[68] Cf. MESONERO, Manuel. *Espiritualidad de San Marcelino*: a partir del estudio crítico de su biografía. Madri: Madrid Marista, 2003, p. 161.

[69] FURET, *Vida de Champagnat*, p. 392.

disso, proporciona aos irmãos e noviços um ofício, que, se desenvolvido de maneira ritual, exige o cultivo de certos valores como: disciplina, ordem, interesse e constância, entre outros.[70] Finalmente, é uma forma de se evitar a ociosidade.[71]

A seguir, apresentamos alguns dos ofícios, trabalhos manuais e serviços que vêm sendo desenvolvidos em l'Hermitage desde sua fundação, mas que só foram inseridos no *Caderno Rascunho* de Marcelino, com o título de "Elenco de cargos da Casa-mãe 1837-1838". O quadro 2 mostra o resumo deles, sendo que os destacados em negrito foram acrescentados por nós e podem ser desenvolvidos da seguinte forma:

Quadro 2. Cargos e trabalhos manuais desenvolvidos em l'Hermitage (1825-1840) [72]

Oficinas e ofícios		**Serviços para o funcionamento da Casa-mãe**		
Sapateiro	**Alvenaria e carpintaria**	Superior e suplente	Secretário	Organista
Alfaiate	**Estátuas em gesso da Boa Mãe**	Procurador (ecônomo)[73] e suplente	Enfermeiro e suplente	Bibliotecário e **livraria**
Hortelão	**Ferraria e metalurgia**	Inspetor geral e suplente	Assistente[74]	**Cocheiro**

[70] Cf. BALKO, Alexandre. *Marcelino Champagnat*: volviendo a las fuentes. Zaragoza: Provincia Marista Norte/Edelvives, 1983, p. 60-62.

[71] "Para mim, o ócio é o maior inimigo da vocação religiosa e as faltas desse gênero são as que causam maior dano aos irmãos jovens"; FURET, *Vida de Champagnat*, p. 395.

[72] Baseado em: Elenco de cargos de la Casa Madre, en orden de precedencia (borrador) – 1837-1838; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 465-467.

[73] Nota 22 da *Regla de la Casa Madre de 1837*; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 414.

[74] "O cargo de 'assistente', que ocupa o primeiro lugar, poderia corresponder à época em que o irmão Francisco assina com a abreviatura correspondente, de março a julho de 1837"; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 467, nota 6.

Padeiro	**Criação de gado**	Diretor de noviços[75]	Acendedor de lampiões	Porteiro
Tecelão[76]	**Litografia**	Mestre de noviços	Cozinheiro	Roupeiro
Encarregado dos trabalhos[77]		Sacristão e suplente	Visitador	Encarregado

- **Secretaria:** Segundo os irmãos Lanfrey e Mercier, é em 1829 que se cria uma secretaria permanente em Notre-Dame de l'Hermitage, com duas funções: recolher os compromissos dos irmãos e catalogar a correspondência e documentos administrativos da Congregação.[78] No entanto, o irmão Avit escreve que, para 1835, consta da agenda do padre Champagnat que "o irmão Francisco deve exercer as funções de secretário até nova ordem", enquanto que, em 1838, é mencionado o irmão Babylas como "[...] primeiro secretário titular do Instituto. Após alguns anos, foi encontrado morto sobre sua escrivaninha".[79]
- **Bibliotecário e livraria:** Em um primeiro momento, quando a organização começava, foi o padre Bourdin encarregado "dos livros para as escolas".[80] Posteriormente, vai ser o irmão Luís que, "a partir de 1836 e até a morte, ficou em Notre-Dame de l'Hermitage encarregado da

[75] "O cargo de 'mestre' de noviços está separado do de 'diretor' de noviços. Qual era a função de cada um?"; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 467, nota 8; "É certo que tenho irmãos que me ajudam nos diversos trabalhos: um bom mestre de noviços, um irmão preparado para a aula dos irmãos, outro para a dos noviços, um administrador"; "Mestre de noviços: irmão Bonaventure; diretor do escolasticado: irmão Jean-Baptiste; ecônomo da casa: irmão Jean-Marie Bonnet". Carta de Champagnat a dom Gaston de Pins, administrador apostólico de Lyon, Rhône, quaresma de 1835; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 56, nota 190.

[76] Oficina de lã, fitas e cordões.

[77] Este cargo foi introduzido posteriormente na lista, "precedendo a numeração de todos os encarregados dos diversos trabalhos"; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 467, nota 9.

[78] LANFREY, André; MERCIER Adrien. Esboço da história administrativa do Instituto: a secretaria do Instituto do P. Champagnat na base de dados Access. *Cadernos Maristas*, n. 40, maio 2022, p. 82.

[79] Cf. BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 111 e 156.

[80] Carta de Champagnat ao padre Simon Cattet, vigário-geral em Lyon, Rhône, 18 de dezembro de 1828; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc 11.

livraria e da administração".[81] Ambos os temas (os livros e os assuntos econômico-administrativos) estão de certa forma entrelaçados, como expressa a Circular de 9 de setembro de 1839: "Para que possam acertar suas contas com o irmão bibliotecário, envio-lhes o total de suas faturas [...]".[82]

- **Cocheiro**: Em 1836, o padre Champagnat despede o irmão carreteiro, pois se descobriu que "guardava uma provisão de alimentos, provavelmente para suas viagens".[83] Posteriormente, é o irmão Jerônimo (1803-1850) quem "nos últimos anos de vida teve o emprego de cocheiro e recadeiro". Esta carruagem era puxada por cavalos e servia, por vezes, ao padre Champagnat para determinados deslocamentos.[84]
- **Serralharia e metalurgia**: Desde as origens do Instituto em La Valla, os Irmãos Maristas fabricavam pregos, e isso manteve-se em l'Hermitage até 1826, com a finalidade de os comercializar. Depois, o trabalho na forja continuou, mas não há certeza sobre a venda desses produtos.[85] Encontramos nessa profissão o irmão Caste, que

> [...] fabricou a maioria das camas de ferro com barras, usadas pela comunidade durante muito tempo. Inclusive as inventou, pois naquela época não existiam em parte alguma. O ferro para as fabricar foi uma oferta feita ao Fundador pela fábrica de Terrenoire, ou seja, pelo seu diretor, senhor Genissieux.[86]

- **Alvenaria e carpintaria**: "A alvenaria e a carpintaria ocupavam bom número de irmãos".[87] O irmão Pedro (Jean Souchon) chegou a ser mestre pedreiro, tendo sido "possivelmente o próprio Fundador quem o fez adotar o ofício". E, "a partir de 1835, o irmão Anselmo passou a ser seu ajudante, sobretudo no preparo da argamassa".[88]

---

[81] DELORME, Alain. *Nossos primeiros irmãos*: companheiros maravilhosos de Marcelino. Brasília: Umbrasil, 2010, p. 16.

[82] Circular de Marcelino Champagnat aos irmãos, 9 de setembro de 1839; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 266.

[83] Cf. BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 119.

[84] Cf. FURET, *Crónicas Maristas II. Biografías*. p. 481.

[85] Cf. LANFREY, André. A vida material dos irmãos em Lavalla. *Cadernos Maristas*, n. 31, maio 2013, p. 82.

[86] Cf. BILON (Ir. Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 168.

[87] MESONERO, *San Marcelino Champagnat*, p. 297.

[88] SESTER; BORNE, *Crónicas Maristas VI. Cartas del Padre Champagnat*. Tomo 2, p. 330.

- **Estátuas em gesso da Boa Mãe:** O irmão André Lanfrey traz-nos dos livros de contas esta novidade, pois "entre 1833 e 1840 fabricaram-se em l'Hermitage estátuas da Santíssima Virgem em gesso". Assim, "o registro de despesas indica o nome de Antoine Robert, gesseiro de Saint-Chamond, na fase que antecede ou coincide com a venda dessas estátuas". Contudo, "o principal responsável por essa iniciativa parece ser o irmão Bonaventure, que faz ou manda fazer um molde a partir da estátua do padre Champagnat, realizando um número significativo de cópias". O motivo dessa iniciativa era que "o Instituto necessitava de estátuas, não só para a casa, mas também para as escolas".[89]
- **Litografia:**[90] Marcelino informa que, em 1838, comprou por 500 francos uma litografia com a qual trabalha o querido irmão Jubin. Nesse mesmo ano, o irmão Avit escreve que as lições de litografia recebidas em Paris são postas em prática pelo irmão Marie-Jubin:[91] "A primeira coisa que litografou foi um relatório para uso dos visitadores. Consistia em 200 perguntas sobre todos os pontos da Regra".[92]
- **Tecelão no ateliê de lã, fitas e cordões:** Em 1826, Marcelino "instalou um ateliê para fabricar fitas no local onde tinha estado a capela no ano anterior. Nesse ateliê ocupavam-se os irmãos e postulantes cansados ou que não podiam fazer outra coisa". Depois, em 1827, foi construído "um edifício com térreo e um andar no pátio sul", onde se instalou "o local para cardar lã". Nesse ateliê, onde se produziam linho e algodão, o chefe era o irmão Jean-Joseph.[93] O irmão Sylvestre escreve que, alguns meses depois de sua entrada no noviciado, "quando trabalhava no setor de tecelagem", o padre Champagnat deu-lhes "sinal para arrastarmos uma máquina de fiar lã" e que, inicialmente (1827-1828), foi o padre

---

[89] LANFREY, André. A Boa Mãe e a Virgem de Voto: reflexões sobre uma tradição iconográfica. *Cadernos Maristas*, n. 30, fev. 2012, p. 77-78.

[90] "A litografia é um procedimento de impressão que consiste em traçar um desenho, um texto ou uma fotografia em uma pedra calcária ou uma chapa metálica", Wikipedia, 2025. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Litograf%C3%ADa. Acesso em: 23 set. 2025.

[91] Carta de Champagnat ao irmão Francisco, 7 de março de 1838; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 175.

[92] BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 156.

[93] Cf. BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 48-49 e 154.

Seón o "encarregado do ateliê de fitas".[94] Finalmente, em 1829, o próprio Fundador descreve os motivos para criar este ateliê: "Para ocupar os intervalos entre os períodos escolares, começamos a fabricar fitas".[95]

- **Organista**: Marcelino comprou um pequeno órgão, que "se fazia ouvir atrás do altar nos dias das maiores festas. O repertório era pouco extenso e os acordes simples, mas as peças eram muito piedosas. Os irmãos ficavam maravilhados". Em um primeiro momento, era tocado pelo irmão Francisco; posteriormente, pelo irmão Pothin.[96]
- **Criação de gado**: Em 1827, foi construído um edifício com térreo e um andar no pátio sul de l'Hermitage, onde se instalou o estábulo e vários depósitos. Na prática, em 1836, "havia uma vaca para fornecer leite aos doentes. Era da responsabilidade do irmão Dorothée"; em 1838, aparece como cuidador das vacas "o silencioso irmão Jacques".[97] Assim, "[...] pode-se supor que várias [vacas] serviram para consumo de carne. Mas tudo indica que a carne bovina continuou a ser um alimento raro até 1830".[98] Mas não só vacas habitavam os estábulos da Casa-mãe; também havia cabras, como comenta o irmão Silvestre:

> Antes de ir para o setor de tecelagem, encarregou-me de cuidar de duas cabras, animais de estimação, que ele havia comprado por indicação médica para fornecer leite aos irmãos doentes de tuberculose. Eu nunca tinha lidado com aqueles animais chifrudos.[99]

Finalizamos este tema com um excerto que destaca aspectos particulares sobre os ofícios, trabalhos e atividades exemplares que se desenvolvem dentro e fora de l'Hermitage:

> Cada irmãozinho tem um ofício manual e exerce-o durante as horas de recreio das crianças, a fim de dar o exemplo do trabalho e inspirar o amor ao trabalho

---

[94] Cf. SYLVESTRE, *Relatos sobre Marcelino Champagnat*, p. 287-288. Sobre o padre Séon, ver COSTE, Jean; LESSARD, Gaston. *Origines Maristes (1796-1836)*, vol. 4: Compléments et index, Roma: Roma, Sociedade de Maria, 1967, p. 451.

[95] Carta do padre Champagnat ao Exmo. Barão Raoul Gabriel Jules Desrautours de Charlieu, Prefeito do Loire, em Montbrison, 11 de abril de 1829; *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 12.

[96] Cf. BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 155.

[97] Cf. BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 49, 118 e 154.

[98] Cf. LANFREY, A vida material dos irmãos em Lavalla, p. 130.

[99] SYLVESTRE, *Relatos sobre Marcelino Champagnat*, p. 263.

> nos alunos. Assim, l'Hermitage, capital ou metrópole do Instituto, é cultivado pelos irmãozinhos, e foram eles próprios que construíram o edifício que lhes serve de escola normal.[100]

Refeições e recreios

Totalizam **1 hora e 55 minutos**. Ambas as atividades, que poderiam ser vistas como "lazer", são regulamentadas.[101] Ainda assim, promovem o descanso e a reposição de energias através da alimentação, mas também são momentos de partilha, conversa e brincadeiras, o que, por sua vez, fortalece e cria laços comunitários. É precisamente assim que o irmão Sylvestre recorda Marcelino nesses tempos de pausa e descontração:

> Assim, no recreio, sempre tinha chistes para nos divertir; além disso, nos ensinava e nos propiciava jogos inocentes muito agradáveis. Não recusava tomar parte; mas depois, quando o jogo estava em andamento, desaparecia sem ser percebido.[102]

Deixamos para o final as atividades de **domingo**, pois é dia de "descanso", dedicado ao Senhor. Nesse contexto, como se pode ver no Quadro 3, o trabalho manual é suprimido, e os tempos dedicados às outras atividades aumentam. Assim, as atividades relacionadas com o **cultivo da espiritualidade**, ou seja, oração, reflexão, momentos de interiorização, Catecismo e estudo da Religião Católica, aumentam de 5 horas e 50 minutos diários para **11 horas e 40 minutos**. Enquanto isso, o **estudo secular** passa de 35 minutos diários para **1 hora e 40 minutos**. Por fim, os momentos de "ócio", centrados nas **refeições e recreios**, aumentam de 1 hora e 55 minutos para **3 horas e 40 minutos**.

---

[100] MONLAU, Pedro Felipe. *De la instrucción pública en Francia ensayo sobre su estado en 1838 y 1839*. Barcelona: Imprenta de don Antonio Bergnes y Compañía, 1840, p. 20. Disponível em: www.cepam.maristas.cl. (ch410005). Acesso em: 23 set. 2025.

[101] "Comidas" e "Recreos. Conversaciones"; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 345-348 e 349-351.

[102] SYLVESTRE, *Relatos sobre Marcelino Champagnat*, p. 46-47.

Quadro 3. Regulamento da semana (domingo) para a Casa-mãe (1837)[103]			
Horário	**Atividade**	**Horário**	**Atividade**
04h00	Levantar-se, visita ao Santíssimo Sacramento e canto do Salve Regina	11h40	Exame particular
		12h00	Almoço, seguido da visita ao Santíssimo
04h20	**Meditação em voz alta**	**13h00**	**Recreio**
05h00	**Missa em que se faz a sagrada comunhão**[104]	**14h00**	**Estudo do catecismo, ou se faz alguma leitura**
		15h00	**Vésperas**
06h00	Ofício	**16h30**	**Recreio**
06h30	Estudo do Evangelho do dia	17h00	Preparação do catecismo
06h50	Arrumação da cama	17h30	Recitação e explicação do catecismo
07h00	Café da manhã	18h15	Rosário e Ofício
07h15	**Recitação e explicação do Evangelhos**	19h00	Catecismo
08h30	**Aula de cerimônias ou de civismo**[105]	19h30	Jantar
09h00	**Missa maior**	20h00	Recreio

[103] *Regla Casa Madre de 1837*; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 336. Em negrito o que é novo na programação para o domingo.

[104] O sábado: "Confissão pela manhã, se possível. À tarde, antes dos exercícios, há meia hora para se lavar, escovar suas roupas para o dia seguinte. Pede-se ao P(adre) Superior permissão para fazer a Santa Comunhão"; *Regla Casa Madre de 1837*; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 337.

[105] O domingo: "Havia também uma aula de boas maneiras, frequentemente ministrada pelo irmão João Batista, durante o dia, e uma instrução antes do jantar"; BILON (Irmão Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*, p. 203.

10h00	**Meia hora de recreio**	20h15	Oração da noite, exame geral e o tema da meditação, seguida do repouso
10h30	**Estudo pessoal**		

6.4 L'Hermitage como casa de formação "autossustentável"

Se recorrermos aos dados extraídos dos Quadros 1 e 3, de segunda a sábado o **trabalho manual** totaliza **52 horas**;[106] enquanto a **formação geral,** incluindo o cultivo da espiritualidade e os estudos seculares, soma **51 horas e 50 minutos.**[107] Agora, se multiplicarmos o tempo em que os habitantes de l'Hermitage estão acordados (17 horas) pelos 7 dias da semana, obtemos um total de **119 horas de atividade semanal**. Se subtraímos o tempo de **"ócio"**, que soma **15 horas e 10 minutos**,[108] atingimos um total de **103 horas e 50 minutos de atividade "real"**.[109] À primeira vista, poderíamos considerar que a diferença de 10 minutos entre a formação geral e o trabalho manual não deveria ser motivo de preocupação em relação à formação integral dos irmãos, uma vez que "o tempo que não se dedicava ao trabalho manual, era empregado na oração ou na meditação".[110]

No entanto, o padre Jean-Claude Colin, superior da Sociedade de Maria, tem certas reservas quanto ao tipo de instrução oferecida em l'Hermitage

---

[106] O trabalho manual soma 8 horas e 40 minutos diários e, se multiplicarmos pelos seis dias de trabalho da semana, de segunda a sábado, tem-se o total de 52 horas.

[107] A formação geral de segunda a sábado inclui 5 horas e 50 minutos de cultivo da espiritualidade, e 35 minutos de estudo secular, que somam 6 horas e 25 minutos. Esse valor multiplicado por 6 dias totaliza 38 horas e 30 minutos. No domingo, são 11 horas e 40 minutos de cultivo da espiritualidade, e 1 hora e 40 minutos de estudo secular, somando 13 horas e 20 minutos.

[108] Essas horas incluem os recreios e refeições, que de segunda a sábado somam um total de 11 horas e 30 minutos (1 hora e 55 minutos multiplicado por 6 dias). A isso se soma as horas do domingo: 3 horas e 40 minutos.

[109] Esse tempo inclui as 52 horas de trabalho manual e 51 horas e 50 minutos de formação geral.

[110] Notas del Hno. Lorenzo acerca del padre Champagnat. Testimonio del Hno. Lorenzo. 1842; COSTE, Jean; LESSARD, Gaston (org.). *Origines Maristes* (1786-1836). Vol. 2: Données Narratives. Roma, Sociedade de Maria, 1961, doc. 756. Disponível em espanhol em: www.cepam.maristas.cl (ch335008). Acesso em: 23 set. 2025.

aos irmãos maristas e noviços: "Sinto-me inclinado a aconselhar-vos que suspendais por três meses qualquer tipo de projeto, a fim de que vos ocupeis unicamente da boa formação e do encaminhamento da vossa Casa-mãe e dos vossos estabelecimentos particulares".[111]

Mas, como detectamos nas páginas anteriores, l'Hermitage é uma microindústria que permite a "sustentabilidade"[112] da comunidade. A este respeito, o irmão Lanfrey explica-nos que "l'Hermitage é, portanto, rico em dívidas por cobrar,[113] mas deve contar com seus próprios recursos para garantir o cotidiano, ao preço de viver com grande austeridade de vida".[114]

Esse problema de insolvência econômica arrasta-se desde a fundação do Instituto, agravando-se com o aumento do número de irmãos e de escolas fundadas, juntamente com as ampliações da pequena casa de La Valla e os salários rudimentares. Finalmente, somam-se os custos com a compra, a construção e a mudança da comunidade para l'Hermitage. Tudo isso tornou muito mais necessário que os irmãos continuassem com os trabalhos manuais, pois, como as escolinhas abriam principalmente no inverno, os irmãos podiam trabalhar em um ofício durante o verão, o que lhes permitia "sobreviver" nesses meses e, assim, atender aos municípios pobres com o mínimo de salário para os religiosos educadores.[115]

6.5 Conclusão

Notre-Dame de l'Hermitage foi concebida como casa de formação e de trabalho manual, como comprovam os testemunhos e a legislação interna.

---

[111] Carta do padre Jean-Claude Colin, Superior Geral da Sociedade de Maria, ao padre Marcelino Champagnat, Lyon, 9 de agosto de 1837. CHAMPAGNAT, S. Marcelino, *Cartas recebidas*. Curitiba: Editora Champagnat, 2002, doc. 125. O negrito é nosso.

[112] Sustentabilidade é o que permite "satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a habilidade das futuras gerações de satisfazer suas próprias necessidades". "Sostenibilidad", Naciones Unidas, 2025. Disponível em: https://www.un.org/es/impacto-acad%C3%A9mico/sostenibilidad. Acesso em: 25 set. 2025.

[113] Especialmente no que se refere aos rendimentos anuais obtidos das escolas, como no pagamento das pensões dos noviços ao ingressarem no Instituto.

[114] Cf. LANFREY, *História do Instituto dos Irmãos Maristas*, p. 145.

[115] Cf. MESONERO, *Beber del manantial*, p. 67.

No entanto, esta última só viria a se concretizar cinco anos após a mudança definitiva de La Valla (maio de 1825),[116] quando seu Fundador tomou consciência da necessidade de estruturar, em uma Regra, seus propósitos e o espírito com que vinha formando os irmãos.[117] Esse processo culmina em 1837, com a Regra dos Irmãozinhos de Maria, destinada à Casa-mãe (noviciado). Este documento serviu de base para organizar a vida cotidiana, pois permitiu compreender a forma de pensar de Marcelino a respeito de diversos aspectos da formação de um irmãozinho de Maria, inserido em um espaço geográfico, cultural, social, político e religioso muito particular.

Na prática, essas regulamentações para o "fazer" permitem que o cotidiano se desenvolva de maneira mais eficaz em l'Hermitage, visto que muitas ações são realizadas pela imitação, ao passo que outras precisam ser geradas, implantadas e depois praticadas, pois, por não serem um costume adquirido na infância, devem ser desenvolvidas na juventude ou na vida adulta. Assim, "qualquer atividade humana comporta um aprendizado, e os iniciantes terão sempre necessidade de um método. Na realidade, este nunca é abandonado, mas assimilado pelo indivíduo à medida que vai amadurecendo pessoal e espiritualmente",[118] pois "a atitude diante da vida quotidiana é absolutamente pragmática"[119] e, como tal, exige um comportamento mantido ao longo do tempo, tal como estabelecem os regulamentos: diário, semanal, mensal e anual.

Finalizamos este artigo com uma reflexão que permite projetar "para além" destes 200 anos recém-completados, sem, contudo, nos afastar do nosso dia a dia, da nossa "vida cotidiana". Se tomarmos como exemplo a Regra de vida desta primeira comunidade de Irmãos Maristas, veremos que o "*ora et labora*" nos relaciona constantemente com as tarefas exemplares de Jesus e Maria, em prol da construção do Reino no lugar, tempo e espaço que nos cabe:

> L'Hermitage é o fruto da natureza essencialmente inventiva e criativa de M. Champagnat, poderosamente fecundada pela graça de Deus, que obtém pela

[116] RONZON, *Chronologie mariste*, p. 8.

[117] *Reglamento de la Casa Madre de los Hermanos de María* – 1831; HERREROS, *La Regla del Fundador*, p. 207.

[118] BALKO, O padre Champagnat e a formação dos irmãos, p. 52.

[119] HELLER, *Historia y vida cotidiana*, p. 57-58.

> intercessão de Maria, seu Recurso Habitual. Nenhum rochedo, nenhum obstáculo humano ou material lhe metem medo. A sequência de sua vida será uma série de projetos que sua criatividade levará a efeito. Outras construções, outras Notre-Dame de l'Hermitage deverão surgir nos domínios espiritual e educativo, e para isso será necessário abater muitos rochedos: as invejas, as mesquinharias e outras limitações da natureza humana.[120]

6.6 Bibliografia

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (dir.). *História da vida privada*. 5 vol. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AURELL, Jaume. *Tendencias historiográficas del siglo XX*. Santiago: Globo, 2008.

BALKO, Alexandre. *Marcelino Champagnat*: volviendo a las fuentes. Zaragoza: Provincia Marista "Norte"/Edelvives, 1983.

BALKO, Alexandre. O padre Champagnat e a formação dos Irmãos. *Cadernos Maristas,* n. 3, maio 1992, p. 23-71.

BERGERET, Maurice. Pedagogia educativa dos F.M.S. *Cadernos Maristas,* n. 4, maio 1993, p. 39-57.

BILON, Henri. (Ir. Avit), *Crónicas Maristas VII. Anales del Instituto*. Zaragoza: Luis Vives, 2003.

BURKE, Peter. *Formas de hacer Historia*. Madrid, España: Alianza, 1999.

CARAZO, Agustín. *Témoignages sur Marcellin Champagnat*. Vol. 1: Enquête Diocésaine. Roma: Postulation Générale, 1992. Disponível em: www.cepam.maristas.cl (ch335011). Acesso em: 23 set. 2025.

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas recebidas*. Curitiba: Editora Champagnat, 2002.

CONSEJO DE MONUMENTOS NACIONALES. *Convenciones Internacionales sobre Patrimonio Cultural.* Cuadernos del Consejo de Monumentos Nacionales, Segunda Serie, n. 20. Santiago: Ministerio de Educación/Consejo de Monumentos Nacionales/Gobierno de Chile, 2009, p. 65-78. Disponível em: https://www.monumentos.gob.cl/sites/default/files/articles-45809_doc_pdf. Acesso em: 23 set. 2025.

CORBIN, Alain. Entre bastidores. In: PERROT, Michelle. (org.), *História da vida privada*. Vol. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

COSTE, Jean; LESSARD, Gaston. (org.). *Origines Maristes* (1786-1836). 5 vol. Roma, Sociedade de Maria, 1961-1967.

DELORME, Alain. *Nossos primeiros irmãos*: companheiros maravilhosos de Marcelino. Brasília: Umbrasil, 2010.

---

[120] BERGERET, Maurice. Pedagogia educativa dos F.M.S. *Cadernos Maristas,* n. 4, maio 1993, p. 81.

DE PEDRO, Aquilino. *Diccionario de términos religiosos y afines*. Madri: Verbo Divino/Paulinas, 1990.
DUBY, Georges. Prefácio à História da Vida Privada. Em: VEYNE, Paul (org.). *História da vida privada*. Vol. 1: Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 7-10.
FLORES, Francisco; TREJO, Amelia. Aproximação à "vida cotidiana" em l'Hermitage (1825-1840). Primeira parte: A administração do tempo na "Casa-Mãe". *Cadernos Maristas*, n. 42, p. 41-57, nov. de 2024.
FURET, Jean-Baptiste. *Crónicas Maristas II. Biografías*. Zaragoza: Editorial Luis Vives, 1975.
FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola/Simar, 1999.
GAZMURI, Cristian; SAGREDO, Rafael (dir.). *Historia de la vida privada en Chile*. Tomo I: El Chile tradicional: De la Conquista a 1840. Santiago: Taurus, 2005.
GONZALBO, Pilar. *Introducción a la historia de la vida cotidiana*. México: El Colegio de México/Centro de Estudios Históricos, 2006.
HELLER, Ágnes. *Historia y vida cotidiana*: aportación a la sociología socialista. México: Grijalbo, 1985.
HERREROS, Juan Pedro. *La Regla del Fundador*: sus fuentes y evolución. FMS Studia n. 2. Roma, Italia: Casa General de los Hermanos Maristas, 2003
LANFREY, André. A Boa Mãe e a Virgem de Voto: reflexões sobre uma tradição iconográfica. *Cadernos Maristas*, n. 30, fev. 2012, p. 63-81.
LANFREY, André. A vida material dos Irmãos em Lavalla. *Cadernos Maristas*, n. 31, maio 2013, p. 55-108.
LANFREY, André. *História do Instituto*. Vol. 1: Da aldeia de Marlhes à expansão mundial (1789-1907). FMS Sudia n. 3. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 2015.
LANFREY, André. O selo do padre Courveille: uma primeira representação iconográfica da Sociedade de Maria. *Cadernos Maristas*, n. 35, maio 2017, p. 91-96.
LANFREY, André.; MERCIER, Adrien. Esboço da história administrativa do Instituto: a secretaria do Instituto do P. Champagnat na base de dados Access. *Cadernos Maristas*, n. 40, maio 2022, p. 79-94.
LANFREY, André. A longa marcha rumo ao reconhecimento legal dos Irmãozinhos de Maria (1822-1851): realidade político-religiosa e projeto místico. *Cadernos Maristas*, n. 41, maio 2023, p. 99-112.
MESONERO, Manuel. *Espiritualidad de San Marcelino*: a partir del estudio crítico de su biografía. Madri: Madrid Marista, 2003.
MESONERO, Manuel. *San Marcelino Champagnat*: biografía del Fundador de los Hermanos Maristas. Santiago: Provincia Santa María de los Andes, 2019.
MESONERO, Manuel. *Beber del manantial. Limpiar el manantial*. Madrid: Alpedrete, 2024.
MONLAU, Pedro Felipe. *De la instrucción pública en Francia ensayo sobre su estado en 1838 y 1839*. Barcelona: Imprenta de don Antonio Bergnes y Compañía, 1840, p. 20. Disponível em: www.cepam.maristas.cl. (ch410005). Acesso em: 23 set. 2025.

OFFENSTADT, Nicolas. *Las palabras del historiador*. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2014.
PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*. Vol. 3: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 287-303.
PINO, Patricio. Transmissão do carisma marista herdado de Marcelino Champagnat e dos primeiros Irmãos. *Cadernos Maristas*, n. 36, maio 2018, p. 5-20.
RONZON, Jean. *Chronologie mariste*: édition 2010. FMS Studia, n. 1. Roma: Institut des Frères Maristes, 2010.
SESTER, Paul; BORNE, Raymond. *Crónicas Maristas VI. Cartas del Padre Champagnat*. Tomo 2: Biografías y topónimos. Zaragoza: Luis Vives, 2009.
SYLVESTRE, Irmão. *Relatos sobre Marcelino Champagnat.* Brasília: Umbrasil, 2014.
UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat (1789-1840), Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas*. Brasília: Umbrasil, 2019.
ZIND, Pierre; CARAZO, Agustín. *Tras las huellas de Marcelino Champagnat*: contexto histórico, religioso y educativo. Santiago: Provincia Marista de Chile, 1999.

7

Irmão Francisco, guardião do relicário de Champagnat

João Luis Fedel Gonçalves[1]

Irmão Francisco é, seguramente, um dos mais longevos moradores de l'Hermitage. Ao morrer em 1881, com 72 anos, havia passado 53 deles na segunda Casa-mãe do Instituto, com poucas interrupções. É, portanto, natural que tenha assumido para si a responsabilidade de ser o guardião do "relicário de Champagnat", como a designou. Sua relação, assim, é mais do que a de um morador esporádico, pois ali vivenciou os momentos mais relevantes de sua vida, ali conviveu com o Fundador e ali recebeu dele e, depois, dos irmãos a tarefa de conduzir o jovem Instituto. Para essa casa retornou, já demissionado do cargo, e passou as duas décadas finais de sua existência.

Em seus escritos, particularmente, irmão Francisco faz diversas alusões à l'Hermitage. Neste artigo, propomo-nos fazer o levantamento das menções diretas a essa casa em seus cadernos de anotações e suas cartas, bem como comentar essas passagens. Inicialmente, retomamos a cronologia do primeiro sucessor do padre Champagnat em sua relação com a história de l'Hermitage.

---

[1] Especialista da Diretoria de Identidade, Missão e Vocação (DIMV) da Organização Religiosa da Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS) e do Memorial Marista da Província Marista Brasil Centro-Sul. Membro da Cátedra Irmão Francisco, da Pontifícia Universidade Católica de Curitiba – PUCPR. Graduado em Filosofia e Teologia. Mestre em Exegese Bíblica pelo PIB de Roma e Doutor em Teologia Bíblica pela PUCPR.

7.1 Cronologia

É provável que, em 1824, o adolescente Gabriel Rivat tenha escutado do padre Champagnat o anúncio da compra do terreno no vale descendo de La Valla, na margem direita do rio Gier, conhecido como Les Gauds, onde seria construída a nova casa dos Irmãozinhos de Maria. Apesar da idade e da constituição franzina, irmão Francisco deve ter participado da construção da casa, carregado materiais e dormido de forma improvisada na granja ou no celeiro.[2] Sobre isso não temos mais informações.

Em 1826, depois das férias, mudou-se para l'Hermitage, após uma experiência rápida como professor e diretor em Vanosc e Boulieu. Nesse ano, fez a profissão perpétua, com apenas 18 anos.

> O ano de mil oitocentos e vinte e seis e no décimo primeiro dia do memorável mês de outubro, no fim do retiro, tive a felicidade de receber meu Deus e de fazer os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência, pelos quais me consagrei inteiramente a Deus, meu Pai, e a Maria, minha Mãe, sob a proteção de todos os anjos e de todos os santos, de maneira particular de meu bom anjo custódio, de São João Francisco Régis e de São Francisco Xavier, pelos méritos e intercessão dos quais espero alcançar, da misericórdia de Deus, a graça de observá-los fielmente até o último suspiro de minha vida.[3]

Não está claro quais eram suas atribuições iniciais na casa recém-inaugurada. Gabriel Michel fala que irmão Francisco teria seguido um curso rápido para se tornar enfermeiro da casa, a pedido do padre Champagnat.[4] No ano seguinte, irmão Francisco assumiu a função de mestre de noviços, o que deve tê-lo motivado a se aprofundar nas leituras espirituais e em assuntos como química, sistema métrico, fórmulas medicinais, escrita secreta e outros. L'Hermitage se tornou, para ele, um espaço privilegiado para sua contínua busca de novos aprendizados.

Em que momento irmão Francisco passou a ser oficialmente secretário do padre Champagnat, isso também não está evidente. Padre Louis Ponty, primeiro biógrafo do irmão Francisco, afirma que este teria recebido em

---

[2] FURET, *Vida de Champagnat*. São Paulo: Loyola/Simar, 1999, p. 119-123.

[3] FRANCISCO, Irmão. *Caderno 302*. AFM 5101. 301, p. 115. Observe-se que ele não fala da instituição nem do responsável que recebe os votos, quase como se fosse uma profissão religiosa privada.

[4] MICHEL Gabriel. *Frère François, Gabriel Rivat*: et 60 ans d´histoire mariste. Saint-Chamond : Imprimerie Delta 7, 1996, p. 49.

1831 a incumbência de escrever o primeiro esboço das regras do Instituto, sem ser mais específico.[5] Irmão Gabriel Michel observa que é "sobretudo a partir de 1835 que será secretário do padre Champagnat, mas sem verdadeiramente cessar de ser enfermeiro e superior da casa".[6] A partir de 1836, o irmão Francisco assumiu a responsabilidade de substituir padre Champagnat em l'Hermitage durante as viagens do Fundador, fosse para visitar as escolas, fosse para ir a Paris tentar a aprovação do Instituto. A troca de cartas[7] entre ambos durante as duas estadias do padre Champagnat em Paris, em 1838 – de 9 de janeiro a 28 de abril; de 14 de maio a 2 de julho –, mostra como essa tarefa foi se tornando mais significativa. Na última, de 23 de junho de 1838, padre Champagnat reconheceu o peso da tarefa que tinha assinalado ao jovem secretário:

> Meu caríssimo irmão. A posição que você ocupa em l'Hermitage não é nada invejável, como poderiam pensar alguns. Como proceder, me pergunta, pois não se ofereceu para estar nesse posto? Procure simplesmente cumprir bem os deveres e Deus há de fazer o que você não puder.[8]

No mês anterior, em 27 de maio, em carta a dom Pompalier, administrador apostólico da Oceania, em que dava notícias da estada em Paris, padre Champagnat manifestou claramente sua confiança no irmão Francisco: "[...] é meu braço direito; governa a casa durante minha ausência como se eu estivesse presente. Todos o acatam sem resistências".[9]

Isso provavelmente abriu caminho para que, no agravamento da saúde do padre Champagnat, irmão Francisco fosse escolhido pelos irmãos para ser o diretor geral do Instituto, no final do retiro, em 12 de outubro de 1839.[10] Nessa função vai continuar até 1854, quando receberá o título de superior geral.[11]

---

[5] PONTY, Louis. *Vie du Frère François, Premier Supérieur Général de l'Institut des Petits Frères de Marie*: 1808-1881. Lyon: Librairie Emmanuel Vitte, 1899.

[6] MICHEL, *Frère François*, p. 55-59.

[7] Padre Champagnat enviou onze cartas na primeira vez (doc. 169, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182 e 185) e quatro na segunda (doc. 193, 195, 196 e 197). Não temos nenhuma das que irmão Francisco endereçou ao Fundador, em Paris.

[8] *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 197.

[9] *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 194.

[10] RONZON, *Chronologie mariste*, p. 137. O pedido para que houvesse a escolha de um diretor geral foi feito pelo padre Jean Colin.

[11] RONZON, *Chronologie mariste*, p. 181.

Após a morte de Champagnat em 1840, irmão Francisco foi confirmado em sua função de diretor geral, apoiado pelos dois assistentes, irmãos Luís Maria e João Batista.[12] Enquanto a estes cabia o cuidado das escolas e das comunidades, a Francisco se impõe o governo do Instituto desde a sede, l'Hermitage. É preciso cultivar a lembrança do Fundador nessa casa. Contribui para isso a recepção solene da pintura de Champagnat feita por Ravéry, em fevereiro de 1841. O comentário do irmão Francisco é revelador desse momento: "Ser um retrato vivo!".[13]

O espaço físico de l'Hermitage precisou de modificações, e várias foram feitas por Francisco durante seu governo. Uma delas testou sua autoridade, quando propôs utilizar as construções da outra margem do Gier para manufatura de tecidos. A intenção era aproveitar as instalações do moinho para tornar a produção mais rentável, com o objetivo de ajudar a cobrir os custos da Instituição. A condução das licenças não foi bem-feita, provavelmente por inexperiência do irmão Francisco e dos assistentes. Padre Colin, o superior, vetou o empreendimento. O jeito foi utilizar as instalações como estrebaria, ateliê, ferraria, serralheria, padaria e diversos depósitos.[14]

A doença também castigou irmão Francisco. O quadro era grave: "congestão cerebral, gastralgia, nevralgia, enfraquecimento geral; que situação para um superior",[15] escreveu em 1843. Esse quadro se estendeu por alguns anos, a ponto de pedir mais um assistente. Este viria dez anos mais tarde, mas o arranjo inicial foi o maior envolvimento dos dois assistentes na administração, deixando ao diretor geral o papel de animador da comunidade. O Instituto crescia em tamanho e, aos poucos, irmão Francisco consolidou seu governo. L'Hermitage vivia dias de solidez sob o comando do diretor geral.

Alguns eventos abalaram essa tranquilidade. O primeiro foi a inundação do Gier em 1847; em seguida, ocorreu a Revolução de 1848, com todos os seus excessos e riscos. Mesmo assim, os ventos continuavam favoráveis: em 1851, o Instituto recebeu aprovação legal do governo e obteve a autonomia

---

[12] A oficialização é feita pela circular de 15 de janeiro de 1841.

[13] FRANCISCO, Caderno 301, p. 51. Para esse Caderno, já foi publicada a edição fac-símile: INCERTI, F. et al. (orgs.). *Cahiers du Frère François. N° 1 : Mélanges divers*. Curitiba: PUCPress, 2025.

[14] AVIT, Frère. *Annales de L´Institut*. Roma: Institut des Frères Maristes des Écoles, 1993, vol. 2, n. 53.

[15] FRANCISCO, *Caderno 301*, p. 95.

necessária para se expandir. As imagens de Nossa Senhora das Vitórias e de São José, colocadas em l'Hermitage, fazem parte do reconhecimento das graças recebidas.

A década de 1850 pode ser descrita como o auge de l'Hermitage e da gestão do diretor geral, assim como o início de seu declínio. Em 1851, o irmão Francisco convocou o Capítulo Geral, que será repartido em três sessões anuais. Os 33 eleitos se dirigem à Casa-mãe para a primeira sessão. É fácil imaginar a agitação gerada para que tudo estivesse bem-disposto para o evento. Irmão Francisco, como presidente do Capítulo, esteve à frente das principais discussões. A segunda e a terceira sessões do Capítulo Geral aconteceram em 1853 e 1854.

Contudo, a Casa-mãe começou a se mostrar inadequada para o rápido crescimento do Instituto. Sinal disso foi o retiro anual de 1852, que precisou ser realizado em dois grupos, além dos outros dois em Bégude e Saint-Paul-Trois-Châteaux. Além disso, havia o problema do rio Gier, seja pelos riscos de enchente, seja pela insalubridade advinda da umidade constante. Desde então, buscava-se um novo local para estabelecer a Casa-mãe. Em 1853, foi adquirida a propriedade Montet, em Saint-Genis-Laval. Para custeá-la, vendeu-se a Grange-Payre. Irmão Francisco participou de todas essas transações e parece não se ter oposto à proposta de mudança de sede.

Em fevereiro de 1858, os irmãos Francisco e Luís Maria partiram para Roma com o objetivo de conseguir a aprovação canônica do Instituto. O périplo, descrito no Caderno 305 pelo irmão Francisco, durou até 21 de agosto, sem êxito. Foi a primeira ausência mais longa do superior geral de l'Hermitage. Irmão Luís Maria voltou antes, em abril, e cuidou da transferência da Administração Geral para Saint-Genis-Laval em 6 de agosto. Ao voltar de Roma, o irmão Francisco assumiu seu lugar na nova sede, acompanhou o retiro anual e recebeu os noviços que se transferiram de l'Hermitage.

Não se trata apenas de mudança de local. Irmão Francisco sente que sua liderança também está sendo questionada. Ele sai enfraquecido do fracasso nas negociações com a Santa Sé, que considerava os irmãos pouco preparados para governarem a si próprios e elaborarem as próprias Regras.[16]

[16] LANFREY, André. Irmão Francisco: uma cronologia comentada. Em: LANFREY, André; INCERTI, Fabiano; GONÇALVES, João Luis Fedel. *Mística, sabedoria e autoridade no século XIX*: estudos sobre o irmão Francisco, primeiro superior geral dos Irmãos Maristas. Curitiba: PUCPRESS, 2017, p. 33-34.

Por isso, durante o Capítulo Geral de 1860, o irmão Francisco pede para ser desincumbido de suas responsabilidades e para que o irmão Luís Maria assuma em seu lugar. No mesmo mês de julho, depois dos retiros, é o irmão Francisco quem se retira para l'Hermitage, retornando para lá após dois anos e meio, para ser diretor da casa. Esta se encontrava completamente desmobiliada e sem atividades significativas.[17]

Essa apatia foi rompida em 1868, com a instalação do juniorato e a chegada de 53 jovens vindos de Saint-Genis-Laval. O irmão Francisco permaneceu diretor da casa, auxiliando na formação dos jovens, mas sem responsabilidade direta. Em 1871, o noviciado foi restabelecido e l'Hermitage se tornou sede da Província.[18] Outras atividades foram retomadas, como a carpintaria e a sapataria. Em 1876, o último sobrevivente dos "três-um"[19] acompanhou a demolição da antiga capela, construída por padre Champagnat, para dar lugar a uma nova. Quatro anos depois, participou do VII Capítulo Geral,[20] que elegeu o terceiro sucessor, irmão Nestor.[21]

Nesse momento, Francisco testemunha a obra de Deus no Instituto, agora vigoroso em vocações, presente na França e em vários países, e com todas as aprovações concedidas. Sua vida marista, que começou em La Valla e se desenvolveu em l'Hermitage, encontra o ocaso nos mesmos

---

[17] A avaliação do irmão Lanfrey é bastante contundente a esse respeito: "Se ele se retira para o deserto de l'Hermitage, a Casa-mãe destituída que não passa agora de anexo da de Saint-Genis-Laval, é porque também deve mostrar que não governa mais, nem diretamente nem por pessoa interposta. É uma severa exclusão"; LANFREY, André. Préface. Em: INCERTI et al. (org.), *Cahiers du Frère François nº 1*, p. 26.

[18] Irmão Francisco anota essa informação no *Caderno 301*, p. 55.

[19] A expressão que indica a condução uníssona do *Régime* pelos três irmãos – Francisco, Luís Maria e João Batista – passou para a história do Instituto, embora não cancele as diferenças significativas entre eles. Irmão Nestor, no Capítulo Geral de 1880, que o elegeu superior geral no lugar do irmão Luís Maria, faz um elogio aos que ele chama de "quatro fundadores do Instituto": padre Champagnat e os outros três. Na historiografia marista, este é um ponto ainda pouco explorado. Ver abaixo, nota 21.

[20] Irmão Francisco teve lugar de destaque ao longo do Capítulo. Em gesto muito significativo, irmão Nestor se ajoelhou aos pés do irmão Francisco e pediu emocionado sua bênção. O mesmo fizeram os assistentes eleitos. Cf. Archives FMS, doc. 31-07-011.

[21] Em um de seus discursos no Capítulo Geral, irmão Nestor atribui a seus antecessores o papel de fundadores do Instituto Marista. Sua ordem é a seguinte: 1) padre Champagnat; 2) irmão Francisco; 3) irmão João Batista; 4) irmão Luís Maria. Do irmão Francisco assim diz: "O reverendo irmão Francisco merece o título de Fundador: 1º porque desenvolveu consideravelmente a obra; 2º porque anexou duas magníficas províncias, a de Saint-Paul-Trois-Châteaux e a de Aubenas, e fundou a do Norte; 3º porque deu reconhecimento civil à obra, obtendo a autorização do Instituto pelo Governo"; Archives AFM, doc. 31-07-012.

ambientes que ajudou a construir e a cuidar. É o relicário de Champagnat, como afirmou, mas é seu relicário também, como herança preciosa que soube proteger.

7.2 L'Hermitage nos escritos do irmão Francisco

A primeira menção específica a l'Hermitage nos escritos do irmão Francisco parece ocorrer na circular que escreveu no mesmo ano da morte do Fundador, convocando os irmãos para o período de férias na Casa-mãe, em agosto de 1840.

> Caríssimos irmãos, ao convocar-vos, como nos anos anteriores, para passarmos alguns momentos no silêncio e no descanso da solidão, esperamos que realizeis mais do que nunca este ardente desejo do nosso bom e piedoso Fundador. Uma cordial fraternidade vai presidir nossa reunião. [...] Caríssimos irmãos, não nos será dado desfrutar, como outrora, da presença sensível daquele que foi por tanto tempo nosso pastor e nosso pai, mas o encontraremos nos monumentos de seu zelo e dedicação por nós, na lembrança de suas lições piedosas, no relato mútuo de suas virtudes e de seus santos exemplos. Ele estará entre nós pelo seu espírito e, ousamos esperar, pela eficácia de seu crédito junto à nossa boa e comum Mãe.[22]

Estava ainda fresca para todos a memória do Fundador em l'Hermitage, por isso o irmão Francisco reaviva o sentido da experiência desse lugar, que conserva as construções realizadas pelo padre Champagnat – os monumentos –, por suas palavras e testemunho.

No conjunto de Cadernos do irmão Francisco, as menções diretas a l'Hermitage não são muitas, embora ele trate de diferentes aspectos da vida da casa (*la Maison*). Dedicamo-nos especialmente aos Cadernos 301, 304, 305, 306, 310 e 311, nos quais o primeiro sucessor de Champagnat fala do significado de l'Hermitage. Analisaremos essas citações a seguir.

Caderno 301

O primeiro, 301, é chamado de "*Mélanges divers*" [Escritos diversos],

[22] Circular de 8 de setembro de 1840; *Circulaires des Supérieurs Généraux de L'Institut des Frères Maristes*, vol. 1, p. 43.

por conter anotações esparsas que o irmão Francisco reuniu em uma brochura, sem uma ordem específica. Algumas tratam de sua estadia em l'Hermitage. A primeira é de dois meses após ter chegado ali, depois de ter pedido demissão.

> Em 19 de outubro de 1860, festa de São Pedro de Alcântara, franciscano, o reverendo irmão superior, ao me confiar a direção da casa de Notre-Dame de l'Hermitage, dirigiu-me estas benevolentes palavras: "Eu faço com você como você fez comigo. Dou-lhe todo o poder e toda a responsabilidade por esta casa, assim como você me deixou todo o poder e toda a responsabilidade pelo Instituto". O amor à vida de retiro sendo, por assim dizer, a inclinação dominante de São Pedro de Alcântara, ele pediu aos seus superiores permissão para ir viver em algum convento solitário. Essa permissão lhe foi concedida, com a condição de que assumisse a direção. Lá, ele compôs seu *Tratado sobre a oração mental*, considerado uma obra-prima (Godescard, 19 de outubro).[23]

Irmão Francisco assume que sua vida em l'Hermitage é de reclusão: um retiro quase forçado depois da direção do Instituto. São Pedro de Alcântara, cuja biografia ele lê nesse dia, dá a chave para a nova condição como diretor, mas de uma casa que já não está no centro da vida do Instituto. É como um "convento solitário". Poucos dias depois, em 4 de novembro, assume o compromisso de representar, na condução de l'Hermitage, o próprio padre Champagnat:

> No domingo dentro da oitava de Todos os Santos e dos Fiéis Defuntos, 23º após Pentecostes, 4 de novembro de 1860, festa de São Carlos Borromeu, consagrei-me inteiramente à casa de Notre-Dame de l'Hermitage, para ali representar, tanto quanto possível, o padre Champagnat.[24]

A expressão de consagração provavelmente não foi um evento público, mas um ato interior, em que revela seu projeto espiritual para o tempo que vai experimentar como diretor dessa casa em declínio. Em 1840, quando assumiu como diretor do Instituto após a morte de Champagnat, escreveu que queria ser o "retrato vivo";[25] agora, mantém a promessa na nova condição de condutor da comunidade e responsável dos bens móveis e imóveis.

---

[23] FRANCISCO, *Caderno 301*, p. 95.

[24] FRANCISCO, *Caderno 301*, p. 96.

[25] FRANCISCO, *Caderno 301*, p. 51.

As instruções, como veremos no Caderno 306, corroboram essa tarefa que irmão Francisco assume para si em 1860.

Mais adiante, talvez 1868,[26] irmão Francisco recorda, na mesma data, sua indicação como diretor de l'Hermitage: "Em 18 de outubro de 1860, sexta-feira, festa de São Pedro de Alcântara, o reverendíssimo irmão Luís Maria, superior geral, confiou-me a direção da casa de Notre-Dame de l'Hermitage, com plenos poderes para esta casa".[27]

Na mesma página, o irmão Francisco revela uma informação de difícil interpretação.

> No Sábado Santo, Sepultura de Jesus Cristo, festa patronal da minha vida em Notre-Dame de l'Hermitage, XIVª Estação da Via-Sacra: Morrer todos os dias até que eu esteja suficientemente morto para morrer realmente, e estar eternamente com Ele (2Ts 2). Renovar esta memória todos os sábados, sob a proteção da Santíssima Virgem e a seu exemplo (26 de março de 1869, à noite da Sexta-Feira Santa).

Ele escreve na noite de Sexta-feira Santa, 26 de março de 1869, mas as considerações são sobre o Sábado Santo: Jesus sepulto, como se contempla na última estação da via-sacra, traz o tema da morte na experiência cotidiana: "morrer todos os dias". A expressão de 2Ts 2,1,[28] "estar eternamente com ele", indica o sentido do sofrimento e da morte: a ressurreição. De alguma forma, o tema da sepultura se conecta a esse tempo de recolhimento do irmão Francisco em l'Hermitage, como um morrer que se dá aos poucos, continuamente. Há também a expressão enigmática "festa patronal da minha vida em Notre-Dame de l'Hermitage". Será que isso significa que ele chegou para fazer parte da comunidade pela primeira vez no Sábado Santo de 1826?[29] Já sabemos pelo *memento* que Francisco tinha apreço por esse tipo de evento. Seria o caso aqui?

---

[26] No parágrafo seguinte, há a data de 26 de março de 1869. Se for sequencial, o texto seria no máximo do ano anterior. A menção de São Pedro Alcântara justifica a lembrança desse evento. A recordação dos momento mais significativos da própria vida é uma das marcas do irmão Francisco, como vemos no *Caderno 301*, no memento

[27] FRANCISCO, *Caderno 301*, p. 116.

[28] O argumento do irmão Francisco parece se encaixar melhor em outra passagem de Tessalonicenses: "[...] que morreu por nós, a fim de que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos com ele" (1Ts 4,10).

[29] Ponty diz que sua chegada a l'Hermitage aconteceu nas férias de 1826: "A partir das férias de 1826, nosso novo professo não deixou mais o Hermitage: o padre Champagnat o manteve junto de si, como se guarda um tesouro"; PONTY, *Frère François*, p. 23.

Por fim, há uma frase programática: "Não me aventurar nem pensar que sou admirado, mas agir como o superior da casa, com dignidade".[30] Como nos anos do governo do Instituto, entende que agora lhe cabe essa tarefa de condução da comunidade e da casa, e que precisa se comportar com a dignidade que se espera de um gestor. De fato, há muitos textos em seus cadernos que tocam o tema da liderança e que revelam sua forma de conceber a gestão das pessoas e das obras.

Cadernos 304 e 305

Os Cadernos de 302 a 305 estão organizados cronologicamente, contendo anotações de retiros e outros textos. As citações que tratam de l'Hermitage se resumem a apenas duas citações diretas. A primeira, no Caderno 304, é um importante registro feito pelo irmão Francisco no retiro de 1868, entre as anotações das conferências do padre jesuíta Valuy:

> A vida de Jesus, de Maria e de José em Nazaré, a dos Santos na solidão, e sobretudo a vida de Jesus no Santíssimo Sacramento, deve ser, de agora em diante, o modelo de minha vida em meu retiro em Notre-Dame de l'Hermitage. Que Deus me conceda essa graça, para sua glória, para minha salvação e a do próximo. É necessário que eu me ocupe das coisas que dizem respeito ao serviço de meu Pai (Lc 2).[31]

Mais adiante, nos registros do retiro de 1876, cujo conferencista foi dom Epalle, irmão Francisco volta a relacionar l'Hermitage com Jesus no túmulo e na Eucaristia, dois lugares escondidos que inspiram a vida do irmão marista: "5) Jesus no sepulcro, na Eucaristia, modelo e sustento da minha vida de retiro em Notre-Dame de l'Hermitage".[32] Nessas citações se vê um trabalho autoral do irmão Francisco ao se apropriar dos conteúdos das instruções dos pregadores do retiro com aplicações à sua vida espiritual. Em ambos os casos, ele afirma que l'Hermitage é, para ele, espaço de contínuo retiro, portanto de silêncio, solidão e oração. Ao mesmo tempo, deseja que isso se torne verdade para os outros irmãos, sobretudo para os irmãos mais jovens.

---

[30] FRANCISCO, *Caderno 301*, p. 126.

[31] FRANCISCO, *Caderno 304*, p. 1617.

[32] FRANCISCO, *Caderno 305*, p. 216.

Caderno 306

O Caderno 306 traz o resumo das instruções que o irmão Francisco dava em l'Hermitage aos irmãos aos domingos,[33] sobre diversos temas, muitos dos quais se referiam às festas do ano litúrgico. Esse Caderno abrange o período de agosto de 1860, um mês depois de o irmão Francisco assumir como diretor da comunidade, até setembro de 1875, totalizando 373 projetos de instruções. Nos anos seguintes, dos quais não há registro, é possível que ele tenha parado de dar instruções, talvez por motivo de saúde, ou então tenha cessado de fazer anotações. De qualquer modo, é um longo intervalo de atividade contínua, que pode nos revelar aspectos importantes de sua visão da casa de l'Hermitage.

A seguir reunimos as instruções que tratam de l'Hermitage, organizadas por alguns temas, sem que estes esgotem a riqueza delas. Os textos são transcritos na íntegra para facilitar a leitura e a pesquisa. Ao final, há duas ocorrências nos cadernos que reúnem as anotações de retiro.

a) Instruções sobre o significado da casa

Há um conjunto de instruções em que o irmão Francisco apresenta, provavelmente aos jovens irmãos que vinham estudar para os exames, a casa de l'Hermitage como lugar santo, como relicário que guarda a memória do Fundador. A primeira instrução é de 26 de agosto de 1860:

> I – XIII Domingo depois de Pentecostes – 26 de agosto de 1860
> Notre-Dame de l'Hermitage: 1º) Posição topográfica; 2º) Seu aspecto; 3º) Suas produções; 4º) A escolha do padre Champagnat – Solidão, retiro.
> Quantas lembranças queridas e piedosas! Quantas reflexões e pensamentos sérios! Tudo aqui fala de nosso querido e venerado Fundador. Tudo recorda sua vida, suas obras, seus trabalhos, seus sofrimentos, sua morte.
> Este lugar leva o nome de Maria, nossa Senhora, nossa Rainha, nossa Mãe, nossa primeira Superiora. Por toda parte se vê sua estátua, suas imagens. Suas festas são celebradas em família. Orações: terço, Ofício etc. Sua proteção.

[33] Há informação escassa sobre a composição da comunidade de l'Hermitage em 1860. Dois anos antes, na mudança do Governo Geral para Saint-Genis-Laval, para lá foram também os noviços e postulantes; AVIT, *Annales de l'Institut*, vol. 2, 1858, n. 46. Avit assim descreve a casa em 1859: "Desde que a Casa-mãe foi transferida para Notre-Dame de Saint-Genis-Laval, a casa de l'Hermitage ficou viúva, destronada, relativamente vazia. Residiam nela apenas alguns irmãos idosos ou inválidos [e a classe especial]"; AVIT, *Annales de l'Institut*, vol. 2, 1859, n. 1. Irmão Sester observa que essa classe especial era composta de irmãos que se preparavam para receber o brevet, necessário para o exercício da docência.

> Quantos irmãos santificaram este lugar, ao se santificarem a si mesmos, em tudo e por toda parte: idade, função, posição, sofrimentos, doenças, penas, condição, vida e morte. Casa, cemitério, grande relicário.[34]

No primeiro ponto, o irmão Francisco observa que esse local fora escolhido pelo próprio padre Champagnat, o que dá um status privilegiado à casa e justifica sua preservação. Ao mesmo tempo, caracteriza o espaço como lugar de "solidão e retiro", insistência típica do irmão Francisco, mas que está igualmente presente no imaginário do Fundador. O terceiro parágrafo retoma o nome da casa – Notre-Dame – com destaque para o título dado a ela por Champagnat: "nossa primeira Superiora". No quarto parágrafo, aparece pela primeira vez neste Caderno a expressão "grande relicário", que se repete outras quatro vezes,[35] uma nas Cartas pessoais[36] e uma em *Annales de l'Institut*, do irmão Avit, em 1859.[37]

A segunda instrução, no domingo seguinte, relaciona l'Hermitage com La Valla e Saint-Genis-Laval em diferentes chaves: a vida de Champagnat e dos irmãos, os principais acontecimentos e conquistas do Instituto e a relação dessas casas com os lugares evangélicos de Belém, Nazaré e o Cenáculo de Jerusalém.

> II – XIV Domingo depois de Pentecostes – 2 de setembro
> 1) La Valla: 1º) Vicariato do padre Champagnat; 2º) Nascimento e infância do

---

[34] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 1.

[35] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 5, 24, 40 e 101. O termo "relicário", fora do Caderno 306, aparece uma vez no 301 (p. 55) e nove vezes no 305 (p. 16, 26, 48, 72, 1334 e 147), nas anotações de suas visitas às igrejas de Roma. Na igreja de São Marcos, usa a expressão "grande relicário". É possível que essa experiência na cidade santa, em 1858, tenha inspirado essa terminologia ao irmão Francisco, quando retorna a l'Hermitage e procura dar ao espaço físico a força espiritual de um lugar frequentado pelo "santo" Fundador.

[36] A carta é de 24 de janeiro de 1862, endereçada ao irmão Césaire, diretor de Hautefort, no Oeste da França. Irmão Francisco comenta da comunidade de l'Hermitage e de sua condição de "eremita" na função de diretor: "Tenho aqui mais de oitenta irmãos para dirigir e formar, e uma grande casa para manter, como um precioso relicário do padre Champagnat, em que cada pedra, por assim dizer, evoca uma lembrança religiosa. Por isso, não saio. Vivo como eremita e não faço visitas nem viagens, tanto por razões de saúde quanto para melhor cumprir as funções do meu encargo. No entanto, será uma doce satisfação para mim e uma verdadeira alegria ir conhecer meus Pequenos Filhos do Oeste, quando chegar o momento determinado pela Providência"; FRANCISCO, Irmão. *Lettres personnelles*, vol. 2. Roma: Maison Générale, 1996, doc. 1669, p. 338.

[37] O texto completo de *Annales de l'Institut* se encontra ao final deste artigo, em anexo. Se esse documento é anterior a 1860, seria a primeira vez em que a expressão "relicário de Champagnat" aparece na pena do irmão Francisco. Em todo o caso, o irmão Avit não informa mais sobre esse documento.

> Instituto; 3º) Zelo, trabalhos, piedade, perseguições, cuidados do santo Fundador; 4º) Vida dos primeiros irmãos.
> 2) Notre-Dame de l'Hermitage: 1º) Juventude, educação, crescimento do Instituto; 2º) Trabalhos para a organização e desenvolvimento do Instituto; 3º) Autorização do Governo; 4º) Regras.
> 3) Saint-Genis-Laval: 1º) Trabalho, expansão, maturidade do Instituto; 2º) Aprovação de Roma; 3º) Aumento considerável de irmãos, edifícios, estabelecimentos;
> 4) 1º) Estábulo de Belém; 2º) Casa de Nazaré; 3º) Cenáculo de Jerusalém.[38]

Na visão do irmão Francisco, os três espaços maristas privilegiados guardam uma relação temporal e formativa, sem que haja prevalência de um sobre os outros. No ponto quatro, que conecta as três casas maristas com os espaços de Jesus, de Maria e dos apóstolos, o irmão Francisco estabelece o paradigma místico de l'Hermitage: aí se encontra a Nazaré da Congregação.

Ambas as instruções, as primeiras, são como um programa traçado pelo irmão Francisco para a nova etapa que se inicia, agora longe dos espaços de decisão do Instituto, em uma casa que, apesar da importância histórica para os irmãos, tinha perdido seu brilho. Há, portanto, certa ambivalência em suas palavras elogiosas, pois evocam um passado glorioso, porém com um presente esvaziado. Por isso, na continuidade das instruções, vai insistir em diversos aspectos da casa, muitos deles da vida cotidiana da comunidade, mas sempre em conexão com a memória do Fundador.

b) A casa do padre Champagnat

Que l'Hermitage seja o lugar por excelência do Fundador, isso já constitui marca das primeiras instruções, como vimos. Outras instruções reforçam essa percepção e devem ter tido um efeito importante sobretudo na experiência dos jovens irmãos que chegavam a l'Hermitage para um tempo de formação antes de irem para as escolas.

Na Instrução XIII, de 2 de dezembro de 1860, irmão Francisco faz uma impressionante descrição de l'Hermitage, em que enumera suas funções e aponta a postura em relação a ela:

---

[38] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 1.

> 1) A casa de l'Hermitage deve ser considerada:
> a) como o grande relicário do padre Champagnat. Deve ser respeitada: ele a construiu, aqui trabalhou, instruiu seus irmãos, aqui rezou, aqui sofreu e aqui morreu;
> b) como o grande seminário do Instituto: é preciso nela aperfeiçoar-se em tudo;
> c) como uma escola de economia doméstica: para aprender a cuidar de tudo e a aproveitar tudo;
> d) como o reino do espírito de família: é preciso favorecê-lo e manifestá-lo em tudo.[39]

É a segunda vez, no mesmo ano, em que a expressão "relicário do padre Champagnat" aparece, dando-lhe o sentido: a casa foi construída por ele, aí trabalhou e cuidou da formação dos irmãos, até a morte. Há ainda outras duas expressões para l'Hermitage. A primeira, "seminário maior", indica que a casa é o principal espaço formativo do Instituto, fazendo relação com o Seminário Santo Irineu de Lyon. Dito de outra forma, assim como se formam sacerdotes na sede do Arcebispado para que atuem nas paróquias, assim se preparam em l'Hermitage irmãos para atuarem nas escolas. A segunda, "escola de economia doméstica", que é uma espécie de "liceu de ofícios", considera que a casa oferece formação prática necessária na condução das escolas. Ambas as designações retomam o projeto de Champagnat para a Casa-mãe. A quarta expressão fecha o conjunto: é uma casa em que se vive em família, no espírito desejado pelo Fundador.

A representação de l'Hermitage mais conhecida é a Instrução LXXX, em que o irmão Francisco faz aos noviços e postulantes que chegam ali em agosto de 1863, vindos de Saint-Genis-Laval. Sua descrição dos ambientes relacionados com as atividades de Champagnat, em uma relação de nome do espaço e verbo de ação, tornam o relato repleto de plasticidade:[40]

> 1) Vocês vêm com alegria, e nós também nos alegramos ao vê-los chegar a esta casa construída pelo padre Champagnat, nosso venerado Fundador. Foi aqui que ele tanto trabalhou, tanto rezou e tanto velou pelo bem da Sociedade. Foi aqui também que ele tanto sofreu e onde faleceu. Seu túmulo está no cemitério da comunidade.

---

[39] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 5-6.

[40] Essa instrução não traz a data precisa, mas está entre 12 de julho e 30 de agosto de 1863. Além disso, até o final de julho e começo de agosto aconteceu a última sessão do Capítulo Geral. É viável pensar que muitos desses jovens não conhecessem l'Hermitage.

> 2) Foi nesta sala que ele teve seu primeiro quarto na casa. Foi aqui que ficou a primeira capela provisória, depois da capela do bosque. Foi aqui que, mais tarde, ele nos dava suas instruções tão práticas durante o ano, especialmente durante os retiros. Foi aqui também que ele recebeu os últimos sacramentos, e fez aquele tocante discurso que é o seu testamento espiritual.
>
> 3) Tudo aqui nos fala do padre Champagnat, tudo nos lembra esse bom pai. As paredes, os acabamentos, os pisos, tudo nos diz que ele foi ao mesmo tempo pedreiro, gesseiro, carpinteiro; que colocava as mãos em tudo e dirigia tudo. Ele caminhou por esses pisos, percorreu estes aposentos; aqui ele rezou, cantou, atendeu confissões, celebrou a Missa, distribuiu a comunhão nesta capela que ele mesmo construiu;[41] trabalhou a terra, o jardim; passeou por aqui, comeu no refeitório, no salão; deu instruções aos noviços, na sala do noviciado; escavou a rocha. Por fim, repousa no cemitério que ele mandou fazer. Vocês comerão dos frutos das árvores que ele plantou, habitarão o lugar que ele escolheu, onde ele morou.
>
> 4) Estarão, portanto, nesta casa como em um grande relicário do padre Champagnat. Esforcem-se para se encher bem de seu espírito, imitar suas virtudes, lembrar-se de praticar seus conselhos, suas instruções, em suma: viver em Notre-Dame de l'Hermitage (foi ele quem lhe deu este nome) como se esse bom Pai ainda estivesse aqui com vocês. Dessa maneira, estarão contentes e felizes aqui, e tirarão grande proveito para o seu progresso na perfeição religiosa. Irão com amor e confiança ao seu túmulo, para pedir sua bênção e rezar para que ele lhes obtenha a grande graça de serem sempre seus dignos filhos.[42]

O relato é tocante, vívido, carregado de emoção. Diferentemente de outras instruções, redige parágrafos mais longos e detalhados. O encadeamento das ideias faz crescer os sentimentos e provoca o engajamento. Ao pôr em destaque as ações de Champagnat nos diferentes espaços da casa, ele induz os jovens a materializarem a presença do Fundador, ao mesmo tempo que enche de significado cada pedaço de chão. Observa-se de novo a expressão "relicário do padre Champagnat", que aparece no Caderno pela terceira vez.

---

[41] Sobre essa capela, terminada de construir em 1836, há uma descrição detalhada que o irmão Avit atribui ao irmão Francisco. Ver AVIT, *Annales de l'Institut*, 1836, § 149-159 ; LANFREY, André. L'Hermitage de Nossa Senhora. Cadernos Maristas, n. 34, maio 2016, p. 155-158.

[42] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 40.

Em outubro do ano seguinte, 1864, o irmão Francisco repete a motivação, talvez para um novo grupo de jovens irmãos.[43] É a Instrução CXI:

> Silêncio respeitoso na casa do padre Champagnat, nosso venerado Fundador. Lá se encontram:
>
> 1º) o seu quarto, onde recebeu tantos postulantes, deu tantos bons conselhos aos irmãos, onde escreveu tanto, tanto rezou, tanto sofreu e, por fim, onde morreu;
>
> 2º) a enfermaria, que Nosso Senhor visita com tanta frequência para se entregar aos doentes, onde tantos irmãos morreram santamente, após longas e dolorosas enfermidades suportadas com tanta paciência e edificação, e onde o padre Champagnat desejava vir a morrer;
>
> 3º) o pátio, Santa Maria, São José, o caminho do cemitério que termina na grande alameda, por onde Nosso Senhor passa em procissão duas vezes por ano, e por onde a estátua da Santíssima Virgem é levada em triunfo no dia da Assunção.
>
> A Missa foi celebrada sucessivamente pelo padre Champagnat: 1º) na pequena cabana de madeira; 2º) na sala de meditação; 3º) no quarto n. 1 do primeiro andar; 4º) na primeira capela construída especialmente para isso, no canto nordeste do edifício; 5º) na capela atual.[44]

Há três menções diretas ao Fundador, e quase todas as descrições dos ambientes estão relacionadas a ele: seu quarto, a enfermaria, os espaços que serviram de capela. Para Francisco, cada canto da casa resgata memórias do padre Champagnat. A lembrança dos lugares que serviram de capela no tempo de Champagnat deve ser cara ao irmão Francisco, que participou dessa transição.

Essas cinco instruções revelam aspectos importantes da compreensão que irmão Francisco tem de l'Hermitage, principalmente na nova condição da casa: não mais o centro administrativo, mas seguramente o local originário do Instituto, o espaço que conserva, em cada canto, a evocação do padre Champagnat. Por isso, refazer passo a passo o itinerário atraves-

---

[43] No Caderno 310, encontramos a seguinte informação: "Em 15 de setembro de 1864, oitava da Natividade da Santíssima Virgem, estando os jovens irmãos e postulantes da Casa-mãe de férias durante os retiros, em Notre-Dame de l'Hermitage, eu caminhava em direção ao cemitério, quando vi vir ao meu encontro um pequeno postulante que segurava na mão uma bela pêra, bem madura e que parecia deliciosa"; FRANCISCO, *Caderno 310*, p. 481.

[44] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 65.

sando corredores e salas, indicando fatos que aí aconteceram, é uma tarefa incontornável que o novo diretor da casa precisa fazer, principalmente com os jovens irmãos e com os noviços. Irmão Francisco é a memória viva desse espírito.

c) L'Hermitage, *locus* do sagrado

O vocabulário do irmão Francisco para descrever l'Hermitage é cheio de imagens que remetem ao sagrado. Em 11 de novembro de 1866, na Instrução CLVII, o irmão Francisco compara a casa de l'Hermitage, toda ela, como uma igreja.

> 1) Podemos considerar nossa casa como uma igreja consagrada à Santíssima Virgem. A capela é o seu santuário, onde Nosso Senhor reside em pessoa; os lugares regulares, como a sala de exercícios, as salas de aula, os dormitórios, o refeitório, são as suas naves; e os quartos particulares são as capelas.
>
> 2) Por toda parte vemos o crucifixo, a estátua ou a imagem da Santíssima Virgem, de São José e de outros santos. Nesses lugares fazemos nossas orações, nossa meditação, rezamos nosso Ofício, nosso terço etc. Ouvimos instruções, catecismos, leituras espirituais etc. Cantamos cânticos; confessamos ali nossas faltas exteriores e fazemos penitências.
>
> 3) Mantemos o silêncio ali, exceto nos tempos de recreação; praticamos a modéstia em tudo: falando e caminhando sempre com compostura e mantendo uma postura religiosa; e nos esforçamos para cumprir exatamente e piedosamente nossos deveres, como as cerimônias que se realizam na Igreja.
>
> 4) Esta casa foi abençoada por dom de Pins, arcebispo de Amasis e administrador da diocese de Lyon, construída sob sua inspiração e em parte graças às suas liberalidades. Foi o padre Champagnat quem a fundou, quem a habitou e santificou com seus santos sacrifícios, suas orações, seus trabalhos e seus sofrimentos; assim como todos os bons irmãos que ali viveram com ele e depois dele, e dos quais muitos repousam junto a ele no cemitério, como em um grande relicário.[45]

A comparação é gráfica: a capela se torna, toda ela, o sacrário, enquanto os ambientes formam o corpo da igreja e os quartos são as capelas particulares. Da mesma forma, a ornamentação religiosa e os momentos formativos reforçam a imagem. No terceiro ponto, Francisco sublinha a atitude

[45] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 101.

dos irmãos nessa casa-igreja: silêncio, modéstia, postura nas atividades. Como ele diz, "como cerimônias que se fazem na igreja". Tal idealização mística corrobora a intenção de Francisco de tornar l'Hermitage esse espaço sagrado, e o tempo que discorre em seu interior se transforma em liturgia.

Na Instrução XXXI, de 18 de agosto de 1861, irmão Francisco reforça a concepção de l'Hermitage como lugar santo que remete ao Fundador:

> 2) Lembrança de Notre-Dame de l'Hermitage e das instruções do padre Champagnat. É um lugar santo: 1º) pela escolha que dele foi feita e pelas graças que Deus ali derramou; 2º) pelas orações que ali foram feitas e pelas virtudes que ali foram praticadas, o que, espero, nunca deixará de acontecer.[46]

"Lugar santo" se conecta à expressão "grande relicário": ambas supõem a percepção do padre Champagnat como santo e o espaço em que viveu e realizou sua obra como um santuário.[47] Aos que ocupam esse espaço santificado pelo Fundador, cabe realizar orações e praticar as virtudes.

Na Instrução XLV, de 23 de março de 1862, o irmão Francisco faz menção à festa da Anunciação, que se celebraria dois dias depois. Ele volta a comparar Nazaré e l'Hermitage:

> 4) Respeito pela casa de Nazaré, transportada pelos anjos para Loreto. Peregrinação. Respeito pela nossa casa construída pelo padre Champagnat, consagrada a Maria, sob o patrocínio de São José, e habitada por Jesus no Santíssimo Sacramento.[48]

Já vimos essa comparação de l'Hermitage com Nazaré, aqui retomada com a narrativa do milagre de Loreto, cidade da Itália para onde teria sido transportada, desde Nazaré, a casa da família de Jesus. Nessa relação, l'Hermitage também se torna local de peregrinação, habitado pela sagrada família.

Na Instrução LVI, de 17 de agosto de 1862, irmão Francisco se despede dos irmãos que partem em retiro, lembrando-lhes que estiveram até esse momento no "relicário do padre Champagnat" e que devem agora levar seu espírito aonde forem:

---

[46] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 13.

[47] A causa de beatificação e canonização foi iniciada em 1886 pelo irmão Théophane, mas é possível que houvesse já o desejo de se introduzir o processo antes. Pelo menos essa parece ser a compreensão do irmão Francisco na forma como escolhe as palavras e elabora as instruções.

[48] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 19.

> 3) Recomendo-lhes sempre, em tudo e em toda parte, a piedade, a regularidade, a alegria e a caridade. Vocês estiveram no grande relicário do padre Champagnat: levem por toda parte seu espírito, seu zelo, sua dedicação e todas as suas virtudes.[49]

O relicário, por característica, pode ser transportado e colocado em outro espaço. Assim, cada irmão, ao deixar l'Hermitage, carrega consigo o seu significado à medida que pratica as virtudes.

Outra terminologia que o irmão Francisco usa para l'Hermitage é a de "casa de Jesus, Maria e José". Isso se encontra na Instrução CXXIV, de 19 de março de 1865:

> 2) Estamos na casa de Jesus: ele a habita pessoalmente no Santíssimo Sacramento; na casa da Santíssima Virgem, que leva o seu nome; na casa de São José: ele é o seu guardião. As suas imagens estão em quase todos os aposentos, recordando-nos a sua memória.[50]

É importante notar que a posição central é consignada a Jesus, a casa é dele por sua presença na Eucaristia. De Maria, l'Hermitage leva o nome: "Notre-Dame", Nossa Senhora. São José, patrono do Instituto, inspira os irmãos em sua ação educativa e protege a casa. Novamente, configura-se a associação de lugares e pessoas do mundo sagrado com esse espaço desejado e construído pelo padre Champagnat.

d) Cuidado da casa

Na Instrução VII, de 14 de outubro de 1860, há menção ao cuidado da casa, dos ambientes e da mobília, bem como das pessoas que nela trabalham: "Limpeza da casa, dos aposentos, dos móveis, dos utensílios etc."[51] Essa preocupação com a manutenção dos espaços também é observada em outras instruções, como na Instrução XXII, de 17 de fevereiro de 1861: "4) Solicitude, cuidado, limpeza, economia em tudo o que pertence à casa e no que é de uso de cada um. Que cada coisa esteja em seu lugar, em bom estado, que nada se perca, nem se deteriore".[52] Observamos a mesma

---

[49] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 24

[50] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 75-76.

[51] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 3.

[52] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 9.

entoação na Instrução LVII, de 21 de setembro de 1862: "2) Respeito por tudo o que pertence à casa ou ao uso de cada irmão. Colocar cada coisa em seu lugar e não desarrumar nem deteriorar nada. Adquirir hábitos de ordem, de limpeza e de economia, tão necessários em todos os lugares".[53]

Esse cuidado é mencionado na Instrução LXXXV, de 11 de outubro de 1863: "Respeito pela casa e por tudo o que há nela". Em todas essas referências, trata-se de orientações práticas do andamento da casa, que visam à ordem, ao cuidado e à economia.

Isso impacta também o cuidado com as visitas. Na Instrução LVIII, de 5 de outubro de 1862, irmão Francisco pede aos irmãos que não tragam seus pais para dentro da casa, exceto com autorização:

> 2) Quando os pais vêm visitar os irmãos, estes só devem acompanhá-los desde a casa até os limites da propriedade, a menos que tenham uma permissão especial, que só devem pedir em caso de real necessidade, e nunca para pessoas do sexo feminino.
>
> 3) Vocês sabem o que é dito na vida do padre Champagnat a respeito da virtude angélica. Ele dizia que o espírito impuro teme esta casa e que não ousa penetrar nela, a menos que alguém vá buscá-lo e lhe abra a porta. Vários irmãos sentiram as influências salutares da sua permanência nesta bendita solidão.[54]

Essa recomendação para os familiares se encontra igualmente na Instrução CXXIII, de 12 de março de 1865:

> 5) Desejo que os pais sejam sempre bem recebidos. (Eles são pais de todos nós por aliança espiritual religiosa.) Mas, para que a visita deles seja verdadeiramente agradável, é necessário que os irmãos sigam em tudo as prescrições da Regra e os costumes da casa. Não se deve acompanhá-los além dos limites da propriedade.[55]

Zelar pelos espaços físicos e respeitar as regras é, para o irmão Francisco, um modo de honrar a memória do padre Champagnat e cuidar de seu relicário, para que continue sendo um espaço sagrado e lugar de santificação.

---

[53] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 26.

[54] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 26-27.

[55] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 73.

e) Lugar de silêncio e solidão

A palavra "silêncio" é utilizada 131 vezes no Caderno 306, frequência representativa de uma das insistências do irmão Francisco, quase uma obsessão. O termo aparece também como característica da casa de l'Hermitage, tal como queria o padre Champagnat. A Instrução CXI, de 16 de outubro de 1864, que vimos acima, começa justamente com esse apelo ao silêncio: "1) Silêncio respeitoso na casa do padre Champagnat, nosso venerado Fundador".[56]

Na instrução LIX, de 12 de outubro de 1862, irmão Francisco solicita à comunidade que l'Hermitage seja lugar de silêncio e de observância do regulamento: "4) É o mínimo que se pode pedir: exigir que a casa seja tão bem-organizada quanto um internato bem administrado e que os irmãos mantenham o silêncio e observem o Regulamento com a mesma exatidão que bons alunos".[57]

Ao falar aos jovens irmãos, na Instrução LXII, de 9 de novembro de 1862, ele dá o exemplo de Santo Estanislau Kostka, jovem jesuíta modelo dos noviços, que fez da casa do noviciado um retiro, um lugar de silêncio e solidão, um "*hermitage*": "2) Quinta-feira, Santo Estanislau Kostka, falecido, grande santo, aos 18 anos. Festa dos noviços e de todos aqueles que procuram se aperfeiçoar em uma casa de retiro, um eremitério".[58]

A mesma ideia de espaço de solidão se encontra na Instrução CXIX, de 22 de janeiro de 1865: "2) Sexta-feira, São João Crisóstomo, primeiro eremita, depois pregador, bispo e doutor da Igreja. Ele é o nosso modelo, em Notre-Dame de l'Hermitage, na solidão e nos estabelecimentos, no ensino, nas provações, nas perseguições".[59] Há, portanto, uma relação entre o espaço sagrado e o silêncio: se l'Hermitage é um eremitério, é necessário que em todos os seus ambientes se guarde naturalmente o silêncio e a solidão.

Tal marca do temperamento do irmão Francisco passou a ser também a da casa, como observa irmão Adorátor no comentário que fez a l'Hermitage em 1871: "A casa, o local, a solidão, os arredores, tudo ali fala de convento e

---

[56] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 65.

[57] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 27.

[58] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 29.

[59] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 71.

silêncio, de oração e meditação; o hábito religioso está em seu ambiente".[60] De algum modo, podemos dizer que o irmão Francisco conseguiu imprimir a l'Hermitage o espírito de um ambiente sagrado que guarda a memória de cada momento da vida do seu Fundador nesse espaço.

Mas não se trata de uma recordação lamuriosa ou triste. A Instrução CXXIX, de 25 de junho de 1865, fala dessas boas memórias que l'Hermitage nos traz:

> 4) Se Jesus Cristo, durante sua vida mortal, tivesse vindo passar um dia entre nós, nesta casa de l'Hermitage; se ele tivesse visitado nosso oratório, nossos pátios, nosso cemitério, nossa alameda, nosso jardim; que preciosa lembrança teríamos guardado! Reavivemos a nossa fé. Ele faz ainda mais.[61]

Cadernos 310 e 311

Irmão Paul Sester, que organizou o conjunto dos Cadernos e que fez uma introdução para cada um deles, comenta, a respeito do Caderno 310, que se trata de uma "coleção de fatos", em parte acontecidos em l'Hermitage, datados entre 1852 e 1880. A ordem não é sempre sequencial, nem são informados os anos de todos os fatos. Em um deles, que se parece mais com um comentário, o irmão Francisco lembra que o padre Champagnat não costumava levar os irmãos a locais de peregrinação.

> Jamais o padre Champagnat conduziu os irmãos de l'Hermitage a Valfleury (igreja dedicada à Santíssima Virgem, célebre local de peregrinação). Ele também nunca os deixou ir lá em comunidade. Quando éramos uma meia dúzia em La Valla, ele nos levou uma vez a uma montanha vizinha e nos fez comer coalhada. Quando éramos cerca de cinquenta em l'Hermitage, ele nos conduziu duas ou três vezes ao Pilat. Desde então, os passeios das férias, após o retiro, limitaram-se a La Valla, onde a comunidade ia cantar o *Salve Regina* na igreja, com a permissão do senhor pároco. Desde a sua morte, não me lembro de ter concedido uma grande licença geral, e só muito raramente permiti que fossem feitas peregrinações particulares. O lugar de devoção e de peregrinação do religioso é o seu convento e o seu oratório.[62]

---

[60] ADORÁTOR, Irmão. *Vinte anos de Brasil*. Curitiba: Edição do Autor, 2005, p. 279.

[61] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 79.

[62] FRANCISCO, *Caderno 310*, p. 547.

Se consideramos o conjunto de datas mais próximas, essa anotação foi feita depois de 1870. Nela, o irmão Francisco reforça l'Hermitage como lugar sagrado, suficiente para alimentar a vida de fé e de oração dos irmãos.

O Caderno 311 traz uma coletânea de citações de livros que irmão Francisco utilizava para sua formação e para as conferências que dava aos noviços e aos irmãos. Uma delas, tirada da biografia de São Francisco de Assis,[63] reproduz as palavras desse santo sobre a primeira igreja, que ele reconstruiu e onde deu início à sua obra. Irmão Francisco as aplica a l'Hermitage.

> "Meus filhos – continuou ele –, guardai-vos bem de jamais abandonar este lugar. E se vos expulsarem por um lado, entrai novamente por outro: porque ele é santo, é a morada de Jesus Cristo e da Santíssima Virgem Maria, sua Mãe. Aqui o Senhor nos multiplicou, quando éramos poucos: por isso, tende grande veneração por este lugar santo. Aquele que aqui rezar com devoção obterá o que pedir, e aquele que aqui pecar será punido mais severamente, pois este lugar é verdadeiramente a morada de Deus e singularmente querido por Jesus Cristo e por sua Santa Mãe. Aplicai-vos aqui com alegria e de todo o vosso coração a louvar e bendizer a Deus Pai e a seu Filho Nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. Assim seja" (Chalippe, *Vida de São Francisco de Assis*, Livro 5, Tomo 2, p. 191).[64]

Alguns pontos se destacam. Primeiramente, a afirmação de que l'Hermitage, assim como a Porciúncula, é lugar santo onde habitam Jesus e Maria, "morada de Deus". Vimos em outros textos acima que a ideia de se considerar o espaço que abriga a memória do Fundador e de seu projeto de fundação de uma sociedade dedicada a Maria é um conceito no qual o irmão Francisco insiste desde que volta a l'Hermitage após sua renúncia. Além disso, l'Hermitage recorda os inícios difíceis, "quando éramos poucos", e o crescimento vertiginoso do Instituto. Essa casa, mesmo tendo perdido o status de Casa-mãe, conserva suas características de lugar de mística e de profecia, e irmão Francisco seguramente é responsável por reavivar, sobretudo entre os jovens irmãos, o espaço sagrado de l'Hermitage.

---

[63] CHALIPPE, Candide. *Vie de Saint François d'Assise*, 2 vol. Paris/Lyon: Livrarie Jacques Lecoffre, 1867. Há quatro citações dessa obra no Caderno 311.

[64] FRANCISCO, *Caderno 311*, p. 590.

7.3 L'Hermitage, paraíso abençoado

A atmosfera de sagrado que recobre as descrições do irmão Francisco pode induzir a pensar que l'Hermitage fosse para ele um lugar lúgubre, um ambiente de mortificação e de sofrimento. Verdade que o vocabulário nos leva a isso em muitos momentos, mas é preciso observar o amor que o primeiro sucessor do padre Champagnat expressa em suas descrições, algumas delas bem poéticas e ricas em simbolismo.

Esse espaço místico se aproxima de outras experiências em que o lugar e sua organização revelam uma relação profunda com o numinoso. Mircea Eliade, que estudou muitas culturas ao redor do mundo, propõe justamente que a constituição de um ambiente por meio de sua organização e da atribuição de sentido consagram esse ambiente como sagrado.[65] O irmão Francisco realiza, em suas instruções, tal operação, dando a l'Hermitage um caráter provavelmente não percebido com a mesma intensidade por outros irmãos.

Por isso, gostaríamos de concluir este artigo com o texto da linda Instrução LXXV, dada no domingo seguinte a Corpus Christi (*fête-Dieu*), em 7 de junho de 1863. Nela o irmão Francisco agradece à comunidade a bonita preparação da casa. Ele elogia a beleza de l'Hermitage e relembra as bênçãos em quatro espaços especiais:

> 1) Ó, a bela Festa do Santíssimo Sacramento! Que bela solenidade! Que belos cantos! Que bela procissão!... Cada um contribuiu com o que lhe cabia. Trabalhamos bem e estamos muito contentes. Foi para o bom Deus! Estamos felizes. Nada será perdido.
>
> 2) Beleza e diversidade do lugar e das paisagens. O pátio, o jardim, a vinha, o bosque e a alameda de plátanos formam um repouso natural, oferecendo uma vista magnífica. O canto dos pássaros, o verde, a solidão, a tranquilidade, a modéstia e o recolhimento completam este espetáculo encantador. Jesus percorre este caminho conosco. Ele fez tudo; tudo lhe rende homenagem. Peregrinação da vida.
>
> 3) A primeira bênção, no pátio de Santa Maria, em frente à casa. Bênção dos trabalhos, dos estudos, das refeições, do descanso, e de tudo o que nos serve.

[65] "Para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica"; ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 13.

> 4) A segunda bênção, em direção ao cemitério. Bênção para os doentes, os agonizantes, os falecidos e para nós, quando lá estivermos.
>
> 5) A terceira bênção, na grande alameda. Bênção das recreações, dos jogos, dos momentos de lazer, para recuperar nossas forças e trabalhar melhor.
>
> 6) A última bênção, na capela. Bênção para nossos exercícios religiosos, nossas orações, nossas festas, nossas cerimônias, nossos cantos etc.; enfim, bênção para a eternidade.[66]

Para um superior com fama de ser muito sério e compenetrado, sua descrição do espaço, cheia de detalhes, surpreende. As bênçãos marcam a vida da comunidade: trabalhos, recreações, vida de oração, estudo e repouso. Elas chegam também aos irmãos que sofrem e que estão agonizando. Em sua narrativa, o irmão Francisco nos faz imaginar uma comunidade ativa em um espaço organizado, abençoado e cheio de beleza.[67] Era assim no tempo do padre Champagnat e, com o mesmo espírito, assim deve continuar para as próximas gerações.

7.4 Anexo: A descrição de l'Hermitage nos *Annales de l'Institut*, do Irmão Avit

No vol. 2 dos *Annales de l'Institut* encontramos uma descrição de l'Hermitage e dos objetos relacionados ao padre Champagnat. O texto está disposto no ano 1859 e é atribuído ao irmão Francisco:

> [7] Transcrevo aqui a lista dos objetos do piedoso Fundador conservados em l'Hermitage, conforme o relato do prezado irmão Francisco.
>
> [8] "Toda a casa de Notre-Dame de l'Hermitage pode ser considerada como o grande relicário do padre Champagnat. Foi ele quem a construiu, morou nela por dezesseis anos. Ali, tudo fala dele e relembra o bom Pai. As paredes, as

[66] FRANCISCO, *Caderno 306*, p. 36.

[67] Sobre esse olhar poético de l'Hermitage, sugerimos a leitura do artigo de INCERTI, Fabiano. Notre-Dame de l'Hermitage: um santuário natural, entre o humano e o transcendente. Em: SIQUEIRA, Vanderlei; CUNHA FILHO, Leão da; GONÇALVES, João Luis Fedel. *Líderes para o tempo que vem*. São Paulo: FTD, 2025, p. 184-193, em que o autor se inspira na obra *Monographie du Centenaire de Fundation de Notre-Dame de l'Hermitage*, publicada em 1925 e reproduzida acima, no cap. 2, cujo relato Incerti chama de "topografia espiritual", para empreender uma viagem poético-mística pelos espaços e elementos mais significativos que constituem a propriedade e sua sacralidade.

divisões internas, os assoalhos – tudo nos recorda que ele foi pedreiro, estucador e carpinteiro. Ele punha a mão em tudo, dirigia tudo. Caminhou pelos corredores, pelos assoalhos e pelos quartos. Na capela – construção dele – rezou, cantou, confessou, celebrou missas, distribuiu a comunhão. Trabalhou a terra, plantou a horta, arrebentou o rochedo etc. Comeu no refeitório. Na sala do noviciado fez exortações aos noviços, e na sala dos irmãos, no primeiro andar, deu instruções práticas durante todo o ano, especialmente nos retiros.

[9] Em seu quarto, onde recebeu muitos postulantes, deu bons conselhos aos irmãos nas confissões, na direção espiritual e nas conversas. Nesse quarto, é onde tanto rezou, tanto escreveu, tanto sofreu e, por fim, onde morreu. O quarto do padre Champagnat ficava no primeiro andar e tinha três janelas, das quais duas no quarto propriamente dito e uma no escritório. Este era separado do quarto por um tabique com uma porta de comunicação no meio. As medidas do quarto eram: 6 m de comprimento por 4,45 m de largura; as do escritório: 4,45 m por 3,25 m.

[10] A cama por ele utilizada durante doze anos foi colocada em seu escritório. Feita em 1828, ela é de madeira de abeto, com 2 m de comprimento, 1,20 m de largura e o mesmo tanto de altura. A cama de carvalho que está em seu quarto foi a que utilizou durante a última doença. Tem 1,90 m de comprimento, 1,25 m de largura e 1,11 m de altura. A cama do escritório tinha cortinas de pano estampado com quadrados vermelhos e brancos.

[11] Havia ali:

1. uma grande poltrona estofada, com encosto de 1,10 m de altura por 50 cm de largura, com braços de extremidade arredondada, apoiados nas bases dianteiras;
2. uma mesa de 90 cm de comprimento, 73 cm de largura e 70 cm de altura, com rodinhas e uma gaveta;
3. uma cadeira com assento e encosto de palha, sem braços;
4. uma serra de marceneiro;
5. uma grande escova para roupas;
6. um pisa-papéis de mármore com botão de cobre;
7. um pente comum e uma escova de cabelo;
8. um fole de cobre para atiçar o fogo;
9. uma lixeira com tampa para os papéis usados;
10. um mapa antigo da diocese de Lyon, de 1769, medindo 1 m por 75 cm;
11. uma grande escrivaninha de louça branca vidrada;
12. vários mapas;
13. o globo terrestre que utilizava nas aulas de geografia para os irmãos;

14. um armário com 2,40 m de altura, 1,10 m de largura e 40 cm de profundidade, com porta e montantes em madeira maciça;
15. um crucifixo, tendo em sua base uma serpente com maçã na boca e medindo 50x35 cm;
16. uma pequena estampa colorida do Bom Pastor, com moldura dourada, medindo 18x15 cm;
17. uma estampa colorida, retangular, de Nossa Senhora com o Menino Jesus e São José, com moldura dourada;
18. uma estampa representando São Luís Gonzaga, jesuíta, ajoelhado em um genuflexório, com uma cruz na mão e moldura dourada.

[12] Em l'Hermitage, a biblioteca do bom Pai contém 53 obras sobre teologia, ascetismo, piedade e ciências escolares necessárias aos irmãos.

[13] Na sacristia, estão:

1. um pequeno cálice dourado;
2. uma alva bordada;
3. um paramento branco em damasco, com uma cruz em pano de ouro;
4. um paramento vermelho com flores amarelas;
5. outro paramento vermelho com cruz com flores e um grande buquê no meio;
6. um paramento preto simples;
7. uma capa magna violeta;
8. a magnífica credência da sacristia, além de diversos móveis no refeitório, na enfermaria etc."

7.5 Bibliografia

ADORÁTOR, Irmão. *Vinte anos de Brasil*. Curitiba: Edição do Autor, 2005.
AVIT, Frère. *Annales de l´Institut*. 3 vol. Roma: Institut des Frères Maristes, 1993.
CHALIPPE, Candide. *Vie de Saint François d'Assise***.** 2 vol. Paris/Lyon: Livrarie Jacques Lecoffre, 1867.
CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat*. Brasília: Umbrasil, 2019.
ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
FRANCISCO, Irmão. *Carnets 301-313*. Archives Frères Maristes, doc. 5101.300. Roma: s/d.
FRANCISCO, Irmão. Circular de 8 de setembro de 1840. *Circulaires des Supérieurs Généraux de l'Institut des Frères Maristes*, vol. 1, p. 43-44, 1914.
FRANCISCO, Irmão. *Lettres personnelles*. 2 vol. Roma: Maison Générale, 1996, doc. 1669.
FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola/Simar, 1999.
INCERTI, Fabiano et al. (orgs.). *Cahiers du Frère François. N° 1 : Mélanges divers*. Curitiba: PUCPress, 2025.
INCERTI, Fabiano. Notre-Dame de l'Hermitage: um santuário natural, entre o humano e o transcendente. Em: SIQUEIRA, Vanderlei; CUNHA FILHO, José Leão da; GONÇALVES, João L. F. *Líderes para o tempo que vem*: vozes da Província Marista Brasil Centro-Sul. São Paulo: FTD, 2025.
LANFREY, André. Irmão Francisco: uma cronologia comentada. In: LANFREY, André; INCERTI, Fabiano; GONÇALVES, João L. F. *Mística, sabedoria e autoridade no século XIX*: estudos sobre o irmão Francisco, primeiro superior geral dos Irmãos Maristas. Curitiba: PUCPRESS, 2017, p. 33-34.
LANFREY, André. L'Hermitage de Nossa Senhora. *Cadernos Maristas*, n. 34, maio 2016, p. 155-158.
LANFREY, André. Préface. Em: FRANÇOIS, Frère. *Cahiers du Frère François n° 1* : Mélanges Divers. Curitiba: PUCPRESS, 2025.
MICHEL, Gabriel. *Frère François, Gabriel Rivat* : et 60 ans d´histoire mariste. Saint-Chamond : Imprimerie Delta 7, 1996.
PONTY, Louis. *Vie du Frère François, Premier Supérieur Général de l'Institut des Petits Frères de Marie*: 1808-1881. Lyon: Librairie Emmanuel Vitte, 1899.
RONZON, Jean. *Chronologie mariste* : édition 2010. FMS Studia, n. 1. Roma: Institut des Frères Maristes, 2010.

8

A Casa Marista de Mendes, a Hermitage brasileira

Eder D'Artagnan Ferreira Guimarães[1]

8.1 Introdução[2]

"Ficamos contentes de rever Mendes. É a nossa Hermitage. É aí que repousam os nossos mortos; aí os irmãos idosos acabam a santificação; aí vivemos os anos mais importantes e decisivos da nossa vida".[3] Com estas palavras, o irmão Adorátor descreve como se sente ao retornar à casa marista de Mendes, em 1905, depois de visitar os colégios maristas do Distrito do Brasil Central com o irmão Augustalis, então assistente geral do Instituto.

O mesmo sentimento encontra eco em várias gerações de maristas cujas vidas foram marcadas pelo estudo, pela formação e pela convivência na Fazenda São José das Paineiras, em Mendes, interior do Rio de Janeiro, distante 100 km da capital. Casa provincial, sede administrativa, comunidade de formação, internato, externato, escola, primeira obra social marista

---

[1] Educador marista, pastoralista, assessor de diversos grupos; doutor em Ciências da Educação pela Universidad Nacional de Rosario – UNR, Argentina; mestrado em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília – UCB; especialista em Carisma e Princípios Educativos Maristas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR; graduação Filosofia pela Universidade Estatal de Montes Claros – Unimontes.

[2] Com pesquisas de Valdinéia Arruda de Oliveira, Rogério Amaro da Silva e Adilson Ferreira de Souza, do Centro de Estudos Maristas (CEM), em Belo Horizonte, MG, e contribuições dos irmãos Ataide José de Lima, Claudino Falchetto, Rafael Ferreira Júnior e Roque Plínio Loss.

[3] ADORÁTOR, Irmão. *Vinte anos de Brasil*. Curitiba: Edição do Autor, 2005, p. 272.

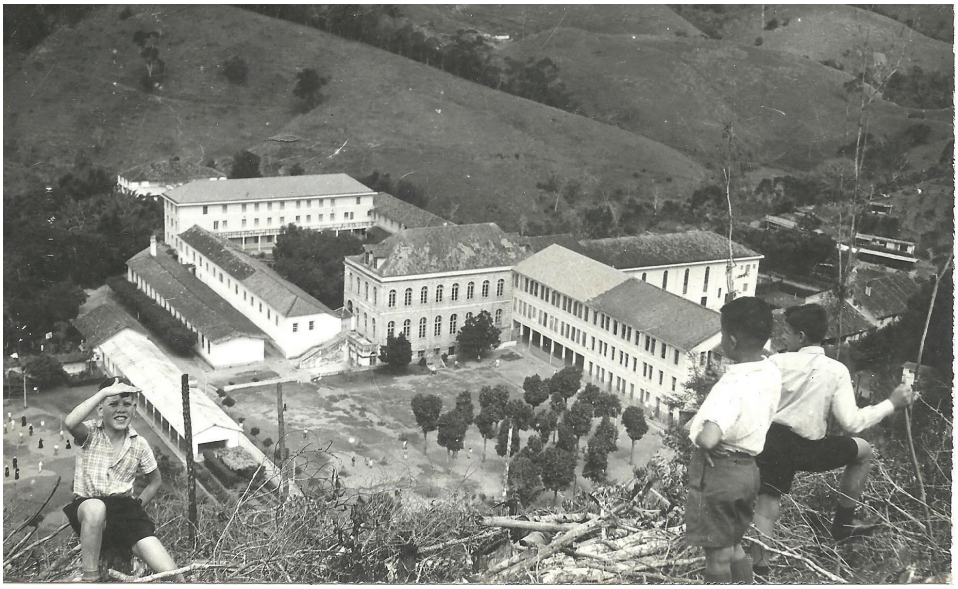


Foto 1: Internos contemplam do alto a casa marista de Mendes, década de 1940. Embaixo à esquerda, os noviços usando hábito preto. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte.

no Brasil, casa de repouso, centro de eventos: de muitas formas esse solo sagrado imprimiu a marca do carisma marista na vida de irmãos, estudantes, leigos e leigas, colaboradores, moradores da cidade, visitantes. Muitos jovens e irmãos receberam aí sua formação humana, escolar e religiosa, viveram em comunidade e foram enviados para exercer a missão marista em diversas regiões do Brasil.

Portanto, o irmão Adorátor não exagera ao comparar a casa marista de Mendes e Notre-Dame de l'Hermitage. Várias são as semelhanças e peculiaridades desses dois lugares sagrados para os Maristas de Champagnat, e não por acaso, como veremos. No ano em que celebramos o bicentenário da Casa-mãe do Instituto, vale a pena saber mais sobre o berço da obra marista no Brasil.

8.2 Uma Casa-mãe no Brasil

São José das Paineiras tinha sido uma fazenda de café, adquirida em 1808 pelas Irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo para ser comunidade religiosa e vendida à Mitra Arquidiocesana do Rio de Janeiro em 1899-1900. Era conhecida como "a fazenda dos padres" por ser lugar de retiros e lazer para o clero. Os Irmãos Maristas a conheceram em 1903, quando a cidade do Rio de Janeiro enfrentava uma epidemia de varíola e febre amarela, e as pessoas buscavam refúgio no interior do estado para evitar o risco de contágio e morte. A epidemia vitimou os irmãos Júlio Andrônico, diretor do grupo que chegou a Congonhas do Campo, MG, e Luís Berchmans, conhecido professor, no espaço de apenas três dias. Por esta razão, o cardeal Joaquim Arcoverde sugeriu ao irmão Adorátor que viajasse para a fazenda para desfrutar duas semanas de férias com os internos do Rio de Janeiro.

O lugar deixou o irmão Adorátor encantado. Os irmãos tinham chegado ao Brasil havia seis anos, e o crescimento da obra marista indicava a necessidade de estabelecer uma sede administrativa para o Distrito do Brasil Central. Eram então 43 irmãos, 6 escolas, 246 estudantes internos e 470 externos, com grandes perspectivas de crescimento.

Além disso, o contexto sociopolítico da França acirrava a tendência antirreligiosa e anticlerical. A separação entre Igreja e Estado, defendida pelo governo, resultou na expulsão das congregações religiosas do país, tornando a América um lugar propício para a missão dos consagrados e consagradas de várias dessas congregações. Neste período, o Instituto se expandiu da França para outras regiões e iniciou sua missão apostólica no continente americano. Além das fundações no Brasil, em Congonhas do Campo/MG (1897), Bom Princípio/RS (1900) e Belém/PA (1903), havia obras maristas no Canadá (1885), Estados Unidos (1886), Colômbia (1889), México (1899), Argentina (1903) e Cuba (1903).

A rápida expansão da obra marista, no início do Instituto, e a necessidade de formação adequada para os irmãos trabalharem nas escolas do Vale do Loire levaram à criação de Notre-Dame de l'Hermitage. O padre Champagnat sentia falta de um espaço próprio para abrigar os irmãos e cuidar da formação dos jovens aspirantes à vida religiosa marista. Em 1824,

o Instituto contava com 10 escolas, 17 irmãos e 780 estudantes.[4] O Fundador buscava um lugar ermo, em meio à natureza, propício ao silêncio, à oração e, segundo o espírito da época, à *fuga mundi*.

Esses critérios se materializaram em Les Gauds, um terreno de 206 acres situado no Vale do Gier, entre La Valla e Saint-Chamond. Era lugar de passagem cotidiana do padre Champagnat em suas tarefas como coadjutor da paróquia e no acompanhamento dos primeiros irmãos e escolas. Champagnat e Courveille adquiriram a propriedade por 5 mil francos franceses, pagáveis em um ano, com juros de cinco por cento, em 13 de maio de 1824. Em agosto do ano seguinte, a nova casa recebeu os irmãos e formandos, mesmo sem estar totalmente pronta.

O irmão Adorátor enxergou grandes semelhanças entre Mendes e a casa de l'Hermitage, onde fez seu postulado em 1871, aos 16 anos: "A água canta em toda a parte; desce das montanhas. O vento geme no bambuzal. Os bosques envolvem a casa".[5] Essa sensibilidade à natureza aparece no relato de um irmão sobre o irmão Adorátor: "No trato com ele, aprendi o amor à natureza, aprendi a ver Deus nos arrebóis, nas folhas e flores a despontar, nas opulências da primavera, nos jogos de luz e nas tintas do ocaso; em uma palavra, nas belezas da criação".[6] Daí a conclusão do futuro provincial: "Quanto mais examino e reflito, mais se forma a minha convicção: esta casa nos é destinada".[7]

Também há similaridades nas tratativas para adquirir os terrenos. Champagnat iniciou as negociações com o proprietário, senhor Montellier, com apoio do monsenhor De Pins, administrador da diocese de Lyon. Já o irmão Adorátor dialogou com dom João Francisco Braga, bispo de Petrópolis, RJ, e o cardeal Joaquim Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro, RJ. Em ambos os casos, o envolvimento de autoridades eclesiásticas facilitou a expansão da obra marista, que respondia à demanda de educação cristã no Vale do Gier e no sul e sudeste do Brasil.

---

[4] LANFREY, André. *Marcelino Champagnat e os primeiros Irmãos Maristas 1789-1840*: tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação. Carisma e princípios educativos maristas, vol. 1. Curitiba: Editora PUCPR, 2017, p. 452.

[5] ADORÁTOR, *Vinte anos de Brasil*, p. 199-200.

[6] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. *Escôrço biográfico do Primeiro Provincial dos Irmãos Maristas no Brasil Central.* São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1941, (Coleção FTD), p. 28.

[7] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL, *Escôrço biográfico*, p. 99.

A solicitação de empréstimo para a aquisição da fazenda foi apresentada à Comissão Tridentina (hoje, Conselho Arquidiocesano) do Rio de Janeiro e recebida com dúvidas: os Irmãos Maristas teriam condições de quitar a dívida? "Éramos recém-chegados ao Brasil: os nossos estabelecimentos não tinham ainda fixidez; os recursos eram ínfimos; carecíamos de uma

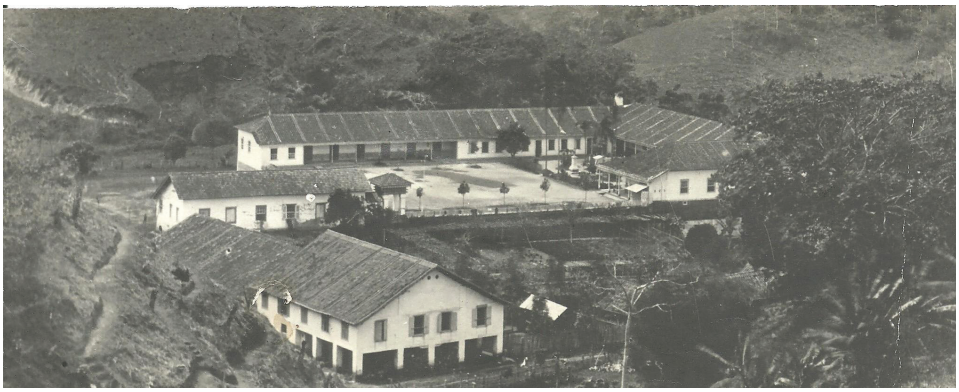


Foto 2: Casa marista de Mendes em seus primórdios, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

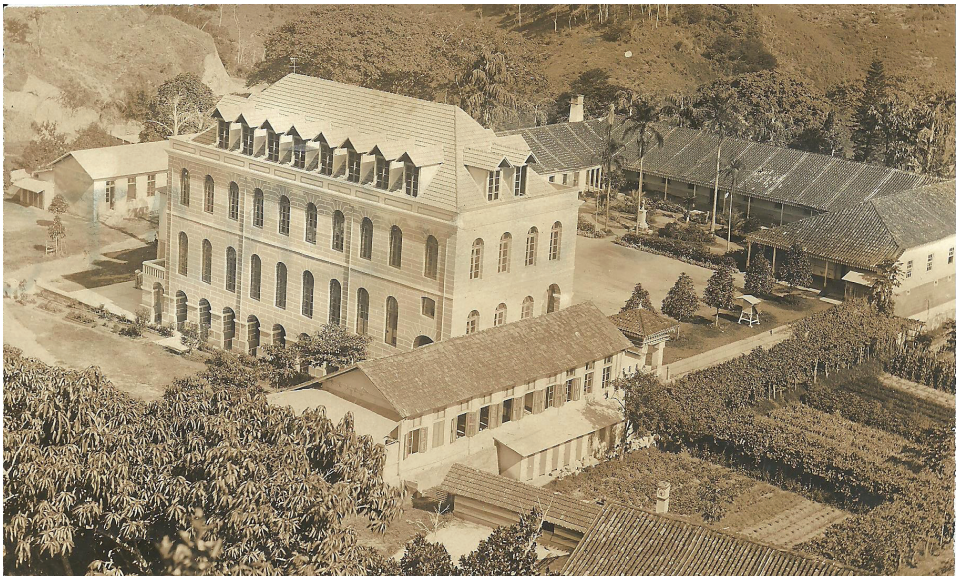


Foto 3: A casa ampliada e com benfeitorias, como o pavilhão Irmão Frumêncio (hoje Bloco B), inaugurado em 1914, com salão, capela e dormitórios (abaixo), s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 4: Dormitório da casa ampliada em 1914, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

casa provincial. Comprá-la sem dinheiro não é coisa fácil, quando não se tem crédito. Era essa a nossa situação".[8]

O cardeal Arcoverde convenceu os conselheiros a aprovarem o empréstimo. Além da relação próxima com o irmão Adorátor, o rápido crescimento da obra marista avalizou a certeza de que o investimento valia a pena. E assim começou outra parte da história marista no Brasil.

8.3 "Se o Senhor não edificar a casa..."

Embora o ambiente natural apresentasse semelhanças evidentes entre l'Hermitage e Mendes, a construção das casas tem histórias distintas. Após adquirir o terreno, o padre Champagnat teve que cortar a rocha – literalmente – para erguer l'Hermitage do zero. Imbuídos do amor ao trabalho e do espírito de família, que depois se tornariam valores maristas, o Fun-

[8] ADORÁTOR, *Vinte anos de Brasil*, p. 201.

dador e os irmãos empenharam esforços para erguer o prédio principal e contornar as dificuldades topográficas da formação rochosa, contando com o serviço contratado de alguns construtores profissionais. Esse processo ajudou a moldar uma obra apostólica que, até então, não tinha claras suas finalidades e estratégias.



Foto 5: Irmãos na estação de trem Engenheiro Nery Ferreira, em Mendes, RJ, s/d. Estão usando o traje religioso completo: batina, *rabat* branco, cruz, chapéu, manto e cordão. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 6: Irmãos tomam o bonde de tração animal que levava da estação de trem de Mendes à entrada da Fazenda; à direita, a cavalo, padre Seón, primeiro capelão da comunidade, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

Em Mendes a situação foi outra. O Instituto Marista contava 80 anos e estava presente em diversos países, quando o irmão Adorátor visitou a fazenda e se encantou com o lugar. Ciente da necessidade de uma casa provincial, ficou atento a questões práticas, como a localização da propriedade, a infraestrutura da antiga fazenda de café, os jardins de inspiração inglesa, com suas flores variadas e labirintos, os 4 km de distância entre a fazenda, a sede do município e a estação de trem. Irmãos da época contavam que, nessa primeira visita, o grupo de irmãos ficou tão encantado com o lugar que enterrou no solo uma medalha do padre Champagnat, como auspício para adquirirem a fazenda. Logo após essa visita, no início de abril de 1903, o irmão Adorátor solicitou ao Conselho Geral a compra da propriedade e recebeu a aprovação por meio de um telegrama: "5 de maio de 1903... *Mendes accept* (Saint-Génis-Laval)".

A Fazenda São José das Paineiras foi adquirida por 45 contos, a serem pagos no prazo de três anos.

Adquirida a propriedade, era preciso melhorar a infraestrutura e adequar os espaços, mas os irmãos não dispunham de recursos financeiros suficientes para custear as reformas. Com a ajuda dos empregados da fazenda, os próprios irmãos roçaram o mato, abriram caminhos em meio à mata, ampliaram a horta, a pocilga e os estábulos, planejaram os futuros espaços e começaram a construção dos novos blocos para substituir os antigos casarões de madeira. A arquitetura foi claramente inspirada em l'Hermitage, e podemos perceber outras similaridades, a começar pela escassez de recursos.

Assim como ocorreu em l'Hermitage, as dificuldades financeiras desse início moldaram um estilo de vida austero e frugal. "Todos os irmãos que viveram o primeiro ano em Mendes não o esquecerão nunca. Esse ano primordial deixou-nos muitas recordações e gostamos de reproduzi-las. Faltavam-nos não poucas coisas que, nas condições ordinárias da vida, nos parecem indispensáveis".[9]

O irmão Adorátor se referia à precariedade das instalações para acomodar devidamente os irmãos que chegavam; à falta de cobertores para enfrentar o rigoroso inverno de Mendes, com frio intenso durante o dia e

[9] ADORÁTOR, *Vinte anos de Brasil*, p. 206.

temperatura negativa à noite; aos alimentos escassos, pois não era tempo de colheita: "Para a alimentação, estávamos reduzidos ao estrito necessário: arroz, feijão, um pouco de carne e uma laranja. O pão era muito caro: 1 franco por quilo. Economizávamos o mais possível".[10]

Esse relato lembra o pão "cor de terra" descrito pelo irmão Lourenço, "feito de farinha grossa, mal amassado, malcozido, em síntese, pão feito pelos próprios irmãos, sem aprendizado anterior", nas palavras do irmão Sylvestre.[11] Também ecoa o espírito comunitário que, em meio a tantas dificuldades, fortalecia os primeiros irmãos de l'Hermitage e de Mendes: "O fato que ninguém pode contestar é a atmosfera de bom-humor em que vivíamos. A alegria não sofria eclipses. Sentíamos necessidade de difundi-la".[12]

Outro relato confirma o bom humor e a fraternidade que animavam os irmãos:

> Se tanta coisa faltava aos primeiros moradores da fazenda para conforto da vida e exploração das riquezas naturais que possuíam ou cuidavam possuir, uma, porém, nunca lhes faleceu, e esta multiplica as forças, gera energias inesgotáveis, embota todos os espinhos, ameniza todas as privações: é a santa alegria. Supria quaisquer falhas de cozinha ou das ferramentas.[13]

Vale lembrar que a primeira encíclica do papa Francisco tratou justamente da alegria do Evangelho, e a reconhecemos tanto no irmão Adorátor como no padre Champagnat e nos primeiros irmãos.

Em meio às dificuldades na construção de l'Hermitage, a casa finalizada apareceu como sinal de que a Obra de Maria contava com as graças de Deus, conforme rezavam no Salmo 126(127): "Se o Senhor Deus não edificar a casa, não adianta nada trabalhar para construí-la". O irmão Adorátor expressou sentimento igual em Mendes: "A compra da Fazenda São José das Paineiras foi evidentemente providencial. Nunca havemos de reconhecer e agradecer de modo suficiente, nisso, a imensa bondade de Deus para conosco!".[14]

---

[10] ADORÁTOR, *Vinte anos de Brasil,* p. 207.

[11] SYLVESTRE, Irmão. *Relatos sobre Marcelino Champagnat*. Brasília: Umbrasil, 2014, p. 131.

[12] ADORÁTOR, *Vinte anos de Brasil,* p. 227.

[13] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL, *Escôrço biográfico,* p. 120.

[14] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL, *Escôrço biográfico,* p. 100.

Em sua reflexão sobre o processo de reforma de l'Hermitage, o irmão Seán Sammon reconhece o empenho e o trabalho duro necessários para construí-la, mas sua interpretação confere à Casa-mãe um sentido mais profundo: "Dentro dos muros da casa e na propriedade que a circunda, as primeiras gerações de irmãos deram forma e caráter ao estilo de vida e à missão maristas".[15] Esse legado impregna também a construção da casa marista de Mendes.

8.4 Amor ao trabalho, uma característica bastante marista

Os irmãos que migraram da França para manter sua identidade religiosa encontraram, em Mendes, sua família. Somente em 1903 a casa recebeu 60 deles, que chegaram de navio em oito grupos. A quantidade de religiosos franceses que seria laicizada é bem maior: o irmão Adorátor relata um diálogo com o cônsul da França, senhor Labordère, sobre a possibilidade de subsidiar as passagens de mais de 300 irmãos maristas para atuar em escolas no país, ao custo de 40 mil francos. O requerimento foi enviado ao senhor Delassé, ministro dos Assuntos Estrangeiros, que negou o pedido justificando não dispor da soma.[16] Assim, estes irmãos partiram em missão para outros países. Vale lembrar que, no Brasil, um grupo havia chegado a Bom Princípio, RS, em 1900 e, em 1903, a Belém do Pará.

A vinda dos irmãos franceses conferiu à casa de Mendes um crescimento intenso. Havia mais gente para cuidar das diversas tarefas: construção de cercas, do chiqueiro e do curral; ampliação da horta; operação das máquinas a vapor da serraria e das moendas de cana do alambique; limpeza dos pastos; reflorestamento da mata nativa, derrubada na época da produção de café; construção de novos espaços. Os irmãos também se dedicaram à colheita de paina, laranja, cana-de-açúcar, banana. Os jambeiros e jambolões do pátio se integraram à arquitetura da casa, cada vez mais parecida com l'Hermitage.

---

[15] SAMMON, Séan. *Reivindiquemos o espírito de l'Hermitage*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2007, p. 7.

[16] ADORÁTOR, *Vinte anos de Brasil,* p. 319.

Esse trabalho intenso recorda-nos o Fundador:

> Marcelino acreditava que, ao construir a casa, ele estava construindo a comunidade. Enquanto vivia o ritmo da comunidade, tanto em La Valla quanto em l'Hermitage, Marcelino animava e alimentava a vida comunitária com seu exemplo, dedicando-se pessoalmente ao trabalho manual e à oração em comunidade.[17]

Para Champagnat, o trabalho manual burilava a vocação religiosa, segundo o princípio do *ora et labora*. Assim, durante o noviciado, os irmãos estudavam para ser religiosos e, ao mesmo tempo, trabalhavam em diversas áreas: biblioteca, cocheira, forja, carpintaria, alvenaria, alfaiataria, criação de animais. A *Poliantéia* comemorativa do cinquentenário da presença marista no Brasil registra o dia a dia da casa e esses vários espaços.[18]

Nesse espírito, Mendes terá, nos anos seguintes, pomar, padaria, criação de animais, alfaiataria, marcenaria, serraria, produção de chapéus, cintos e sapatos, lavanderia, enfermaria, gabinete odontológico, gráfica, encadernação de livros e diversas outras benfeitorias. A casa abrigou inclusive uma estação meteorológica entre 1911 e 1931; os irmãos registravam os índices de temperatura e pluviométricos e enviavam ao escritório central do Rio de Janeiro, por telégrafo, relatórios diários e mensais.

Esse dinamismo lembra l'Hermitage e suas várias construções e reconstruções, ao longo dos anos e de acordo com as demandas. Em Mendes, os irmãos exerciam as funções de enfermeiros, dentistas, barbeiros, veterinários, biólogos, herboristas, alfaiates, agricultores, hortelãos e outras tarefas necessárias, além de aprenderem as habilidades e competências específicas de uma congregação ensinante: a educação e a formação dos futuros religiosos educadores.

---

[17] INSTITUTO MARISTA. *Água da rocha*: espiritualidade marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat. Roma: Casa Geral, 2007, n. 100.

[18] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. *Poliantéia Jubileu Áureo*: comemoração do Cinquentenário dos Irmãos Maristas no Brasil Central. 1897-1947. São Paulo: Indústria Gráfica Siqueira, 1947.



Foto 7: Estação meteorológica, 1911. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

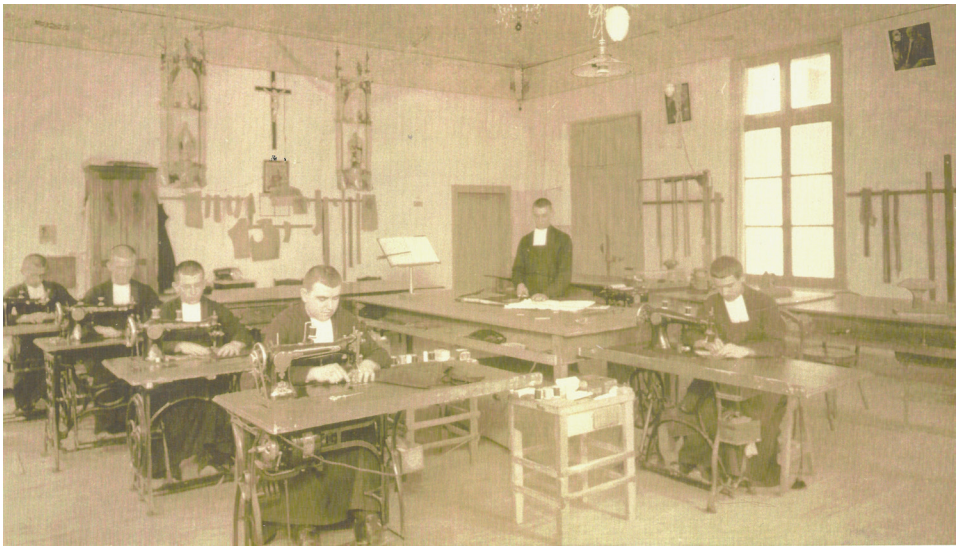


Foto 8: Alfaiataria onde era confeccionado o vestuário dos irmãos, noviços e escolásticos, 1936-1937. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 9: Irmão Luís Marcelino, dentista durante muitos anos, na década de 1950, s/d. O gabinete dentário foi adquirido em 1909. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

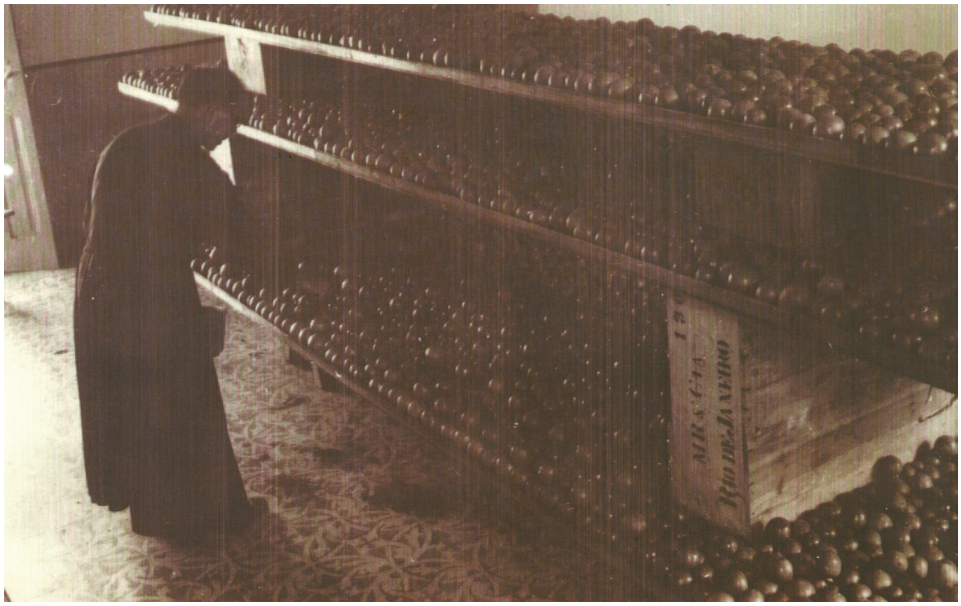


Foto 10: Estufa do irmão mestre, usada para o amadurecimento de frutas, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 11: Irmão Arbogastro alimentando as galinhas, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

8.5 Casa de formação, fraternidade e missão

O aumento do número de irmãos impulsionou a expansão da obra marista no país. Os três distritos tornaram-se as primeiras províncias do Brasil em 1908: Brasil Central, Brasil Meridional e Brasil Setentrional, tendo como provinciais, respectivamente, os irmãos Adorátor, Geraldo (Géraud) e Damien. O novo status canônico de Província significou autonomia para abrir novas escolas e comunidades, assim como demandou investimento em vocações locais e formação adequada dos irmãos para assumir a missão educativa, então em franco crescimento.

O irmão Adorátor foi provincial por dois mandatos: 1908-1911 e 1914-1918. Sua liderança trouxe rápido crescimento à Província do Brasil Central, formada pelos estados de Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e oeste de Santa Catarina. No centenário do Instituto, em 1917, os Irmãos Maristas celebraram vinte anos de presença



Foto 12: Irmão Adorátor, primeiro superior da Província Marista do Brasil Central, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

marista no país, contando com oito colégios: Carmo (São Paulo/SP, 1899), Nossa Senhora da Glória (Cambuci, São Paulo/SP, 1902), São José (Rio Comprido, Rio de Janeiro/RJ, 1902), Champagnat (Franca/SP, 1902), Diocesano (Uberaba/MG, 1903), Santista (Santos/SP, 1904), Arquidiocesano (São Paulo/SP, 1908) e Coração de Jesus (Varginha/MG, 1917). Nesse período, foram destaques a fundação da Editora FTD (São Paulo/SP, 1902), para produzir o material didático utilizado nos colégios, e o encerramento da presença em Congonhas do Campo/MG, local da primeira escola marista no Brasil (1904).

Sobre este tema, vale a pena lembrar de dom Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, que trouxe o primeiro grupo de Irmãos Maristas para o Brasil. O irmão Adorátor o tinha em alta conta, pela piedade, simplicidade evangélica e cultura. Eis sua descrição da visita a Mariana, em 1901, logo após chegar ao Brasil:

> Chegamos ao bispado. Imagine-se uma casa grande, sem sobrado, longa sequência de janelas pintadas de azul sobre paredes brancas. Entramos. Vejo

> um santo prelado de cor bronzeada,[19] de ar piedoso e simples, demonstrando placidez e simpatia. Faz com que nos sirvam café e nos trata familiarmente como dois amigos. Fala conosco em francês sem dificuldade alguma.[20]



Foto 13: Dom Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana, que trouxe o primeiro grupo de irmãos maristas para o Brasil. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

O primeiro "bispo marista"[21] do Brasil estimula a expansão da obra marista, lamenta a saída dos irmãos da sua diocese, mas reconhece que as questões administrativas e de gestão impossibilitam a continuidade de sua presença no Colégio Bom Jesus, em Congonhas. A relação de afeto permanece, tanto que o irmão Adorátor relata a visita de dom Silvério a Mendes, em 1915, aproveitando uma viagem ao Rio de Janeiro:

---

[19] Dom Silvério foi o primeiro bispo negro do Brasil.

[20] ADORÁTOR, *Vinte anos de Brasil*, p. 157.

[21] Os irmãos da época destacam vários bispos "maristas", pela proximidade e apoio para consolidar a obra no país. Dentre eles, dom Eduardo Duarte e Silva (Uberaba/MG), dom Joaquim Arcoverde (Rio de Janeiro/RJ), dom José de Camargo Barros (Niterói/RJ), dom Duarte Leopoldo e Silva (São Paulo/SP), dom Sebastião Leme (Rio de Janeiro/RJ), dom Cláudio Ponce de Leão (Rio Grande do Sul) e dom Francisco do Rego Maia (Belém/PA).

> Muito paternalmente, o santo arcebispo deixou falar o coração. Nós o acompanhamos comovidos. Recordou as lembranças de Congonhas, seu pesar pela nossa saída da sua diocese, o bem que aí realizamos. Sua visita era de amigo. O prazer de nos ver e de nos confirmar as melhores recordações o conduziram até nós, em Mendes. [...] Com ele, visitamos a casa e os arredores. Estava encantado com nossa esplêndida instalação.[22]



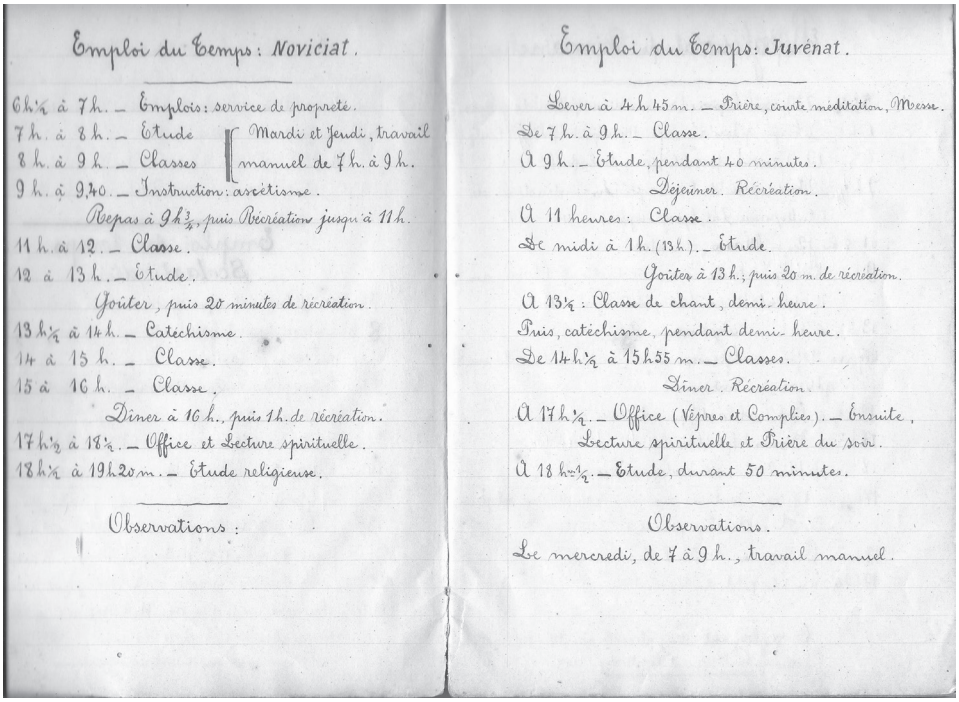
Foto 14: Tomada de hábito em 1908. No canto direito, José Antônio Batalha, primeiro irmão marista brasileiro. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

A casa de Mendes tornou-se centro de formação dos irmãos em suas várias etapas: juvenato (1904-1978), postulado (1904-1966), noviciado (1905-1966) e escolasticado (1912-1942).[23] Em 1905 celebrou-se a primeira tomada de hábito, com três noviços, dentre os quais o primeiro irmão marista brasileiro, José Antônio Batalha, o qual, décadas depois, manteria intensa correspondência com o superior geral, irmão Basílio Rueda.

As etapas de formação também foram se estruturando à medida que aumentava o número de vocações. Entre 1905 e 1915, o irmão Frumêncio foi diretor do juvenato e do noviciado. Depois, cada etapa teve seu próprio

[22] ADORÁTOR, *Vinte anos de Brasil,* p. 573.

[23] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. *Voz Marista no Brasil Central,* n. 25. Mendes, jun. 1959.



Emploi du Temps : Noviciat.

6h½ à 7h. – Emplois : service de propreté.
7 h. à 8 h. – Étude
8 h. à 9 h. – Classes
Mardi et Jeudi, travail manuel de 7 h. à 9 h.
9 h. à 9,40. – Instruction : ascétisme.
Repas à 9h½, puis Récréation jusqu'à 11h.
11 h. à 12. – Classe.
12 à 13 h. – Étude.
Goûter, puis 20 minutes de récréation.
13 h½ à 14 h. – Catéchisme.
14 à 15 h. – Classe.
15 à 16 h. – Classe.
Dîner à 16 h., puis 1h. de récréation.
17 h½ à 18½. – Office et Lecture spirituelle.
18 h½ à 19h20 m. – Étude religieuse.

Observations :

Emploi du Temps : Juvénat.

Lever à 4 h 45 m. – Prière, courte méditation, Messe.
De 7 h. à 9 h. – Classe.
À 9 h. – Étude, pendant 40 minutes.
Déjeuner. Récréation.
À 11 heures : Classe.
De midi à 1 h. (13 h.) – Étude.
Goûter à 13 h. ; puis 20 m. de récréation.
À 13½ : Classe de chant, demi-heure.
Puis, catéchisme, pendant demi-heure.
De 14 h½ à 15 h 55 m. – Classes.
Dîner. Récréation.
À 17 h½. – Office (Vêpres et Complies). – Ensuite, Lecture spirituelle et Prière du soir.
À 18 h½. – Étude, durant 50 minutes.

Observations.
Le mercredi, de 7 à 9 h., travail manuel.

Foto 15: Horários e atividades cotidianas do noviciado e do juvenato, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

irmão diretor, e, em 1922, foi construído um bloco específico para o noviciado. A quantidade de internos justificava a separação entre as etapas: até 1957 passaram pela casa 1033 postulantes, dos quais 869 tomaram o hábito marista.[24] Os horários, as atividades e a metodologia da formação seguiam o modelo utilizado em l'Hermitage: Catecismo e História Sagrada; Ciências Seculares; Leitura e Caligrafia; Metodologia de Ensino; Trabalhos Manuais; e práticas religiosas, como oração pessoal, exame de consciência, leitura da Sagrada Escritura, Missa e visita ao Santíssimo.[25]

O irmão Adorátor demonstrava seu cuidado em equilibrar os estudos, as atividades da casa e a formação religiosa dos jovens:

[24] Voz Marista, 1957.

[25] *Anais da comunidade marista de Mendes*. Acervo do Centro de Estudos Maristas – CEM. Belo Horizonte: s/d.



Foto 16: Juvenistas na sala de estudos, tendo aulas com o irmão Abdon Maria, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 17: Tomada de hábito na capela de Mendes. Ao fundo, os irmãos Zeferino Falquetto e Gobriano Maria. s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

> Muitos trabalhos se impunham com urgência. O tempo não podia ser unicamente empregado para o estudo. Apesar disso, a cultura religiosa e acadêmica era levada a sério. [...] Pouco a pouco, os irmãos se formavam para as funções futuras. No fim do ano, todos estavam habilitados para assumir a direção de uma aula.[26]

Reconhecemos aí o mesmo cuidado do padre Champagnat em integrar teoria e prática, formação docente e espiritualidade, apostolado pessoal e vida comunitária, de forma que o processo formativo preparasse os irmãos para o futuro exercício da missão educativo-evangelizadora.

8.6 Formação para o apostolado educativo

Frente ao crescimento das vocações e das escolas maristas, o padre Champagnat teve o cuidado de pensar uma metodologia prática para a formação religiosa dos noviços e o aprendizado do ofício docente. Em l'Hermitage, no noviciado e durante as férias, irmãos e formandos estudavam Princípios Pedagógicos, Educação Cristã, Catecismo, História da Igreja e Fundamentos da Vida Religiosa. Depois de terminarem o noviciado, iam para as comunidades e desempenhavam as tarefas necessárias à manutenção das escolas e da comunidade, incluindo cozinha, horta e limpeza. Além do trabalho manual, aprendiam a ser educadores observando a metodologia de docência e gestão escolar dos irmãos mais experientes.

Da mesma forma, a formação em Mendes não se restringia aos aspectos acadêmico e espiritual: além do estudo formal e das tarefas para a manutenção da comunidade, o dia a dia contemplava convivência, artes – teatro, música, poesia, literatura –, lazer, esportes, passeios, orações, celebrações. Esta visão antropológica considerava o ser humano em suas dimensões física, intelectual, moral e religiosa, descritas no *Guia das Escolas*[27] como eixos da educação marista. Portanto, fundamentava tanto o projeto educativo das escolas como a formação religiosa dos irmãos.

---

[26] ADORÁTOR, *Vinte anos de Brasil,* p. 227

[27] INSTITUT DES FRERES MARISTES. *Guide des Ecoles à l´usage des Petits Frères de Marie*: rédigé d›après les instructions du Vénérable Champagnat. 4. ed. Paris : Société de Saint Jean L›évangéliste Desclée & Cie, [1853] 1932.

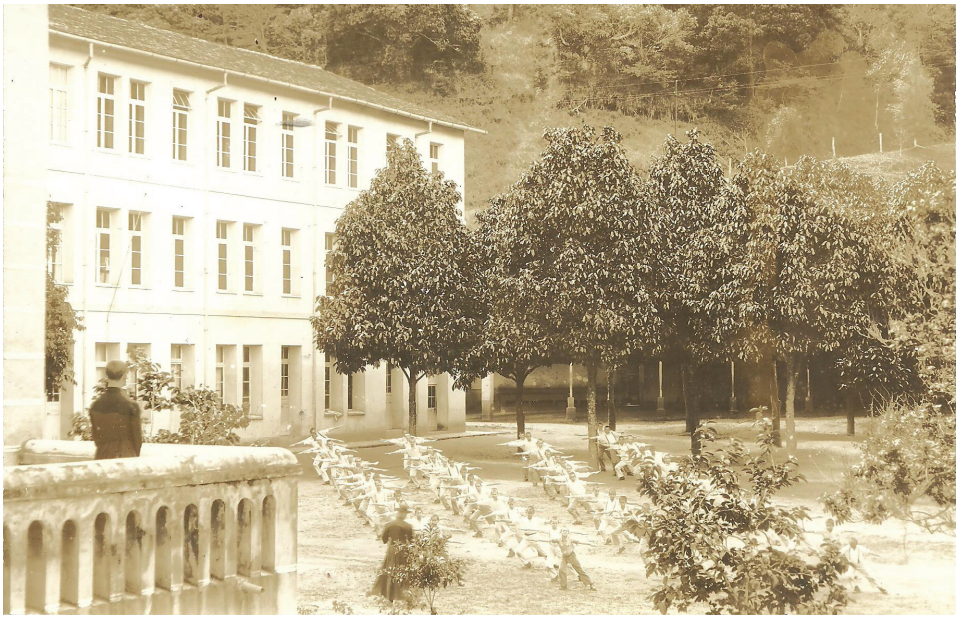


Foto 18: Educação física dos estudantes internos e formandos no pátio. s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 19: Recreação dos juvenistas no pátio dos jambeiros. s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 20: Irmãos e noviços passeando no Hotel Santa Rita, em Mendes/RJ. s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

Vale lembrar que l'Hermitage foi casa de formação e escola normal que preparava os irmãos para a docência e a gestão escolar. Da mesma forma, Mendes foi casa de formação (1904-1978), colégio interno (1904-1907), escola social (1909-1975) e sede provincial das Províncias Maristas do Brasil Central (1908-1958) e do Rio de Janeiro (1958-1971).

Na concepção do padre Champagnat, l'Hermitage era espaço-tempo necessário para burilar a vocação dos jovens e prepará-los para exercer o apostolado educativo. Ele "gostava de passar os verões em l'Hermitage com os irmãos que vinham fazer retiro, descansar, estudar e se revigorar".[28] Dotado de grande senso prático, o Fundador aproveitava esse tempo para oferecer formação pedagógica, reciclagens, exercícios e subsídios para melhorar a prática docente, a vida em comunidade e a espiritualidade dos irmãos. Na Casa-mãe começaram a se consolidar as práticas, valores e características que hoje identificamos como próprias do carisma marista.

[28] INSTITUTO MARISTA, *Água da rocha*, n. 100.

A mesma estratégia era utilizada na casa de Mendes. A Casa-mãe do Brasil Marista tornou-se a l'Hermitage brasileira, porque ali centenas de irmãos foram preparados para viver sua vocação, espiritualidade, fraternidade e missão apostólica. Em 1910, por exemplo, o juvenato recebeu três jovens da Província Brasil Norte, que ainda não tinha sua própria casa de formação. Também era comum receber irmãos de todo o Brasil para tratamento de saúde, devido ao clima favorável e à infraestrutura para quem necessitava de cuidados especiais. Esse dinamismo contribuiu para tornar a casa uma referência marista no país.

Os irmãos que atuavam nas escolas da Província voltavam à casa para o retiro anual, a formação, o descanso, a oração, os reencontros, os diálogos, a partilha, o discernimento e o envio para a missão nos colégios e comunidades. Ali recebiam ainda subsídios e materiais de formação permanente, como os *Boletins de estudos* elaborados pelo irmão Epifânio, que os irmãos levavam para suas comunidades, estudavam e traziam de volta no ano seguinte. Tendo l'Hermitage como referência, a comunidade buscava estratégias para assegurar a formação permanente dos irmãos, de forma individual e comunitária.

Merece destaque o talento artístico cultivado por vários irmãos. O *Guia das Escolas* incluiu o ensino do canto e do desenho como parte da educação marista e, ao longo dos anos, vários irmãos se destacaram em poesia, canto, artes plásticas, literatura, instrumentos musicais. Além do canto litúrgico, era frequente a apresentação de peças teatrais pelos estudantes e formandos. A banda *La Fraternelle* (A Fraternal), famosa por animar as festividades, as atividades culturais, as solenidades e as celebrações, ajudou várias gerações de irmãos a aprimorarem seus talentos musicais.

Encontramos aí outra referência à formação religiosa dada em l'Hermitage:

> Ecoam, pelas quebradas, as cantigas e as marchas, as sinfonias e fantasias, e dobrados clássicos. Encantam a todos, ouvintes e artistas. *Feliz de mim*, exclama, já velho, o irmão Adorátor, *por ter ouvido, em tão boa hora e tão poéticos bosques, concertos assim: músicos maristas nas matas de La Valla!*[29]

[29] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL, *Escôrço biográfico*, p. 19.



Foto 21: Irmãos passeando a cavalo, 1916-1917. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 22: Apresentação da banda *La Fraternelle* em Mendes, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

Vários irmãos se destacavam também nas artes visuais. Aqui recordamos o irmão Evelius e reproduzimos duas de suas muitas obras. A primeira tela representa visualmente o testamento espiritual do padre Champagnat, tomando a liberdade de colocar lado a lado, no leito de morte do Fundador, os superiores gerais que o sucederam. A morada celeste, na parte superior,



Foto 23: *Testamento espiritual do padre Champagnat*, óleo sobre tela do irmão Evelius, 1948. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 24: *Les Psaumes* [Salmos], óleo sobre tela do irmão Evelius, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

é o destino de todos os que moldam suas vidas conforme o Evangelho de Jesus Cristo. A segunda tela retrata um grupo de irmãos rezando os salmos no caminho do bambuzal, em Mendes. Além de retratar o rei Davi tocando harpa, o artista destaca os salmos como fonte da piedade e da santificação que conduzem à vida eterna, onde o coro dos anjos entoa cânticos de louvor a Deus.

8.7 Os pobres na missão marista

A tradição marista destaca "a experiência Montagne" como o evento que confirmou ao padre Champagnat a urgência de tornar realidade sua sonhada Obra de Maria. A escassez de escolas na região de La Valla era um problema grave para as crianças e jovens, especialmente os mais pobres e moradores da zona rural. Preocupado com essa situação, o padre Champagnat não apenas se empenhava em criar escolas como, nas tratativas com párocos, autoridades e benfeitores, buscava possibilidades de assegurar aos estudantes pobres o acesso à educação cristã e cidadã.

A mesma sensibilidade aos pobres do entorno de Mendes fez nascer a primeira obra social marista do Brasil. O irmão Amandus chegou ao Brasil em 1907, aos 57 anos, para escapar da laicização obrigatória imposta pelo governo francês. "Os achaques da idade lhe dificultavam o andar, mas conservava novos o ardor apostólico e o engenho"[30] adquirido nos anos como professor. Por causa do reumatismo, apoiava-se em uma bengala para andar por Mendes, com seu terreno irregular, cheio de morros e colinas. Em seus últimos anos, utilizava uma "cadeira-poltrona com rodas de borracha" para ir do quarto para a capela e o refeitório.

Mesmo com essas dificuldades, o irmão Amandus quis continuar seu apostolado religioso, e começou a catequizar e alfabetizar os filhos dos colonos, todos negros. Valendo-se da sua experiência docente, utilizava recursos pedagógicos como mosaicos, imagens, estampas, histórias e brindes para driblar o pouco domínio do idioma, conquistar a atenção dos catequizandos e garantir a assiduidade deles às aulas. Essa atitude lembra o

[30] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL, *Escôrço biográfico*, p. 136.

irmão Lourenço, do grupo dos primeiros irmãos, conhecido como o grande catequista do Bessat, e conferiu ao irmão Amandus o cognome "Apóstolo dos colonos".

Além da formação religiosa, o irmão Amandus buscava minimizar a pobreza extrema dos catequizandos oferecendo-lhes roupas usadas, pão, frutas e outros alimentos. Essa iniciativa tornou-se depois a Escola Primária Gratuita São Benedito, que se expandiu para atender às crianças e jovens do município de Mendes. A inspiração fundacional de Champagnat fez nascer a primeira obra social marista no Brasil. Outras iniciativas se seguiram, em diversos tempos e lugares.

Em 1909, os Irmãos Maristas abriram turmas gratuitas em Uberaba, MG, e, no ano seguinte, em Rio Comprido, RJ. Alguns anos depois, várias escolas ofereciam aulas noturnas para jovens que desejavam prosseguir ou retomar seus estudos. Os Irmãos Maristas ampliaram suas ações de solidariedade, incluindo distribuição de alimentos, atenção à saúde e ajuda financeira para pessoas em dificuldade. Estas iniciativas pontuais se tornaram posteriormente projetos sociais com focos variados: bolsas para estudantes de baixa renda, escolas gratuitas, apoio escolar, cursos



Foto 25: Irmão Amandus e os catequizandos, 1909. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 26: Estudantes da Escola São Benedito, 1946. Ao centro, de batina, os irmãos Veríssimo (E), diretor, e Conrado Antônio (D), e padre Aloisio Verdier, capelão de Mendes. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 27: Primeira comunhão na Escola São Benedito, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 28: Irmão Leônidas, então superior geral, com estudantes da Escola São Benedito. Atrás, irmão Veríssimo, diretor da Escola, 1955. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

profissionalizantes, medidas socioeducativas, pré-vestibulares, casas de acolhida, centros sociais para crianças, adolescentes e jovens e, mais recentemente, participação em espaços de defesa dos direitos, controle social e incidência política. Mas Mendes permanece como o marco inicial da solidariedade marista no Brasil.

8.8 A topografia do sagrado em Mendes

O padre Champagnat escolheu o terreno para construir l'Hermitage no vale banhado pelo rio Gier, porque o lugar ermo convidava à oração e ao recolhimento, condições necessárias para a formação dos jovens aspirantes à vida religiosa de então. Mesmo com essa geografia propícia, o Fundador cuidou de estabelecer espaços religiosos para favorecer a ascese, as práticas de piedade e as virtudes necessárias para um irmão marista viver seu apostolado. Vale ressaltar que "cultivo da espiritualidade" se populariza

depois do Concílio Vaticano II (1962-1965), mas não era expressão utilizada no século XIX.

Percebemos esse cuidado com a topografia do sagrado desde o início da construção da Casa-mãe. A capelinha do bosque reunia a primeira comunidade todas as manhãs para celebrar a Eucaristia e venerar Maria, e outros espaços e símbolos vieram depois: a capela do terceiro piso, ampliada posteriormente para acolher toda a comunidade; o cemitério onde foram sepultados os primeiros irmãos falecidos, lugar de memória de sua fidelidade à vocação e dedicação à obra marista; as imagens de Maria neste início, como a Boa Mãe e o coração de prata. Em suas memórias da Casa-mãe, o irmão Adorátor lembra: "Os prédios, o ermo, os campos, a cercania, tudo aqui recende à vida conventual: é tudo silêncio e recolhimento, prece e meditação".[31]

O padre Champagnat recomendava aos irmãos algumas práticas para fortalecer sua formação espiritual: o cuidado com os espaços religiosos e litúrgicos, especialmente a capela; a devoção aos santos; a revisão do dia; o exercício da presença de Deus; e as práticas da espiritualidade mariana, como as celebrações do mês de maio, a reza do rosário e o canto da *Salve Regina* para iniciar o dia. Tais práticas fortaleciam uma espiritualidade cotidiana, apostólica e mariana, que os irmãos continuavam cultivando após a formação inicial.

Depois da morte do padre Champagnat, os irmãos instalaram outros marcos do sagrado em l'Hermitage: as imagens de Nossa Senhora das Vitórias e de São José, adquiridas pelo irmão Francisco em 1851 para celebrar a aprovação do Instituto Marista pelo governo francês; o relicário com os restos mortais do Fundador, no altar da capela; seu quarto, conservado para a memória das gerações seguintes; o jardim do irmão Francisco, lugar de contemplação e conexão com a natureza.

Aliás, o irmão Francisco considerava l'Hermitage um grande relicário do padre Champagnat e transmitiu essa ideia a vários irmãos. O irmão Adorátor o conheceu em seu postulado, quando o sucessor do padre Champagnat estava com 63 anos.

---

[31] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL, *Escôrço biográfico*, p. 17.

> O mui reverendo irmão Francisco tem o apelido carinhoso de vovô. Nas mãos dele está o bastão de comando. E por ele regula-se a disciplina religiosa, a atmosfera monacal. Para todos os irmãos, é ele a voz autêntica do passado, das origens. Traz consigo, na sua pessoa, a pessoa moral do venerável padre Champagnat. A palavra do irmão Francisco é simples eco e ressonância do verbo santo do santo Fundador.[32]

A memória confere aos lugares e pessoas uma aura de sagrado: "Quanto mais vou indo pelos caminhos da vida, mais feliz e mais grato me sinto por este privilégio insigne: ter conhecido e frequentado o santo irmão Francisco".[33]

Daí compreendemos como a construção de Mendes encarna o espírito de l'Hermitage, a começar pelo nome, Fazenda São José das Paineiras, herdado dos proprietários anteriores. Estes instalaram uma estátua de São José no jardim, e a imagem pareceu aos irmãos um sinal auspicioso para fazer desse espaço a l'Hermitage brasileira. Ao longo dos anos, outros marcos



Foto 29: Estátua de São José instalada no jardim pelos antigos proprietários, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

[32] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL, *Escôrço biográfico,* p. 18.

[33] PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL, *Escôrço biográfico,* p. 17.

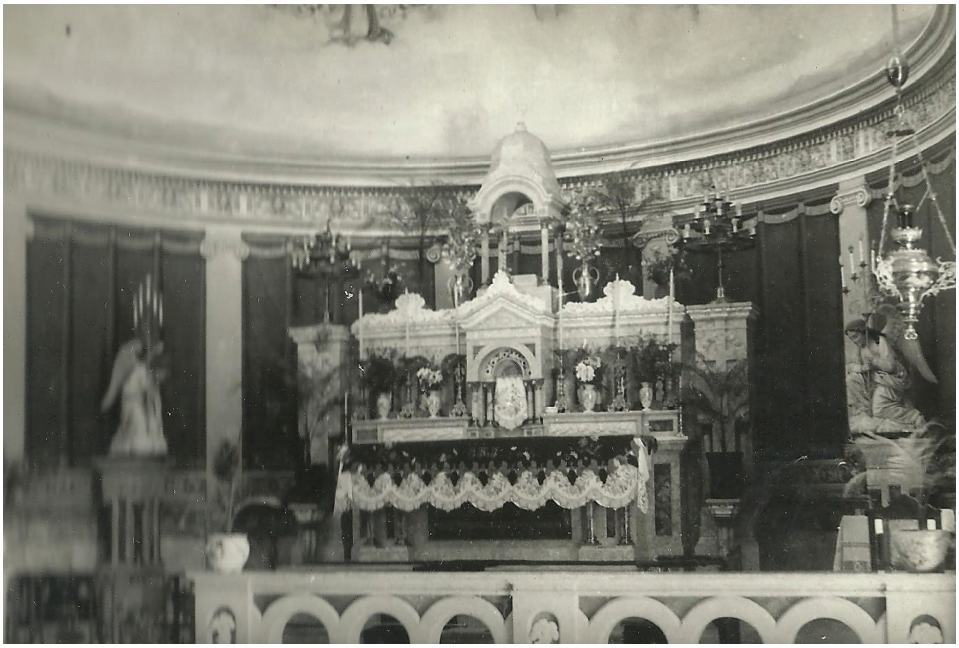


Foto 30: Primeira capela de Mendes, no pavilhão Irmão Frumêncio (hoje bloco B), s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 31: Capela atual, inaugurada em 1949, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 32: Detalhe do altar da capela, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 33 : Procissão de inauguração da Capela Nossa Senhora de Fátima, em 14 de dezembro de 1957, celebrando os 60 anos da presença marista no Brasil. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 34: Irmãos no pátio do noviciado; ao fundo, o pomar e a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 35: Cemitério da casa de Mendes, na colina de Santa Cruz, inaugurado em 1905, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 36: Procissão de Ramos, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 37: Celebração do Corpus Christi, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

destacaram a mística da casa: a cruz de 12 m fincada em um dos morros no dia da Exaltação da Santa Cruz, em 1903; a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, ao lado da cascata, inaugurada em 1905, mesmo ano da construção do cemitério na colina de Santa Cruz, onde repousam os primeiros irmãos falecidos no Brasil; a primeira capela, construída no pavilhão Irmão Frumêncio, e a capela grande, inaugurada em 1949, que depois se tornaria referência sacramental e litúrgica para a comunidade paroquial de Mendes.

Os lugares sagrados também estimulavam as práticas de devoção e piedade, com o sentido contemporâneo de cultivar a espiritualidade: além de favorecer a conexão com o transcendente, preservavam a memória e alimentavam a missão. Tem esse sentido a instalação do monumento ao padre Champagnat, dois anos antes da sua beatificação, representado em meio às crianças, adolescentes e jovens, razão de ser de sua obra consagrada a Maria. Dom José André Coimbra, bispo de Barra do Piraí, RJ, benzeu o monumento ao final do retiro dos irmãos e formandos, em 22 de dezembro de 1953 (foto abaixo).

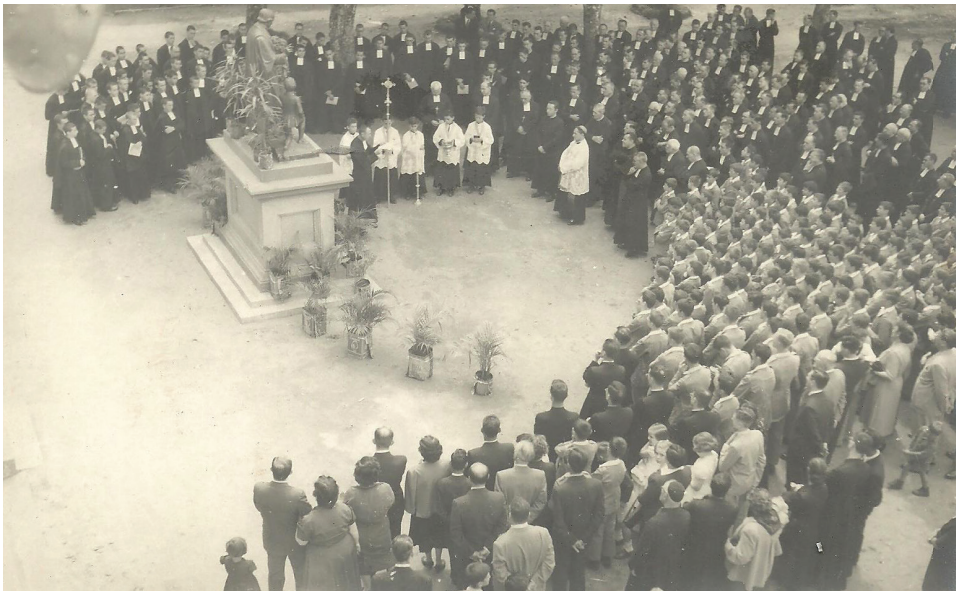


Foto 38: Instalação do Monumento ao Padre Champagnat, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

Merece destaque a vida sacramental no cotidiano da casa. Enquanto em l'Hermitage alguns padres ajudavam o padre Champagnat na formação dos noviços e no cuidado dos sacramentos e da liturgia, em Mendes os irmãos assumiam parte do serviço religioso. Não havia capelão, no início; nos anos seguintes o problema foi solucionado, tanto que se construiu um alojamento para acomodá-los adequadamente. Antes disso, os irmãos assumiam a catequese, as celebrações dominicais, os batizados, as exéquias, a atenção aos paroquianos etc. Assim, construíram uma relação afetiva e próxima com as pessoas do entorno, como o próprio padre Champagnat em La Valla. Não à toa, a dimensão relacional é característica marcante da espiritualidade marista. Anos depois, a abertura dada pelo Concílio Vaticano II motivou o costume de se oferecer um lanche comunitário, aos domingos, após as missas, cultos e orações, favorecendo o encontro entre irmãos, estudantes, formandos e paroquianos.

Ainda sobre a vida sacramental, o irmão Adorátor, conversando com o cardeal Joaquim Arcoverde, comentou as dificuldades de ministrar os sacramentos devido à falta de capelão. Recebeu, então, a proposta de ser ordenado presbítero, para solucionar este problema. Ciente e convicto da sua identidade religiosa marista, recusou prontamente a oferta e, juntamente com a comunidade, buscou outras formas de assegurar a formação e educação na fé dos formandos e estudantes. Muitos textos e imagens registram o entusiasmo com que preparavam as solenidades litúrgicas, especialmente a Semana Santa, a celebração de Corpus Christi, as festividades marianas e as práticas da devoção popular, como procissões, peregrinações, reza do terço e do rosário. Os irmãos também ajudaram a propagar outras práticas, como a devoção aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, cultivada pelo padre Champagnat, e tema da carta encíclica *Dilexit nos* [Ele nos amou], do Papa Francisco,[34] e a organização de Cruzadas Eucarísticas com os estudantes.

[34] FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Dilexit Nos*: Sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/20241024-enciclica-dilexit-nos.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.



Foto 39: Coroação de Nossa Senhora na Escola São Benedito, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 40: Residência do capelão (em primeiro plano) e ala do noviciado com vista do pavilhão Irmão Frumêncio, à direita, 1914. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.



Foto 41: Bênção do novo cruzeiro pelo bispo de Barra do Piraí/RJ, dom José André Coimbra. Entre os presentes, o prefeito de Mendes, doutor Álvaro Berardinelli, irmão Mario Cristóvão e o capelão de Mendes, padre Aloisio Verdier, em 22 de dezembro de 1953. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

8.9 L'Hermitage e Mendes: duas geografias, um mesmo espírito

L'Hermitage marcou a história marista como Casa-mãe do Instituto, sede provincial, casa de formação, casa de acolhida a idosos e órfãos, local de peregrinação, espaço de repouso e, mais recentemente, centro de acolhida a Maristas de todo o mundo, com uma comunidade internacional. Ao longo destes dois séculos, foi marcada por uma dinâmica de construção e reconstrução, adaptando-se às mudanças e demandas sem perder de vista o espírito com que foi edificada.

O mesmo dinamismo se viu na Fazenda São José das Paineiras desde sua aquisição, em 1903. O carisma recebido pelo padre Champagnat e herdado pelos primeiros irmãos inspirou Mendes a encarnar l'Hermitage em

terras brasileiras, deixando a marca marista na vida de muitas gerações de irmãos, estudantes, leigas, leigos e parceiros de missão. Ambas significam mais do que a casa construída pelas mãos do Fundador e pelos primeiros irmãos do Brasil Central, respectivamente. L'Hermitage permanece "um grande relicário do padre Champagnat", nas palavras do irmão Francisco, e Mendes é símbolo do compromisso de seus herdeiros em continuar o legado marista em terras brasileiras.

Para além dos fatos históricos, do valor institucional e da preservação da memória, estes dois lugares sagrados sinalizam dois apelos contemporâneos para os Maristas de Champagnat. O primeiro é o conhecimento de nossas origens e da história que nos trouxe até aqui, para mantermos a fidelidade às inspirações do Fundador e dos pioneiros maristas no Brasil. Da raiz francesa, é importante sabermos mais sobre o contexto da construção de l'Hermitage, o início das obras no Vale do Gier, os primeiros irmãos, a dinâmica da comunidade, as dificuldades e parcerias que possibilitaram a missão apostólica e sua expansão para outras regiões, a presença de Maria em todo esse caminho e a espiritualidade cristã que ela nos inspira a viver hoje. Em l'Hermitage, encontramos as bases da vida marista, da nossa fraternidade e da missão educativo-evangelizadora junto às crianças, adolescentes e jovens.

De nossas raízes brasileiras, vale a pena conhecer a chegada dos primeiros grupos de irmãos; o início da obra marista em Congonhas do Campo, MG, e, depois, em Bom Princípio, RS, e Belém, PA; a casa de Mendes e suas muitas histórias, em mais de cem anos; a expansão das escolas, seguindo a direção das vias férreas, no Sudeste e Sul do Brasil, e dos portos, nas regiões Norte e Nordeste; as diferentes configurações e reconfigurações do Brasil Marista; a contribuição de tantas gerações para a educação católica no país; o rosto mariano do apostolado cristão marista. Ainda há muita história a ser descoberta e contada, incluindo as outras "Hermitages" espalhadas pelo mundo.

O segundo apelo é a atualização desta memória na forma como vivemos hoje nossa espiritualidade, missão e vida comunitária. As histórias de l'Hermitage e de Mendes nos recordam como o carisma marista deu sentido à vida de tantas crianças, adolescentes e jovens, leigas, leigos e irmãos. O dinamismo dos seguidores de Champagnat foi fundamental para o projeto



Foto 42: Vista recente da Fazenda São José das Paineiras, s/d. Arquivo do Centro de Estudos Maristas, Belo Horizonte, Brasil.

marista se expandir para outras regiões, adaptar a missão aos sinais dos tempos e se traduzir em diferentes culturas, línguas e realidades. Sem o ardor apostólico, disposição para enfrentar os desafios de cada tempo e capacidade de encantar novas gerações de irmãos, leigas e leigos, é provável que o carisma marista tivesse sucumbido como aconteceu com outros carismas religiosos. Foi pela graça de Deus que o padre Champagnat recebeu esse dom e é pela graça dele que a divina Ruah nos inspira a contribuir para mantê-lo vivo e gerador de vida.

Além de lugar onde encontramos as raízes da nossa identidade marista, l'Hermitage e Mendes simbolizam o vigor apostólico, o compromisso e a visão de futuro que o padre Champagnat transmitiu a seus seguidores, incluindo os primeiros irmãos que vieram para o Brasil. O carisma marca toda a nossa vida: somos maristas não apenas pelo que fazemos, mas pela forma como o fazemos e pelo que somos. Somos desafiados a nos deixar mover por esse espírito, dar continuidade à história que herdamos e viver o Evangelho para tornar Jesus Cristo conhecido, amado e seguido.

8.10 Bibliografia

ADORÁTOR, Irmão. *Vinte anos de Brasil*. Curitiba: Edição do autor, 2005.

CENTRO DE ESTUDOS MARISTAS. *Anais da comunidade marista de Mendes*. Acervo do Centro de Estudos Maristas – CEM. Belo Horizonte: s/d.

FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola/ Simar, 1999.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da rocha*: espiritualidade marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat. Roma: Casa Geral, 2007.

LANFREY, André. *Marcelino Champagnat e os primeiros Irmãos Maristas 1789-1840*: tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação. Carisma e Princípios Educativos Maristas, vol. 1. Curitiba: Editora PUCPR, 2017.

PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. *Escôrço biográfico do Primeiro Provincial dos Irmãos Maristas no Brasil Central*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1941. (Coleção FTD).

PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. *Poliantéia Jubileu Áureo*: comemoração do Cinquentenário dos Irmãos Maristas no Brasil Central. 1897-1947. São Paulo: Indústria Gráfica Siqueira, 1947.

PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Voz Marista no Brasil Central, n. 22. Mendes, mar. 1958.

PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Voz Marista no Brasil Central, n. 25. Mendes, jun. 1959.

SAMMON, Séan. *Reivindiquemos o espírito de l'Hermitage*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2007.

SYLVESTRE, Irmão. *Relatos sobre Marcelino Champagnat*. Brasília: Umbrasil, 2014.

9

L'Hermitage: a materialização de uma visão de futuro de São Marcelino Champagnat para a vida e a missão marista

Angelo Ricordi[1]

9.1 A celebração dos 200 anos da casa de l'Hermitage

O ano de 2024 marcou o início das celebrações do bicentenário da casa de l'Hermitage. Essa casa é a materialização da visão de futuro de São Marcelino Champagnat para a vida e a missão maristas. Ele sonhou não apenas com uma "Casa-mãe" para o seu Instituto; seu sonho contemplava também a construção de uma "escola modelo"[2] para a formação de educadores cristãos, inspirada nos moldes dos centros que existiam nas grandes cidades da França. Seu projeto visava a uma dupla missão: "formar bons cristãos e bons cidadãos".[3] Ao longo de sua história, l'Hermitage serviu como um sinal inspirador da força da missão marista. Ao celebrarmos seus 200 anos, somos desafiados a retomar, entre nós, o mesmo espírito que levou o Fundador a edificá-la (Séan Sammon).[4]

---

[1] Graduado em Filosofia. Possui mestrado e doutorado em Teologia pela PUCPR. Integra a Cátedra Irmão Francisco Rivat de Estudos Maristas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Atua como Especialista da Diretoria de Identidade, Missão e Vocação (DIMV) e do Memorial Marista da Província Marista Brasil Centro-Sul.

[2] Carta de Marcelino Champagnat a Louis-Philippe, rei dos franceses, 28 de janeiro de 1834. CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat*. Brasília: Umbrasil, 2019, doc. 34.

[3] Carta de Marcelino Champagnat ao senhor Libersat, funcionário do Ministério da Instrução Pública, 19 de setembro de 1839. *Cartas de Marcelino Champagnat,* doc. 273.

[4] SAMMON, Séan. *Reivindiquemos o Espírito de l'Hermitage*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2007.

O objetivo deste ensaio é recordar alguns aspectos históricos, teológicos e inspiracionais de l'Hermitage e nos ajudar em uma hermenêutica que possibilite uma compreensão melhor do seu legado para o presente e o futuro da missão marista. Recordamos sua história por meio de autores que dialogam em uma perspectiva de liderança profética e servidora, bem como à luz da espiritualidade marista que se desenvolveu e se consolidou no interior dessa casa. Acreditamos que La Valla marca uma fase carismática de grandes intuições do Fundador, enquanto l'Hermitage é o lugar do desenvolvimento e consolidação da identidade e espiritualidade dos irmãos e consequentemente da Instituição marista.

Em 1824,[5] Champagnat iniciou os trabalhos de construção de l'Hermitage após a compra de cinco terrenos vizinhos entre si, localizados entre La Valla e Saint-Chamond. No período de um ano, trabalhou com os irmãos e com alguns construtores contratados na edificação da casa. O projeto era ousado, embora os recursos financeiros fossem quase inexistentes. Ele deu início ao projeto por meio de uma sociedade estabelecida com o padre Courveille, iniciador da proposta da Sociedade de Maria. No entanto, os recursos que possibilitaram a construção de l'Hermitage vieram de uma série de empréstimos adquiridos junto a notáveis da região. Da parte da Arquidiocese, ele teve apenas a autorização do administrador apostólico, dom Gaston de Pins, para o início do projeto. Na ata do Conselho Diocesano, onde se encontra a aprovação para a construção, lê-se: "O projeto correrá por conta do próprio solicitante".[6]

O maior recurso utilizado na construção de l'Hermitage foi o capital social de Champagnat. Acreditamos que a inspiração nascida do propósito de proporcionar uma educação cristã de qualidade para o campo e para as pequenas cidades chamou a atenção de lideranças locais e departamentais, que, progressivamente, passaram a ver no projeto de Champagnat mais do que uma simples iniciativa religiosa. Sua fundação respondia a um pro-

---

[5] Em 13 de maio de 1824, Champagnat e Courveille compram em conjunto o terreno onde será construída a casa de l'Hermitage. Outros lotes são adquiridos ao longo do ano para ampliar a propriedade. Cf. RONZON, J. *Chronologie mariste*: édition 2010. FMS Studia, n. 1. Roma: Institut des Frères Maristes, 2010, p. 78.

[6] LANFREY, André. De Lavalla a L'Hermitage: crise inicial e lenta mudança material. *Cadernos Maristas*, n. 31, mar. 2013, p. 31.

blema social urgente: o combate à ignorância e o acesso à educação para os meninos das periferias dos grandes centros urbanos da região de Lyon.

9.2 A visão de futuro de Champagnat

Ninguém lidera sem inspirar.[7] O primeiro e mais importante trabalho da liderança consiste em conectar as pessoas a um propósito. Grandes líderes conseguem fazê-lo porque possuem uma imagem clara do futuro que desejam construir.[8]

Reconhecemos em Champagnat uma liderança inspiradora. Sua história revela a capacidade de motivar e direcionar outras pessoas para uma visão de futuro: a construção de uma sociedade em que crianças e jovens tivessem acesso a uma educação cristã de qualidade. Contudo, não impôs sua própria visão, mas acolheu e fez prevalecer a do Espírito de Deus, por meio do carisma que recebeu na Sociedade de Maria e que se explicitou de maneira definitiva na fundação dos Irmãozinhos de Maria. A construção de l'Hermitage é o marco visível do início da realização dessa visão.

O encontro com o jovem agonizante,[9] nos primórdios da fundação do Instituto, apressou a concretização do sonho de futuro do Fundador. Essa visão pode ser sintetizada na reflexão que brotou do coração de Marcelino após a morte do adolescente: "Quantos meninos estão na mesma situação!"[10] A paixão que se dedicou a essa causa é um dos pilares da espiritualidade marista: uma paixão por Deus que se manifesta na compaixão por todos,

---

[7] MACKEY, John. *Liderança consciente*: inspirando a humanidade através dos negócios. Rio de Janeiro: Atlas Books, 2021, p. 4.

[8] BLANCHARD, Ken. *Liderança de alto nível*: como criar e liderar organizações de alto desempenho. Porto Alegre: Bookman, 20, p. 30.

[9] O Documento Bourdin (OM, doc. 754) é o relato mais antigo sobre o encontro do padre Champagnat com o jovem agonizante: "O que apressou a obra: criança doente na encosta do Pilat, necessidade de recurso... Tendo saído um instante para ir ao vizinho, na volta encontra-o morto, reflexão: "quantas crianças longe do caminho da salvação..."; cf. LANFREY, André (org.). *Documento Bourdin*: sobre as origens do Instituto Marista. Curitiba: Memorial Marista, 2021, p. 9.

[10] FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola/Simar, 1999, p. 56.

especialmente pelas crianças e pelos jovens, e, entre eles, os mais vulneráveis.[11]

Na história de Champagnat e da própria casa de l'Hermitage, percebemos que a inspiração é apenas o ponto de partida. Para que uma visão de futuro se concretize, é necessário um processo que envolva a autorização dos irmãos na realização do projeto. São eles que escolhem o padre Marcelino como líder. Quando as pessoas se sentem inspiradas pela visão, coerência e clareza de alguém, elas o autorizam a liderá-las. Esse é um ponto fundamental: liderança é a autorização concedida por quem é liderado; portanto, pelo grupo. O grupo autoriza o líder. O poder não vem de fora, mas é delegado internamente, por reconhecimento.

Isso ficou evidente no episódio em que padre Champagnat é escolhido para superior da casa de l'Hermitage, em detrimento do padre Courveille. A autoridade buscada por Courveille não passou pelo crivo da autenticidade reconhecida pelo grupo. Ele poderia até ser nomeado chefe, mas não lideraria. Essa realidade foi por ele reconhecida de forma amarga, na verdade expressa ao padre Champagnat: "Você será o superior deles; não querem outro".[12]

9.3 A construção de l'Hermitage: um trabalho de colaboração

Para liderar, não basta ter um propósito significativo; é necessário que a visão de futuro venha acompanhada de autenticidade e integridade. Os relatos sobre os inícios do Instituto Marista destacam em Champagnat não apenas sua capacidade de mobilizar os irmãos, como na construção da casa de l'Hermitage, mas, principalmente, sua coerência: era o primeiro a dar o exemplo em tudo o que pedia aos irmãos. Quando as pessoas se sentem inspiradas pela visão, coerência e clareza de um líder, elas o autorizam a liderá-las.

---

[11] INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da rocha*: espiritualidade marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat. Roma: Casa Geral dos Irmãos Maristas, 2007, n. 1.

[12] FURET, *Vida de Champagnat*, p. 130.

O irmão Lourenço, um dos primeiros membros do Instituto, ao recordar as origens, escreveu:

> Nosso bom pai celebrava a Missa para nós de manhã bem cedo. Ele era inimigo declarado dos preguiçosos. Levantava-se bem cedinho sempre. Depois da Missa, nunca perdia tempo. Gostava muito de trabalhos manuais. Não se poupava: fazia sempre os trabalhos mais penosos e mais arriscados.[13]

Um dado significativo da construção de l'Hermitage refere-se à pedagogia adotada pelo padre Champagnat. Desde o início, ele quis que os irmãos tivessem uma participação real na construção da casa. Essa visão se consolidou em um dos valores mais fortes da cultura e da espiritualidade maristas: o amor ao trabalho. É nesse período que surgem os inúmeros relatos sobre as dificuldades enfrentadas na construção da casa: desbastar o rochedo, aplainar o terreno, canalizar o rio Gier, entre outras tarefas árduas.

Ao observarmos o projeto de construção de l'Hermitage e o modo como se desenrolou, percebemos que as relações humanas se mostram mais relevantes do que os próprios processos. Champagnat revelou uma intuição essencial para nortear sua fundação: o valor da colaboração. Suas escolhas foram ousadas e inovadoras para a época. Em La Valla, optou por deixar a casa paroquial para viver junto aos irmãos; já em l'Hermitage, foi além, construindo, lado a lado com eles, o lar que partilhariam. Essa postura consolidou, de forma definitiva, a adesão e a autorização dos irmãos à liderança de Champagnat.

Habitar uma casa construída pelos próprios moradores carrega uma carga afetiva muito maior do que viver em uma casa comprada ou simplesmente recebida em doação. É possível imaginar os irmãos retornando das férias e, ao avistarem l'Hermitage, reconhecerem, na materialização da casa, o reflexo de seu esforço e de sua contribuição pessoal.

A história da construção de l'Hermitage nos ensina que as pessoas e as relações são fundamentais quando se trata de missão. Champagnat compreendeu que a colaboração é um valor que vai além da necessidade ou do pragmatismo. Não se tratava apenas da escassez de recursos para a contratação de operários. Não, definitivamente não. Tratava-se de engaja-

---

[13] LOURENÇO, Irmão. *Anotações do Irmão Lourenço sobre o Padre Marcelino Champagnat*. Curitiba: Memorial Marista, 2021, p. 6.

mento, de fortalecimento dos laços de confiança e segurança e, ousaríamos dizer, da necessidade de se estabelecer uma forte cultura organizacional.

Em todos os relatos, uma percepção se destaca: Champagnat era coerente. Tudo o que pedia aos irmãos, ele próprio realizava até a exaustão. Esse fato é lembrado pelos primeiros irmãos: "Enquanto ele construía a casa, na verdade, estava construindo a comunidade".[14] Essa mesma percepção foi reafirmada pelo irmão Séan Sammon no projeto de revitalização da casa de l'Hermitage: "Marcelino Champagnat construiu mais do que um prédio em Notre-Dame de l'Hermitage. Ele também começou a formar o caráter dos seus Irmãozinhos de Maria".[15]

A mudança de La Valla para l'Hermitage ocorreu em maio de 1825.[16] Esse foi um ano particularmente intenso para Marcelino. Enquanto acompanhava de perto a construção de l'Hermitage, também acumulava a função de visitar as escolas em funcionamento nas diversas cidades da região e ainda exercia o serviço de vigário na paróquia de La Valla.

Na casa de l'Hermitage, outra mudança importante estava em curso: os irmãos, que não haviam participado da tradição de Fourvière, encontravam dificuldades de relacionamento com os padres Courveille e Terraillon, aspirantes da Sociedade de Maria. Champagnat idealizava uma Sociedade de Maria em que padres e irmãos vivessem na mesma casa e compartilhassem a missão. Ele não se via como fundador, mas essa visão não era compartilhada pelos irmãos. Para estes, o ano da fundação tinha sido 1817 e seu fundador era o padre Champagnat.

Os trabalhos exaustivos na construção de l'Hermitage, as visitas realizadas em novembro às escolas e o clima desfavorável entre padres e irmãos contribuíram para levar Marcelino a um colapso. Ficou gravemente enfermo e por muito pouco não veio a falecer.

---

[14] INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da rocha*, n. 100.

[15] SAMMON, *Reivindiquemos o espírito de l'Hermitage*, p. 9.

[16] "A comunidade de La Valla se instala na casa de l'Hermitage. A comunidade é formada de 20 irmãos e 10 postulantes. Nesse ano, 22 irmãos trabalham nas escolas"; cf. RONZON, Jean. *Chronologie mariste*: édition 2010. FMS Studia, n. 1. Roma: Institut des Frères Maristes, 2010, p. 80.

9.4 L'Hermitage, a construção de Deus – o primado da missão

Esse é um dado paradoxal no êxito de Champagnat e dos primeiros irmãos em l'Hermitage. Depois de concluída a construção, capaz de acolher mais de 150 pessoas, ele percebe que o projeto da Sociedade de Maria, com sede em Lyon, começa a fracassar. Esse período ficou conhecido como a grande crise de 1826:[17]

> Em primeiro lugar, Champagnat perdeu a saúde e já não podia mais exercer o protagonismo no acompanhamento e na resolução dos problemas do Instituto. Em seguida, perdeu o controle financeiro da gestão; os credores, temerosos, começaram a duvidar da possibilidade de reaver seus empréstimos. Também perdeu a companhia de seus companheiros padres: o idealizador do projeto marista, padre Courveille, afastou-se por razões relacionadas à sua conduta moral, e o padre Terraillon viu nas pregações itinerantes do Jubileu de 1825 uma desculpa definitiva para não mais retornar a l'Hermitage. Por fim, perdeu parte do prestígio junto à Arquidiocese de Lyon, a ponto de até mesmo dom de Pins passar a duvidar da continuidade de sua fundação.[18]

Esses fatos marcam o momento mais importante na vida de Marcelino Champagnat, e l'Hermitage está no centro desse processo de discernimento do Fundador. Provavelmente, nesse tempo de crise e abandono, ao recitar o Ofício, deparou-se com o salmo 127: "Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham seus construtores". Contemplando a obra realizada, Champagnat discerniu a vontade de Deus e purificou seu voluntarismo na condução da missão: ele é apenas um instrumento, um colaborador; a obra é de Deus e de Maria.

Suas cartas às autoridades eclesiásticas tornam-se o eco mais profundo de seu coração. Não demonstra apego ao cargo de liderança, como expressa com humildade: "Mantenho a firme convicção de que Deus quer esta obra;

---

[17] MESONERO, Manuel. *Como oro en el crisol*: San Marcelino Champagnat. Madri: Imprintalia, 2018.

[18] RICORDI, Angelo Alberto Diniz. *et al. Crise e carisma*: uma análise histórica das crises no início do Instituto Marista à morte do Fundador (1817-1840). Curitiba: Memorial Marista, 2021, (Estudos Maristas n. 3), p. 12.

[...] talvez queira Ele servir-se de outras pessoas para estabelecê-la. Bendito seja o seu Santo Nome".[19]

Como Marcelino vislumbrou o futuro a partir dessa grande crise? Do ponto de vista espiritual, estamos diante de uma das grandes iluminações da espiritualidade do padre Champagnat: o *Nisi Dominus*. Do ponto de vista administrativo, os acontecimentos levaram à reorganização da fundação dos Irmãos em l'Hermitage.

Entre 1826 e 1828, Champagnat reformulou a ideia inicial de uma associação de leigos para a de uma congregação religiosa, e introduziu os votos perpétuos, fortalecendo assim a formação dos irmãos e criando um corpo de lideranças. Nesse novo modelo, os sacerdotes – que em sua concepção original fariam parte da Sociedade de Maria – já não estavam mais incluídos.

Champagnat assumiu, de forma definitiva, a missão de fundador dos Irmãos Maristas, sem, contudo, deixar de trabalhar e de desejar, no mais profundo do seu ser, a realização da obra dos Padres Maristas.

Dessa forma, Champagnat e a comunidade de l'Hermitage conseguiram superar a crise que marcou sua refundação. A ironia da ação de Deus é que nem os padres, tampouco os irmãos mais preparados, ofereceram ao Fundador uma ajuda significativa para a solução dessa crise. Ela veio de um irmão analfabeto, o esmoleiro da Congregação.

O irmão Estanislau[20] percebeu a complexidade da situação, conseguiu novos empréstimos para pagar os credores mais exaltados, garantiu que padre Champagnat se convalescesse na casa paroquial junto ao padre Dervieux e, durante todo esse processo, exerceu uma liderança informal, porém decisiva para o Instituto.

Em 1840, quando padre Champagnat decidiu fazer um testamento civil,[21] criando uma sociedade representada pelos principais irmãos de l'Hermitage, não nomeou em primeiro lugar o irmão Francisco como seu depositário, mas o irmão Estanislau, demonstrando a máxima divina: "O

---

[19] Carta de Marcelino Champagnat a um vigário-geral de Lyon, maio de 1827. *Cartas de Marcelino Champagnat*, doc. 4.

[20] FURET, *Vida de Champagnat*, p. 134.

[21] SESTER, Paul. *Origines des Frères Maristes*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2011, vol. 3, doc. 676.

que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes" (1Cor 1,27).

9.5 Vislumbrar o presente e o futuro da vida e missão marista

Ao contemplarmos de perto, com o auxílio de alguns detalhes históricos, a história da construção e consolidação da casa de l'Hermitage, percebemos que a vulnerabilidade e a fragilidade não estiveram ausentes da vida de são Marcelino Champagnat e dos primeiros irmãos. Observamos que a fraternidade nas relações, expressa na categoria da colaboração, foi decisiva para a retomada da fundação dos irmãos.

É possível identificar nessa história uma confiança que não se confunde com certeza, assim como uma atitude esperançosa que difere do simples otimismo. Estamos falando da espiritualidade marista, nossa mais profunda intuição de futuro para a vida e a missão marista.

A história de l'Hermitage não termina com a superação da crise de 1826. A epopeia dessa casa marca profundamente o desenvolvimento do Instituto Marista e revela uma característica importante: ela nunca deixou de ser reconstruída e adaptada ao longo dos seus 200 anos.

Sem dúvida, a contribuição do irmão Francisco foi decisiva e profética para o reconhecimento e a salvaguarda desse legado. L'Hermitage é o relicário do nosso Fundador.[22]

L'Hermitage é a materialização da visão de futuro de Champagnat, nossa grande inspiração. É o espaço da colaboração e da pedagogia do amor ao trabalho, mas é, acima de tudo, um lembrete constante à vida e à missão maristas de que seu verdadeiro fundamento não está nas estruturas – por melhores que sejam –, mas na consciência e na entrega ao primado de Deus: "Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham seus construtores" (Sl 127). A construção de Deus, a obra de Maria, constitui o símbolo mais forte de nossa identidade e espiritualidade marista.

---

[22] FRANCISCO, Irmão. *Carnets 301*. Archives Frères Maristes, doc. 5101.300. Roma: s/d., p. 55.

9.6 Bibliografia

AVIT, Frère. *Annales de l´Institut*. 3 vol. Roma: Institut des Frères Maristes, 1993.
BLANCHARD, Ken. *Liderança de alto nível*: como criar e liderar organizações de alto desempenho. Porto Alegre: Bookman, 2019.
CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat*. Brasília: Umbrasil, 2019.
FRANCISCO, Irmão. *Carnets 301-313*. Archives Frères Maristes, doc. 5101.300. Roma: s/d.
FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola/ Simar, 1999.
INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da rocha*: espiritualidade marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat. Roma: Casa Geral dos Irmãos Maristas, 2007.
LANFREY, André. De Lavalla a l'Hermitage: crise inicial e lenta mudança material. *Cadernos Maristas*, n. 31, mar. 2013, p. 109-134.
LANFREY, André. *Documento Bourdin*: sobre as origens do Instituto Marista: edição crítica aos cuidados do Irmão André Lanfrey. Curitiba: Memorial Marista, 2021.
LOURENÇO, Irmão. *Anotações do Irmão Lourenço sobre o Padre Marcelino Champagnat*. Curitiba: Memorial Marista, 2021.
MACKEY, John. *Liderança consciente*: inspirando a humanidade através dos negócios. Rio de Janeiro: Atlas Books, 2021.
MESONERO, Manuel. *Como oro en el crisol*: San Marcelino Champagnat. Madri: Imprintalia, 2018.
PERIN, Eric. Nascimento de l'Hermitage de Champagnat em Gaux. *Cadernos Maristas*, n. 32, mai. 2014, p. 133-160.
RICORDI, Angelo A. D. et al. *Crise e carisma*: uma análise histórica das crises no início do Instituto Marista à morte do Fundador (1817-1840). Curitiba: Memorial Marista, 2021. (Estudos Maristas n. 3).
RONZON, Jean. *Chronologie mariste*: édition 2010. FMS Studia, n. 1. Roma: Institut des Frères Maristes, 2010.
SAMMON, Séan. *Reivindiquemos o espírito de l'Hermitage*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2007.
SESTER, Paul. *Origines des Frères Maristes*. 3 vol. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2011.